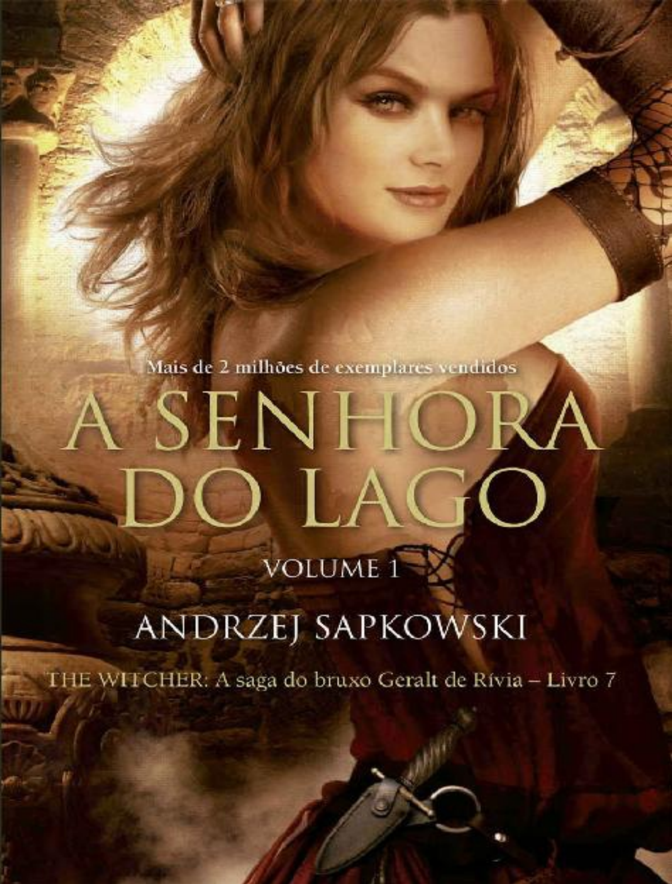

Mais de 2 milhões de exemplares vendidos
A SENHORA DO LAGO
VOLUME 1
ANDRZEJ SAPKOWSKI
THE WITCHER: A saga do bruxo Geralt de Rívia – Livro 7

A SENHORA DO LAGO

Andrzej Sapkowski

Tradução do polonês
OLGA BAGINSKA-SHINZATO

wmf martinsfontes
SÃO PAULO 2017

ÍNDICE

We are such stuff
As dreams are made on, and our little life Is rounded with a sleep.
William Shakespeare

CAPÍTULO PRIMEIRO

E seguiam em frente até chegar a um lago de águas belas e extensas. E exatamente no meio desse lago Artur viu um braço revestido de cetim branco que segurava uma espada maravilhosamente trabalhada. Em seguida, viram uma moça que pisava audazmente por cima do espelho d'água.

– Que moça encantadora é essa? – Artur perguntou.

– Chamam-na a Senhora do Lago – Merlin respondeu.

Thomas Malory*, Le Morte Darthur*

O lago era encantado. Não havia nenhuma dúvida quanto a isso.

Primeiro, estava localizado junto da cabeceira do assombrado vale Cwm Pwcca, um vale misterioso, perpetuamente coberto de bruma, famoso pelos feitiços e fenômenos mágicos.

Segundo, era necessário apenas lançar uma olhada.

A superfície da água era de um azul profundo, vívido e sereno, como uma safira polida. Era lisa feito um espelho, de tal forma que até os cumes do maciço Y Wyddfa refletidos nela pareciam mais bonitos como reflexo do que na realidade. Uma aragem fresca e revigorante soprava desde o lago e nada interrompia o silêncio majestoso, nem um peixe chapinhando na água, nem o grito de um pássaro aquático.

O cavaleiro despertou do deslumbramento, mas, em vez de continuar a percorrer a cumeada do monte, dirigiu o cavalo para baixo, na direção do lago, como se estivesse atraído pela força magnética do feitiço que jazia lá embaixo, no fundo, no abismo das águas. O cavalo dava passos vacilantes entre as rochas quebradas, avisando, com uma rouquidão taciturna, que ele também sentia a aura mágica.

O cavaleiro desceu do cavalo só depois de chegar lá embaixo, à praia. Guiando o corcel pelas rédeas, aproximou-se da margem da água, onde uma delicada onda bailava por entre o colorido cascalho.

Ajoelhou-se, rangendo a cota de malha. Ao juntar as mãos para enchê-las com água, espantou os alevinos, peixes miúdos e agitados, parecidos com

pequenos alfinetes. Bebia com cuidado e devagar, a água gélida tornava os lábios e a língua dormentes, fazia os dentes doerem.

Quando novamente foi encher as mãos com a água, ouviu um som propagado pela superfície do lago. Ergueu a cabeça. O cavalo roncou, como se confirmasse tê-lo ouvido também.

Ficou atento. Não, não era uma impressão. O que chegava a seus ouvidos era um canto. O canto de uma mulher. Ou talvez de uma moça.

O cavaleiro, como todos os cavaleiros, cresceu ouvindo canções de trovadores e histórias cavaleirescas, nas quais, em nove de dez casos, as toadas ou acalantos de moças funcionavam como iscas. Os cavaleiros que seguiam sua voz normalmente caíam numa cilada – em muitos casos mortal.

Mas a curiosidade venceu. Afinal, o cavaleiro tinha apenas dezenove anos. Era muito corajoso e muito imprudente. Era famoso por um e conhecido pelo outro.

Verificou se a espada corria bem na bainha. Logo em seguida, puxou o cavalo e seguiu andando pela praia na direção da qual ressoava o canto. Não precisou andar muito.

Enormes blocos erráticos atulhavam a margem. Eram escuros, lustrados de tal forma que brilhavam. Dir-se-ia: brinquedos de gigantes jogados ali descuidadamente ou esquecidos após uma brincadeira. Alguns dos blocos estavam dentro do lago, resplandecendo com seu negror debaixo do espelho d'água. Outros apareciam sobre a superfície. Banhados pela suave ondulação do mar pareciam dorsos de leviatãs. Porém, a maioria dos blocos estava na margem, ocupando a faixa da praia que chegava até a floresta. Alguns estavam enterrados na areia, aparecendo apenas parcialmente e permitindo supor qual era seu tamanho por inteiro.

O canto que o cavaleiro ouvia vinha exatamente de trás dos blocos localizados na margem, mas a moça que cantava permanecia invisível. Puxou o cavalo segurando-o pelo freio e pelas narinas para que não relinchasse ou resfolegasse.

A roupa da moça estava estendida em um dos blocos localizados dentro da água, achatado como o tampo de uma mesa. Ela própria, nua, imersa na água até a cintura, banhava-se, chapinhando na água e cantando. O cavaleiro não reconhecia as palavras.

E esse fato não era de estranhar.

Apostaria sua cabeça que a moça não era um ser humano de carne e osso. Seu corpo esbelto, a cor de cabelo esquisita e sua voz comprovavam isso. Estava

certo de que, se ela se virasse, veria enormes olhos amendoados. E, se ela penteasse o cabelo cinzento para trás, decerto notaria orelhas pontiagudas.

Era habitante de Faërie. Uma fada. Uma dos Tylwyth Têg. Uma daquelas que os pictos e os irlandeses chamavam Daoine Sidhe, os Povos dos Montes, e que os saxões denominavam elfos.

A moça parou de cantar por um instante, submergiu-se na água até o pescoço, resfolegou, esguichou e soltou um palavrão mais que ordinário. Porém, isso não desorientou o cavaleiro. As feiticeiras, como era de conhecimento comum, sabiam xingar na língua dos humanos. Muitas vezes, usando uma linguagem mais chula que a dos próprios estribeiros. E, outras vezes, a maldição introduzia travessuras maldosas das quais gostavam muito e pelas quais eram famosas, como, por exemplo, aumentar o nariz de alguém ao tamanho de um pepino, ou reduzir o órgão genital de outro ao tamanho de uma fava.

O cavaleiro não se sentia atraído nem por uma nem pela outra eventualidade. Já estava prestes a recuar discretamente quando, de súbito, sua presença foi revelada. Por um cavalo. Mas não por seu próprio corcel, que, segurado pelas narinas, estava tranquilo e quieto feito um rato. Foi o cavalo da feiticeira – uma égua negra que inicialmente passou despercebida, pois estava escondida por entre as rochas. Agora a égua negra como alcatrão revolveu o cascalho com o casco e cumprimentou o outro cavalo com um relincho. O garanhão do cavaleiro sacudiu a cabeça e respondeu gentilmente, de tal forma que o eco retumbou, propagado pela água.

A fada saltou da água lançando borrifos, apresentando, por um momento, todo seu esplendor e uma vista agradável diante do cavaleiro. Lançou-se em direção da rocha onde estendeu sua roupa, mas, em vez de pegar alguma peça e cobrir sua nudez, a elfa sacou a espada, desembainhou-a com um sibilo e girou-a com excepcional maestria. Tudo isso durou um átimo, após o qual a fada pôs-se de cócoras ou ajoelhou-se, escondeu-se na água até a altura do nariz e esticou a mão com a espada acima da superfície.

O cavaleiro acordou do deslumbramento, soltou as rédeas e ajoelhou-se na areia molhada. Compreendeu logo quem estava diante dele.

– Salve – balbuciou, estendendo as mãos. – É uma grande honra para mim… Uma grande honra, Senhora do Lago. Aceitarei essa espada…

– Por que você não se levanta e se vira? – A fada pôs os lábios acima da água. – Será que você poderia parar de me olhar e deixar que eu me vista?

Obedeceu.

Ouviu-a respingar ao sair da água, farfalhar e xingar baixinho enquanto ajeitava a roupa no corpo molhado. Observava a égua negra de pelagem lisa e brilhosa como a penugem de uma toupeira. Era certamente um cavalo de sangue nobre, certamente veloz como o vento. Certamente encantado. E indubitavelmente um habitante de Faërie, assim como sua dona.

– Você pode se virar.

– Senhora do Lago…

– E apresentar-se.

– Sou Galahad de Caer Benic. Cavaleiro do rei Artur, o senhor do castelo de Camelot, o governante da Terra do Eterno Verão, assim como Dumnônia, Dyfneint, Powys, Dyfed…

– E Temeria? – interrompeu. – Redânia, Rívia, Aedirn? Nilfgaard? Conhece esses nomes?

– Não. Nunca ouvi falar deles.

Deu de ombros. Além da espada, segurava na mão os sapatos e a blusa, lavada e escorrida.

– Foi o que suspeitei. E que dia é hoje?

– Hoje é – ficou boquiaberto, extremamente surpreso – a segunda lua cheia após Beltane… Senhora…

– Ciri – disse maquinalmente, mexendo os ombros para ajeitar melhor a roupa na pele ainda molhada. Falava de forma estranha, seus olhos eram verdes e enormes…

Puxou, de forma espontânea, o cabelo molhado para o lado, e o cavaleiro suspirou involuntariamente. Não só porque sua orelha era normal, como as orelhas dos humanos. Certamente não era élfica. Sua bochecha estava deformada por uma grande e repugnante cicatriz. Fora ferida. Mas será que uma fada poderia ser ferida?

Notou o olhar, semicerrou os olhos e franziu o nariz.

– É isso mesmo, uma cicatriz! – disse com seu sotaque surpreendente. – Por que seu olhar parece tão assustado? Uma cicatriz é algo tão estranho para um cavaleiro? É realmente tão repulsiva?

– Lentamente tirou o capuz com ambas as mãos, puxou o cabelo para o lado.

– Realmente não é nada estranho para um cavaleiro – disse cheio de orgulho juvenil, demonstrando sua própria cicatriz fresca que corria desde a têmpora até a mandíbula. – As únicas cicatrizes que causam repugnância são as cicatrizes na honra. Sou Galahad, filho de Lancelote do Lago e de Elaine, filha do rei Pelles, senhor de Caer Benic. Esta ferida foi-me executada por Breunis, o Impiedoso, o

ímpio opressor das moças, antes que fosse derrubado por mim num duelo justo. Deveras, estou digno de receber essa espada de suas mãos, ó Senhora do Lago…

– Como?

– A espada. Estou pronto para recebê-la.

– É a minha espada. Não deixo que ninguém toque nela.

– Mas…

– Mas o quê?

– A Senhora do Lago sempre… Sempre emerge das águas e entrega uma espada.

Permaneceu calada por um tempo.

– Entendo – disse por fim. – Bom, cada terra com seu costume. Sinto muito, Galahad, ou qual seja seu nome, mas obviamente você se deparou com a Senhora errada. Não entrego nada nem deixo ninguém tirar nada de mim. Só para deixar as coisas claras.

– Mas – atreveu-se – a senhora vem de Faërie, não é?

– Venho, sim – disse após um instante, e parecia que seus olhos verdes estavam olhando para dentro do abismo do tempo e do espaço. – Venho de Rívia, da cidade com o mesmo nome, do lago Loc Eskalott. Vim de barco, havia névoa. Não vi as margens. Ouvi apenas o relincho de Kelpie… Minha égua que corria atrás de mim, seguindo meu rastro.

Estendeu a blusa molhada sobre a pedra. E o cavaleiro suspirou novamente. A blusa estava lavada, mas não por completo. Ainda se viam manchas de sangue.

– A correnteza do rio me trouxe até aqui – a moça retomou. Não notou o que ele viu ou fingiu não ter notado. – A correnteza do rio e o feitiço do unicórnio… Como se chama este lago?

– Não sei – admitiu. – Há tantos lagos aqui em Gwynedd…

– Em Gwynedd?

– Pois, sim. Aqueles montes são Y Wyddfa. Mantendo-os de seu lado esquerdo e seguindo pelas florestas, após dois dias se chega a Dinas Dinlleu e depois a Caer Dathal. E o rio… O rio mais próximo é…

– Não importa o nome do rio mais próximo. Será que você tem algo para comer, Galahad? Estou mesmo morrendo de fome.

•

– Por que você está me olhando assim? Está com medo de eu desaparecer? Subir no ar com seu pão duro e sua linguiça? Não tenha medo. Em meu próprio mundo aprontei um pouco e baguncei o destino, por isso não deveria aparecer

por lá no momento. Ficarei no seu por algum tempo. Num mundo em que não há como procurar o Dragão, ou as Sete Cabras no céu noturno. Em que é exatamente a segunda lua cheia após Belleteyn e Belleteyn se pronuncia como Beltane. Então, por que você está me olhando assim?

– Não sabia que as fadas comiam.

– Fadas, feiticeiras e elfas. Todas comem. E bebem. E por aí vai.

– Como?

– Não importa.

Quanto mais olhava para ela, tanto mais perdia a aura mágica, tornava-se humana e simples, até comum. No entanto, sabia que não era assim, não podia ser assim. Não se encontram moças comuns ao pé de Y Wyddfa, nas redondezas de Cwm Pwcca, que tomam banho nuas em lagos serranos e lavam blusas ensanguentadas. Não importa como era esta moça, mas certamente não podia ser um ser terrestre. Contudo, Galahad já se sentia à vontade e olhava sem medo para seus cabelos cor de rato, que para seu espanto, agora, depois de terem secado, resplandeciam com mechas alvacentas. Olhava também para suas mãos finas, nariz pequeno e lábios pálidos, para sua vestimenta masculina de um corte um tanto esquisito, feito de um tecido delicado de uma trama muito densa. Para sua espada, estranhamente construída e ornamentada, mas que decerto não parecia um adorno de ostentação. Para seus pés descalços cobertos com a areia seca da praia.

– Só para esclarecer – falou, esfregando um pé contra o outro –, não sou elfa. Contudo, sou uma feiticeira, isto é, fada… um tanto incomum. Eh, talvez nem seja uma fada.

– Lamento, de verdade.

– E qual seria, por acaso, o motivo de sua lamentação?

– Dizem… – enrubesceu e gaguejou. – Dizem que as fadas, quando encontram jovens, levam-nos à Elfland e lá… Debaixo do pé de uma aveleira, numa alcatifa de musgos, mandam prestar serviços…

– Entendi. – Olhou para ele de relance e logo em seguida mordeu a linguiça com força.

– Quanto à Terra dos Elfos – engoliu e disse –, fugi de lá há algum tempo e não estou com pressa de voltar. Já quanto à prestação de serviços na alcatifa de musgos… Realmente, Galahad, você encontrou a Senhora errada. Mesmo assim, agradeço muito por seu entusiasmo.

– Senhora! Não queria ofendê-la…

– Não precisa se desculpar.

– Tudo pelo fato – balbuciou – de a senhora ser tão formosa.

– Agradeço novamente. Mas isso não muda nada.

Permaneceram em silêncio por algum tempo. Fazia calor. O sol que estava no zênite aqueceu as pedras que emanavam um calor agradável. Um leve zéfiro enrugou a superfície da água.

– O que significa… – Galahad falou, de repente, com uma voz estranhamente exaltada. – O que significa a lança com a ponta ensanguentada? O que significa e por que sofre o rei com a coxa perfurada? O que significa a moça vestida de branco que carrega o graal, uma travessa de prata…

– E fora disso – interrompeu-o – você está bem?

– Estou apenas perguntando.

– E eu não entendo sua pergunta. É algum tipo de senha? Um sinal pelo qual se reconhecem os iniciados? Explique, por gentileza.

– Não conseguirei.

– Então por que perguntou?

– Porque… – embaralhou-se. – Pois, brevemente falando… Um dos nossos não perguntou, embora tivesse tido a oportunidade. Ficou emudecido ou tímido… Não perguntou, e aconteceram muitas desgraças por causa disso. A partir de então, perguntamos sempre, por via das dúvidas.

•

– Neste mundo há feiticeiros? Sabe, esses que lidam com a magia. Magos. Versados.

– Merlin. E Morgana. Mas Morgana é má.

– E Merlin?

– Mais ou menos.

– Você sabe onde eu posso encontrá-lo?

– Claro! Em Camelot. Na corte do rei Artur. Eu vou exatamente até lá.

– É longe?

– Daqui é preciso ir a Powys, até o rio Hafren, depois segui-lo até Glevum, para o Mar de Sabrina, e de lá a Terra do Eterno Verão já fica perto. No total, uns dez dias de caminho…

– É demasiado longe.

– É possível – gaguejou – cortar o caminho um pouco, atravessando Cwm Pwcca. Mas é um vale assombrado. É um lugar assustador. Lá vivem os Y Dynan Bach Têg, os malvados anões…

– E para que serve a espada? Para engalanar-se?

– E o que adianta uma espada contra os feitiços?

– Adianta, adianta sim, não se preocupe. Eu sou bruxa. Você já ouviu falar disso? Eh, claro que você não ouviu. Pois não tenho medo desses seus anões. Tenho muitos amigos entre eles.

“Com certeza”, pensou.

•

– Senhora do Lago?

– Meu nome é Ciri. Não me chame de Senhora do Lago. Tenho más associações com esse nome, desagradáveis, nefastas. Era assim que me chamavam eles, na Terra… Como você a chamou?

– Faërie. Ou Annwn, de acordo com os druidas. E os saxões dizem: Elfland.

– Elfland… – Cobriu os ombros com uma quadriculada manta picta providenciada por ele. – Estive lá, sabia? Entrei na Torre da Andorinha e bum, já estava entre os elfos. E eles me chamavam exatamente assim. A Senhora do Lago. No início eu até gostava desse nome. Ficava lisonjeada. Até o momento em que entendi que nessa terra, nessa torre e às margens desse lago não sou nenhuma Senhora, mas uma prisioneira.

– Foi lá – não aguentou – que manchou a blusa com sangue?

Permaneceu calada por um longo momento.

– Não – finalmente falou e pareceu-lhe que sua voz tremeu levemente. – Não foi lá. Você é um bom observador. Bom, não há como fugir da verdade, esconder a cabeça na areia… Sim, Galahad. Nos últimos tempos, tenho me manchado com frequência com o sangue dos inimigos que eu matei. E com o sangue dos próximos que tentei resgatar… E que morreram em meus braços… Por que você está me olhando assim?

– Não sei se é uma deia ou uma mortal… Ou uma das divindades… Mas se você é habitante da morada terrestre…

– Por gentileza, vá diretamente ao assunto.

– Gostaria – os olhos de Galahad flamejaram – de ouvir sua história. Poderia contá-la, ó Senhora?

– É uma longa história.

– Temos tempo.

– Mas o desfecho não é feliz.

– Não acredito.

– Por quê?

– Cantava enquanto tomava banho.

– É um bom observador. – Virou o rosto, cerrou os lábios e, de repente, seu semblante contraiu-se e adquiriu uma aparência repugnante. – Sim, você é um bom observador. Mas é muito ingênuo.

– Conte-me sua história, por favor.

– Eh – suspirou. – Tudo bem, já que você quer… Contarei, então.

Sentou-se numa posição confortável. E ele também. Os cavalos andavam pela margem da floresta mordiscando a grama e as ervas.

– Do início – Galahad pediu. – Do próprio início…

– Parece-me cada vez mais – disse após um instante, cobrindo-se bem com a manta picta – que esta história é uma daquelas que não têm início. Tampouco tenho a certeza se ela já terminou. Você deve saber que o passado se embaralhou horrivelmente com o futuro. Um certo elfo disse-me até que isso funciona como aquela serpente que encrava os dentes em sua própria cauda. Saiba que essa serpente se chama Uroboros. E o fato de ela morder sua própria cauda quer dizer que o círculo se fecha. Cada momento do tempo carrega em si o passado, o presente e o futuro. Cada momento do tempo carrega em si a eternidade. Entende?

– Não.

– Não faz mal.

CAPÍTULO SEGUNDO

Em verdade vos digo, quem confia nos sonhos é como se quisesse prender o vento ou captar a sombra. Ilude-se com uma imagem enganosa, um espelho torto que mente ou fala disparates à semelhança de uma mulher que pare. De verdade, insensato é aquele que acredita nos sonhos e segue o caminho da ilusão.

Contudo, aquele que menospreza os sonhos e nem sequer acredita neles também insensato é. Pois, se os sonhos fossem desprovidos de qualquer significado, então para que os deuses, quando nos criaram, nos dotariam da capacidade de sonhar?

A sabedoria do profeta Lebioda, 34,1

All we see or seem
Is but a dream within a dream
Edgar Allan Poe

Um vento leve agitava a superfície do lago que vaporava feito um caldeirão e dispersou sobre ela os farrapos da bruma que se dissipava. As forquetas rangiam e estrugiam ritmicamente, as pás dos remos que emergiam da água semeavam um granizo de gotas cintilantes.

Condwiramurs pôs o braço para fora do bordo. O barco deslizava tão devagar que a água se agitou minimamente e atingiu sua mão.

– Que velocidade, hein! – disse, conferindo à sua voz o máximo de sarcasmo possível. – Estamos voando sobre as ondas. Fiquei até tonta!

O remador, de baixa estatura, rechonchudo e atarracado, respondeu balbuciando algo com raiva. Nem sequer levantou a cabeça com uma cabeleira branca e crespa como o pelo de um karakul. A noviça já estava farta, pois desde que subiu no barco o velho rabugento rezingava, pigarreava e gemia toda vez que evitava responder às suas perguntas.

– Tenha mais cuidado – falou enfaticamente, mantendo a calma com dificuldade. – Se continuar remando com tanta força, é provável que tenha uma obstrução intestinal.

Dessa vez o homem ergueu o rosto bronzeado, escuro como o couro curtido. Rezingou, pigarreou e num gesto executado pelo queixo coberto com uma cerda

branca apontou para uma bobina de madeira presa ao bordo e a uma linha que desaparecia dentro da água, esticada pelo movimento do barco. Claramente convencido de que a explicação fora suficiente, voltou a remar no mesmo ritmo de antes. Os remos para cima. Intervalo. A metade da pá dos remos para dentro da água. Um longo intervalo. Remada. Um intervalo mais longo ainda.

– Humm – Condwiramurs falou espontaneamente, olhando para o céu. – Entendo. O que importa é a isca puxada atrás do barco que precisa se deslocar com a velocidade certa e na profundidade adequada. O que importa é a pesca. O resto não importa.

Isso era tão óbvio que o homem nem se deu ao trabalho de resmungar ou pigarrear.

– Por que alguém se importaria – Condwiramurs continuou o monólogo – se estou viajando a noite inteira? Ou se estou com fome? Se minhas nádegas estão doendo e coçando por causa do banco duro e molhado? Se estou com vontade de urinar? Não, o importante é pescar de arrasto. Que imbecil, aliás. Não conseguirá pescar nada com a isca arrastada no meio da correnteza numa profundidade de vinte braças.

O homem ergueu a cabeça, lançou-lhe um olhar repulsivo e balbuciou de forma muito, mas muito balbuciante. Condwiramurs soltou um sorriso, contente consigo mesma. O homem rabugento continuava a remar devagar. Estava furioso.

Ajeitou-se no banco na popa e cruzou as pernas de um jeito que a fenda no vestido deixasse muito à mostra.

O homem balbuciou, apertou as mãos calosas nos remos, fingindo que olhava apenas para a linha de pescar. Nem cogitou a possibilidade de acelerar a velocidade com que remava. A noviça suspirou e passou a observar o céu.

As forquetas rangiam, as gotículas cintilantes caíam das pás dos remos.

Na névoa que se levantava rapidamente surgiram os contornos embaçados de uma ilha e um roliço obelisco escuro de uma torre. O homem rabugento, embora estivesse sentado de costas e não tivesse se virado nem uma vez, de alguma maneira reconheceu que estavam quase chegando ao destino. Colocou, sem pressa, os remos em cima dos bordos, levantou-se e começou a recolher a linha enrolando-a na bobina. Condwiramurs, ainda com as pernas cruzadas, assobiava, olhando para o céu.

O homem enrolou a linha até o fim e olhou para a isca – uma grande colher de latão munida de um triplo gancho com uma pequena borla de lã vermelha.

– Ai, ai – Condwiramurs falou em tom doce. – Não pescou nada, mas que pena. Por que será que teve tanto azar? Talvez estivesse remando demasiado rápido?

O homem lançou-lhe um olhar que transmitia muitas coisas feias. Sentou-se, pigarreou, cuspiu para fora do bordo, pegou os remos com as mãos calosas e estirou as costas. Os remos bateram contra a água, estrugiram nas forquetas e o barco deslizou pela superfície do lago feito uma flecha. A água espumou na proa rumorejando, redemoinhou atrás da popa. Atravessaram a distância de um quarto de tiro de arco que os separava da ilha num tempo mais curto que dois balbucios, e o barco deslizou sobre o cascalho com tanto ímpeto que fez Condwiramurs cair do banco.

O homem balbuciou, pigarreou e cuspiu. A noviça sabia que a tradução disso para a língua dos povos civilizados seria: caia fora de meu barco, sua bruxa sabichona. Sabia também que não podia esperar que ele a carregasse nos braços. Tirou os sapatos, levantou o vestido a uma altura provocante e desceu. Engoliu um palavrão, pois as conchas picaram-na no pé.

– Valeu – disse cerrando os dentes – pelo passeio.

Não esperou a resposta balbuciada nem olhou para trás. Seguiu, descalça, em direção às escadas de pedra. Todo o desconforto e todas as moléstias passaram, esvaneceram sem deixar nenhum rastro, borradas pela crescente ansiedade. Estava, pois, na ilha Inis Vitre, no lago Loc Blest. Estava num lugar quase lendário, frequentado por poucos escolhidos.

A névoa matinal levantou-se por completo. A rubra bola solar começou a aparecer por entre o céu opaco. Andorinhões passavam num relance, as gaivotas grasnavam e sobrevoavam os mata-cães da torre.

No topo das escadas que levavam da praia ao terraço, apoiada numa estatueta de uma sorridente quimera de cócoras, estava Nimue.

A Senhora do Lago.

•

Era de estatura baixa e seu corpo era franzino. Media pouco mais que cinco pés. Condwiramurs ouvira falar que, quando era pequena, chamavam-na de Polegarzinho. Agora entendeu que o apelido era certeiro. Mas estava convencida de que ninguém se atrevia a chamar a pequena feiticeira com esse nome havia pelo menos a metade do século.

– Sou Condwiramurs Tilly – apresentou-se e curvou-se, um pouco apreensiva, ainda com os sapatos na mão. – Estou contente de poder estar em sua

ilha, Senhora do Lago.

– Nimue – a pequena maga corrigiu-a ligeiramente. – Nimue, mais nada. Podemos dispensar os títulos e epítetos, senhorita Tilly.

– Nesse caso eu sou Condwiramurs. Condwiramurs, mais nada.

– Venha então, Condwiramurs. Conversaremos durante o café da manhã. Deve estar com fome.

– Não nego.

•

No café da manhã havia queijo fresco, cebolinha, ovos, leite e pão integral servidos por duas jovens e discretas empregadas que cheiravam a goma de engomar. Condwiramurs sentia que a pequena feiticeira a examinava com o olhar enquanto comia.

– A torre – Nimue falou devagar, observando cada movimento e quase cada porção de comida que Condwiramurs levava à boca – tem seis andares, dos quais um está localizado no subsolo. Sua habitação fica no segundo andar. Lá terá todo tipo de conforto necessário para viver bem. Como vê, o térreo faz parte da área de serviço, as habitações dos empregados também estão localizadas aqui. O laboratório, a biblioteca e a galeria ocupam o subsolo, assim como o primeiro e terceiro andar. Você terá a permissão para entrar e o acesso ilimitado a todos os andares mencionados e cômodos neles localizados. Pode fazer uso deles, e de tudo o que há neles, quando quiser e da maneira que quiser.

– Entendi. Obrigada.

– Meus aposentos privados e meu escritório particular ficam nos dois últimos andares. São compartimentos absolutamente privados. E para evitar desentendimentos: sou extremamente sensível a essas coisas.

– Vou respeitar sua vontade.

Nimue virou a cabeça para a janela da qual se via o Rabugento Senhor Remador que já havia tratado da bagagem de Condwiramurs e agora estava colocando no barco varas, bobinas, redes e nassas, assim como outra parafernália da indústria pesqueira.

– Sou um pouco antiquada – continuou. – Mas acostumei-me a ter o direito exclusivo de usar certas coisas. A escova de dentes, por exemplo. Aposentos privados, a biblioteca, o banheiro. E o Rei Pescador. Não tente, por favor, pedir os serviços dele.

Condwiramurs quase se engasgou com o leite. Não se via nenhuma expressão no semblante de Nimue.

– E se ele… – retomou, antes que a moça recuperasse a fala. – Se ele tentar pedir seus serviços, negue.

Condwiramurs, por fim tendo conseguido engolir, rapidamente acenou com a cabeça. Absteve-se de qualquer comentário, embora tivesse a resposta pronta na ponta da língua que não gostava de pescadores, especialmente de pescadores rabugentos que tinham a cabeça cheia de cabelo branco parecido com queijo fresco.

– Siiim – Nimue falou de forma prolongada. – Então a introdução já foi feita. Está na hora de passarmos a assuntos concretos. Não está curiosa para saber por que, de todas as candidatas, escolhi precisamente você?

Condwiramurs, se por acaso pensou na resposta, foi só para não parecer demasiado presunçosa. Contudo, chegou logo à conclusão de que perante Nimue uma humildade minimamente falsa pareceria demasiado falsa.

– Sou a melhor brizomante na academia – sua resposta foi fria, concreta e desprovida de gabação. – E no terceiro ano fui a segunda colocada entre as oniromantes.

– Mas eu poderia ter escolhido aquela que ocupava o primeiro lugar. – De fato, Nimue era exageradamente franca. – Mas cá entre nós… sugeriram-me que ficasse com essa moça estudiosa, e até com certa insistência, pois parece que era filha importante de alguém importante. E quanto aos sonhos, à oniromancia, você deve saber, cara Condwiramurs, que é um dom bastante caprichoso. Até a melhor oniromante pode falhar.

Condwiramurs quis responder que suas falhas podem ser contadas nos dedos de apenas uma mão, mas manteve a boca fechada. Poxa, estava falando com uma perita. Mantenha as proporções certas, madame, como dizia um dos professores da academia, um erudita.

Nimue elogiou seu silêncio com um leve aceno da cabeça.

– Fui me informar na academia – disse após um instante. – Por isso sei que você não precisa recorrer aos entorpecentes para sonhar. Esse fato me agrada, pois não tolero narcóticos.

– Sonho sem nenhum tipo de ajuda de drogas – Condwiramurs confirmou com um leve orgulho. – Preciso apenas de um anzol para a oniromancia.

– Como?

– Um anzol, ué – a noviça tossiu. – Isto é, um objeto ligado de alguma forma com aquilo sobre o que devo sonhar. Uma coisa qualquer. Ou uma imagem…

– Imagem?

– Humm. Sonho bem à base de imagens.

– Oh – Nimue sorriu. – Se uma imagem puder ajudar, então não haverá problemas. Se você já terminou o café, então vamos, a melhor brizomante e a segunda entre as oniromantes. É necessário que lhe explique logo os motivos pelos quais escolhi precisamente você para ser minha assistente.

As paredes de pedra exalavam uma frieza que nem os pesados gobelins nem sequer o escuro revestimento de madeira conseguiam amenizar. O frio do piso de pedra passava pelas solas dos sapatos.

– Atrás desta porta – Nimue apontou com descuido – é o laboratório. Como já disse, você pode usá-lo quando quiser. Mas, claro, é aconselhável que tenha cautela e moderação, especialmente quando for obrigar a vassoura a levar a água.

Condwiramurs riu por cortesia, embora a piada fosse antiquada. Todas as mentoras contavam aos seus discípulos piadas relacionadas com os míticos apuros de um mítico aluno de um necromante.

As escadas subiam enroscando-se à semelhança de uma serpente marinha. Pareciam não ter fim. E eram íngremes. Antes que chegassem ao destino, Condwiramurs ficou ofegante e encharcada de suor. Contudo, Nimue nem parecia cansada.

– Por aqui, por favor. – Abriu a porta de carvalho. – Cuidado com a soleira.

Condwiramurs entrou e suspirou.

A câmara era uma galeria. As paredes, desde o teto até o chão, estavam cheias de quadros. Havia enormes, antigas e rachadas pinturas a óleo, miniaturas, gravuras amareladas e xilogravuras, aquarelas desbotadas e sépias. Havia também guaches modernistas de cores vivas, têmperas, águas-tintas e águas-fortes de linhas finas, litografias e metalogravuras contrastadas que atraíam a atenção com expressivas manchas negras.

Nimue parou diante da pintura que estava mais próxima da porta, um quadro que mostrava um grupo reunido embaixo de uma árvore. Olhou para ele, depois para Condwiramurs e seu olhar taciturno era extraordinariamente enfático.

– Jaskier – a noviça, que logo percebeu do que se tratava, não a deixou esperar por muito tempo – cantando baladas embaixo do carvalho Bleobheris.

Nimue sorriu e acenou com a cabeça. Deu um passo e parou diante do quadro a seguir. Aquarela. Simbolismo. Duas silhuetas femininas num monte. Acima delas – gaivotas esvoaçando em círculos, abaixo delas, nas encostas dos montes – um séquito de sombras.

– Ciri e Triss Merigold, a visão profética em Kaer Morhen.

Sorriso, aceno, um passo, outro quadro. Um cavaleiro sobre um corcel a galope numa aleia de amieiros retorcidos que estendem os braços de seus ramos em sua direção. Condwiramurs sentiu calafrios atravessando todo seu corpo.

– Hmm… Parece Ciri cavalgando ao encontro de Geralt na fazenda do ananico Hofmeier.

Outro quadro, a óleo, escurecido. Cena de batalha.

– Geralt e Cahir defendem a ponte no Jaruga. Depois aceleraram o passo.

– Yennefer e Ciri, seu primeiro encontro no templo de Melitele. Jaskier e a dríade Eithne na floresta de Brokilon. A companhia de Geralt durante a nevasca no passo Malheur…

– Parabéns, ótimo – Nimue interrompeu. – Extraordinário conhecimento das lendas. Agora você já conhece o segundo motivo pelo qual você, e não qualquer outra pessoa, está aqui.

•

Uma enorme pintura militar dominava a mesinha de ébano onde estavam sentadas. Mostrava, ao que parecia, a batalha de Brenna, algum momento crucial da batalha, isto é, a morte espalhafatosamente heroica de alguém. O quadro era, sem dúvida, uma obra de Nicolau Certosa. Esse fato podia ser reconhecido pela expressividade, pelo cuidado impecável nos detalhes e pelos efeitos de luz característicos do autor.

– Claro, conheço a lenda sobre o bruxo e a bruxa – Condwiramurs respondeu. – Conheço-a, não hesito em falar. Quando era pequena, amava essa história, relia-a inúmeras vezes. E sonhava em ser Yennefer. Contudo, serei sincera: mesmo que tivesse sido um amor à primeira vista, mesmo que tivesse sido ardente e tempestuoso… Não era eterno

Nimue ergueu as sobrancelhas.

– Eu cheguei a conhecer a história – retomou Condwiramurs – em resenhas e versões para adolescentes, resumos recortados e suprimidos *ad usum delphini*. Depois, naturalmente, comecei a ler as tais versões sérias e completas, extensas até os limites da redundância que, às vezes, até ultrapassavam esses limites. Foi então que a paixão cedeu lugar a uma reflexão fria, e a paixão selvagem, a algo parecido com a obrigação conjugal. Não sei se você entende do que estou falando.

Com um aceno quase invisível da cabeça, Nimue confirmou que sabia.

– Resumindo, prefiro as lendas que estão mais arraigadas na convenção lendária, que não misturam a ficção com a realidade, não tentam integrar uma

simples e sincera moral de um conto de fadas com uma verdade histórica profundamente amoral. Prefiro as lendas sem os posfácios de enciclopedistas, arqueólogos ou historiadores. Aquelas cuja convenção é livre de experiências. Prefiro que o príncipe suba até o topo da Montanha de Cristal, beije a bela adormecida que acorda para depois viverem felizes para sempre. Exatamente esse deveria ser o desfecho de uma lenda… Quem é o autor desse retrato de Ciri, *en pied*?

– Não existe nenhum retrato de Ciri – a voz da pequena feiticeira era objetiva e desprovida de emoções. – Nem aqui nem em nenhum lugar do mundo. Não sobrou nenhum retrato, nenhuma miniatura pintada por alguém que pudesse ter visto, conhecido ou, pelo menos, se lembrado de Ciri. O retrato *en pied* mostra Pavetta, a mãe de Ciri, e foi pintado pelo anão Ruiz Dorrit, o pintor real na corte dos reis de Cintra. Sabe-se que Dorrit retratou Ciri quando tinha dez anos, também *en pied*, mas o quadro, chamado *A infanta com o lebréu*, infelizmente desapareceu. Mas voltemos à lenda e à sua relação com ela. E como uma lenda deveria terminar.

– Deveria terminar bem – disse Condwiramurs com uma convicção petulante. – O bem e o justo devem triunfar, o mal, receber um castigo exemplar, e o amor, unir os amantes até a morte. E, droga, nenhum dos personagens positivos pode morrer! E a lenda de Ciri? Como termina?

– Pois é. Como?

Condwiramurs ficou calada por um momento. Não esperava uma pergunta assim, achou que se tratava de uma prova, um teste, um ardil. Permanecia calada, pois não queria ser apanhada.

“Como termina a lenda de Geralt e Ciri? Todos sabem.”

Olhava para uma aquarela em tons escuros na qual se via uma balsa disforme que deslizava pela superfície de um lago enevoado. Era uma balsa propulsionada por uma mulher com uma longa vara na mão, apresentada apenas como uma negra silhueta.

“É precisamente assim que termina essa lenda. Exatamente assim.”

Nimue lia seus pensamentos.

– Não há certeza disso, Condwiramurs. Não há nenhuma certeza disso.

•

– Conheci a lenda – Nimue começou a falar – por intermédio de um andarilho contador de histórias. Fui uma criança criada na roça, a quarta filha do carroceiro local. Os momentos em que o contador de histórias andarengo

Pogwizd vinha à nossa vila foram os mais bonitos de toda a minha infância. Podia-se descansar do trabalho duro e ver com os olhos da alma essas maravilhas, esse mundo longínquo… Um mundo belo e maravilhoso… Mais afastado e mais maravilhoso que a feira na cidade localizada a nove milhas de distância… Tinha, então, uns seis ou sete anos. Minha irmã mais velha tinha quatorze e já estava torta de tanto ficar curvada durante o trabalho. O destino das mulheres! Lá, as meninas eram preparadas para isso desde pequenas. Acorcovar-se! Acorcovar-se sem fim, acorcovar-se e curvar-se para trabalhar, debruçar-se sobre os filhos, inclinar-se sob o peso da barriga que o homem lhe fez mal tendo se recuperado após o parto… – Foram essas histórias contadas pelo andarilho que fizeram com que eu começasse a desejar algo mais que uma corcunda e trabalheira, sonhar com algo mais que a safra, o marido e os filhos. A lenda de Ciri foi o primeiro livro que comprei com o dinheiro ganho do lucro tirado da venda das amoras colhidas com minhas próprias mãos na floresta. Era a versão suprimida, como você a havia chamado jeitosamente, para as crianças, um resumo *ad usum delphini*. Era a versão perfeita para mim. Lia mal, mas já naquela época sabia o que queria. Queria ser como Filippa Eilhart, Sheala de Tancarville ou Assire var Anahid…

Ambas olharam para o guache que mostrava uma câmara num castelo envolta num sutil *chiaroscuro*, uma mesa e mulheres sentadas ao redor dela. Eram mulheres lendárias.

– Na academia – Nimue retomou – na qual consegui ingressar só na segunda tentativa, nas aulas de história da magia ocupei-me do mito apenas sob o aspecto da Grande Loja. No início, simplesmente não tinha tempo para ler por prazer, tinha de estudar para… Conseguir acompanhar as filhas de condes e banqueiros para as quais tudo era fácil e que riam de uma moça do campo…

Emudeceu, estalou os dedos.

– Finalmente – voltou a falar – achei tempo para ler, mas então cheguei à conclusão de que as peripécias de Geralt e Ciri já me interessavam muito menos que na infância. Surgiu uma síndrome semelhante àquela que você vivenciou. Como você a chamou? Obrigação conjugal? Foi assim até o momento…

Emudeceu, esfregou o rosto. Condwiramurs notou, com espanto, que a mão da Senhora do Lago tremia.

– Tinha por volta de dezoito anos quando… Quando algo aconteceu. Algo que fez com que a lenda de Ciri se reavivasse em mim, que fez com que eu começasse a me ocupar dela séria e cientificamente. Que fez com que eu dedicasse minha vida a ela.

A noviça permaneceu em silêncio, embora por dentro estivesse fervendo de curiosidade.

– Não finja que não sabe – Nimue disse pungentemente. – Pois todos sabem que a Senhora do Lago está possuída por uma obsessão quase doentia pela lenda de Ciri. Todos fofocam como uma loucura, inicialmente inocente, se transformou em algo parecido com uma dependência narcótica ou até uma mania. Há muita verdade nessas fofocas, minha cara Condwiramurs, muita verdade! E você, já que foi escolhida por mim para ser minha assistente, também cairá nessa mania e dependência. Vou exigir isso de você. Pelo menos durante o estágio. Entende?

A noviça confirmou com um aceno da cabeça.

– Você acha que entende. – Nimue se acalmou e esfriou. – Mas eu lhe explicarei. Gradativamente. E, quando chegar a hora certa, lhe explicarei tudo. Por enquanto…

Interrompeu, olhou pela janela para o lago, para a negra linha do barco do Rei Pescador que se destacava nitidamente da dourada e luzidia superfície da água.

– Por enquanto descanse. Contemple a galeria. Nos armários e nas vitrines achará álbuns e caixas com gravuras, todas tematicamente relacionadas com a lenda. Na biblioteca há todas as versões e transformações da lenda, inclusive a maioria das pesquisas científicas acerca do assunto. Dedique um pouco de tempo a elas. Olhe, leia e concentre-se. Quero que você tenha o material necessário para sonhar. Um anzol, como você disse.

– Vou fazê-lo. Senhora Nimue?

– Pois não?

– Esses dois retratos… Esses que estão pendurados junto um do outro… Tampouco são retratos de Ciri?

– Não existe nenhum retrato de Ciri – Nimue repetiu com paciência. – Os artistas posteriores mostravam-na exclusivamente em cenas, cada um de acordo com sua própria imaginação. Quanto a esses retratos, então o da esquerda provavelmente também é uma variação livre do tema, pois mostra a elfa Lara Dorren aep Shiadhal, uma pessoa que a pintora não havia como conhecer. A artista, que você deve conhecer da lenda, era Lydia van Bredevoort. Uma das telas a óleo de sua autoria sobreviveu e encontra-se na academia.

– Eu sei. E esse outro retrato?

Nimue ficou olhando para a pintura por um longo momento, para a imagem de uma moça que usava um vestido branco com mangas verdes, esbelta, de cabelos claros, e com um olhar triste.

– Foi pintada por Robin Anderida – disse, virou e mirou Condwiramurs diretamente nos olhos. – É você, brizomante e oniromante, que vai me dizer quem é a pessoa retratada… Sonhe com o quadro e conte-me seu sonho.

•

O mestre Robin Anderida foi o primeiro a avistar o imperador que se aproximava e curvou-se diante dele. Stella Congreve, a condessa de Liddertal, levantou-se, executou uma genuflexão e, com um gesto rápido, mandou fazer o mesmo a uma moça sentada na poltrona esculpida.

– Saúdo as senhoras – Emhyr var Emreis acenou com a cabeça. – Saúdo-o, também, mestre Robin. Como vai o trabalho?

O mestre Robin tossiu, apreensivo, e curvou-se novamente, esfregando com nervosismo os dedos no jaleco. Emhyr sabia que o artista sofria de uma aguda agorafobia e era extremamente tímido. Mas ninguém se incomodava com isso. O importante era como pintava.

O imperador, como sempre durante as viagens, usava o uniforme de oficial da brigada da guarda "Impera" – uma armadura negra e uma capa com o bordado de uma salamandra. Aproximou-se, olhou para o retrato. Primeiro para o retrato, e só depois para a modelo – uma moça esbelta de cabelos claros e olhar triste que usava um vestido branco com mangas verdes e um pequeno decote adornado com um colar de peridotos.

– Maravilhoso – disse ao vácuo, de propósito, para que ninguém soubesse o que elogiava. – Maravilhoso, mestre. Continue, por favor, não se incomode com minha pessoa. Permite-me um momento, condessa?

Afastou-se para a janela, obrigando-a que o seguisse.

– Vou viajar – disse em voz baixa. – Assuntos de Estado. Agradeço pela hospitalidade. E por ela. Pela princesa. Realmente, muito bem-feito, Stella. Realmente merecem um elogio. Tanto você como ela.

Stella Congreve executou uma profunda e elegante genuflexão.

– Sua Majestade Imperial é demasiado bom para nós.

– Não elogie o dia antes do pôr do sol.

– Eh… – ligeiramente apertou os lábios. – Então é assim?

– É assim.

– O que será dela, Emhyr?

– Não sei – respondeu. – Daqui a dez dias reiniciarei a ofensiva no Norte. E, pelo visto, será uma guerra difícil, muito difícil. Vattier de Rideaux persegue as

conjurações e conspirações contra mim. A razão do Estado pode me forçar a fazer variadas, variadíssimas coisas.

– Esta criança não tem culpa de nada.

– Eu disse: a razão do Estado. A razão do Estado não tem nada a ver com a justiça. De qualquer forma…

Acenou com a mão.

– Gostaria de falar com ela. A sós. Aproxime-se, princesa. Ande, ande, com ânimo. O imperador ordena.

A moça executou uma acentuada genuflexão. Emhyr fitava-a, relembrando aquela importante audiência em Loc Grim. Estava cheio de apreço, até admiração, perante Stella Congreve que, num período de seis meses que se passaram desde então, conseguiu transformar esse patinho feio numa pequena aristocrata.

– Deixem-nos a sós – ordenou. – Faça uma pausa, mestre Robin, para, por exemplo, lavar os pincéis. E a senhora, condessa, espere, por favor, na antecâmara. E você, princesa, venha comigo até o terraço.

A neve úmida que caiu à noite derreteu-se nos primeiros raios do sol matinal, mas os telhados das torres e dos pináculos do castelo Darn Rowan ainda estavam molhados e reluziam de tal forma que pareciam fulgurar.

Emhyr aproximou-se do balaústre do terraço. A moça – de acordo com a etiqueta – permanecia um passo atrás dele. Com um gesto impaciente, forçou-a a aproximar-se mais.

O imperador permaneceu calado por um longo momento, apoiado com as duas mãos no balaústre, com o olhar fixado nos montes cobertos de teixos sempre verdes que nitidamente se destacavam do branco calcário das falhas geológicas rochosas. Resplandecia o rio, como se fosse uma fita de prata fundida serpenteando pelo fundo do vale.

Sentia-se a primavera no ar.

– Deveria vir aqui com mais frequência – Emhyr falou. A moça permanecia calada.

– Deveria vir aqui com mais frequência – repetiu e virou-se.

– É um belo lugar que emana paz. Com umas belas redondezas… Você concorda comigo?

– Sim, Sua Majestade Imperial.

– Sente-se a primavera no ar. Estou certo?

– Sim, Sua Majestade Imperial.

Um canto interrompido pelo ranger, estridor e tinir de ferraduras vinha lá de baixo, do pátio. A escolta foi avisada de que o imperador havia ordenado a saída e, às pressas, preparava-se para seguir o caminho. Emhyr lembrava que entre os guardas havia um que cantava. Com frequência. E independentemente das circunstâncias.

Pousa em mim gentilmente
Teus olhos azuis
Mimoseia-me compassivamente
Com teus encantos pelos quais me possuis
Lembra-te de mim piedosamente
E nestas horas tardias
Não negues misericordiosamente
Nossa intensa sintonia

– Uma bela balada – disse, pensativo, tocando com os dedos no colar imperial.

– Bela, Sua Majestade Imperial.

"Vattier assegura-me de que já está seguindo o rastro de Vilgefortz. E de que achá-lo é questão de dias, no máximo semanas. As cabeças dos traidores cairão e a verdadeira Cirilla, a rainha de Cintra, será trazida para Nilfgaard. Mas, antes que a verdadeira Ciri chegue à Nilfgaard, será necessário fazer algo com a sósia."

– Levante a cabeça. Obedeceu.

– Você tem algum desejo? – de repente, perguntou ferozmente. – Queixas? Pedidos?

– Não, Sua Majestade Imperial. Não tenho.

– De verdade? Interessante. Pois não posso lhe ordenar que tenha. Levante a cabeça, como cabe a uma princesa. Stella deve ter-lhe ensinado boas maneiras, não é?

– Sim, Sua Majestade Imperial.

"Realmente, foi muito bem treinada", pensou. "Primeiro, por Rience. Depois, por Stella. Ensinaram-lhe muito bem o papel e as falas, ameaçando-a, certamente, de pagar por um erro com torturas e morte. Avisaram que teria de atuar diante de um severo auditório que não perdoa erros. Diante do terrível Emhyr var Emreis, o imperador de Nilfgaard."

– Como se chama? – perguntou rispidamente.

– Cirilla Fiona Elen Riannon.

– O verdadeiro nome.

– Cirilla Fiona…

– Não abuse da minha paciência. Nome!

– Cirilla… – a voz da moça quebrou-se como um graveto. – Fiona…

– Chega, pelo Sol Grandioso – disse pelos dentes cerrados.– Chega!

A moça fungou o nariz com força. Contra a etiqueta. Seus lábios tremiam, mas a etiqueta não proibia isso.

– Acalme-se – ordenou, mas em voz baixa e quase serena. – O que você teme? Tem vergonha de seu próprio nome? Tem medo de confessá-lo? Tem relação com algo desagradável? Pergunto só porque gostaria de me dirigir a você com seu próprio nome. Mas primeiro preciso saber qual é.

– É um nome qualquer – respondeu, e, de repente, seus enormes olhos fulguraram como esmeraldas iluminadas com fogo. – É um nome qualquer, Sua Majestade Imperial. Um nome adequado para uma pessoa que é um ninguém. Enquanto sou Cirilla Fiona, sou alguém… Enquanto…

A voz ficou presa na garganta de forma tão brusca que, inconscientemente, segurou o pescoço com as mãos, como se aquilo que tivesse nele não fosse um colar, mas um garrote asfixiante. Emhyr ainda a fitava, cheio de admiração perante Stella Congreve. Simultaneamente, sentia raiva. Uma raiva irracional. E por isso tão vil.

"O que é que eu quero desta criança?", pensou, sentindo a raiva crescer, ferver, intumescer com espuma feito sopa num caldeirão. "O que é que eu quero de uma criança que…"

– Saiba que não tive nada a ver com seu sequestro, moça – disse rispidamente. – Não tive nada a ver com seu sequestro. Não dei as ordens. Fui enganado…

Estava com raiva de si próprio, consciente do fato de estar cometendo um erro. Deveria ter encerrado essa conversa há muito tempo, encerrá-la em tom de soberba, autoridade, ameaça, do jeito imperial. Era necessário esquecer essa menina e seus olhos verdes. Essa menina não existia. Era uma sósia. Uma imitação. Não tinha nem um nome. Era ninguém. E o imperador não fala com uma pessoa que seja um ninguém. O imperador não admite erros diante de alguém que é um ninguém. "O imperador não pede perdão, não se humilha diante de alguém que…"

– Perdoe-me – disse, e suas palavras lhe eram estranhas, grudavam, de forma irritante, em seus lábios. – Cometi um erro. Sim, sou culpado por aquilo que aconteceu com você. A culpa é minha. Mas lhe dou minha palavra de que

você não corre nenhum risco. Não lhe acontecerá nenhum mal. Nenhuma maldade, nenhuma humilhação, nenhuma desgraça. Não precisa ter medo.

– Não estou com medo. – Ergueu a cabeça e, contra a etiqueta, mirou em seus olhos. Emhyr estremeceu, atingido pela sinceridade e confiança de seu olhar. Imediatamente, endireitou-se, imperial e soberbo de tal forma que dava nojo.

– Pode me pedir o que quiser.

Novamente olhou para ele. De forma involuntária, ele lembrou-se de todas as inúmeras ocasiões quando exatamente dessa maneira comprava a tranquilidade de sua consciência pela maldade cometida contra alguém. Alegrando-se cruelmente, no fundo da alma, por pagar tão pouco.

– Peça-me o que quiser – repetiu, mas pelo fato de já estar cansado sua voz, repentinamente, tornou-se mais humana. – Cumprirei qualquer desejo seu.

“Que ela não me olhe”, pensou. “Não aguentarei seu olhar.

Aparentemente, as pessoas têm medo de olhar para mim. E do que é que eu tenho medo?

Pouco me importo com Vattier de Rideaux e sua razão de Estado. Se ela pedir, mandarei levá-la para casa, para o lugar do qual a sequestraram. Mandarei levá-la até lá numa carruagem dourada arreada de seis cavalos. Basta que peça.”

– Peça-me o que quiser – repetiu.

– Agradeço a Sua Majestade Imperial – disse a moça, abaixando os olhos. – Sua Majestade Imperial é muito nobre e generoso. Se posso fazer um pedido…

– Diga.

– Gostaria de poder ficar aqui. Aqui, em Darn Rowan. Com a senhora Stella.

Não estava surpreso. Pressentia algo assim.

O tato impediu-o de fazer perguntas que seriam humilhantes aos dois.

– Dei minha palavra – disse friamente. – Então que seja cumprida sua vontade.

– Agradeço a Sua Majestade Imperial.

– Dei minha palavra – repetiu, tentando desviar de seu olhar – e vou cumpri-la. Contudo, penso que você fez a escolha errada. Você proferiu o desejo errado. Se mudar de ideia…

– Não mudarei – disse, quando ficou claro que o imperador não terminaria a frase. – Para que iria mudar de ideia? Escolhi a senhora Stella, escolhi coisas que tive poucas oportunidades de experimentar em minha vida… Casa, aconchego, bondade… Coração. Não se pode errar escolhendo algo assim.

"Coitada, ingênua criatura", pensou Emhyr var Emreis, Deithwen Addan yn Carn aep Morvudd, a Chama Branca Dançante sobre Mamoas dos Inimigos. "Ao escolher algo assim é que se cometem os piores erros."

Mas algo – talvez uma antiga e apagada recordação – fez com que o imperador não o proferisse em voz alta.

•

– Interessante – disse Nimue após ouvir o relato. – Realmente um sonho interessante. Houve mais algum?

– Poxa! – Condwiramurs, com um golpe rápido e seguro da faca cortou a ponta do ovo. – Ainda estou tonta depois dessa revista! Mas isso é normal. A primeira noite num novo lugar sempre resulta em sonhos loucos. Sabe, Nimue, falam que nós, brizomantes, temos um talento que não se resume a sonhar. Com exceção das visões obtidas em transe ou sob hipnose, nossos sonhos não diferem dos de outras pessoas, nem sequer quanto à intensidade, riqueza ou carga precognitiva. O que faz com que nos destaquemos dos outros e o que torna nosso talento extraordinário é algo completamente diferente. Nós nos lembramos dos sonhos. Raramente nos esquecemos daquilo com que sonhamos.

– É porque suas glândulas endócrinas funcionam de forma atípica, própria somente para vocês – interrompeu a Senhora do Lago. – Seus sonhos são, falando de modo um tanto trivial, nada mais que endorfinas secretadas para o corpo. Do mesmo jeito que a maioria dos brutos talentos mágicos, também o seu é prosaicamente orgânico. Mas por que estou falando sobre algo que você própria sabe muito bem? Fale-me, então, de que outros sonhos você ainda se lembra.

– Um rapaz – Condwiramurs franziu as sobrancelhas – andando no meio de campos vazios com uma trouxa no ombro. Os campos estão vazios, primaveris. Salgueiros… Ao longo das estradas e nos limiares dos campos. Salgueiros, tortos, ocos por dentro, assanhados… Nus, ainda sem folhas. O rapaz está andando, olha para os lados. A noite cai. As estrelas aparecem no céu noturno. Uma delas está em movimento. É um cometa. Uma cintilante faísca rubejante que corta transversalmente a esfera celeste…

– Parabéns! – Nimue sorriu. – Embora não tenha a mínima ideia com quem você sonhou, é possível determinar com precisão a data desse ocorrido. O cometa vermelho era visível por seis dias na primavera do ano em que se consolidou a paz de Cintra. Para ser mais exata, nos primeiros dias de março. Nos outros sonhos também surgiram alguns elementos que pudessem ajudar em determinar a data?

– Meus sonhos – Condwiramurs bufou ao salgar o ovo – não são um calendário agrícola! Não têm placas com datas! Mas, para ser exata, sonhei com a batalha de Brenna, provavelmente depois de ter olhado tanto para a tela de Nicolau Certosa em sua galeria. E a data da batalha de Brenna também é conhecida. Aconteceu no mesmo ano que a passagem do cometa. Estou enganada?

– Não está. Havia algo peculiar nesse sonho sobre a batalha?

– Não. Um redemoinho de cavalos, pessoas e armas. As pessoas lutavam e gritavam. Alguém, certamente anormal, uivava: "Águias! Águias!"

– O que mais? Você falou que houve uma revista inteira de sonhos.

– Não me lembro… – Condwiramurs cortou.

Nimue sorriu.

– Tudo bem. – A noviça empinou o nariz com ousadia para não deixar que a Senhora do Lago fizesse um comentário malicioso. – Realmente, às vezes, me esqueço. Ninguém é perfeito. Mas, repito, meus sonhos são visões e não fichas de biblioteca…

– Sei disso – Nimue interrompeu. – Não se trata de um exame de suas capacidades oniromânticas, é a análise de uma lenda, seus mistérios e lacunas. Estamos indo relativamente bem, já nos primeiros sonhos conseguiu decifrar a moça do retrato, a tal da sósia de Ciri, com a qual Vilgefortz tentou enganar o imperador Emhyr…

Interromperam, pois o Rei Pescador entrou na cozinha. Curvou-se, grunhiu e logo em seguida tirou o pão integral e um embrulho de linho da copeira. Antes de sair não deixou de curvar-se e grunhir.

– Está mancando bastante – Nimue falou com uma aparente despreocupação. – Estava gravemente ferido. Um javali estraçalhou sua coxa durante uma caçada. Por isso passa tanto tempo no barco. Quando rema e pesca, a ferida não o incomoda. No barco, esquece-se de seu aleijamento. É um homem muito bom e muito decente. E eu…

Condwiramurs gentilmente permaneceu em silêncio.

– Preciso de um homem – a pequena feiticeira falou objetivamente.

"Eu também", a noviça pensou. "Droga, logo que voltar para a academia, deixarei que alguém me possua. O celibato é bom, mas não mais que por um semestre."

Nimue pigarreou.

– Se você já terminou a refeição e parou de sonhar, então passemos à biblioteca.

•

– Voltemos ao seu sonho.

Nimue abriu a pasta, revirou algumas aquarelas feitas em sépia, tirou uma. Condwiramurs logo reconheceu.

– Audiência em Loc Grim?

– Claro. A sósia está sendo apresentada na corte imperial. Emhyr finge que deixa se enganar, está fazendo jogo de cena. Olhe, eis os embaixadores dos países dos reinados do norte para quem esta encenação está sendo montada. Aqui, porém, vemos os duques nilfgaardianos que sofreram um desacato: o imperador rejeitou suas filhas e menosprezou as ofertas de aliança. Famintos de vingança, sussurram nos ouvidos uns dos outros, tramam um complô e assassinato. A sósia está em pé com a cabeça abaixada. Inclusive, o pintor adornou-a com um lenço que cobre suas feições para sublinhar o ar de mistério. E não sabemos mais nada a feiticeira retomou após um momento – sobre a falsa Ciri. Nenhuma das versões da lenda fala o que posteriormente aconteceu com ela.

– No entanto, deve-se presumir – Condwiramurs disse em tom triste – que o destino da menina não foi feliz. Quando Emhyr conseguiu a original, e nós sabemos que conseguiu, se desfez da falsa Ciri. Não senti nada trágico em meu sonho, embora devesse sentir algo se… Por outro lado, o que vejo nos sonhos não precisa ser a verdade real. Como qualquer pessoa, sonho com fantasias, desejos, saudades… E anseios.

– Eu sei.

•

Conversaram até a hora do almoço, revendo pastas e fascículos de gravuras. O Rei Pescador, ao que parecia, foi bem-sucedido na pesca, pois havia salmão grelhado no almoço. E no jantar também.

Condwiramurs dormiu mal à noite. Comeu demasiado. Não sonhou com nada. Estava um pouco deprimida e envergonhada por causa disso, mas Nimue nem sequer ficou preocupada. “Temos tempo”, disse. “Temos muitas noites à nossa frente.”

•

A torre de Inis Vitre tinha alguns banheiros verdadeiramente luxuosos, claros em virtude do mármore e lustrosos por causa do latão, aquecidos por meio do

sistema de hipocausto localizado em algum lugar do subsolo. Condwiramurs não ficava acanhada ocupando a banheira por horas sem fim. Mesmo assim, de tempos em tempos, encontrava-se com Nimue no caldário, um pequeno pavilhão de madeira com um deque que adentrava o lago. Molhadas, arfando com o vapor que subia das pedras regadas com a água, sentavam-se ambas em banquinhos, fustigando-se, espontaneamente, com ramos de bétula, e o suor salgado pingava em seus olhos.

– Se entendi bem – Condwiramurs enxugou o rosto –, meu estágio em Inis Vitre baseia-se em esclarecer todas as lacunas da lenda sobre o bruxo e a bruxa?

– Entendeu bem.

– Durante o dia, por meio de gravuras e conversas, devo carregar-me de material indispensável para, à noite, sonhar com a verdadeira, desconhecida versão de determinado ocorrido?

Dessa vez Nimue achou desnecessário confirmar. Fustigou-se apenas algumas vezes com o ramo de bétula, levantou-se e jogou água sobre as pedras cálidas. O vapor quente subiu, por um momento privando-as de alento.

Nimue derramou o resto da água do recipiente sobre si própria. Condwiramurs ficou admirando seu corpo. Embora de baixa estatura, a feiticeira tinha um corpo constituído harmoniosamente. Uma moça de vinte anos de idade poderia facilmente invejar sua forma e a firmeza de sua pele. Não era preciso procurar longe, pois Condwiramurs tinha vinte e quatro. E a invejava.

– E mesmo que eu sonhe com algo – retomou a conversa, novamente enxugando o rosto suado – como teremos a certeza de que sonhei com a verdadeira versão? Realmente, não sei…

– Falaremos sobre isso daqui a pouco – Nimue cortou. – Lá fora. Já estou farta de ficar aqui dentro deste caloraço. Vamos nos arrefecer. E depois conversaremos.

Isso também fazia parte do ritual. Saíram correndo do caldário, batendo os pés nus contra as tábuas do deque. Saltaram para dentro do lago, soltando, em seguida, gritos selvagens. Depois de banhar-se por um tempo, saíram para o deque e escorreram o cabelo.

O Rei Pescador estava em seu barco. Alarmado com os gritos e o chapinhar da água, virou-se e olhou, cobrindo os olhos com a mão. Logo em seguida, virou-se de volta para se ocupar de seus acessórios de pesca. Condwiramurs considerava esse tipo de comportamento ofensivo e repreensível. Sua opinião sobre o Rei Pescador havia mudado muito, pois notou que lia nas horas em que não pescava. Inclusive, ia ao sanitário acompanhado de um livro, nem mais nem

menos que o próprio *Speculum aureum*, uma obra séria e difícil. Então, se mesmo durante os primeiros dias de sua estadia em Inis Vitre Condwiramurs desconfiava um pouco de Nimue, já havia deixado de fazê-lo. Era claro que o Rei Pescador era um homem rude e rabugento apenas por aparência. Ou, pelo menos, por um mimetismo cauteloso.

Mesmo assim, Condwiramurs pensou, era uma ofensa e afronta imperdoável virar-se para as varas e iscas quando desfilavam no deque duas mulheres nuas de corpos dignos de ninfas, de quem não se deveria conseguir tirar os olhos.

– Se eu sonhar com algo – voltou ao assunto, esfregando a toalha nos seios –, qual será a garantia de que sonharei com a verdadeira versão? Conheço todas as versões literárias da lenda, desde o *Meio século de poesia* de Jaskier até a *Senhora do Lago* de Andre Ravix. Conheço o venerável Jarre, conheço todas as escritas acadêmicas, sem mencionar as edições populares. Essas leituras todas deixaram um rastro, marcaram-me, não consigo tirá-las de meus sonhos. É possível passar pela ficção e sonhar com a verdade?

– É, sim.

– Então, quais são as chances?

– Igual às chances – Nimue, com um movimento da cabeça, apontou para um barco sobre o lago – que o Rei Pescador tem. Você própria pode vê-lo jogando seus anzóis, continuamente. Engancha-os em plantas, raízes, tocos afundados, troncos, sapatos velhos, afogados e só o diabo sabe o que mais.

– Então desejo uma pesca bem-sucedida – Condwiramurs suspirou enquanto se vestia. – Joguemos o anzol e pesquemos. Procuremos as verdadeiras versões da lenda, arranquemos o revestimento e o forro, batamos no cofre para procurar o fundo falso. E o que acontecerá se ele não existir? Com todo o respeito, Nimue, mas não somos as primeiras a pescar aqui. Quais são as chances de um detalhe ou qualquer pormenor ter escapado à atenção de bandos de pesquisadores que pescaram antes de nós? Ou chances de nos terem deixado pelo menos um peixe?

– Deixaram – Nimue constatou, convencida, penteando o cabelo molhado. – Rebocaram com confabulações e palavras bonitas aquilo que eles próprios não sabiam. Ou encobriram com o silêncio.

– Por exemplo?

– Para não procurar muito longe, a estadia invernal do bruxo em Toussaint. Todas as versões da lenda resumem esse episódio em uma frase: “Os heróis passaram o inverno em Toussaint.” Até Jaskier, que dedicou dois capítulos a suas aventuras nesse principado, é surpreendentemente enigmático quanto ao bruxo. Será que não valeria a pena saber o que aconteceu naquele inverno, depois da

fuga de Belhaven e do encontro com o elfo Avallac'h no complexo subterrâneo Tir ná Béa Arainne? Após a escaramuça em Caed Myrkvid e a aventura com os druidas? O que fazia o bruxo em Toussaint entre outubro e janeiro?

– O que fazia? Invernava! – a noviça bufou. – Não podia atravessar o passo antes do degelo, então ficou invernando e entediando-se. Não é de estranhar que os autores posteriores resumiam esse fragmento chato a uma lacônica constatação: "Passou o inverno." Mas, se for necessário, tentarei sonhar com algo. Temos algumas pinturas ou desenhos?

Nimue sorriu.

– Temos até um desenho sobre outro desenho.

•

O afresco rupestre apresentava uma cena de caça. Umas magras figurinhas humanas, munidas de arcos e lanças, desenhadas com movimentos pouco cuidadosos de um pincel, corriam aos pulos selvagens, atrás de um enorme bisão roxo. O flanco do bisão era listrado à semelhança de um tigre e sobre seus chifres retorcidos em forma de lira pairava algo que parecia uma libélula.

– Esta é – Regis acenou com a cabeça – a tal obra. Pintada pelo elfo Avallac'h. Um elfo que era muito sábio.

– Sim – Geralt confirmou secamente. – É exatamente aquela pintura.

– Mas o problema é que nas cavernas, que penetramos de forma tão detalhada, não há nenhum vestígio, nem de elfos nem sequer de outras criaturas por você mencionadas.

– Estavam aqui. Esconderam-se agora, ou mudaram-se para outro lugar.

– É um fato inegável. Não se esqueça de que lhe concederam audiência só por causa da intercessão da flamínica. Pelo visto, chegaram à conclusão de que uma audiência era suficiente. Depois de a flamínica categoricamente se recusar a cooperar, realmente não sei o que você ainda pode fazer. Estamos vagando por essas cavernas o dia inteiro. Não consigo me livrar da sensação que isso não tem o menor sentido.

– Eu também – o bruxo falou com amargura – não consigo me livrar da mesma sensação. Nunca entenderei os elfos. Mas, pelo menos, sei por que a maioria dos humanos não gosta deles. Já que é difícil não ter a sensação de que eles debocham de nós. Em tudo o que fazem, dizem, pensam, os elfos debocham de nós, zombam. Escarnecem.

– O antropomorfismo está falando por você.

– Talvez um pouco. Mas a sensação fica.

– O que vamos fazer?

– Voltaremos a Caed Myrkvid, a Cahir, cuja cabeça escalpada provavelmente já foi tratada pelos druidas. Depois, montaremos os cavalos e aproveitaremos o convite da duquesa Anna Henrietta. Não faça caras, vampiro. Milva está com as costelas quebradas; Cahir, com a cabeça machucada. Um pouco de descanso em Toussaint fará bem aos dois. Precisamos, também, salvar Jaskier do rolo em que se meteu, pois parece que se enrolou bem.

– Fazer o quê – Regis suspirou. – Que seja assim, então. Precisarei ficar longe dos espelhos e dos cães, ter cuidado com feiticeiros e telepatas… E, mesmo que descubram quem eu sou, conto com você.

– Pode deixar – Geralt respondeu com seriedade. – Não o deixarei na mão, companheiro.

O vampiro abriu um largo sorriso deixando todos os caninos à mostra, mas só porque estavam a sós.

– Companheiro?

– O antropomorfismo está falando por mim. Ande, precisamos sair destas cavernas, companheiro. Aqui você pode achar apenas o reumatismo.

– Apenas. Só se… Geralt? Tir ná Béa Arainne, a necrópole élfica, de acordo com aquilo que você viu, fica atrás da pintura rupestre, exatamente atrás dessa parede… Poderíamos entrar lá se… Sabe. Se a gente a derrubasse. Você não cogitou isso?

– Não. Não cogitei.

•

O Rei Pescador teve sorte outra vez, por isso comeram trutas defumadas no jantar. Os peixes estavam tão saborosos que os estudos foram por água abaixo. Mais uma vez, Condwiramurs exagerou na hora de comer.

•

Condwiramurs soltou um arroto com cheiro de truta defumada. “Está na hora de dormir”, pensou, dando-se conta, pela segunda vez, de que havia virado a página do livro maquinalmente, sem registrar o conteúdo. “Está na hora de dormir.”

Bocejou, pôs o livro de lado. Espalhou os travesseiros, trocando sua posição de leitura para descanso. Desligou a lamparina com um feitiço. Num instante, a câmara foi tomada por uma impenetrável escuridão, densa que nem melaço. As

pesadas cortinas de veludo estavam hermeticamente fechadas – a noviça aprendera já há muito tempo que se sonhava melhor na completa escuridão. "O que escolher", pensou, espreguiçando-se e remexendo-se nos lençóis. "Jogar-me num devaneio onírico ou tentar ancorar-me?"

Contra as declarações presunçosas, as brizomantes não se lembravam nem sequer da metade de seus sonhos proféticos, a maior parte deles permanecia em sua memória como caóticas imagens que mudavam de cor e forma feito caleidoscópio, um brinquedo infantil de espelhos e vidros. Menos mal se as imagens eram desprovidas de qualquer ordem ou qualquer significado aparente. Nesse caso, podia-se tranquilamente passar por alto e seguir a ordem do dia. Simplesmente deste jeito: "Não me lembro, isto é, não vale a pena lembrar." Na gíria das brizomantes, esse tipo de sonho era chamado de "sucata".

No entanto, os "fantasmas" – sonhos dos quais as brizomantes se lembravam apenas de forma fragmentada, só de pedaços de significados – constituíam um assunto pior e um pouco vergonhoso. Eram sonhos depois dos quais, de manhã, ficava apenas um sentimento pouco claro de um sinal captado. Se o "fantasma" se repetisse várias vezes, podia-se ter a certeza de que se tratava de um sonho de um grande valor onírico. Nesse caso, a brizomante tentava, pela concentração e autossugestão, forçar-se a sonhar outra vez, agora detalhadamente, um "fantasma" concreto. Os melhores resultados podiam ser alcançados por meio do método de se forçar a sonhar de novo logo depois de acordar – a técnica era conhecida como "enganchamento". Se não conseguisse "enganchar" o sonho, restava tomar a atitude de incitar a visão onírica durante uma das sessões seguintes, mediante o exercício de concentração e meditação, executado antes de adormecer. Esse tipo de programação de sonhos chamava-se "ancoragem".

Após doze noites passadas na ilha, Condwiramurs já tinha três listas, três conjuntos de sonhos. Havia uma lista de sucessos dignos de orgulho – uma lista de "fantasmas" que a brizomante "enganchou" ou "ancorou" com êxito. Entre eles havia sonhos sobre a rebelião na ilha de Thanedd e a viagem do bruxo e de sua companhia pelas nevascas no passo Malheur, por aguaceiros primaveris e estradas barrentas no vale Sudduth. Havia também uma lista de fracassos – sonhos cujo significado continuava encoberto, apesar dos esforços feitos. No entanto, a noviça escondia esse fato de Nimue. E havia, enfim, uma lista de trabalho – a lista de sonhos que esperavam sua vez.

Havia um sonho estranho, mas muito agradável, que voltava em fragmentos e sequências, em sons inalcançáveis e num toque de veludo.

Um sonho prazeroso e doce.

“Muito bem”, Condwiramurs pensou, fechando os olhos. “Que seja.”

•

– Acho que sei o que o bruxo fazia enquanto invernava em Toussaint.

– É mesmo? – Nimue olhou por cima dos óculos e do grimório revestido em couro que folheava. – Então você conseguiu sonhar com algo?

– Consegui! – Condwiramurs disse, gabando-se. – Sonhei! Sonhei com Geralt e uma mulher de negros cabelos curtos e olhos verdes. Não sei quem podia ser. Talvez aquela duquesa sobre a qual Jaskier escreveu em suas memórias?

– Você deve ter prestado pouca atenção enquanto lia – a feiticeira acalmou-a um pouco. – Jaskier descreve a duquesa Anarietta detalhadamente, e outras fontes confirmam que, cito: seus cabelos eram castanhos, brilhosos, feito uma auréola adornada de ouro.

– Então não era ela – a noviça concordou. – Essa mulher tinha cabelo negro. Como carvão. E o sonho foi… Hmmm… Interessante.

– Sou toda ouvidos.

– Conversavam. Mas não era uma simples conversa.

– O que havia de extraordinário nela?

– Durante a maior parte do tempo ela apoiava as pernas em seus ombros.

•

– Diga-me, Geralt, você acredita em amor à primeira vista?

– E você acredita?

– Acredito.

– Agora já sei o que nos uniu. Os opostos se atraem.

– Não seja cínico.

– Por quê? Dizem que o cinismo é um sinal de inteligência.

– Não é verdade. O cinismo, com todo seu ar de pseudointeligência, é extremamente falso. Eu detesto qualquer tipo de falsidade. E já que tocamos no assunto… Diga-me, bruxo, o que você mais ama em mim?

– Isto.

– Está passando de cínico a trivial e banal. Tente outra vez.

– O que mais amo em você é sua razão, inteligência e seu espírito profundo. Sua independência e liberdade, sua…

– Não entendo de onde vem tanto sarcasmo em você.

– Não era sarcasmo, era para ser uma piada.

– Detesto esse tipo de piadas. Especialmente quando são contadas na hora errada. Tudo, meu caro, tem seu tempo e há uma hora determinada para todos os assuntos neste mundo. Existe o tempo de se calar e o de falar, o tempo de chorar e o de sorrir, o tempo de fornicar – perdão –, o de plantar e o de colher, o tempo de rir e o tempo de manter a seriedade…

– E o tempo de carícias, e o tempo de se abster delas?

– Não leve isso tão a sério, hein! Digamos que agora é a hora de elogios. Amar sem fazer elogios é, para mim, apenas um ato fisiológico e a fisiologia é insípida. Elogie-me!

– Ninguém, desde o Jaruga até o Buina, tem uma bunda tão bela quanto a sua.

– Poxa, agora, para variar, você me comparou a alguns bárbaros rios do Norte. Sem mencionar a qualidade da metáfora, você não poderia ter dito: desde o Alba até o Velda? Ou: desde o Alba até Sansretour?

– Nunca consegui chegar às margens do Alba. Procuro evitar julgamentos que não se baseiam em uma experiência real.

– É mesmo, hein? Já que estamos falando de bundas, então suponho que você deve ter visto, e tido, uma ampla experiência no assunto, para poder julgar. E aí, Cabelos-Brancos? Quantas mulheres você teve antes de mim? Hein? Eu lhe fiz uma pergunta, bruxo! Não, não, me deixe, tire as mãos, desse jeito você não vai fugir da resposta. Quantas mulheres você teve antes de mim?

– Nenhuma. Você é a primeira.

– Finalmente!

•

Nimue contemplava, há um longo momento, uma pintura que mostrava, num sutil *chiaroscuro*, dez mulheres sentadas em volta de uma mesa redonda.

– Que pena – finalmente falou – que não sabemos como elas eram de verdade.

– As grandes mestras? – Condwiramurs bufou. – Há muitos retratos delas! Só em Aretusa…

– Eu falei *de verdade* – Nimue interrompeu. – Não estava falando sobre representações embelezadas, pintadas à base de outras representações embelezadas. Não se esqueça do fato de que houve um tempo em que se destruíam os retratos de feiticeiras. Inclusive, as próprias feiticeiras. E depois houve um tempo de propaganda quando as mestras tinham de despertar respeito, admiração e um pio temor. É dessa época que datam todas as Reuniões da Loja, Conjurações e Conventos, telas e gravuras que apresentam uma mesa com dez

maravilhosas, excepcionalmente belas mulheres em sua volta. Mas não há retratos verdadeiros, autênticos. Salvo duas exceções. Há um retrato autêntico de Margarita Laux-Antille em Aretusa, na ilha de Thanedd, que se salvou milagrosamente de um incêndio. E existe também um retrato autêntico de Sheala de Tancarville, no Ensenada, em Lan Exeter.

– E o retrato de Francesca Findabair, pintado por elfos, na Pinacoteca de Vengerberg?

– É uma falsificação. Quando abriram a porta e os elfos começaram a ir embora, levavam consigo ou destruíam todas as obras de arte, não deixaram nenhuma pintura. Não sabemos se a Margarida dos Vales era realmente tão bela como diz a lenda. Não sabemos nada a respeito da beleza de Ida Emean. E, já que em Nilfgaard os retratos das feiticeiras eram destruídos com muito empenho e minúcia, não temos a menor ideia sobre a verdadeira aparência de Assire var Anahid ou Fringilla Vigo.

– No entanto, suponhamos e aceitemos que – Condwiramurs suspirou – a aparência de todas elas correspondia à forma como posteriormente foram retratadas. Dignas, altivas, bondosas e sábias, prudentes, justas e nobres. E belas, extremamente belas… Concordemos com isso. Assim, será mais fácil viver.

•

As atividades quotidianas em Inis Vitre adquiriram características de uma rotina um tanto monótona. A análise dos sonhos de Condwiramurs, que começava logo após o café da manhã, normalmente se estendia até o meio-dia. A noviça passava o tempo entre o meio-dia e o almoço fazendo passeios, que logo também se tornaram rotineiros e monótonos. Não era de estranhar, já que na ilha, durante uma hora, podiam-se dar duas voltas e contemplar coisas tão interessantes como granito, pinheiro anão, cascalho, mexilhões, água e gaivotas.

Depois do almoço, após uma longa sesta, começavam a conversar, folhear os livros, pergaminhos e manuscritos, contemplar quadros, gravuras e mapas. E seguiam noite adentro com longas disputas sobre as ligações entre a lenda e a verdade…

Depois, havia noites e sonhos. Uma variedade de sonhos. O celibato surgia à tona. Em vez de sonhar com os mistérios da lenda do bruxo, Condwiramurs sonhava com o Rei Pescador em diversas situações, desde extremamente não eróticas, até extremamente eróticas. Num sonho extremamente não erótico, o Rei Pescador arrastava-a atrelada a uma linha atrás do barco. Remava devagar, preguiçosamente, e ela submergia nas águas do lago, afogava e asfixiava-se, e

sobretudo sentia um terrível temor – como se algo horrível se desprendesse do fundo do lago e se dirigisse até a superfície com o intuito de engolir a isca arrastada atrás do barco, que era ela. Essa criatura já estava prestes a apanhá-la, mas aí o Rei Pescador começava a forçar mais os remos, tirando-a do alcance das mandíbulas de um predador invisível. Arrastada, engasgava-se com a água e acordava.

No sonho indubitavelmente erótico estava ajoelhada no fundo de um barco agitado pela água, arqueada sobre o bordo, enquanto o Rei Pescador a segurava pela nuca carcando-a com entusiasmo, grunhindo, pigarreando e cuspindo. Além do prazer físico, Condwiramurs sentia um pavor de retorcer as entranhas – o que acontecerá se Nimue os pegar? Repentinamente, nas águas do lago via uma imagem feroz e oscilante da pequena feiticeira… e acordava encharcada de suor.

Levantava-se, então, abria a janela, inspirava fundo o ar noturno, sentia na pele o luar e a bruma que vinha do lago.

E continuava sonhando.

•

A Torre Inis Vitre tinha um terraço apoiado em colunas, suspenso sobre o lago. Inicialmente, Condwiramurs não prestava atenção a esse fato, mas depois começou a refletir acerca dele. O terraço era estranho, pois absolutamente inacessível. Não havia acesso a ele a partir de nenhum dos aposentos na torre de cuja existência sabia.

Mas Condwiramurs não fazia perguntas, consciente do fato de que nas sedes de feiticeiras não podia faltar esse tipo de anomalias secretas, mesmo quando passeava à beira do lago e via Nimue lá, observando-a desse terraço. Inacessível, ao que parecia, só para as pessoas não autorizadas e para os profanos.

Um pouco aborrecida por ser considerada profana, obstinou-se, fingindo que não havia acontecido nada. Contudo, isso não durou muito tempo, pois logo o mistério foi desvendado.

Isso aconteceu depois de ter tido uma série de sonhos instigados pelas aquarelas de Wilma Wessely. Obviamente fascinada por esse fragmento da lenda, a pintora dedicou todas as suas obras a Ciri na Torre da Andorinha.

– Tenho sonhos estranhos depois de ver esses desenhos – a noviça queixou-se na manhã seguinte. – Sonho com… imagens. Sempre as mesmas imagens. Não são situações nem cenas, apenas imagens. Ciri nas ameias da torre… Uma imagem fixa.

– E mais nada? Nenhuma outra sensação além da visual?

Nimue sabia, obviamente, que uma brizomante tão talentosa como Condwiramurs sonhava com todos os sentidos – percebia os sonhos não apenas visualmente, como a maioria das pessoas, mas também com a audição, o tato e o olfato – e, inclusive, com o gosto.

– Nada – Condwiramurs balançou a cabeça num gesto de negação. – Apenas…

– O quê?

– Um pensamento. Um pensamento insistente. Que à beira desse lago, nessa torre não sou uma senhora, mas uma prisioneira.

– Venha comigo.

De acordo com o que Condwiramurs pensara, havia acesso ao terraço apenas a partir dos aposentos privados da feiticeira – limpíssimos, arrumados de forma pedantesca, que cheiravam a sândalo, mirra, alfazema e naftalina. Era necessário usar umas pequenas portas secretas e escadas em espiral que levavam para baixo. Só então é que se entrava aonde era preciso.

As paredes da câmara, ao contrário das outras câmaras, não eram revestidas de madeira nem de tapeçaria, apenas pintadas de branco. Por isso, o aposento era muito claro. Aliás, era ainda mais claro por causa de uma enorme janela em tríptico, ou até uma porta de vidro que levava diretamente ao terraço suspenso sobre o lago.

Os únicos móveis na câmara eram duas poltronas, um gigantesco espelho com uma oval moldura de mogno e um tipo de suporte com uma transversal viga horizontal em que pendia um gobelim cujo tamanho era de aproximadamente cinco pés por sete, e que com sua franja alcançava o chão.

O gobelim mostrava o precipício de uma rocha sobre um lago serrano. E um castelo encravado no precipício que parecia fazer parte da parede rochosa. Um castelo que Condwiramurs conhecia bem. De inúmeras ilustrações.

– A cidadela de Vilgefortz, o local onde Yennefer ficou presa. O lugar onde terminou a lenda.

– Exatamente – Nimue concordou com uma aparente indiferença. – Foi lá onde a lenda terminou, pelo menos em suas divulgadas versões. Conhecemos precisamente essa versão, por isso nos parece que conhecemos o desfecho. Ciri fugiu da Torre da Andorinha, onde, como você havia sonhado, ficou presa. Fugiu quando se deu conta daquilo que queriam fazer com ela. A lenda apresenta várias versões dessa fuga…

– Eu gosto mais – interrompeu Condwiramurs – daquela com os objetos jogados para trás. Um pente, uma maçã e um lenço. Mas…

– Condwiramurs.

– Desculpe.

– Como já disse: há várias versões da fuga. Mas ainda não está claro como Ciri foi diretamente da Torre da Andorinha para o castelo de Vilgefortz. Você não consegue sonhar com a Torre da Andorinha? Tente sonhar com o castelo. Olhe bem para este gobelim… Você está me ouvindo?

– Esse espelho… É mágico, não é?

– Não. Apenas espremo espinhas na frente dele.

– Desculpe.

– É o Espelho de Hartmann – Nimue esclareceu, vendo o nariz franzido e a cara acirrada da noviça. – Pode olhar se quiser. Mas, por favor, tenha cuidado.

– É verdade – Condwiramurs perguntou com a voz trêmula de excitação – que através de Hartmann se pode passar a outros…

– Mundos? Claro. Mas não na primeira tentativa, sem se preparar, meditar, concentrar e fazer um monte de outras coisas. Quando lhe pedi para ter cuidado, pensei em outra coisa.

– Em quê?

– Isso funciona para os dois lados. Algo sempre pode sair de um Hartmann.

•

– Sabe, Nimue… Quando olho para esse gobelim…

– Sonhou?

– Sonhei. Mas foi um sonho estranho. Uma visão aérea. Era um pássaro… Vi esse castelo por fora. Não consegui entrar lá. Algo bloqueava o acesso.

– Olhe para o gobelim – Nimue ordenou. – Observe a cidadela. Olhe bem para ela, preste atenção a cada detalhe. Concentre-se bastante, guarde bem essa imagem em sua memória. Quero que entre lá em seu sonho. É importante que você entre lá.

•

Do lado de fora, além dos muros do castelo, decerto havia um verdadeiro, diabólico vendaval, pois na lareira o fogo rumorejava, devorando a lenha às pressas. Yennefer desfrutava do calor. Sua atual prisão era incomparavelmente muito mais quente do que o úmido calabouço em que passou por volta de dois

meses, mas mesmo assim não conseguia parar de bater os dentes. No calabouço perdeu completamente a noção do tempo. Depois, tampouco se apressavam para informá-la sobre datas, mas tinha a certeza de que era inverno, o mês de dezembro, ou até janeiro.

– Coma, Yennefer – disse Vilgefortz. – Coma, por favor. Não fique constrangida.

A feiticeira nem cogitou ficar constrangida. Se desossava o frango demasiado devagar ou desajeitadamente, era só porque seus dedos mal cicatrizados ainda estavam rijos e inábeis, era difícil segurar neles o garfo e a faca. Contudo, não queria comer com as mãos, pois desejava se mostrar superior a Vilgefortz e aos restantes comensais, os convidados do feiticeiro. Não conhecia nenhum deles.

– Com uma verdadeira lástima tenho de lhe informar – disse Vilgefortz, acariciando o pé da taça – que Ciri, sua protegida, despediu-se deste mundo. A culpa disso pode ser somente sua, Yennefer, e de sua inútil obstinação.

Um dos convidados, um homem de baixa estatura e de cabelos escuros, espirrou com força e assoou o nariz num lenço de cambraia. Seu nariz estava inchado, vermelho e, pelo visto, completamente entupido.

– Saúde! – disse Yennefer, que fez pouco-caso das agourentas palavras de Vilgefortz. – Onde é que pegou um resfriado tão forte, caro senhor? Pegou friagem depois do banho?

O segundo convidado, mais velho, enorme, magro, de olhos repugnantemente pálidos, gargalhou de súbito. No entanto, o homem resfriado, embora seu rosto se contraísse de raiva, agradeceu à feiticeira, curvando-se diante dela e soltando uma curta frase encatarrada. Suficientemente longa para detectar o sotaque nilfgaardiano.

Vilgefortz virou o rosto em sua direção. Não usava mais o andaime de ouro na cabeça nem a lente de cristal na órbita, mas estava com um aspecto mais asqueroso que antes, no verão, quando o viu mutilado pela primeira vez. O regenerado olho esquerdo já funcionava, mas era muito menor que o olho direito. A visão era assustadora.

– Você, Yennefer – falou devagar –, deve achar que minto, que tento prendê-la e aliciá-la. Para que faria isso? Fiquei tão comovido com a notícia da morte de Ciri quanto você. Poxa, até mais do que você, já que nutria esperanças muito concretas com a garota. Fazia planos que decidiriam sobre meu futuro. Agora ela está morta, e meu futuro foi por água abaixo.

– Que bom. – Yennefer, que com dificuldade segurava a faca nos rijos dedos, cortava o lombo recheado com ameixas.

– Já você – o feiticeiro continuou, sem prestar atenção ao comentário – estava ligada a Ciri por meio de um sentimentalismo irracional, provocado igualmente por um sentimento de culpa e tristeza, causados por sua própria infertilidade. Sim, sim, Yennefer, sentimento de culpa! Foi você que participou ativamente do procedimento de acasalamento de pares e da criação, graças à qual a pequena Ciri foi concebida. E você transferiu os sentimentos para o fruto da experiência genética, aliás, malsucedida, já que os experimentadores não tinham o conhecimento suficiente.

Yennefer fez um brinde silencioso com a taça, rezando no fundo da alma para que não a soltasse de seus dedos. Aos poucos chegava à conclusão de que ao menos dois deles ficariam rijos por bastante tempo. Talvez para sempre.

Vilgefortz irritou-se com seu gesto.

– Agora já é tarde, já era – falou com os dentes cerrados. – Saiba, contudo, Yennefer, que eu possuía o conhecimento suficiente. Faria uso dele se eu tivesse posse da menina. Lamente, de verdade, pois poderia ter corroborado esse seu mutilado substituto de instinto maternal. Embora seja seca e estéril como uma pedra, poderia ter tido, graças a mim, não apenas uma filha, mas inclusive uma neta. Ou, pelo menos, uma substituta de neta.

Yennefer bufou com desdém, embora por dentro estivesse fervendo de raiva.

– Fico muito triste de estragar seu bom humor, minha querida – o feiticeiro falou com frieza. – Pois deve ficar desolada com a notícia de que o bruxo Geralt de Rívia também está morto. Isso mesmo, aquele mesmo bruxo com quem, assim como com Ciri, estava ligada por um substituto de sentimento – engraçado, insensato e tão doce que chegava a ser enjoativo. Saiba, Yennefer, que nosso caro bruxo despediu-se deste mundo de uma forma verdadeiramente fogosa e espetacular. Contudo, não precisa se sentir culpada por isso. Você não contribuiu, de maneira alguma, para sua morte. Toda a confusão foi provocada por mim. Prove as peras marinadas, são excepcionalmente deliciosas.

Os olhos cor de violeta de Yennefer reluziram com um ódio frio. Vilgefortz riu.

– Prefiro-a assim – disse. – De verdade, se não fosse pelas pulseiras de dvimerito, você me queimaria até me transformar em cinzas. Mas o dvimerito funciona, então você pode me queimar apenas com o olhar.

O homem resfriado espirrou, assoou o nariz e começou a tossir com tanta força que lágrimas correram em seu rosto. O alto observava a feiticeira com seu desagradável olhar de peixe morto.

– E onde está seu Rience? – Yennefer perguntou, estendendo as palavras. – O seu Rience que me prometeu tanto, contou tanto o que ia fazer comigo. Onde está o seu Schirrú que nunca perdeu a oportunidade de me empurrar ou chutar? Por que os guardas, até há pouco rudes e brutais, começaram a demonstrar um respeito acanhado? Não, Vilgefortz, não precisa me responder. Eu sei. Aquilo que você falou é uma grande enganação. Ciri lhe escapou e Geralt também, por acaso, preparou uma carnificina para seus facínoras. E o que vai fazer agora? Os planos foram por água abaixo, viraram pó, você próprio o admitiu, os sonhos sobre o poder se dissiparam como fumaça. E os feiticeiros e Dijkstra estão rastreando-o, chegando cada vez mais perto. Não foi por acaso, nem por piedade, que você parou de me torturar e forçar a escanear. E o imperador Emhyr está apertando a rede e deve estar muito, mas muito zangado. *Ess a tearth, me tiarn? A'pleine a cales, ellea?*

– Falo a língua comum – disse o convidado resfriado, aguentando seu olhar. – E chamo-me Stefan Skellen. E certamente não estou encagaçado. Ora, ainda acho que estou numa situação muito mais favorável que a senhora, Yennefer.

O discurso cansou-o, recomeçou a tossir e assoou o nariz no encharcado lenço de cambraia. Vilgefortz bateu a mão contra o tampo da mesa.

– Chega dessa brincadeira – disse, virando, de forma grotesca, sua miniatura de olho. – Saiba, Yennefer, que não preciso mais de você. Na verdade, deveria mandar colocá-la num saco e afogar no lago, mas não gosto de recorrer a esse tipo de recursos. Você permanecerá isolada até que as circunstâncias me deixem ou obriguem a tomar outra decisão. Aviso, porém, que não permitirei que você me cause problemas. Se decidir fazer greve de fome, saiba que não perderei tempo, como em outubro, para alimentá-la por meio de um cano. Simplesmente deixarei que você morra de fome. E, se tentar fugir, as ordens dadas aos guardas são claras. E agora está dispensada. Se, naturalmente, já satisfez…

– Não. – Yennefer levantou-se e jogou o guardanapo com ímpeto na mesa. – Podia comer mais um pouco, mas a companhia tirou meu apetite. Adeus, senhores.

Stefan Skellen espirrou e começou a tossir. O de olhos pálidos fitava-a com um olhar agourento, sorrindo asquerosamente. Vilgefortz olhava para o lado.

Como sempre, quando vinha da prisão ou ia para a prisão, Yennefer tentava orientar-se onde estava, conseguir, pelo menos, um pingo de informações que poderiam ajudá-la a planejar sua fuga. E sempre ficava decepcionada. O castelo não tinha janelas pelas quais poderia ver o terreno que o rodeava ou, ao menos, o sol para tentar determinar os pontos cardeais. A telepatia era impossível, pois

duas pesadas pulseiras e uma gargalheira de dvimerito impediam efetivamente qualquer tentativa de uso da magia.

A câmara em que estava presa era fria e severa como a cela de um eremita. Contudo, Yennefer lembrou-se do auspicioso dia quando foi transferida para cá da masmorra. Do calabouço, em cujo fundo havia sempre uma fétida poça d'água e em cujas paredes brotavam salitre e sal. Do calabouço, onde foi alimentada com restos de comida que as ratazanas facilmente arrancavam de seus dedos feridos. Foi então que, após cerca de dois meses, soltaram as algemas que a prendiam e a tiraram de lá, deixaram-na trocar de roupa e tomar banho. Yennefer não conseguia conter a felicidade. A pequena câmara para a qual foi transferida parecia um aposento real, e a sopa rala que lhe trouxeram para comer, feita de ninhos das andorinhas, digna da mesa imperial. Claro, após algum tempo a sopa acabou sendo apenas uma lavagem, a cama dura era dura mesmo e a prisão era uma prisão. Uma prisão fria, apertada, na qual depois de dar quatro passos se deparava com a parede.

Yennefer xingou, suspirou, sentou-se no banco que, além do catre, era o único móvel do qual dispunha.

Entrou com tal silêncio que mal o ouviu.

– Sou Bonhart – disse. – Seria bom que você se lembrasse desse nome, bruxa. Que você o guardasse na memória.

– Vá se foder, babaca.

– Sou – rangeu – um caçador de recompensas. Sim, sim, ouça bem, bruxa. Em setembro, há três meses, em Ebbing, cacei sua bastarda. Essa tal de Ciri da qual vocês falam tanto aqui.

Yennefer ficou atenta. "Setembro. Ebbing. Caçou. Mas ela não está aqui. Talvez esteja mentindo?"

– A bruxa de cabelos cinzentos treinada em Kaer Morhen. Ordenei que lutasse na arena, matasse gente ao acompanhamento de gritos da plateia. Aos poucos, transformava-a numa besta. Treinava-a para esse papel com um azorrague, com o punho e com o salto de sapato. Demorei a treiná-la. Mas ela conseguiu fugir de mim, essa víbora de olhos verdes.

Yennefer respirou despercebidamente.

– Fugiu para o além. Mas um dia ainda nos encontraremos. Tenho certeza de que ainda nos encontraremos. Sim, bruxa. E só me arrependo de uma coisa: que esse bruxo, seu amante, esse tal de Geralt, morreu assado no fogo. Queria que ele tivesse a oportunidade de saborear minha lâmina, essa maldita aberração.

Yennefer bufou.

– Ouça bem, Bonhart, ou seja qual for seu nome. Não me faça rir. Você nem chega aos pés do bruxo. Nem sequer se pode igualar a ele. Em nenhuma modalidade. E, como você próprio admitiu, é apenas um canalha e caçador de cães. Bom apenas para caçar cachorrinhos. Cachorrinhos bem pequenininhos.

– Olhe aqui, bruxa.

Abriu o gibão e a camisa num movimento brusco e tirou, entrelaçando as correntes, três medalhões de prata. Um tinha o formato da cabeça de um gato; o segundo, de uma águia ou um grifo. Não conseguiu ver bem o terceiro, mas parecia ser um lobo.

– As feiras – bufou novamente, aparentando indiferença – estão cheias desse tipo de coisas.

– Estas não são de feira.

– É mesmo?

– Antigamente – sibilou Bonhart – as pessoas decentes tinham mais medo dos bruxos do que dos próprios monstros. Os monstros ficavam, de qualquer modo, nas florestas e no mato. Quanto aos bruxos, esses se atreviam a passear pelas ruas, entrar nas tabernas, rondar os templos, as repartições públicas, escolas e parquinhos para crianças. Os decentes, com razão, achavam isso um absurdo. Procuraram, então, alguém que pudesse acabar com a insolência dos bruxos. E acharam alguém que cumprisse a tarefa. Não foi fácil, tiveram de procurar longe, demorou, mas acharam. Como você pode ver, acabei com três. Nenhum mutante apareceu mais por lá irritando os cidadãos decentes com sua aparência. E, se aparecesse, eu acabaria com ele do mesmo jeito que fiz com os outros três.

– Enquanto dormiam? – Yennefer franziu o cenho. – Com uma besta, de trás da quina? Ou talvez administrando um veneno?

Bonhart escondeu os medalhões por baixo da camisa e deu dois passos, aproximando-se dela.

– Você me irrita, bruxa.

– Foi esse o meu intuito.

– É mesmo? Então, eu lhe mostrarei, cachorra, que posso competir com seu amante bruxo em todas as modalidades. Ora, sou até melhor que ele.

Os guardas que estavam à porta deram um salto depois de ouvir um estrondo, seguido por pancadas, estalidos, gritos e uivos. E, se os guardas tivessem ouvido alguma vez na vida o urro de uma pantera apanhada numa armadilha, jurariam que na cela havia precisamente uma.

Depois, ouviram um tremendo rugir, como o de um leão ferido. Também nunca haviam escutado um leão na vida, viram-no apenas nos escudos dos

brasões. Entreolharam-se. Acenaram com a cabeça. E em seguida entraram, com ímpeto, na cela.

Yennefer estava sentada no canto do cômodo, por entre os restos do catre. Seus cabelos estavam desarrumados, o vestido rasgado de cima para baixo, seus pequenos seios de menina levantavam-se agitados ao ritmo da respiração ofegante. Sangue corria de seu nariz, seu rosto inchava rapidamente, apareciam arranhões de unhas no ombro direito.

Bonhart estava sentado na outra ponta da câmara por entre os destroços do banco, segurando a virilha com ambas as mãos. Sangue também corria de seu nariz tingindo seu bigode branco de um intenso carmesim. Seu rosto estava cortado com arranhões cruentos. Os dedos recém-sarados de Yennefer constituíam uma arma fraca, mas os cadeados das pulseiras de dvimerito tinham bordas excepcionalmente bem afiadas.

Na bochecha inchada de Bonhart, exatamente no osso zigomático, estava enfiado profundamente com os dois dentes um garfo que Yennefer conseguiu levar da mesa no jantar.

– Apenas cachorrinhos, seu caçador de cães – a feiticeira disse arfando, tentando cobrir os seios com os farrapos do vestido. – E fique longe das cadelas. É demasiado fraco para elas, seu pentelho.

Não podia se perdoar o fato de não ter conseguido almejar onde planejara – no olho. Mas o alvo estava em movimento, e, além disso, ninguém era perfeito.

Bonhart urrou, levantou-se, arrancou o garfo, uivou e cambaleou de dor. Xingou asquerosamente.

Enquanto isso, mais dois guardas chegaram à cela.

– Vocês, hein! – Bonhart urrou, limpando o sangue do rosto. – Venham cá! Coloquem esta puta aqui no meio do chão, com as mãos e pernas abertas e segurem-na!

Os guardas entreolharam-se e depois olharam para o teto.

– É melhor o senhor ir embora daqui – disse um. – Não vamos nem abrir nem segurar ninguém. Isso não faz parte de nossas obrigações.

– Além disso – outro murmurou –, não pretendemos acabar como Rience ou Schirrú.

•

Condwiramurs colocou, por cima do maço de papel, a gravura com a imagem de uma cela de prisão em que havia uma mulher sentada com a cabeça inclinada, algemada, presa a uma parede de pedra.

– Ela ficou presa – murmurou – enquanto o bruxo se divertia em Toussaint com uma morena.

– Você o condena? – Nimue perguntou bruscamente. – Praticamente sem saber nada?

– Não, não o condeno, mas…

– Não existe o mas. Por favor, fique calada.

Ficaram sentadas em silêncio durante algum tempo, olhando gravuras e aquarelas.

– Todas as versões da lenda – Condwiramurs apontou para uma das gravuras – indicam como o lugar do desfecho, final, da derradeira batalha do Bem contra o Mal, ou até o Armagedom, o castelo de Rhys-Rhun. Todas as versões. Salvo uma.

– Salvo uma – Nimue acenou com a cabeça. – Salvo uma versão anônima, pouco popular, conhecida como o Livro Negro de Ellander.

– O Livro Negro conta que o final da lenda se deu na cidadela Stygga.

– Exatamente. O Livro de Ellander fala também sobre outros assuntos, canônicos para a lenda, de um modo que difere da versão oficial.

– Interessante. – Condwiramurs ergueu a cabeça. – Qual dos dois castelos está apresentado nas ilustrações? Qual foi tecido em seu gobelim? Qual das imagens é a verdadeira?

– Nunca saberemos. O castelo que testemunhou o fim da lenda não existe. Foi destruído, não sobrou nada dele. Todas as versões concordam quanto a esse fato, até a versão dada pelo Livro de Ellander. Nenhum dos locais providenciados pelas fontes é convincente. Não sabemos e nunca saberemos como era esse castelo e onde estava localizado.

– Mas a verdade…

– Para a verdade – Nimue interrompeu bruscamente – isso não tem a menor importância. Não se esqueça de que nem conhecemos a verdadeira aparência de Ciri. Mas aqui, ó, é ela, nesta gravura feita por Wilma Wessely, durante uma conversa tempestuosa com o elfo Avallac'h com o fundo composto por estatuetas de crianças macabras. É Ciri. Não há dúvidas quanto a isso.

– Mas – Condwiramurs, desafiante, não se dava por vencida – seu gobelim…

– Mostra o castelo onde ocorreu o desfecho da lenda.

Ficaram num longo silêncio. Farfalhavam os cartões versados.

– Não gosto – Condwiramurs falou – da versão da lenda do Livro Negro. É tão… Tão…

– Desagradavelmente verdadeira – Nimue finalizou, balançando a cabeça.

•

Condwiramurs bocejou e fechou a edição com aditamento e posfácio da autoria do professor Everett Denhoff Júnior de *Meio século de poesia*. Espalhou os travesseiros, alterando a configuração de leitura para a de descanso. Bocejou, espreguiçou-se e apagou a lamparina. A escuridão encheu a câmara, iluminada apenas com os raios do luar que penetravam as frestas nas cortinas. "O que escolher para esta noite?", a noviça pensou, remexendo-se nos lençóis. "Confiar na sorte ou ancorar?"

Após um momento, optou pela segunda variante.

Havia um sonho pouco claro que se repetia, que não se deixava sonhar até o fim, dissipava-se, desaparecia por entre outros sonhos assim como o fio de uma trama se perde no desenho de um tecido colorido. Um sonho que desaparece da memória, embora permaneça nela obstinadamente.

Dormiu em um instante e, logo em seguida, após fechar os olhos, começou a sonhar.

Um céu noturno, limpo, iluminado pelo luar e pelas estrelas. Montes e, em suas encostas, vinícolas polvilhadas de neve. O negro e anguloso desenho de uma construção: um muro com ameias, uma torre de menagem, um solitário *beffroi* na quina.

Dois cavaleiros. Ambos entram no espaço vazio entre os muros, ambos descem, ambos entram pelo portão. Mas só um deles prossegue pela entrada da masmorra escancarada no piso.

Aquele que tem o cabelo completamente branco.

Condwiramurs gemeu enquanto sonhava e agitou-se sobre a cama.

O homem de cabelo branco desce a escada, fundo, cada vez mais fundo, até o calabouço. Passa por corredores escuros, de vez em quando ilumina-os com tochas posicionadas em esteios de ferro. O brilho das tochas dança em sombras demoníacas na abóbada e nas paredes.

Corredores, escadas, outros corredores. O calabouço, uma grande cripta, barris ao pé das paredes. Entulho, tijolos amontoados. Depois um corredor bifurcado. Escuridão nas duas bifurcações. O homem de cabelo branco acende outra tocha. Saca a espada da bainha que carrega nas costas. Hesita, não sabe por qual dos dois caminhos seguir. Finalmente, opta pela bifurcação à sua direita – muito escura, sinuosa e obstruída pelo entulho. Condwiramurs geme sonhando, tomada pelo medo. Sabe que o caminho escolhido por ele leva ao perigo.

Sabe, também, que o homem de cabelo branco procura o perigo.

O perigo faz parte de sua profissão.

A noviça agita-se por entre os lençóis, geme. É oniromante, sonha, está num transe oniroscópico e, de repente, sabe profeticamente o que acontecerá num instante. “Cuidado!” Ela quer gritar, mas sabe que não conseguirá. “Cuidado, vire-se!

Tenha cuidado, bruxo!”

O monstro atacou, saiu silenciosa e traiçoeiramente da escuridão, de uma armadilha. Materializou-se de súbito por entre as trevas como uma chama resplandecente. Como uma labareda.

CAPÍTULO TERCEIRO

A aurora rompe – o gavião se agita,
Move-o prazer, move-o um costume nobre;
Bicando a esmo o melro espalha a dita,
Recebe o par, que com as asas cobre;
Oh, dar-vos quero – e a esse querer me dobre
Íntimo e alegre – os dons p'ra nós supremos.
Sabei que Amor no seu livro os encobre,
E por isso tão bem juntos vivemos.

François Villon (Tradução de Afonso Félix de Sousa)

Embora tivesse tanta pressa, embora nos apressasse, se precipitasse e se exaltasse, o bruxo permaneceu em Toussaint quase todo o inverno. Quais eram os motivos? Não escreverei sobre eles. Havia motivos, ponto final, não há sobre o que divagar. E àqueles que queriam condená-lo, lembrarei que o amor tem diversos nomes. Não julguem para que não sejam julgados.

Jaskier, *Meio século de poesia*

Those were the days of good hunting and good sleeping.

Rudyard Kipling

O monstro atacou, saiu silenciosa e traiçoeiramente da escuridão, de uma armadilha. Materializou-se de súbito por entre as trevas como uma chama resplandecente. Como uma labareda.

Geralt, embora surpreso, reagiu instintivamente. Esquivou-se, deslizando pela parede do calabouço. A besta passou por perto, bateu contra o chão, ricocheteou, agitou as asas e saltou outra vez, sibilando e abrindo o terrível bico. Mas desta vez o bruxo estava preparado.

Golpeou de um lance curto, do cotovelo, almejando o pescoço, abaixo das enormes carúnculas carmesins, duas vezes maiores que as de um peru. Acertou, sentiu o gume dilacerar o corpo. O ímpeto do golpe derrubou a besta no chão, ao pé do muro. O skoffin gritou, e era um grito quase humano. Debatia-se por entre os tijolos esfacelados, batia e agitava as asas, jorrava sangue, fustigava tudo em volta com sua cauda que parecia um azorrague. O bruxo estava convencido de

que a luta já havia terminado, mas o monstro surpreendeu-o de forma pouco agradável. Inesperadamente, pegou em sua garganta, grasnando terrivelmente, mostrando as garras e batendo o bico. Geralt esquivou-se, esbarrou com o ombro no muro, cortou para a esquerda, de baixo, aproveitando o ímpeto do ricochete. Acertou, o skoffin desabou novamente por entre os tijolos, o sangue fétido jorrou na parede do calabouço e escorreu formando um desenho requintado. O monstro, derrubado num salto, já não se rebatia, apenas tremia, grasnava, estendia e inflava o longo pescoço e sacudia as carúnculas. O sangue jorrava intensamente por entre os tijolos sobre os quais jazia.

Geralt poderia tê-lo matado sem esforço, mas não queria danificar sua pele. Esperava tranquilamente até que o skoffin sangrasse até a morte. Afastou-se a uma distância de alguns passos, virou-se para o muro, abriu a calça e urinou, assobiando uma saudosa melodia.

O skoffin parou de grasnar, ficou imóvel e silenciou. O bruxo aproximou-se e cutucou-o levemente com a ponta da espada. Quando viu que tudo havia acabado, segurou o monstro pela cauda e levantou-o. Agarrado pela base da cauda na altura da bacia, o bico de abutre do skoffin alcançava o chão e suas asas estendidas tinham mais de quatro pés de envergadura.

– Você é leve, skoffinzinho. – Geralt sacudiu a besta, que realmente não pesava mais que um peru bem alimentado. – Você é leve. Felizmente, me pagam por peça e não pelo peso.

•

– É a primeira vez. – Reynart de Bois-Fresnes assobiou baixinho entre os dentes. Geralt sabia que isso era a prova de uma grande admiração. – É a primeira vez na vida que vejo algo assim. Uma verdadeira bizarrice, pela honra, a maior bizarrice de todas as bizarrices. Então, este é o famoso basilisco?

– Não. – Geralt levantou o monstro mais alto para que o cavaleiro pudesse vê-lo melhor. – Não é um basilisco. É um galoisco.

– E qual é a diferença?

– Fundamental. O basilisco, conhecido também como régulo, é um réptil; e o galoisco, conhecido como skoffin ou cocatriz, é um ornitorréptil, isto é, nem réptil nem ave. É o único conhecido representante do gênero que os cientistas chamaram de ornitorrépteis. Após longas disputas, chegaram à conclusão de que…

– E qual dos dois – Reynart de Bois-Fresnes interrompeu, aparentemente não interessado nas conclusões dos cientistas – mata com o olhar ou transforma em

pedra?

– Nenhum. É uma invenção.

– Por que, então, os humanos têm tanto medo dos dois? Este aqui não é muito grande. Realmente pode ser perigoso?

– Este aqui – o bruxo chocalhou a conquista – normalmente ataca por trás e mira com precisão um ponto entre as vértebras, ou a aorta, abaixo do rim esquerdo. Normalmente só uma bicada é suficiente. E, quanto ao basilisco, não importa onde mordiscar. Seu veneno é a neurotoxina mais forte já conhecida. Mata em questão de segundos.

– Brrr… Diga-me, então, qual deles pode ser morto com um espelho?

– Qualquer um. Se bater diretamente na cabeça.

Reynart de Bois-Fresnes gargalhou. Geralt absteve-se de rir. A piada sobre o basilisco e o espelho deixou de ser engraçada ainda em Kaer Morhen, pois foi desgastada pelos professores. As piadas sobre as moças e os unicórnios tampouco o faziam rir. Mas o que batia os recordes de estupidez e primitivismo em Kaer Morhen eram as inúmeras versões da piada sobre um jovem bruxo que, obrigado por uma aposta, teria apertado a destra de uma dragoa.

Sorriu. Para as lembranças.

– Prefiro vê-lo sorridente – disse Reynart, observando-o atentamente. – Prefiro-o mil vezes assim, como agora, ao jeito que você estava em outubro, após aquela confusão no Bosque dos Druidas, quando íamos para Beauclair. Naquela época, permita-me admiti-lo, você estava triste, amargurado e zangado com todo o mundo como um agiota que fora enganado por alguém, e irritado como um homem que não conseguira sorte a noite inteira. Nem de manhã.

– Estava assim, de verdade?

– Estava. Por isso não estranhe que prefiro vê-lo deste jeito, como agora. Mudado.

– Terapia por meio do trabalho. – Geralt novamente chocalhou o galoisco que segurava na mão. – Trata-se do impacto salvador da atividade profissional sobre o estado psicológico. Por isso, passemos aos negócios para continuar o tratamento. Existe a possibilidade de lucrar com o skoffin um pouco mais que o valor da gratificação negociado por matá-lo. Está com poucos ferimentos, então se você tem um cliente que queira comprá-lo todo, para dissecar ou empalhá-lo, peça não menos que duzentos. Se for necessário vendê-lo em partes, lembre-se de que o mais valioso que há nele são as penas da parte superior da cauda, especialmente estas, as penas de voo centrais. É possível apontá-las muito mais

que as de ganso, escrevem melhor e de forma mais estética e são mais duradouras. Um escrivão experiente pagará cinco por peça, sem hesitar.

– Tenho clientes para empalhar o corpo – o cavaleiro sorriu. – O grêmio dos tanoeiros. Em Castel Ravello viram um bicho desses empalhado, um estrobilocerco, qualquer que seja seu nome… Você sabe qual. Aquele que você matou dois dias após Saovine num calabouço localizado embaixo das ruínas de um antigo castelo…

– Sei.

– Pois então, os tanoeiros viram a besta empalhada e pediram-me para arranjar algo igualmente singular para decorar a sede do grêmio. O galoisco será perfeito. Como você deve imaginar, os tanoeiros de Toussaint são um grêmio que não pode se queixar da falta de serviço. É, digamos, um grêmio rico. Pagarão, decerto, duzentos e vinte. Talvez até mais. Tentarei negociar. E no que se refere às penas… Os barrileiros não notarão se tirarmos algumas do cu do galoisco para vender à chancelaria ducal. Ela não paga do próprio bolso, mas da caixa ducal; então, em vez de pagar cinco, pagará dez por pena, e sem barganhar.

– Curvo-me diante de sua esperteza.

– *Nomen omen*. – Reynart de Bois-Fresnes lançou um sorriso ainda mais largo. – Minha mãe deve ter tido algum pressentimento para me batizar com o nome da raposa astuta do ciclo de fábulas comumente conhecido.

– Deveria ter sido comerciante em vez de cavaleiro.

– Deveria – o cavaleiro concordou. Mas o que posso fazer… Quando você nasce como filho de fidalgo, também será fidalgo e morrerá fidalgo, depois de conceber, ha, ha, ha, fidalgos. Não conseguirá mudar nada, mesmo que arrebente de tanto se esforçar. Aliás, você também é espertinho, Geralt. É bom em cálculo, e olhe que você não se ocupa do comércio.

– Não me ocupo mesmo. Por motivos parecidos com os seus. Com a única diferença que eu não conseguirei conceber nada. Saiamos desta masmorra.

Lá fora, ao pé dos muros do castelo, ventava e sentia-se uma friagem vinda dos montes. A noite estava clara, o céu límpido e estrelado, o luar reluzia na neve fresquinha e limpa que cobria os vinhedos em grande extensão.

Os cavalos amarrados cumprimentaram-nos com um relincho.

– Convinha – disse Reynart, lançando um olhar enfático para Geralt – encontrar-se logo com o cliente e cobrá-lo. Mas você não deve estar com pressa para chegar a Beauclair, pois não? A certa alcova?

Geralt não respondeu, pois não respondia, por princípio, a esse tipo de perguntas. Amarrou o corpo do skoffin ao cavalo solto e, em seguida, montou

Plotka.

– Encontremo-nos, então, com o cliente – decidiu, virando-se na sela. – A noite é uma criança e eu estou com fome. Estou com vontade de tomar algo também. Vamos à cidade. Ao Faisão.

Reynart de Bois-Fresnes riu, ajeitou o escudo de xadrez aurirrubro preso ao cepilho e subiu, com esforço, na sela alta.

– Que se cumpra sua vontade, cavaleiro. Vamos ao Faisão, então. Ande, Bucéfalo.

Foram cavalgando a passo lento pela encosta nevada, dirigindo-se para baixo, rumo à estrada claramente delineada por escassos choupos.

– Sabe o quê, Reynart – Geralt falou de repente. – Eu também o prefiro assim, deste jeito, como você está agora. Falando normalmente. Naquela época, em outubro, você tinha uma manha cretina e irritante.

– Pela honra, bruxo, sou um cavaleiro errante – Reynart de Bois-Fresnes gargalhou. – Você se esqueceu? Os cavaleiros sempre têm essa maneira cretina de falar. É um sinal, como este escudo aqui. É por meio dele que se reconhece a fraternidade, isso funciona à semelhança de um brasão no escudo.

•

– Pela honra – o Cavaleiro de Xadrez falou –, não se afobe, senhor Geralt. Sua companheira já deve ter sarado, decerto se esqueceu inteiramente da doença. Na corte da senhora duquesa há ótimos médicos, capazes de tratar qualquer moléstia. Pela honra, não há motivos para se afobar.

– Também acho – disse Regis. – Anime-se, Geralt. Os druidas também trataram de Milva…

– E eles sabem tudo sobre os tratamentos – Cahir interrompeu.– A melhor prova disso é a minha própria cabeça, dilacerada por um machado de mineiro. Vejam só como está agora, quase nova. Milva também deve estar bem. Não há motivos para se afligir.

– Tomara.

– Sua Milva – o cavaleiro repetiu – está sã que nem um pero. Aposto minha cabeça que já anda frequentando os bailes! Saltitando e executando bate-pés! Festejando! Em Beauclair, na corte da senhora Anarietta, há sempre bailes e banquetes. Hã, pela honra, agora, já que cumpri meu juramento, eu também…

– Cumpriu o juramento?

– A fortuna foi generosa comigo! Pois precisam saber que fiz um juramento, e não foi um juramento qualquer, senão pelo grou. Foi na primavera. Jurei caçar

quinze salteadores antes de Yule. Tive sorte, livrei-me do juramento. Já posso beber e comer carne de boi. E já não preciso esconder meu nome. Por obséquio, sou Reynart de Bois-Fresnes.

– Prazer.

– E quanto a esses bailes – Angoulême falou ao apressar o cavalo para alcançá-los. – Espero que não percamos os comes e bebes, hein? Estou a fim de dançar também!

– Pela honra, em Beauclair haverá de tudo – Reynart de Bois-Fresnes assegurou. – Bailes, festas, banquetes, festins e saraus. Vocês são amigos de Jaskier, ué… Isto é, do vice-conde Julian. Nossa senhora duquesa tem um grande apreço por ele.

– Pois é, ele andou se gabando disso – Angoulême falou. – Qual é a verdadeira história desse amor? Ó cavaleiro, você conhece essa história, hein? Conte-nos!

– Angoulême – o bruxo falou. – Você precisa conhecê-la?

– Não preciso. Mas quero! Não resmungue, Geralt. E deixe de fazer essa cara de zangado, pois os cogumelos que crescem à beira da estrada avinagram-se quando o avistam. Conte, cavaleiro.

Os cavaleiros errantes que lideravam o séquito cantavam uma canção de gesta com um refrão repetitivo. A letra da canção era incrivelmente estúpida.

– Isso aconteceu – o cavaleiro começou – há aproximadamente seis anos… O senhor poeta ficou hospedado na corte durante todo o inverno e toda a primavera, tocava o alaúde, cantava romances, declamava poemas. Na época, o duque Raimundo estava em Cintra num congresso. Não estava com pressa de voltar para casa, pois não era segredo que tinha uma amante em Cintra. E a senhora Anarietta e o senhor Jaskier… Hã, Beauclair é um lugar verdadeiramente estranho e maravilhoso, cheio de um encantamento amoroso… Vocês próprios o verão. Foi então que a duquesa e o senhor Jaskier foram tomados pelo sentimento. E antes que se dessem conta disso foram passando de um poema a outro, de uma palavra a outra, de um elogio a outro, havia florezinhas, olhares, suspiros… Em breves palavras: ambos passaram a ter um convívio bem próximo.

– Muito próximo? – Angoulême riu em voz baixa.

– Não tive o privilégio de ser testemunha ocular – o cavaleiro disse secamente. – E não convém divulgar os boatos. Além disso, como a senhorita certamente deve saber, o amor tem vários nomes e a proximidade do convívio, mesmo grande ou não, é um assunto muito subjetivo.

Cahir bufou baixinho. Angoulême não tinha nada para acrescentar.

– A duquesa e o senhor Jaskier – Reynart de Bois-Fresnes retomou – encontraram-se em segredo durante aproximadamente dois meses, desde Belleteyn até o solstício de verão. Mas foram pouco cautelosos. A notícia se espalhou, os maldizentes começaram a fofocar. O senhor Jaskier montou o cavalo e partiu sem demora. E fez bem, o que se provou mais tarde. Pois logo após a chegada do duque Raimundo de Cintra um serviçal prestativo denunciou tudo. Podem facilmente imaginar a raiva que tomou conta do duque quando soube como foi insultado e que chifres lhe foram atribuídos. Virou sobre a mesa a terrina com a sopa de beterraba, dilacerou o serviçal delator com uma picareta, proferiu palavras obscenas. Em seguida, deu uma bofetada na cara do marechal na presença de outras pessoas e quebrou um enorme espelho de Kovir. Trancou a duquesa nos aposentos, ameaçou torturá-la e assim conseguiu que ela confessasse tudo. Mandou logo uma perseguição atrás do senhor Jaskier e ordenou matá-lo sem piedade e arrancar seu coração. Tendo lido algo semelhante numa balada antiga, planejava fritar o coração e forçar a duquesa Anarietta a comê-lo na presença de toda a corte. Brr, pft, uma abominação! Felizmente, o senhor Jaskier conseguiu fugir.

– Felizmente. E o duque morreu?

– Morreu. Esse incidente, como já havia falado, despertou nele uma tremenda raiva. Seu sangue ferveu provocando uma apoplexia e paralisia. Ficou deitado durante a metade do ano feito um tronco de árvore. Mas sarou. Até começou a andar. Apenas piscava com um olho, sem parar, assim ó.

O cavaleiro virou na sela, semicerrou o olho e fez uma careta.

– Embora o príncipe – retomou após um momento – sempre fosse um conhecido garanhão e libertino, virou um *pericolosus* nos amores, maior ainda por causa dessa coisa de piscar o olho. Todas as moças achavam que ele fazia isso por causa do afeto e que eram sinais de amor. E as moças gostam muito de ser adoradas assim. Não as acuso de ser promíscuas ou devassas, de jeito nenhum, mas o duque, como já havia falado, piscava muito, quase toda hora, portanto *per saldo* saía ganhando. No entanto, uma noite exagerou na festança e sofreu outra apoplexia. Morreu. Na alcova.

– Trepando em cima de uma mulher? – Angoulême gargalhou.

– Na verdade… – O cavaleiro que até aquele momento estava extremamente sério, disfarçou um sorriso. – Na verdade foi embaixo dela. Mas os detalhes não têm muita importância.

– Claro que não – Cahir confirmou com seriedade. – Mas não houve grande luto após a morte do duque, pois não? Enquanto contava, tive a impressão…

– Que se preocupava mais com a infiel esposa do que com o infiel esposo – o vampiro interrompeu o discurso, como de costume. – Será que foi pelo motivo de ela agora governar estas terras?

– Foi um dos motivos – Reynart de Bois-Fresnes respondeu com uma impressionante sinceridade. – Mas não foi o único. O duque Raimundo, que a terra lhe seja leve, era um cachorrão, canalha e, perdoem-me, filho da puta, que em seis meses faria com que o diabo ficasse com úlceras no estômago. E olhe que ele governou durante sete anos em Toussaint. Agora, quanto à duquesa Anarietta, todos sempre a adoraram e continuam adorando.

– Então posso contar com a possibilidade de que – o bruxo falou pungentemente – o duque Raimundo não tenha deixado muitas pessoas inconsoladas em sua tristeza pela perda do amigo, que estariam prestes a atacar Jaskier com punhais só para celebrar o aniversário comemorativo da morte do defunto?

– Pode contar com isso. O cavaleiro olhou para ele e seus olhos eram espertos e inteligentes. – E, pela honra, suas contas estarão certas. Eu já lhe disse. O poeta goza de um grande apreço da duquesa Anarietta, e todos aqui colocariam a mão no fogo por ela.

O honrado cavaleiro
Da guerra pândega voltou
Mas sua amada
Por ele não esperou
Casou-se na véspera
Ula, ula, lá
A ventura do cavaleiro
Sempre errante será!

As gralhas, escondidas no mato na beira da estrada, levantavam voo, grasnando, espantadas pelo canto dos cavaleiros.

Saíram logo das florestas e entraram diretamente num vale que jazia por entre montes em cujos cumes alvejavam as torres de castelos que se destacavam contra o fundo do céu roxo, borrado em tons de azul-marinho. Até onde alcançavam os olhos, via-se que nas suaves encostas dos montes cresciam arbustos, em fileiras, disciplinados como no exército, e cortados cuidadosamente. Ali, o solo estava coberto de folhas vermelhas e douradas.

– O que é isso? – Angoulême perguntou. – Uma videira?

– É exatamente uma videira – Reynart de Bois-Fresnes confirmou. – São as famosas vinícolas do vale Sansretour. Os melhores vinhos do mundo são feitos das uvas que amadurecem aqui.

– É verdade – admitiu Regis, que como sempre era perito em tudo. – O solo vulcânico e o microclima local garantem todos os anos a combinação perfeita de dias chuvosos e ensolarados. Se a isso acrescentarmos a tradição, o conhecimento e a meticulosidade dos funcionários das vinícolas, o resultado será um produto da maior classe e marca.

– Resumiu-o bem – o cavaleiro sorriu. A marca é exatamente isso. Olhem só para lá, para aquela encosta ao pé do castelo. Nestas terras o castelo dá a marca à vinícola e às adegas localizadas bem abaixo dele. Aquele ali se chama Castel Ravello, e em sua vinícola produzem-se vinhos como Erveluce, Fiorano, Pomino e o famoso Est Est. Vocês devem ter ouvido falar dele. Por um barril de Est Est pagam o mesmo preço que por dez barris do vinho de Cidaris ou das vinícolas nilfgaardianas localizadas às margens do Alba. E lá, ó, vejam só, há outros castelos e outras vinícolas, e também já devem ter ouvido seus nomes: Vermentino, Toricella, Casteldaccia, Tufo, Sancerre, Nuragus, Coronata, enfim, Bianco, Gwyn Cerbin em élfico. Suponho que esses nomes não lhes soem estranhos.

– Nada de estranho, pff – Angoulême fez uma careta. – Especialmente pela experiência de verificar se, por acaso, o taberneiro não colocou no copo um desses vinhos famosos no lugar de um normal, de maçã, pois nesses casos era necessário deixar o cavalo no estabelecimento, esse era o preço de um tal de Castel ou de um Est Est. Pff, pff, não entendo, esses vinhos de marca são para os fidalgos, nós, gente comum, podemos nos embebedar igualmente bem com um mais barato. E posso lhes dizer, por minha própria experiência, que depois de beber um Est Est vomita-se do mesmo jeito que após tomar um vinho mixuruca.

•

Fazendo pouco-caso das piadas de outubro de Angoulême, Reynart acomodou-se atrás da mesa soltando o cinto.

– Hoje tomaremos um vinho de uma marca e safra de primeira, bruxo. Podemos nos permitir isso, ganhamos bem. Podemos farrear.

– Claro. – Geralt acenou para o taberneiro. – Enfim, como Jaskier fala, talvez haja outros motivos para ganhar a vida, mas eu não os conheço. Comeremos

esse prato cujo cheiro vindo da cozinha desperta tanta fome. Em outras palavras, hoje o Faisão está realmente lotado, embora já esteja tarde.

– É a véspera de Yule – o taberneiro esclareceu depois de ouvir suas palavras. – O povo celebra. Festeja. Faz adivinhações. A tradição manda fazer isso, e a tradição aqui…

– Eu sei – o bruxo interrompeu. – E, quanto à cozinha, o que a tradição mandou preparar lá hoje?

– Língua com raiz-forte, servida fria. Caldo de capão com almôndegas de miolo. Bifes de carne de boi enrolados e servidos com massa, nhoque e repolho…

– Traga tudo, um por um, camarada. E para acompanhar… O que vamos pedir, Reynart?

– Se for carne de boi – o cavaleiro falou após pensar por um momento –, então Côte-de-Blessure tinto. Da safra do ano em que a velha duquesa Caroberta bateu as botas.

– Escolha acertada – o taberneiro acenou com a cabeça. – À vossa disposição.

A coroa de visgo jogada para trás pela moça da mesa vizinha caiu quase no regaço de Geralt. A companhia da moça caiu numa gargalhada. Ela corou graciosamente.

– Nem pense nisso! – O cavaleiro ergueu a coroa e arremessou-a de volta para ela. – Não será seu futuro marido. Ele já está ocupado, nobre senhorita. Ele já é prisioneiro de uns certos olhos verdes…

– Cale-se, Reynart.

O taberneiro trouxe aquilo que haviam pedido. Comiam e bebiam, calados, prestando atenção à felicidade dos festeiros.

– Yule – Geralt disse e pôs a caneca na mesa. – Midinvaerne. O solstício de inverno. Estou plantado aqui há dois meses. Dois meses perdidos!

– Um mês – Reynart o corrigiu com frieza e sobriedade. – Se você perdeu algo, foi apenas um mês. Depois a neve interditou os passos nas montanhas e você não conseguiria sair de Toussaint, mesmo que se cagasse. Você esperou até Yule, então provavelmente esperará aqui até a primavera, então se trata de uma força maior, não vale a pena lamentar ou ficar triste. Quanto às lamentações, não exagere em fingir que está aflito. De qualquer maneira, não vou acreditar que você esteja com tanta pena.

– O que você sabe, Reynart, hein? O que você sabe?

– Sei pouco – o cavaleiro concordou, enchendo o copo de vinho. – Nada além daquilo que vejo. E saiba que vi seu primeiro encontro com ela. Em Beauclair. Você se lembra da Festa das Cubas? E das calcinhas brancas?

Geralt não respondeu. Lembrava-se.

– É um lugar charmoso, o palácio de Beauclair, cheio de um encantamento amoroso – Reynart murmurou, deleitando-se com o aroma do vinho. – Pode ficar encantado só de olhar. Lembro-me de que vocês todos ficaram boquiabertos quando as viram em outubro. Cahir, lembre-me, qual expressão ele usou na hora?

•

– Um belo castelo – disse Cahir, cheio de admiração. – Poxa, realmente um belo e admirável castelo.

– É preciso admitir – disse o vampiro. – A duquesa vive bem.

– É uma puta casinha – Angoulême acrescentou.

– O palácio Beauclair – Reynart de Bois-Fresnes repetiu, cheio de orgulho. – Uma construção élfica, apenas levemente alterada. Supostamente pelo próprio Faramond.

– Nada de suposições – Regis opôs-se. – Com toda a certeza. O estilo de Faramond é reconhecível à primeira vista. Basta apenas olhar para estas torres.

As torres culminadas com o vermelho de suas telhas, referidas pelo vampiro, almejavam ao céu com os alvos obeliscos esbeltos, surgindo da construção filigranada do próprio castelo que se estendia para baixo. A imagem lembrava, indubitavelmente, velas, das quais as grinaldas de cera caíram sobre a base esculpida intricadamente de um candelabro.

– Aos pés de Beauclair – o cavaleiro Reynart explicou – estende-se uma cidade. O muro, logicamente, foi construído depois, pois sabem que os elfos não cercavam as cidades com muros. Apressem os cavalos, senhores. O caminho que nos espera é longo. Beauclair apenas parece próximo, pois as montanhas enganam a perspectiva.

– Vamos.

Iam com ânimo, ultrapassando viajantes e vagantes, carruagens e carroças cheias de uvas escuras que pareciam emboloradas. Depois havia ruelas movimentadas da cidade que cheiravam ao mosto fermentado, depois um parque sinistro cheio de álamos, teixos, bérberis e buxos. Em seguida havia roseiras, principalmente das espécies multiflora e cem pétalas. Depois colunas

esculpidas, portais e arquivoltas do palácio, também serviçais e lacaios vestidos de librés.

A pessoa que os recebeu foi Jaskier, com o cabelo penteado e vestido como um príncipe.

•

– Onde está Milva?

– Está bem, não se preocupe. Está nos aposentos preparados para vocês. Não quer sair de lá.

– Por quê?

– Falarei sobre isso depois. Agora venha. A duquesa está esperando.

– Logo após a chegada?

– Foi essa a vontade dela.

A sala na qual entraram estava cheia de pessoas coloridas à semelhança de pássaros paradisíacos. Geralt não teve tempo de prestar atenção. Jaskier empurrou-o na direção das escadas de mármore ao lado das quais havia duas mulheres acompanhadas de pajens e cortesãos que se distinguiam muito da multidão.

O silêncio enchia a sala, porém, logo se tornou ainda mais profundo.

A primeira das mulheres tinha um nariz pontiagudo e arrebitado. Seus olhos azuis eram penetrantes e pareciam levemente febris. Os cabelos castanhos estavam arranjados num penteado sutil e verdadeiramente artístico, sustentado por laços de veludo, trabalhado inteiramente nos mínimos detalhes, inclusive o cacho perfeitamente geométrico em forma de meia-lua. A parte superior do vestido decotado cintilava com milhares de listras celestes e lilases sobre um fundo negro. A parte de baixo era preta, estampada densamente com um desenho regular de minúsculos crisântemos dourados. O pescoço e o decote estavam presos – à semelhança de um andaime complexo ou uma gaiola – num colar de laca, obsidiana, esmeraldas e lápis-lazúli cheio de arabescos, o qual terminava com uma cruz de jade que caía quase por entre os seios pequenos sustentados por uma cinta apertada. O decote era grande e profundo, e os franzinos braços da mulher pareciam não fornecer o apoio suficiente – Geralt esperava que a qualquer momento o vestido fosse cair deixando o peito à mostra. Mas não caía, segurado na posição certa pelos arcanos secretos da arte de costura e pelo amortecedor em forma de mangas infladas.

A segunda mulher era da mesma altura que a primeira. Seus lábios estavam pintados com um batom de uma idêntica cor. E aqui as semelhanças

terminavam. A segunda usava uma touca de redinha sobre os negros cabelos curtos a qual, na frente, se convertia num véu que chegava até a ponta do pequeno nariz. A estampa florida do véu não mascarava os belos olhos reluzentes, realçados fortemente com uma sombra verde. O mesmo véu florido tapava o decote simples do negro vestido de mangas compridas que em apenas alguns pontos, aparentemente casuais, era salpicado difusamente com safiras, águas-marinhas, cristais da rocha e estrelas ornamentais.

– A Excelentíssima Senhora Duquesa Anna Henrietta – falou, em voz baixa, alguém atrás das costas de Geralt. – Ajoelhe-se, senhor.

“Queria saber qual das duas”, Geralt pensou, dobrando com esforço o joelho dolorido numa curva cerimoniosa. “As duas, diabos, têm um aspecto igualmente ducal. Para não dizer real.”

– Levante-se, senhor Geralt – aquela do sutil penteado castanho e nariz pontiagudo dissipou suas dúvidas. – Sejam bem-vindos, o senhor e seus amigos, ao Ducado de Toussaint, e ao palácio Beauclair. Temos o prazer de hospedar pessoas envolvidas numa missão tão nobre e que se encontram em amizade com nosso adorado vice-conde Julian.

Jaskier curvou-se profunda e agilmente.

– O vice-conde – a duquesa retomou – nos revelou seus nomes, apresentou o caráter e o motivo de sua viagem, explicou o que os trouxe até Toussaint. E sua história nos comoveu. Senhor Geralt, teríamos o prazer de falar consigo durante uma audiência privada. No entanto, isso demorará um pouco, pois pesam sobre nós obrigações de Estado. Terminou a vindima, portanto a tradição nos obriga a participar da Festa das Cubas.

A segunda mulher, essa de véu, inclinou-se para a duquesa e suspirou algo rapidamente. Anna Henrietta olhou para o bruxo, sorriu e passou a língua nos lábios.

– É de nossa vontade – levantou a voz – que o senhor Geralt de Rívia nos sirva à Cuba junto com o vice-conde Julian.

Um sussurro correu por entre o grupo de cortesãos e cavaleiros, algo à semelhança do farfalhar de pinheiros agilizados pelo vento. A duquesa Anarietta presenteou o bruxo com outro olhar lânguido e saiu da sala junto com sua companheira e o séquito de pajens.

– Pelo raio – o Cavaleiro de Xadrez suspirou. – Que coisa!

Que honra que lhe foi concedida, senhor bruxo.

– Não entendo bem do que se trata – Geralt admitiu. – Como devo servir a Sua Alteza?

– Sua Alteza Sereníssima – corrigiu, ao aproximar-se, um corpulento senhor com a aparência de um confeiteiro. – Perdoe-me a correção, caro senhor, mas nestas circunstâncias sou obrigado a fazê-lo. Nós aqui, em Toussaint, respeitamos muito a tradição e o protocolo. Sou Sebastian Le Goff, o camareiro-mor e conde palatino.

– Prazer.

– O título oficial e protocolar da senhora Anna Henrietta – o camareiro-mor não tinha apenas o aspecto de um confeiteiro, ele também cheirava a cobertura – é: “Excelentíssima Senhora”. E o não oficial: “Sua Sereníssima”. E o familiar, fora da corte: “Sua Senhoria”. No entanto, sempre deve se dirigir por “Sua Alteza Sereníssima”.

– Obrigado, não esquecerei. E a outra dama? Que título devo usar quando me dirigir a ela?

– Seu título oficial é: “Venerável” – o camareiro-mor o instruiu com seriedade. – Mas é admissível dirigir-se por “Senhora”. É uma parente da duquesa e chama-se Fringilla Vigo. De acordo com a vontade de Sua Alteza Sereníssima, é precisamente a ela que o senhor deve servir à Cuba.

– E em que consistirá esse serviço?

– Não se trata de nada difícil. Já lhe explico. Veja bem, já há anos usamos prensas mecânicas, pois a tradição…

•

O pátio vibrava com o zumbido das conversas, o frenético trilo das charamelas, a louca música da flauta de Pã e o retinir dos tamborins. Saltimbancos e acrobatas adornados com guirlandas saltitavam e executavam cambalhotas ao redor de uma cuba posicionada sobre um estrado. O pátio e os claustros estavam cheios de pessoas – cavaleiros, damas, cortesãos e burgueses que usavam rica vestimenta.

O camareiro-mor Sebastian Le Goff ergueu uma bengala adornada de videira e bateu-a três vezes contra o estrado.

– Ó, ó! – gritou. – Nobres senhoras, senhores e cavaleiros!

– Ó, ó! – a multidão respondeu.

– Ó, ó! Eis um costume antigo! Que se encha de uvas a videira! Ó, ó! Que amadureça ao sol!

– Ó, ó! Que amadureça!

– Ó, ó! Que fermentem as uvas, depois de amassadas! Que ganhem força e sabor nos barris! Que o vinho encha os copos com gostosura e suba à cabeça,

para a honra da senhoria, das formosas damas, dos nobres cavaleiros e dos funcionários das vinícolas!

– Ó, ó! Que fermente!

– Que se apresentem as Formosas!

Duas mulheres – a duquesa Anna Henrietta e sua companheira de cabelos negros – surgiram das tendas de campanha de damasco, alocadas nos dois lados opostos do pátio. As duas estavam envoltas hermeticamente em capas escarlates.

– Ó, ó! – o camareiro-mor bateu a bengala. – Que se apresentem os Jovens!

Os "Jovens" já haviam sido instruídos e sabiam o que fazer. Jaskier aproximou-se da duquesa, e Geralt da dama de cabelos negros que, como já sabia, era chamada de a venerável Fringilla Vigo.

As duas mulheres tiraram as capas simultaneamente, e a multidão retumbou numa aclamação vivaz. Geralt engoliu a saliva.

As mulheres vestiam brancas camisolas de alças, finas como teia de aranha cujo cumprimento não ultrapassava os quadris. E, por baixo, justas calcinhas adornadas de babados. E mais nada. Nem joias. Aliás, estavam descalças.

Geralt levantou Fringilla e carregou-a em seu colo. Ela, entusiasmada, abraçou seu pescoço. Cheirava, imperceptivelmente, a âmbar e rosas. E a feminilidade. Estava cálida, e o calor que emanava penetrava como a ponta de uma flecha. Era macia, sua maciez queimava e irritava os dedos.

Carregaram-nas até os tanques. Geralt levou Fringilla, e Jaskier, a duquesa. Ajudaram-nas a subir em cima das uvas que explodiam, jorrando suco. A multidão urrou.

– Ó, ó!

A duquesa e Fringilla puseram as mãos nos ombros uma da outra, podendo, graças ao apoio mútuo, equilibrar-se melhor sobre as uvas em que sucumbiram até os joelhos. O mosto estourava e respingava. As mulheres davam voltas e pisavam nas uvas soltando gargalhadas feito adolescentes. Fringilla, completamente fora do protocolo, lançou uma piscadela para o bruxo.

– Ó, ó! – a multidão gritava. – Ó, ó! Que fermente!

As uvas esmagadas respingavam soltando o mosto que efervescia, turvo, e espumava com abundância em volta dos joelhos das pisadoras.

O camareiro-mor bateu a bengala contra as tábuas do estrado. Geralt e Jaskier aproximaram-se para ajudar as mulheres a sair das cubas. Geralt viu Anarietta, levada no colo por Jaskier, mordiscar sua orelha. Seus olhos brilhavam perigosamente. Ele próprio teve a impressão de que os lábios de Fringilla

roçaram sua bochecha, mas não tinha certeza se foi de propósito ou por acaso. O mosto soltava um cheiro forte, subia à cabeça.

Pôs Fringilla em pé no estrado e envolveu-a com a capa escarlate. Fringilla apertou sua mão rapidamente e com força.

– Não é que essas tradições antigas – sussurrou – conseguem provocar tesão?

– Pois sim.

– Obrigada, bruxo.

– O prazer é todo meu.

– Todo, não. Garanto que não todo.

•

– Encha o copo, Reynart.

À mesa vizinha transcorria mais uma adivinhação invernal. Consistia em lançar a casca de uma maçã cortada em uma longa espiral e prognosticar as iniciais do nome do futuro parceiro a partir da forma em que ela se posicionasse. A casca sempre se alocava em forma da letra "S". Mesmo assim, a alegria continuava.

O cavaleiro encheu o copo.

– Resultou que Milva – disse o bruxo pensativo – estava sã, embora ainda usasse bandagens nas costelas. Trancou-se no aposento, recusava-se a sair e a provar o vestido que recebera de presente. Parecia que estouraria um escândalo protocolar, mas o onisciente Regis pacificou a situação. Citou uma dúzia de precedentes forçando o camareiro-mor a trazer vestimenta masculina para a arqueira. Angoulême, para variar, ficou feliz de livrar-se das calças, botas de montaria e dos meiões. O vestido, o sabão e o pente fizeram dela uma moça até bonita. Não há como negar que o banho e a roupa limpa melhoraram o humor de todos nós. Inclusive o meu. Todos nós íamos a essa audiência bem-humorados…

– Interrompa por um momento – Reynart apontou com o movimento da cabeça. – O negócio vem vindo até a gente. Ó, ó, e não se trata de uma, mas de duas vinícolas! Malatesta, nosso cliente, vem com um confrade… E concorrente. Que coisa!

– Quem é o segundo?

– É da vinícola Pomerol. Neste momento estamos bebendo precisamente seu vinho, Côte-de-Blessure.

Malatesta, o administrador da vinícola Vermentino, os avistou, acenou com a mão, aproximou-se enquanto conduzia até eles seu companheiro, um indivíduo

de negro bigode e uma barba negra e abundante que combinava mais com um facínora que com um funcionário público.

– Os senhores permitam – Malatesta apresentou o barbudo, o senhor Alcides Fierabras, o administrador da vinícola Pomerol.

– Sentem-se.

– Por obséquio, só um instantinho. Viemos falar com o senhor bruxo a propósito do monstro de nossa cava. Pelo fato de estarem aqui, presumo que o monstro já está morto.

– Mortíssimo.

– O valor combinado – Malatesta assegurou – será depositado em sua conta no banco dos Cianfanelli mais tardar depois de amanhã. Poxa, muito obrigado, senhor bruxo. Obrigado mesmo. É uma cavazinha tão grande, linda, arqueada, orientada para o norte, nem demasiado seca nem molhada, exatamente do jeito que deveria ser para guardar lá o vinho, mas por causa desse hediondo monstro não havia como usá-la. O senhor próprio viu que tivemos de murar aquela parte toda do subsolo, mas, mesmo assim, o monstro conseguiu passar… não há como adivinhar de onde ele surgiu… Provavelmente do próprio inferno…

– As cavernas escavadas em tufo vulcânico sempre abundam em monstros – Reynart de Bois-Fresnes instruiu com uma cara de sábio. Acompanhava o bruxo já há mais de um mês e conseguiu aprender muito, pois era um bom ouvinte. – É claro que, onde há tufo, haverá monstros.

– Talvez seja o tufo mesmo. – Malatesta olhou para ele de soslaio. – Seja quem for esse tufo. Mas o povo fala que é porque as cavas devem estar interligadas com profundas cavernas, diretamente com o centro da terra. Há muitas dessas cavas e cavernas por aqui…

– Por exemplo, para não procurar muito longe, debaixo das nossas cavas – disse o barba negra da vinícola Pomerol. – Esses calabouços se estendem por milhas, ninguém sabe até onde chegam. E aqueles que tentaram descobrir isso não voltaram. Aparentemente, viram um monstro horrendo. Por isso queria propor…

– Imagino – o bruxo respondeu secamente – que proposta os senhores querem me fazer. E aceito-a. Penetrarei suas cavas. A remuneração será determinada de acordo com o que acharei lá.

– Não se arrependerá – o barbudo assegurou. – Humm humm… mais uma coisa…

– Digam, estou ouvindo.

– Esse súcubo que à noite assombra e atormenta os homens casados… Que a ilustríssima duquesa ordenou que matasse… Suponho que não haverá a necessidade de matá-lo, pois na verdade o demônio não incomoda ninguém… Só aparece por aí de vez em quando… Atormenta um bocadinho…

– Mas apenas os maiores de idade – Malatesta interpôs rapidamente.

– Compadre, você me tirou essas palavras da boca. Exatamente, o súcubo não incomoda ninguém. E ultimamente parece que não se tem ouvido mais falar dele. Juro, como se tivesse ficado com medo de você, senhor bruxo. Então qual seria o sentido de persegui-lo? Ao senhor não lhe falta dinheiro, pois não? E se o senhor sentir falta de algo…

– Não nego que algo poderia cair – Geralt disse com uma expressão impassível – em minha conta no banco dos Cianfanelli. No fundo de pensão bruxesco.

– Assim será feito.

– E o súcubo não perderá nem um fio de sua cabeleira loura.

– Passe bem, então. – As duas vinícolas levantaram-se. – Celebrem em paz, não os importunaremos. Hoje é dia de festa. Tradição. Em Toussaint, a tradição…

– Eu sei – Geralt disse. – É sagrada.

•

A turma sentada à mesa vizinha provocou uma algazarra enquanto efetuava mais uma adivinhação de Yule, realizada com bolas formadas com o miolo de pão e com as espinhas da carpa consumida. Uma forte bebedeira acompanhava o ocorrido. O taberneiro e as moças corriam às pressas abastecendo a mesa de jarros.

– O famoso súcubo – Reynart observou, servindo-se de mais repolho – iniciou a célebre série de contratos bruxescos que você aceitou em Toussaint. Depois, tudo aconteceu rapidamente e você não conseguia se livrar de clientes. O mais interessante é que não me lembro da primeira vinícola que lhe deu a disposição…

– Você não estava lá na hora. Aconteceu no dia seguinte, após a audiência concedida pela duquesa. Aliás, você faltou a ela também.

– Não houve nada de estranho nisso. Foi uma audiência particular.

– Até parece – Geralt bufou. – Participaram dela por volta de vinte pessoas, sem contar os lacaios imóveis como estátuas, pajens menores de idade e o entediado bobo da corte. Le Goff, o camareiro-mor de aparência e cheiro de

confeiteiro, estava entre os contados, além de alguns fidalgos que se curvavam sob o peso das correntes de ouro. Havia alguns tipos de preto, conselheiros, ou talvez juízes. Estava lá o barão do brasão Cabeça de Touro, que conheci em Caed Myrkvid. Estava, obviamente, Fringilla Vigo, uma pessoa evidentemente muito próxima da duquesa. E lá estávamos nós, toda a nossa turma, inclusive Milva de vestimenta masculina. Ué, expressei-me mal falando de toda a companhia. Jaskier não estava lá. Jaskier, ou melhor, vice-conde Fulano de Tal, estava sentado no faldistório à direita da Sua Sereníssima Narizinho Anarietta, presunçoso como um pavão. Como um verdadeiro favorito. Anarietta, Fringilla e Jaskier eram as únicas pessoas que estavam sentadas. Ninguém mais fora autorizado a se sentar. Aliás, eu estava contente que não ordenaram que nos ajoelhássemos. A duquesa ouviu meu relato e, por sorte, interrompeu-me poucas vezes. Quando, resumidamente, expus o resultado das conversas com os druidas, abriu as mãos num gesto que sugeria uma preocupação tão sincera que parecia até exagerada. Sei que isso pode soar como um maldito oxímoro, mas acredite, Reynart, que no caso dela foi exatamente assim.

•

– Ah, ah – disse a duquesa Anna Henrietta, abrindo as mãos.

– Deixou-nos extremamente preocupados, senhor Geralt. Digo-lhe, de verdade, nossos corações estão cheios de compaixão.

Fungou o nariz pontiagudo, estendeu a mão, e logo em seguida Jaskier pôs nela um lenço de cambraia com um monograma. A duquesa roçou as duas bochechas com o lenço de tal jeito que não removesse o pó.

– Ah, ah – repetiu. – Então os druidas não sabiam nada sobre Ciri? Não foram capazes de ajudá-los? Será, então, que todo seu esforço e o caminho percorrido foram em vão?

– Com certeza não foram em vão – respondeu convicto. – Admito que contava com a possibilidade de conseguir informações ou dicas concretas com os druidas que pudessem esclarecer, pelo menos de forma geral, por que Ciri era objeto de uma caça tão persistente. Contudo, os druidas não podiam, ou não queriam, me ajudar e nesse quesito realmente não consegui nada. Mas…

Suspendeu a voz por um momento. Não foi para causar um efeito dramático. Ficou pensando o quanto podia ser sincero diante de todo esse auditório.

– Sei que Ciri está viva – disse, por fim, secamente. – Provavelmente está ferida. Ainda corre perigo. Mas está viva.

Anna Henrietta suspirou, usou o lenço novamente e apertou o braço de Jaskier.

– Prometemos-lhes – disse – nossa ajuda e nosso apoio. Podem ficar em Toussaint o quanto quiserem. Pois precisam saber que residimos em Cintra, conhecíamos Pavetta e tínhamos simpatia por ela, conhecíamos a pequena Ciri e gostávamos dela. Estamos com vocês com todo o coração, senhor Geralt. Se for necessário, terão toda a assistência de nossos estudiosos e astrólogos. Nossas bibliotecas e livrarias estão à sua disposição. Acreditamos profundamente que acharão algum rastro, alguma dica ou pista que lhes mostrará o caminho certo. Não ajam precipitadamente. Não precisam se apressar. Podem ficar aqui de acordo com sua vontade, são sempre bem-vindos.

– Obrigado, Sua Alteza Sereníssima – Geralt curvou-se –, por sua generosidade e bondade. No entanto, seguiremos o caminho logo após descansarmos um pouco. Ciri ainda corre perigo. Quando ficamos parados em um único lugar, o perigo não somente cresce, mas as pessoas que nos são afáveis começam a correr perigo também. Inclusive os terceiros. Não queria permiti-lo, sob nenhuma condição.

A duquesa permaneceu em silêncio por algum tempo, acariciando, com movimentos rítmicos, o antebraço de Jaskier, como se fosse um gato.

– Suas palavras são nobres e justas – falou por fim. – Mas não precisam nada temer. Nossos cavaleiros acometeram os calhordas que os seguiam de tal forma que não se safou nem uma testemunha de sua derrota. O vice-conde Julian nos relatou o ocorrido. E qualquer um que se atrever a perturbá-los terá o mesmo destino. Encontram-se sob nossos cuidados e nossa proteção.

– Prezo isso – Geralt curvou-se novamente, xingando no fundo o joelho dolorido, mas não apenas ele. – No entanto, não posso me calar acerca daquilo que o vice-conde Jaskier se esqueceu de relatar a Sua Alteza Sereníssima. Os calhordas que me perseguiam desde Belhaven e que os seus cavaleiros corajosos acometeram em Caed Myrkvid eram, de verdade, calhordas da primeiríssima espécie de corjas, mas vestiam as cores de Nilfgaard.

– E daí?

Daí, tinha a resposta na ponta da língua, que se os nilfgaardianos ocuparam Aedirn em vinte dias precisam de apenas vinte minutos para ocupar seu ducado.

– A guerra não acabou – falou em vez disso. – Aquilo que aconteceu em Belhaven e Caed Myrkvid pode ser visto como diversão na retaguarda. E isso normalmente provoca repressões. Nos tempos de guerra…

– A guerra – a duquesa o interrompeu, erguendo o nariz pontiagudo – certamente já acabou. Comunicamo-nos acerca dessa questão com nosso primo, Emhyr var Emreis. Dirigimos-lhe um memorando em que ordenamos que imediatamente pusesse fim a um despropositado derrame de sangue. A guerra acabou com certeza. Certamente a paz foi firmada.

– Não parece – Geralt respondeu com frieza. – Atrás do Jaruga, a espada e o fogo dançam, corre sangue. Nada indica que esteja terminando. Diria que muito pelo contrário.

Num instante, arrependeu-se daquilo que dissera.

– Como é possível? – Parecia que o nariz da duquesa ficou ainda mais pontiagudo, e um tom rosnento e rangedor ressoou em sua voz. – Estou ouvindo bem? A guerra ainda não acabou? Por que, então, não fomos informados sobre isso? Senhor ministro Tremblay?

– Sua Alteza Sereníssima, eu… – balbuciou, ajoelhando-se, um dos portadores de correntes de ouro. – Eu não queria… Preocupar… Afligir… Sua Alteza Sereníssima…

– Guardas! – Sua Alteza Sereníssima uivou. – Levem-no para a torre! Caiu em desgraça, senhor Tremblay! Em desgraça! Senhor camareiro-mor! Senhor secretário!

– Às suas ordens, Ilustríssima…

– Que nossa chancelaria envie, imediatamente, uma nota a nosso primo, o imperador de Nilfgaard. Exigimos o cessar-fogo imediatamente, mas imediatamente. E que firme a paz. Pois a guerra e a discórdia são maléficas! A discórdia arruína e a paz faz crescer!

– Sua Alteza Sereníssima – o camareiro-mor-confeiteiro, branco como açúcar em pó – tem toda a razão.

– O que os senhores ainda estão fazendo aqui? Demos as ordens! Andem já, mas voando, hein!

Geralt olhou em volta com discrição. As caras dos cortesãos estavam intransigíveis, um fato que levava a concluir que semelhantes incidentes não eram uma novidade nessa corte. Decidiu firmemente que a partir desse momento ia apenas fazer coro com a senhora duquesa.

Anarietta roçou a ponta do nariz com o lenço e em seguida sorriu para Geralt.

– Como o senhor vê – disse –, suas inquietações eram inúteis. Não há o que temer e podem ficar hospedados aqui o quanto quiserem.

– Ficaremos, sim, Sua Alteza Sereníssima.

No silêncio, ouvia-se nitidamente o trincar da broca da madeira em um dos móveis antigos. E os sortilégios proferidos pelo cavalariço contra um cavalo num pátio distante.

– Queríamos também – Anarietta quebrou o silêncio – fazer-lhe um pedido, senhor Geralt. Um pedido destinado a um bruxo.

– Claro, Sua Alteza Sereníssima.

– É um pedido de muitas damas nobres de Toussaint, assim como nosso. Um monstro noturno perturba as casas locais. Um diabo, fantasma, súcubo em forma de mulher, mas tão desavergonhado que não nos atrevemos a descrevê-lo, perturba os cônjuges virtuosos e fiéis. Assombra as alcovas à noite, comete atos devassos e dissolutos, perversões repugnantes as quais nossa humildade não nos permite mencionar. O senhor, sendo um perito, deve saber do que se trata.

– Sim, Sua Alteza Sereníssima.

– As damas de Toussaint pedem que acabe com esse monstro repugnante. E nós aderimos a esse pedido. E asseguramos-lhe de nossa generosidade.

– Sim, Sua Alteza Sereníssima.

•

Angoulême achou o bruxo e o vampiro no parque adjacente ao palácio onde os dois passeavam e desfrutavam de uma conversa discreta.

– Vocês não vão acreditar – arfou. – Não vão acreditar se eu lhes disser… Mas é pura verdade…

– Diga, então.

– Reynart de Bois-Fresnes, o errante Cavaleiro de Xadrez, está na fila junto com os outros cavaleiros errantes diante do camareiro-mor da duquesa. E sabem para quê? Para receber a mesada! A fila, digo-lhes, tem o comprimento de meio tiro de arco e há tantos escudos que você fica zonzo. Perguntei a Reynart como era isso e ele respondeu que os cavaleiros errantes também andavam com fome.

– E o que tem de sensacional nisso?

– Você deve estar brincando! Os cavaleiros errantes vagueiam por uma nobre vocação! E não por uma mesada!

– Uma coisa – o vampiro Regis falou com muita seriedade não exclui a outra. É sério. Acredite no que digo, Angoulême.

– Acredite no que ele diz, Angoulême – Geralt confirmou secamente. – Pare de correr pelo palácio à procura de escândalos, vá fazer companhia a Milva. Ela está de baixíssimo astral, não deveria ficar sozinha.

– É verdade. A tiazinha deve estar menstruada porque está zangada que nem uma vespa. Eu acho…

– Angoulême!

– Está certo, já vou.

Geralt e Regis pararam junto a uma cama de rosas de cem pétalas já emurchecidas. Mas não conseguiram ter uma conversa mais longa. Um homem muito magro vestido com uma elegante capa da cor de umbra surgiu de trás da orangerie.

– Bom dia. – Curvou-se e bateu nos joelhos um gorro de pele de marta. – Posso perguntar, por obséquio, qual dos senhores é o bruxo chamado Geralt, famoso pelo seu ofício?

– Sou eu.

– Meu nome é Jean Catillon, sou administrador das vinícolas Castel Toricella. Trata-se da seguinte questão: precisávamos de um bruxo. Queria me certificar se o senhor, por obséquio, não gostaria de…

– Do que é que se trata?

– É o seguinte – o administrador Catillon começou. – Por causa dessa maldita guerra, os comerciantes vêm com menos frequência, o estoque cresce, está começando a faltar espaço para os barris. Pensamos que não haveria problemas, pois embaixo dos castelos há calabouços que se estendem por milhas, cada vez mais fundos, calabouços que devem chegar até o centro da terra. Embaixo de Toricella também achamos um calabouço assim, lindo, se isso é possível, com os arcos do teto arredondados, não demasiadamente seco nem molhado, perfeito para guardar o vinho nele…

– E aí? – o bruxo não aguentou.

Descobrimos que nesses calabouços grassava algum monstro, se isso é possível, que deve ter vindo do fundo da terra. Queimou duas pessoas, deturpou seu corpo até os ossos e cegou um, pois ele, meu senhor, isto é, o monstro, cospe e vomita alguma lixívia cáustica…

– É uma solpuga – Geralt afirmou concisamente. – Conhecida também como peçonhenta.

– Veja só – Regis sorriu. – Eis sua prova, senhor Catillon, que está lidando com um profissional. Pode-se dizer que um profissional lhe cai do céu. E o senhor já se dirigira a propósito deste assunto aos cavaleiros errantes do local? A duquesa tem todo um regimento deles e esse tipo de missões é sua especialidade, sua razão de ser.

– Nenhuma razão – o administrador Catillon balançou a cabeça. – Sua razão é proteger estradas, dutos, passos, pois, se os comerciantes não chegarem até aqui, todos nós faliremos. Além disso, os cavaleiros são valentes e pelejadores, mas só a cavalo. Nenhum deles entrará debaixo da terra! Ademais, eles cobram… Interrompeu e ficou calado. Estava com a cara de alguém que tinha dentes, mas não conseguiu dar neles com a língua.

– Eles cobram muito – Geralt terminou, embora sem grande malícia. – Saiba, então, amigo, que eu cobro mais. Livre mercado. E livre concorrência. Pois eu, se acertarmos um contrato, descerei do cavalo e irei para debaixo da terra. Pense nisso, mas não demore muito, pois não passarei muito tempo em Toussaint.

– Você está me surpreendendo – Regis falou logo após o administrador ter ido embora. – O bruxo ressurgiu em você tão de repente? Você aceita contratos? Você se ocupará de monstros?

– Eu próprio estou surpreso – Geralt respondeu com sinceridade. – Reagi espontaneamente, por um impulso inexplicável. Vou sair dessa. Posso considerar insuficiente qualquer preço proposto. Sempre. Mas voltemos à nossa conversa…

– Esperemos. – O vampiro apontou com o olhar. – Algo me diz que você terá mais clientes.

Geralt xingou em voz baixa. Dois cavaleiros vinham em sua direção pela aleia de ciprestes. Reconheceu o primeiro num instante, pois não havia como confundir com qualquer outro brasão a enorme cabeça de um touro sobre a capa branca como neve. O outro cavaleiro, alto, de cabelo grisalho e de uma fisionomia nobremente angular como se fosse esculpida em granito, tinha sobre a túnica celeste o símbolo de duas e meia douradas cruzes florenciadas.

Os cavaleiros pararam a uma distância prescrita de dois passos e curvaram-se. Geralt e Regis corresponderam ao gesto. Em seguida, os quatro mantiveram o silêncio ordenado pelo costume cavaleiresco, que devia durar dez batimentos do coração.

– Com licença, senhores – Cabeça de Touro fez uma apresentação –, este é o barão Palmerin de Launfal. Eu, como os senhores devem recordar, chamo-me…

– Barão de Peyrac-Peyran. Seria impossível esquecer.

– Temos um assunto para tratar com o senhor bruxo – Peyrac-Peyran foi direto ao assunto. – A respeito de questões profissionais.

– Pois não.

– A sós.

– Não tenho segredos diante do senhor Regis.

– Mas os nobres senhores certamente os têm – o vampiro sorriu. – Por isso, deem-me licença, que eu vou ver aquele pavilhãozinho charmoso, deve ser o templo de contemplação. Senhor de Peyrac-Peyran… Senhor de Launfal…

Trocaram reverências.

– Sou todo ouvidos – Geralt interrompeu o silêncio, sem nem sequer ponderar a possibilidade de esperar até a décima batida do coração.

– A questão é – Peyrac-Peyran abaixou a voz e olhou em volta receosamente – aquele súcubo… Aquele demônio que assombra à noite. Aquele que a duquesa e as damas pediram para aniquilar. Quanto lhe ofereceram para matar o assombro?

– Desculpem, mas é um segredo profissional.

– Claro – disse Palmerin de Launfal, o cavaleiro com a cruz florenciada. – É verdadeiramente honorável sua postura. De verdade, receio muito que possa ofendê-lo com minha proposta, mas, mesmo assim, vou fazê-la. Desista desse contrato, senhor bruxo. Não arme ciladas para pegar o súcubo, deixe-o em paz. Não fale nada para a duquesa nem para as damas. E pela honra nós, os senhores de Toussaint, faremos uma oferta mais vantajosa que a das damas. Surpreendê-lo-emos com nossa generosidade.

– De fato a proposta parece – o bruxo falou com frieza – não se distanciar muito de injúria.

– Senhor Geralt. – A cara de Palmerin de Launfal estava séria e implacável. – Vou lhe dizer o que nos atreveu a fazer a proposta. Foi a sua fama de matar apenas os monstros que constituem perigo. Um perigo real. Não imaginado, que resulta da ignorância ou dos preconceitos. Deixe, então, garantirmos que o súcubo não constitui nenhum perigo nem prejudica ninguém. Simplesmente assombra nos sonhos… De vez em quando… E aflige um pouco…

– Mas apenas os maiores de idade – Peyrac-Peyran acrescentou às pressas.

– As damas de Toussaint – Geralt disse, olhando em volta – não estariam felizes se soubessem desta conversa. Assim como a duquesa.

– Estamos plenamente de acordo – murmurou Palmerin de Launfal. – A discrição é absolutamente aconselhável. Não se deve acordar as falsas devotas.

– Abram uma conta para mim em um dos bancos dos anões locais – Geralt afirmou devagar e em voz baixa. – E me surpreendam com sua generosidade. Mas estou avisando, não é fácil me surpreender.

– Mesmo assim, tentaremos – Peyrac-Peyran prometeu soberbamente.

Despediram-se trocando reverências.

Regis voltou após ter escutado tudo com seu ouvido vampírico.

– Agora – falou com seriedade – você também pode dizer que foi um instinto involuntário e um impulso inexplicável. Mas será difícil se desembaraçar de uma conta aberta.

Geralt ficou olhando para o alto, para além do cimo dos ciprestes.

– Quem sabe – falou – talvez passemos aqui alguns dias. Se for pensar nas costelas de Milva, podem ser até mais do que alguns dias. Talvez algumas semanas. Será bom ter alguma independência financeira para passar essa temporada.

•

– Então foi daí que surgiu a conta no banco dos Cianfanelli – Reynart de Bois-Fresnes balançou a cabeça. – Olhe lá, hein. Se a duquesa soubesse disso, haveria, decerto, mudanças nos cargos, haveria uma nova distribuição de patentes. Hã, talvez até eu pudesse ser promovido. Juro, é uma pena que não tenha predisposições para ser delator. Conte agora sobre o famoso banquete com o qual fiquei tão feliz. Queria muito ter participado dele, saboreado a comida e a bebida! Mas eles me mandaram para a fronteira, para a guarita, para o frio e para a garoa. Eta, eta, tá, a ventura do cavaleiro sempre nisso dá…

– O grande banquete anunciado de forma tão exaltada – Geralt começou a falar – foi antecedido por sérias preparações. Era preciso achar Milva, que se escondera nas cavalariças, e convencê-la de que o destino de Ciri e de quase todo o mundo dependia de sua participação no banquete. Era preciso pôr o vestido nela quase à força. Depois era preciso obrigar Angoulême a jurar que ia se comportar como uma dama, especialmente evitar que falasse “puta” e “cu”. Quando afinal conseguimos fazer isso tudo e estávamos prestes a descansar tomando vinho, apareceu o camareiro-mor Le Goff que cheirava a cobertura e estava inflado como a bexiga de um porco.

•

– Nestas circunstâncias devo sublinhar – o camareiro-mor Le Goff começou a falar com uma voz nasal – que à mesa da Sua Alteza Sereníssima não há lugares de segunda categoria e ninguém tem o direito de se sentir ofendido por causa do lugar assinado. No entanto, nós aqui, em Toussaint, guardamos uma rigorosa observância das antigas tradições e costumes, e de acordo com eles…

– Por obséquio, senhor, vá direto ao ponto.

– O banquete está marcado para amanhã. Preciso dispor da mesa segundo as honras e a hierarquia.

– Certo – o bruxo falou com seriedade. – Já lhe digo tudo. O mais digno de nós, tanto pelo grau como pela honra, é Jaskier.

– O senhor vice-conde Julian – o camareiro-mor disse, arrebitando o nariz – é um convidado extraordinariamente honorífico. Portanto, permanecerá sentado à direita de Sua Alteza Sereníssima.

– Certo – o bruxo repetiu, sério como a própria morte. – Mas ele não revelou, no que diz respeito a nós, quais eram nossos graus, títulos e honras?

– Revelou – o camareiro-mor pigarreou – apenas o fato de que os senhores estão viajando incógnitos numa missão cavaleiresca e não podem divulgar os detalhes dela, assim como os verdadeiros nomes, brasões e títulos, pois estão comprometidos por um juramento.

– Exatamente. Qual é o problema, então?

– Eu preciso dispor dos assentos! São convidados, sobretudo comilitões do senhor vice-conde, então lhes assinarei lugares mais próximos da cabeceira da mesa… Entre os barões. No entanto, não pode ser, senhores, que sejam iguais na hierarquia, pois não acontece nunca de todos serem iguais. Se alguém dos senhores merecer uma distinção maior por causa do grau ou nascimento, deverá permanecer sentado à mesa principal, junto da duquesa…

– Ele – o bruxo apontou, sem hesitar, para o vampiro que estava por perto, contemplando, concentrado, o gobelim que ocupava quase toda a parede – é conde. Mas não dê nem um pio sobre isso. É um segredo.

– Entendo. – O camareiro-mor ficou tão impressionado que quase se engasgou. – Nestas circunstâncias… Assinar-lhe-ei o lugar à direita da condessa Notturna, tia de nobre nascimento da senhora duquesa.

– Não se arrependerão, nem o senhor nem a tia. – Geralt mantinha uma cara impassível. – Não há ninguém que se possa igualar a ele tanto em costumes como na arte de conversar.

– Estou contente de ouvi-lo. O senhor, Geralt de Rívia, sentará junto da venerável senhora Fringilla. Assim manda a tradição. O senhor a carregou até a Cuba, é seu…. hmmm… digamos, cavaleiro…

– Entendi.

– Muito bem, então. Ah, senhor conde…

– Pois não? – estranhou o vampiro que acabou de se afastar da tapeçaria que mostrava a luta entre os gigantes e ciclopes.

–Nada, nada – Geralt sorriu. – Estamos apenas batendo papo.

– Ha, ha – Regis acenou com a cabeça. – Não sei se os senhores notaram… Mas esse ciclope no gobelim, esse aí com o porrete… Olhem para os dedos de

seus pés. Ele, não temamos dizer a verdade, tem duas pernas esquerdas.

– É mesmo – o camareiro-mor Le Goff confirmou sem nenhuma sombra de dúvida. – Há mais gobelins desse tipo em Beauclair. O homem que os teceu era um verdadeiro mestre. Mas bebia muito. Os artistas são assim.

•

– Já está na hora de irmos – o bruxo falou, desviando o olhar das moças atiçadas pelo vinho que o observavam, sentadas à mesa em que se faziam adivinhações. – Vamos embora, Reynart. Paguemos, montemos o cavalo e vamos para Beauclair.

– Eu sei por que você está com tanta pressa – o cavaleiro lançou um largo sorriso. – Não se preocupe, sua bela de olhos verdes está à sua espera. Acabou de dar meia-noite. Conte sobre o banquete.

– Contarei e iremos embora.

– Combinado.

•

A vista da mesa posta em forma de uma gigantesca ferradura lembrava explicitamente que o outono estava chegando ao fim e o inverno se aproximava. Os vasos e as bandejas estavam carregados de iguarias, entre as quais dominava carne de caça em todas as possíveis variantes e espécies. Havia lá enormes quartos de javalis, presuntos e pernis de cervos, diversos patês, aspics e rosadas fatias de carne, enfeitadas com cogumelos, cranberries, geleia de ameixa e molho com frutas de espinheiro-alvar. Tudo de acordo com o costume outonal. Havia aves outonais – galos-lira, tetrazes e faisões, servidos de forma decorativa com as asas e as caudas, pintadas-pretas assadas, codornizes e perdizes, marrecos, narcejas, galinhas-do-mato e tordos. Havia lá verdadeiras iguarias, como tordos-zorzais, assados inteiramente, sem esviscerar, pois as bagas de junípero que se encontram nas entranhas dessas pequenas aves constituem um tempero natural. Havia também trutas dos lagos serranos, luciopercas, fígados de lotas e lúcios. A alface-da-terra, que era típica para o outono tardio e, de acordo com a necessidade, poderia ser retirada até de debaixo da neve, propiciava o toque verde.

O visgo substituía as flores.

No meio da mesa honorária que constituía o cimo da ferradura e à qual se sentaram a duquesa Anarietta e os mais ilustres convidados, pôs-se a decoração

da noite numa enorme bandeja de prata. Por entre as trufas, flores talhadas em cenouras, limões cortados ao meio e corações de alcachofras, estirava-se um gigantesco esturjão em cujo dorso havia uma garça assada inteiramente, apoiada sobre um pé, que segurava um anel dourado em seu bico levantado.

– Juro pela garça – Peyrac-Peyran, o barão com a cabeça de um touro no brasão bem conhecido pelo bruxo, gritou, levantou-se e ergueu a taça. – Juro pela garça defender a virtude dos cavaleiros e a honra das damas e juro nunca, absolutamente nunca, ceder o campo a ninguém!

O juramento foi aplaudido com entusiasmo. E todos entregaram-se ao ato de comer.

– Juro pela garça! – outro cavaleiro que usava um bigode empinado e insolente parecido com uma vassoura vozeirou. – Prometo defender as fronteiras e Sua Alteza Sereníssima Anna Henrietta até a última gota de sangue! E, para provar minha fidelidade, juro pintar uma garça no escudo e por um ano lutar incógnito, mantendo o nome e o brasão em segredo, chamando-se de o Cavaleiro da Garça Branca! Brindo à saúde de Sua Alteza Sereníssima!

– À saúde! À felicidade! Viva! Viva Sua Alteza Sereníssima!

Anarietta agradeceu com um leve aceno da cabeça decorada com um diadema de diamantes. Usava tantos diamantes que poderia arranhar um vidro apenas passando por ele. Jaskier estava sentado junto dela, sorrindo tolamente. Emiel Regis estava sentado um pouco à frente, entre duas matronas. Vestia uma negra túnica de veludo na qual parecia um vampiro. Servia às matronas, divertia-as com a conversa e elas ouviam-no fascinadas.

Geralt pegou a travessa com as postas de lucioperca decoradas com salsinha, serviu a Fringilla Vigo, que estava sentada à sua esquerda e usava um vestido de cetim roxo e um lindíssimo colar de ametistas que se apresentava formosamente no decote. Fringilla, que o observava por debaixo de seus negros cílios, ergueu a taça e sorriu misteriosamente.

– À sua saúde, Geralt. Alegro-me com o fato de estarmos sentados juntos.

– Não louve antes que o dia termine – retribuiu o sorriso, pois afinal de contas estava de bom humor. – O banquete mal começou.

– Pelo contrário. Dura o suficiente para você me fazer um elogio. Quanto mais devo esperar?

– Você é excepcionalmente linda.

– Devagar, devagar, com moderação! – riu, e ele juraria que o riso fora verdadeiramente sincero. – Se continuarmos nesse passo, dá medo de pensar até

onde poderemos chegar antes que o banquete acabe. Comece com… Hmm… Diga que meu vestido é elegante e que fico bem de roxo.

– Você fica bem de roxo. Mas preciso admitir que você estava linda de branco.

Viu um desafio em seus olhos cor de esmeralda. Estava com medo de aceitá-lo. Não estava tão bem-humorado.

Cahir e Milva estavam sentados de frente para eles. Cahir, entre duas jovens nobres, aparentemente baronesas, que não paravam de tagarelar. E a arqueira estava acompanhada de um cavaleiro mais velho, soturno e calado como uma pedra com o rosto muito enfeado por marcas de varicela.

Angoulême estava sentada num lugar um pouco mais distante, fazendo alvoroço e se achando a rainha da cocada entre os jovens cavaleiros errantes.

– O que é isso? – gritava, erguendo uma faca de prata com a ponta arredondada. – Sem a ponta? Temem que nos esfaqueemos mutuamente ou o quê?

– Esse tipo de facas – Fringilla explicou – está em uso em Beauclair desde os tempos da duquesa Carolina Roberta, avó de Anna Henrietta. Caroberta ficava louca quando os convidados limpavam os dentes com as facas durante os banquetes. No entanto, não há como fazer isso com uma faca com a ponta arredondada.

– Realmente não há – Angoulême concordou, fazendo uma careta insolente. – Por sorte deram-nos garfos!

Fingiu que estava colocando o garfo na boca, mas parou sob o severo olhar de Geralt. O jovem cavaleirinho sentado à sua direita riu soltando um relincho de falsete. Geralt pegou a travessa com o pato em gelatina e serviu a Fringilla. Viu que Cahir se esforçava para satisfazer os desejos das baronesas que estavam encantadas, olhando para ele como para um arco-íris. Viu os jovens cavaleiros se apressando para servir a Angoulême, competindo para lhe oferecer pratos e caindo às gargalhadas após ouvirem suas piadas patetas.

Viu Milva esmigalhar o pão com o olhar fincado na toalha de mesa.

Fringilla parecia ler seus pensamentos.

– Sua companheira taciturna – sussurrou, inclinando-se em sua direção – teve azar. Bem, essas coisas acontecem na hora de dispor a mesa. O barão de Trastamara não é muito cortês. Nem eloquente.

– Talvez seja melhor assim – Geralt disse em voz baixa. – Um cortesão babado de polidez seria pior. Eu conheço Milva.

– Tem certeza? – Olhou para ele rapidamente. – Você, por acaso, não a está medindo com sua própria régua? Por sinal, um pouco cruel?

Não respondeu e, em vez disso, serviu-lhe enchendo seu copo de vinho. E chegou à conclusão de que estava na hora de esclarecer certas questões.

– Você é feiticeira, não é?

– Sou – admitiu, mascarando a surpresa habilmente. – Como você notou?

– Sinto a aura – não entrou em pormenores. – E tenho experiência.

– Para que tudo esteja claro – disse após um momento –, não era minha intenção enganar ninguém. Não tenho, no entanto, a obrigação de ostentar minha profissão ou vestir um chapéu pontiagudo e uma capa negra. Qual seria o sentido de assustar as crianças com minha pessoa? Tenho o direito de passar incógnita.

– Sem dúvida.

– Estou em Beauclair porque aqui fica, senão a maior, então a mais rica biblioteca do mundo já conhecida. Fora das bibliotecas universitárias, claro. Mas as universidades são ciumentas quanto ao acesso a suas prateleiras, e eu aqui sou parente e amiga de Anarietta e tenho toda a liberdade.

– É de dar inveja.

– Durante a audiência, Anarietta sugeriu que a biblioteca pudesse guardar alguma pista valiosa para você. Não se deixe desencorajar por causa de sua exaltação teatral. Ela simplesmente é assim. E realmente não se pode descartar a possibilidade de encontrar algo nos livros, é altamente provável. Basta apenas saber o que se procura e onde procurá-lo.

– É mesmo. Só isso.

– Suas respostas estão tão cheias de entusiasmo que realmente animam e estimulam a ter uma conversa – levemente semicerrou os olhos. – Suspeito do motivo. Você não confia em mim, não é?

– Aceita mais um pedaço da galinha-do-mato?

– Juro pela garça! – Um jovem cavaleiro sentado na ponta da ferradura levantou-se e cobriu o olho com uma faixa recebida de sua vizinha de mesa. – Juro que não vou tirar esta faixa até que sejam eliminados por completo os bandoleiros do passo de Cervantes!

A duquesa expressou seu apreço com um aceno senhorial de seu diadema que reluzia com diamantes.

Geralt esperava que Fringilla não retomasse o assunto. Estava errado.

– Você não acredita nem confia em mim – disse. – Você me deu um golpe duplamente doloroso. Você não apenas duvida que eu sinceramente queira

ajudá-lo, como também não acredita que eu possa fazê-lo. Oh, Geralt! Você feriu profundamente meu orgulho e minha altiva ambição.

– Ouça…

– Não! – Ergueu a faca e o garfo como se estivesse ameaçando-o com eles. – Não dê explicações. Não suporto homens que procuram se explicar.

– E que tipo de homens você suporta?

Semicerrou os olhos, mas continuava a segurar os talheres como se fossem adagas prontas para executar um golpe.

– A lista é longa – disse devagar – e não quero entediá-lo com pormenores. Vou apenas mencionar que no topo dela há homens que estão prontos para ir até o fim do mundo pela pessoa amada, sem medo, desdenhando o risco e o perigo. E não desistem, embora possa parecer que não haja chances de sucesso.

– E as restantes posições na lista? – não aguentou. – Outros homens de seu gosto? Loucos também?

– E o que seria a verdadeira masculinidade – inclinou a cabeça caprichosamente – senão classe e loucura misturadas nas proporções certas?

– Senhoras e senhores, barões e cavaleiros! – gritou vivamente o camareiro-mor Le Goff ao levantar-se e erguer com ambas as mãos uma gigantesca taça. – Nestas circunstâncias permito-me brindar à saúde da Ilustríssima Duquesa Anna Henrietta!

– À saúde, à felicidade!

– Hurra!

– Que viva! Viva!

– E agora, senhoras e senhores. – O camareiro-mor pôs a taça de lado e com um gesto cerimonial acenou para os lacaios. – E agora… Magna Bestia!

Na travessa, que quatro criados tiveram de carregar em cima de uma espécie de liteira, entrou um enorme assado enchendo a sala de um maravilhoso aroma.

– Magna Bestia! – os festeiros estrondearam em coro. – Hurra! Magna Bestia!

– Que porra de besta? – Angoulême inquietou-se em voz alta. – Não vou comer até que me falem o que é aquilo.

– É um alce – Geralt explicou. – Alce assado.

– E não é um alce qualquer – Milva pigarreou e falou em seguida. – O gigante tinha por volta de sete quintais.

– Um alce macho. Sete quintais e quarenta e cinco libras – o barão com o rosto cheio de marcas de varicela sentado junto dela falou em voz rouca. Foram

as primeiras palavras que proferiu desde o início do banquete.

Poderia ter sido o início de uma conversa, mas a arqueira rubejou, fixou os olhos na toalha de mesa e recomeçou a esmigalhar o pão.

Mas Geralt levou a sério as palavras de Fringilla.

– Será que foi o senhor, barão – perguntou –, que matou esse maravilhoso alce?

– Não fui eu – negou o cara de varicela. – Foi meu sobrinho. Um excelente atirador. Mas é, digamos, papo de homens… Peço desculpas, mas não vamos entediar as damas…

– Mas com que arco? – perguntou Milva que ainda fitava a toalha de mesa. – Com certeza foi com um arco de, pelo menos, setenta libras.

– Laminado. Camadas de teixo, acácia, freixo, coladas com tendões – o barão falou devagar, notavelmente surpreso. – Um zefhar duplamente dobrado. Setenta e cinco libras de potência.

– E o estiramento?

– De vinte e nove polegadas – o barão falava cada vez mais devagar, parecia que cuspia as palavras uma por uma.

– Uma verdadeira máquina – Milva falou calmamente. – Com um desses se acertaria um corço de uma distância de apenas cem passos. Se o arqueiro fosse bom.

– Eu – o barão disse com rouquidão, um pouco ofendido – acerto, de vinte e cinco passos, digamos, um faisão.

– De vinte e cinco – Milva ergueu a cabeça – eu acerto um esquilo.

O barão pigarreou, envergonhado, e serviu às pressas a comida e a bebida à arqueira.

– Um bom arco – balbuciou – é a metade do êxito. Contudo, a qualidade das flechas, digamos, é igualmente importante. Repare, senhorita, que para mim uma flecha…

– À saúde de Sua Alteza Sereníssima Anna Henrietta! À saúde do vice-conde Julian de Lettenhove!

– À saúde! *Vivant*!

– … e ele a comeu – Angoulême terminou mais uma anedota pouco inteligente. Os jovens cavaleiros caíram numa gargalhada estrondosa que parecia mais um relinchar do que risada.

As baronesas, chamadas Queline e Nique, ouviam boquiabertas, com os olhos brilhando e as bochechas rubejantes, a história contada por Cahir. À mesa principal toda a alta aristocracia ouvia as divagações de Regis. Geralt – apesar de

seu ouvido de bruxo – conseguia escutar apenas uma ou outra palavra que chegava até ele no meio da algazarra. No entanto, sabia que o assunto sobre o qual se falava eram assombrações, estriges, súcubos e vampiros. Regis gesticulava com o garfo de prata e provava que o melhor remédio contra vampiros era a prata, o metal cujo toque mais suave era absolutamente letal para um vampiro. E o alho?, as damas perguntaram. O alho também é eficaz, Regis admitia, mas causava problemas no convívio social, pois fedia terrivelmente.

Uma banda na galeria tocava discretamente guzlas e pífanos, os acrobatas, malabaristas e engolidores de fogo mostravam a arte de seu ofício. O bobo tentou fazer rir, mas não chegava nem aos pés de Angoulême. Em seguida, apareceu o treinador de ursos com seu urso que, para a alegria geral, fez cocô no chão. Angoulême entristeceu e perdeu o humor – não havia como competir com algo assim.

A duquesa do nariz pontiagudo enfureceu-se de repente, um dos barões caiu na desgraça por causa de uma palavra desatenta e foi escoltado até a torre. Poucas pessoas – além do próprio envolvido no ocorrido – preocuparam-se com o assunto.

– Você não conseguirá sair tão rápido daqui, seu incrédulo – Fringilla Vigo falou, balançando o copo. – Embora quisesse partir logo, não conseguirá.

– Não leia, por favor, meus pensamentos.

– Desculpe. Eram tão fortes que li sem querer.

– Você nem imagina quantas vezes eu já ouvira o mesmo papo.

– Você próprio não sabe o quanto eu sei. Por favor, coma as alcachofras, são saudáveis, fazem bem ao coração. E o coração é um órgão muito importante para um homem. O segundo na escala de importância.

– Pensei que as mais importantes fossem classe e loucura.

– As qualidades do espírito deveriam ser acompanhadas pelos valores do corpo. Assim se atinge a perfeição.

– Ninguém é perfeito.

– Mas isso não é um argumento. É preciso se esforçar. Sabe o que mais? Vou aceitar essa galinha-do-mato.

Cortou a avezinha no prato com tanta rapidez e brutalidade que o bruxo estremeceu.

– Não partirá daqui tão rápido – disse. – Primeiro, você não precisa. Não corre nenhum perigo…

– Realmente nenhum – não aguentou e interrompeu no meio da frase. – Os nilfgaardianos se assustarão com a nota contundente emitida pela chancelaria

ducal. E, caso se arrisquem, serão expulsos daqui pelos cavaleiros errantes com vendas nos olhos que juram pela garça.

– Você não corre nenhum risco – repetiu, não prestando atenção ao sarcasmo. – Toussaint é geralmente considerado um ducado de conto de fadas, ridículo e irreal, que além disso, por causa da produção de vinho, vive tomado por um estado de permanente embriaguez e alegria bacanal. Portanto, ninguém o leva a sério, mas goza de privilégios porque, afinal de contas, fornece vinhos, e sem o vinho, como se sabe, não há vida. Por isso, em Toussaint não atuam agentes, espiões ou serviços secretos. E não se precisa manter um exército, bastam apenas cavaleiros errantes com um olho vendado. Ninguém atacará Toussaint. Vejo, pela expressão em sua cara, que não o convencera.

– Não por completo.

– Que pena, então. – Fringilla semicerrou os olhos. – Gosto de fazer as coisas por completo. Detesto o incompleto e os meios-termos. E as meias-palavras. Então concluo: Fulko Artevelde, o prefeito de Riedbrune, acha que você está morto, pois os fugitivos informaram-lhe que os druidas os queimaram todos vivos. Fulko está fazendo de tudo para encobrir o assunto que certamente pode virar um escândalo. É do seu interesse fazer isso; ele se preocupa com sua própria carreira. Mesmo que ele saiba que você está vivo, já será demasiado tarde. A versão que ele providenciara nos relatórios será a vigente.

– Você sabe muito.

– Nunca escondi esse fato. Portanto, o argumento sobre a perseguição nilfgaardiana pode ser desconsiderado. E simplesmente faltam outros que sustentariam a decisão sobre uma partida rápida.

– Interessante.

– Mas real. Há quatro passos que levam às quatro partes do mundo pelos quais se pode sair de Toussaint. Qual dos passos você escolherá? Os druidas não lhe disseram nada e se negaram a cooperar. O elfo das montanhas desapareceu…

– Você realmente sabe muito.

– Já havíamos determinado isso.

– E você quer me ajudar.

– E você está negando essa ajuda, pois não acredita na sinceridade de minhas intenções. Não confia em mim.

– Escute, eu…

– Não se justifique. Coma mais alcachofras.

Mais uma pessoa jurou pela garça. Cahir elogiava as baronesas. Angoulême, ligeiramente embriagada, podia ser ouvida por toda a mesa. O barão cara de varicela, animado pelo discurso sobre os arcos e as flechas, até passou a galantear Milva.

– Por favor, senhorita, prove o presuntinho de javalizinho. Em minhas propriedades há áreas não cobertas de neve onde, digamos, bandos inteiros de javalis revolvem a terra.

– Oh!

– Às vezes se podem encontrar lá belas peças, de até três quintais… Estamos no auge da temporada… Se a senhorita desejar… Podemos caçar, digamos, juntos…

– Mas nós não ficaremos aqui por muito tempo. – Milva olhou de forma curiosamente implorante. – Pois, que o senhor me perdoe, mas temos afazeres mais importantes que a caça. – Embora – acrescentou às pressas, vendo o barão entristecer – com grande vontade caçaria uma besta negra com o senhor.

O barão alegrou-se imediatamente.

– Se não for para caçar – declarou entusiasmado –, então convido-a para me visitar. Em minha residência. Eu lhe mostrarei minha coleção de galhadas de cervos, esgalhos, cachimbos e sabres…

Milva fixou o olhar na toalha de mesa.

O barão pegou a bandeja com os tordos zornais, serviu-lhe e em seguida encheu o copo de vinho.

– Peço desculpas – disse. – Não sou cortês. Não sei cortejar.

Não sou bom nesse tipo de papo.

– Eu – Milva pigarreou – fui criada na floresta. Sei dar valor ao silêncio.

Fringilla achou a mão de Geralt embaixo da mesa e apertou-a com força. Geralt mirou seus olhos. Não sabia adivinhar o que se escondia neles.

– Confio em você – disse. – Confio na sinceridade de suas intenções.

– Não está mentindo?

– Juro pela garça.

•

O guarda municipal devia estar bastante chumbado por causa das festividades de Yule, pois andava cambaleando, batia a alabarda contra as tabuletas e anunciava estrondosamente, embora balbuciando, que já eram dez horas, mesmo que na realidade fosse bem depois da meia-noite.

– Vá sozinho até Beauclair – Reynart de Bois-Fresnes falou inesperadamente logo após terem saído da taberna. – Eu vou ficar na cidade. Até amanhã. Passe bem, bruxo.

Geralt sabia que o cavaleiro tinha uma dama amiga na cidade cujo marido viajava muito a negócios. Nunca falaram sobre o assunto, pois os homens nunca falam sobre esse tipo de coisas.

– Passe bem, Reynart. Cuide do skoffin para que não apodreça.

– Está frio.

Estava muito frio. As ruas estavam escuras e sombrias. O luar iluminava os telhados, cintilava nas estalactites de gelo que pendiam das calhas, mas não chegava ao fundo dos becos. As ferraduras de Plotka tiniam nos paralelepípedos.

"Plotka", o bruxo pensou, dirigindo-se para o palácio Beauclair. "Uma esbelta égua castanha, um presente de Anna Henrietta. E de Jaskier."

Instigou o cavalo. Estava com pressa.

•

Depois do banquete, todos se encontraram na hora do café da manhã, o qual costumavam tomar no complexo da cozinha do castelo. Não se sabia o porquê, mas lá eram sempre bem-vindos. Sempre podiam encontrar lá algo quente, vindo direto da panela, frigideira ou do espeto, sempre podiam encontrar pão, banha de porco, *bacon*, queijo e sanchas marinadas. Nunca faltou um jarro ou dois de um produto branco ou tinto das famosas vinícolas locais. Sempre lá frequentavam. Havia duas semanas passadas em Beauclair. Geralt, Regis, Cahir, Angoulême e Milva. Só Jaskier tomava o café em outro lugar.

– A ele – Angoulême comentou passando a banha no pão – levam a banha com toucinho para a cama! E curvam-se até o chão! Geralt estava disposto a acreditar que era exatamente assim.

E decidiu verificá-lo precisamente hoje.

•

Achou Jaskier na sala dos cavaleiros. O poeta usava uma boina carmesim na cabeça, enorme como um pão integral, e vestia um gibão na mesma tonalidade ricamente bordado com fios de ouro. Estava sentado no faldistório com o alaúde no regaço e, com displicentes acenos, reagia aos elogios das damas e dos cortesãos que o rodeavam.

Felizmente, Anna Henrietta não estava por perto. Sem hesitar, Geralt quebrou o protocolo e agiu com destreza. Jaskier imediatamente o notou.

– Senhores, deixem-nos – intumesceu e acenou a mão de uma forma verdadeiramente real – a sós. Os serviçais também podem se afastar!

Bateu as palmas e, antes que o eco silenciasse, já estavam sozinhos na sala dos cavaleiros, apenas na companhia das armaduras, pinturas, panóplias e de um forte cheiro de pó deixado pelas damas.

– É uma ótima diversão – Geralt avaliou sem ser exageradamente malicioso – expulsá-los, não é? Deve ser um sentimento agradável dar ordens com apenas um gesto imperioso, uma palmada, um franzimento real das sobrancelhas. Olhar como se retiram feito caranguejos, curvando-se em reverências diante de você. Uma ótima diversão. E aí, senhor favorito?

Jaskier franziu o cenho.

– Você quer algo concreto? – perguntou com acidez. – Ou apenas falar por falar?

– Trata-se de algo muito concreto. Tão concreto que não podia ser mais concreto.

– Diga, então. Sou todo ouvidos.

– Precisamos de três cavalos. Para mim, Cahir e Angoulême. E dois cavalos soltos. No total, três bons corcéis e dois cavalos de carga. Cavalos de carga ou, na última das hipóteses, mulas, carregadas de provisão e forragem. Espero que sua duquesa o preze o suficiente para merecer e ganhar tudo isso, hein?

– Não haverá nenhum problema quanto a isso. – Jaskier, sem olhar para Geralt, começou a afinar o alaúde. – Só fico surpreso que você esteja com tanta pressa. Diria que me espanta do mesmo jeito que seu sarcasmo idiota.

– A pressa o surpreende?

– Lógico. Outubro está chegando ao fim e o tempo está piorando visivelmente. Logo os passos nas montanhas ficarão cobertos de neve.

– E você se surpreende com a pressa – o bruxo balançou a cabeça. – Mas foi bom você ter me lembrado disso. Arranje roupa quente para a gente. Casacos de pele.

– Pensei – Jaskier falou devagar – que passaríamos o inverno aqui. Que ficaríamos aqui…

– Se quiser – Geralt falou sem pensar –, fique.

– Quero. – Jaskier levantou-se de súbito e pôs o alaúde de lado. – Eu fico.

O bruxo inspirou o ar profundamente. Ficou calado. Olhava para o gobelim que apresentava a luta de um titã contra um dragão. O titã, firmemente em pé

sobre as duas pernas esquerdas, tentava quebrar a mandíbula do dragão, que não parecia muito entusiasmado.

– Fico – Jaskier repetiu. – Eu amo Anarietta. E ela me ama.

Geralt ainda estava calado.

– Vocês receberão seus cavalos – o poeta retomou o discurso. – Obviamente, mandarei arrumar uma égua de raça chamada Plotka para você. Providenciarei o equipamento, as provisões e a roupa quente. Mas, sinceramente, aconselho que fiquem até a primavera. Anarietta…

– Estou ouvindo bem? – o bruxo finalmente recuperou a voz. – Ou estou enganado?

– Seu raciocínio – o trovador rosnou – está evidentemente entorpecido. Quanto aos outros sentidos, não sei. Repito: nos amamos, Anarietta e eu. Fico em Toussaint. Com ela.

– No papel de quem? Amante? Favorito? Ou talvez duque consorte?

– O *status* formal e judicial não tem a menor importância – Jaskier admitiu com sinceridade. – Mas não se pode excluir nada. Nem o casamento.

Geralt calou-se novamente contemplando a luta do titã contra o dragão.

– Jaskier – finalmente falou. – Se você bebeu, então fique sóbrio. Se você não bebeu, então beba. Só então falaremos.

– Não entendo bem – Jaskier franziu o cenho – por que você está falando assim.

– Pense um pouco.

– Sobre o quê? Meu relacionamento com Anarietta o deixou tão enraivecido? Gostaria de, talvez, apelar ao meu juízo? Poupe-me. Eu já repensei o assunto. Anarietta me ama…

– Você conhece – Geralt interrompeu – este ditado que diz que a graça das duquesas é como um lance de dados? Mesmo que essa sua Anarietta não fosse manhosa, mas que ela, me perdoe a franqueza, tem mesmo cara de manhosa, aí…

– Aí o quê?

– Só em contos de fadas é que as duquesas se relacionam com músicos.

– Primeiro – Jaskier tufou-se –, até um parvo como você deve ter ouvido falar de casamentos morganáticos. Você quer que eu lhe dê exemplos da história antiga e moderna? Segundo, provavelmente você vai estranhar, mas eu não venho lá de baixo. Minha família, os de Lettenhove, origina-se de…

– Eu o ouço – Geralt interrompeu novamente, enraivecido – e fico abismado. Será que realmente é meu amigo Jaskier que fala tantas besteiras? Será que

realmente é o meu amigo Jaskier que perdeu o juízo por completo? Será que é Jaskier, que eu considerava realista e de repente, do nada, começou a viver num mundo de ilusão? Abra os olhos, cretino.

– Ahã – Jaskier falou devagar, cerrando os lábios. – Que interessante troca de papéis. Eu sou o cego e você, subitamente, virou um observador cuidadoso e esperto. O que, então, por curiosidade, não enxergaria daquilo que você vê, hein? Para que, segundo você, eu teria de abrir os olhos?

– Para, por exemplo – o bruxo falou, arrastando as palavras –, o fato de que sua duquesa é uma criança mimada que virou uma mulher arrogante, presunçosa e mimada. Para o fato de que ela o encheu de mimos, fascinada pela novidade, e lhe dará um pé na bunda na mesma hora em que chegar outro músico com um repertório mais moderno e interessante.

– É muito baixo e vulgar o que você fala. Espero que tenha consciência disso.

– Tenho consciência de sua falta de consciência. Você é um louco, Jaskier.

O poeta permaneceu em silêncio, alisando o braço do alaúde. Demorou um pouco antes que falasse.

– Partimos de Brokilon – começou devagar – numa missão de loucos. Correndo um risco insensato, lançamo-nos numa perseguição insana atrás de uma miragem, desprovida de qualquer chance de êxito. Atrás de uma alucinação, um devaneio, um sonho louco, atrás de um ideal indestrutível. Lançamo-nos nessa perseguição como loucos, desvairados. Mas eu, Geralt, não me queixei nem uma vez. Não o chamei de louco, não o ridiculizei. Porque havia em você amor e esperança. Foi o que o guiou nessa louca missão. E foi o que me guiou também. Mas eu já consegui alcançar minha miragem e tive a sorte de esse sonho se realizar. Minha missão acabou. Achei aquilo que parecia tão difícil de ser encontrado. E quero mantê-lo. É isso o que você chama de loucura? Seria louco se largasse isso, soltasse das mãos.

Geralt ficou em silêncio. Permaneceu calado por um momento tão longo quanto Jaskier antes dele.

– Pura poesia – falou, por fim. – E é difícil vencê-lo nela. Não falarei mais nada. Você tirou meus argumentos. E admito que com a ajuda de alguns bastante certeiros. Passe bem, Jaskier.

– Passe bem, Geralt.

•

A biblioteca do palácio era realmente enorme. A sala onde estava localizada superava, pelo menos, duas vezes a sala dos cavaleiros. E tinha um teto de vidro.

Graças a isso era clara. No entanto, Geralt suspeitava de que no verão fazia lá um calor danado.

Os corredores entre as prateleiras e estantes eram estreitos e apertados, andava com cuidado para não derrubar os livros. Tinha de passar também por cima dos volumes empilhados no chão.

– Estou aqui – ouviu.

O centro da biblioteca estava abarrotado de livros amontoados e empilhados. Muitos estavam espalhados desordenadamente, soltos ou reunidos em pilhas pitorescas.

– Aqui, Geralt.

Adentrou os cânions e as voçorocas formados por livros. E encontrou-a.

Estava ajoelhada por entre os espalhados incunábulos, folheava-os e segregava. Usava um simples vestido cinza, levantado ligeiramente para sua comodidade. Geralt chegou à conclusão de que a vista era extremamente atraente.

– Não se espante com esta desordem – disse, limpando a testa com o antebraço, pois nas mãos usava finas luvas de seda, sujas de poeira. – Preparavam o inventário e faziam a catalogação, mas a meu pedido interromperam os trabalhos para que pudesse estar sozinha na biblioteca. Detesto o olhar alheio na nuca enquanto trabalho.

– Perdoe-me. Quer que eu saia?

– Você não é um estranho. – Semicerrou levemente os olhos verdes. – Seu olhar… é prazeroso. Não fique em pé assim desse jeito. Sente-se aqui, em cima dos livros.

Sentou-se em *A descrição do mundo* publicada *in folio*.

– Esta desordem – Fringilla apontou, com um gesto enérgico, para aquilo que ficava a seu redor – inesperadamente facilitou meu trabalho. Consegui chegar aos volumes que normalmente ficam guardados em algum lugar no fundo, embaixo de uma camada impossível de ser revolvida. Os bibliotecários da duquesa mexeram a amontoação num esforço titânico. Graças a isso algumas das joias da literatura viram a luz do dia, verdadeiras joias raras. Olhe só. Você já viu algo parecido?

– *Speculum aureum*? Já.

– Esqueci, desculpe. Você já viu muitas coisas. Era para ser um elogio, não um sarcasmo. E dê uma olhada nisto aqui, ó. São os *Gesta regum*. Começaremos por aí para que você entenda quem realmente é sua Ciri e cujo sangue corre em

suas veias… A expressão em sua cara é ainda mais ácida que de costume, sabia? Qual é o motivo disso?

– Jaskier.

– Conte-me.

Contou. Fringilla ouviu sentada com as pernas cruzadas em cima de uma pilha de livros.

– Bom – suspirou quando terminou de contar. – Admito que esperava algo parecido. Já havia notado há muito tempo que Anarietta parecia estar apaixonada.

– Apaixonada? – bufou. – Ou será que se trata de caprichos de uma fidalga?

– Você, ao que parece – penetrou-o com seu olhar –, não acredita num amor puro e sincero.

– Minha fé – cortou – não é necessariamente o assunto em debate e não tem nada a ver com isso. Trata-se de Jaskier e de seu estúpido…

Cortou, perdendo, de repente, a confiança.

– O amor – Fringilla falou devagar – é como a cólica renal. Você nem imagina o que é até ter um ataque. E você nem acredita quando lhe falam sobre isso.

– Tem um pouco de razão nisso – o bruxo concordou. – Mas também há diferenças. O juízo não o protege de uma cólica renal. Nem providencia a cura para ela.

– O amor zomba do juízo. E esse é seu charme e sua beleza.

– Antes a estupidez.

Levantou e aproximou-se dele. Tirou as luvas. Seus olhos eram escuros e profundos debaixo das cortinas de cílios. Cheirava a âmbar, rosas, poeira da biblioteca, papel velho, mínio, tinta de imprensa, tinta nanquim, estricnina usada nas tentativas de envenenar os ratos na biblioteca. Esse cheiro tinha pouco em comum com um afrodisíaco. Tanto mais estranho era o fato de que funcionava.

– Você não acredita – falou com uma voz alterada – num impulso repentino? Numa brusca atração? Em dois bólidos que voam numa trajetória colisiva e se chocam? Num cataclismo?

Estendeu as mãos e tocou em seus ombros. Ele tocou nos ombros dela. Aproximavam os rostos devagar, atentos e tensos, juntavam os lábios cuidadosa e delicadamente, como se estivessem com medo de espantar uma criatura extremamente fugaz.

E depois os bólidos se chocaram e houve um cataclismo. Caíram em cima da pilha de volumes que, sob seu peso, es-

parramou-se para todos os lados. Geralt enfiou o nariz no decote de Fringilla, abraçou-a com força e segurou-a pelo joelho. Não conseguiu levantar seu vestido acima da cintura pois vários livros o atrapalhavam nisso, inclusive o *Vidas dos profetas*, cheio de sutis capitulares e iluminuras, e *De haemorrhodibus*, um tratado médico interessante, embora controverso. O bruxo afastou os volumes para o lado e puxou o vestido nervosamente. Fringilla levantou os quadris com vontade.

Algo lhe causava incômodo no braço. Virou a cabeça. Era o *Ciência da obstetrícia para as moças*. Olhou rapidamente para o lado oposto para não atrair azar. *Sobre as águas quentes sulfurosas*. Realmente, a atmosfera tornava-se cada vez mais quente. Com o canto do olho via o frontispício do livro aberto sobre o qual pousava sua cabeça: *Notas sobre a inevitável morte*. “Melhor ainda”, pensou.

O bruxo lutava contra as calcinhas de Fringilla. Ela levantou os quadris, dessa vez ligeiramente, para que parecesse um movimento acidental e não uma ajuda provocante. Não o conhecia, não sabia como reagia perante as mulheres. E será que ele, por acaso, preferia aquelas mulheres que fingem que não sabem o que querem àquelas que o sabem? E será que ficou desanimado pelo fato de as calcinhas demonstrarem resistência na hora de tirá-las?

Contudo, o bruxo não apresentava nenhum sintoma de desânimo. Podia-se dizer que pelo contrário. Vendo que estava na hora certa, Fringilla abriu as pernas com entusiasmo e ímpeto, derrubando uma pilha de livros e fascículos amontoados que deslizaram sobre eles feito uma avalanche. O *Direito hipotecário*, encadernado em pele curtida, encostou em sua nádega. O *Codex diplomaticus*, ornado com cantoneiras de latão, apoiou-se no pulso de Geralt, que num instante avaliou e aproveitou a situação: colocou o extenso volume no lugar certo. Fringilla chiou, pois as cantoneiras estavam frias. Mas só por um instante.

Suspirou profundamente, soltou o cabelo do bruxo, estendeu os braços e agarrou os livros com ambas as mãos, segurando a *Geometria descritiva* com a mão esquerda e o *Esboço sobre os répteis e anfíbios* com a direita. Geralt, que a firmava pelos quadris, derrubou, com um chute involuntário, mais uma pilha de volumes, mas estava demasiado ocupado para preocupar-se com os livros que caíam sobre ele. Fringilla, gemendo espasmodicamente, passou a cabeça sobre as páginas de *Notas sobre a inevitável morte*.

Os livros caíam, murmurejando. O forte odor de poeira antiga penetrava o nariz.

Fringilla gritou. O bruxo não ouviu o grito pois ela apertou seus ouvidos com as coxas. Livrou-se da *História das guerras* e do *Armazém de todos os*

ensinamentos necessários para uma vida feliz que o incomodavam, arremessando-os para longe. Lutando nervosamente contra os botões e colchetes da parte superior do vestido, andava do sul ao norte, lendo, involuntariamente, os títulos nas capas, lombadas, folhas de rosto e nos frontispícios. Sob a cintura de Fringilla: *O agricultor perfeito*. Sob sua axila, perto de seu pequeno, encantador seio erguido ousadamente: *Sobre os alcaides inúteis e obstinados*. Sob o cotovelo: *Economia ou uma simples descrição como se forma, partilha e consome a riqueza*.

Leu as *Notas sobre a inevitável morte* já com os lábios em seu pescoço e as mãos próximas dos *Alcaides*... Fringilla emitiu um som difícil de ser classificado: não era nem um grito, nem um gemido, nem sequer um suspiro.

As estantes tremeram, as pilhas dos livros sacudiram-se e caíram, colapsando à semelhança das rochas durante um brusco terremoto. Fringilla gritou. Um livro raro caiu da estante com estrondo. Era a primeira edição de *De larvis scenicis et figuris comicis*. Atrás dele tombou o *Compêndio de ordens gerais para a cavalaria*, arrastando consigo a *Heráldica* de Jan de Attre ornada com belas gravuras. O bruxo gemeu, derrubando vários volumes com chutes dados com a perna estirada. Fringilla soltou mais um grito, alto e prolongado, destituindo com o salto as *Reflexões ou meditações para todos os dias do ano*, uma interessante obra anônima que, sem saber como, pousou nas costas de Geralt. O bruxo tremia e lia pelo seu ombro, tomando conhecimento de que as *Notas*… foram escritas pelo doutor Albertus Rivus, publicadas pela Academia Cintrensis e impressas pelo mestre de tipografia Johann Froben Júnior do segundo ano do reinado de Sua Majestade rei Corbett.

Tudo permanecia em silêncio interrompido apenas pelo murmúrio das páginas viradas e dos livros que caíam.

“O que fazer?”, Fringilla pensou, passando a mão com movimentos lânguidos no flanco de Geralt e no duro canto das *Reflexões acerca da natureza das coisas*. “Propor? Ou esperar até que ele proponha? Só espero que ele não me considere frívola e libertina…

E o que será se ele mesmo não fizer a proposta?”

– Que tal acharmos uma cama – o bruxo propôs com uma voz um tanto rouca. – Não é digno tratar os livros desta maneira.

•

“Achamos, então, uma cama”, Geralt pensou, soltando Plotka num galope pela alameda do parque. “Achamos uma cama em seus aposentos, em sua alcova. Fizemos amor feito loucos, vorazes, ávidos, como após anos de celibato,

como se fosse para estocar, como se corrêssemos perigo de novamente passar pelo celibato.

Contávamos muitas coisas um para o outro. Contávamos, mutuamente, verdades bem triviais. Contávamos mentiras muito agradáveis. Mas essas mentiras, embora fossem mentiras, não estavam pensadas para enganar."

Excitado pelo galope, dirigiu Plotka de frente para a roseira coberta de neve e forçou a égua a saltar.

"Fizemos amor. E falávamos. E nossas mentiras eram cada vez mais bonitas. E cada vez mais mentirosas."

Dois meses. Desde outubro até Yule.

Dois meses de um amor raivoso, guloso, violento.

As ferraduras de Plotka estrondearam sobre as lajes do pátio do palácio Beauclair.

•

Passou pelos corredores rápida e silenciosamente. Ninguém o vira nem sequer ouvira. Nem os guardas com as alabardas que matavam o tédio com papo e fofocas, nem os lacaios ou pajens que cochilavam. Nem as chamas das velas tremelicaram quando passava junto dos candelabros.

Estava perto da cozinha do palácio, mas não entrou lá, não se juntou à companhia que estava dentro, dando conta de um barril e de alguma fritura. Ficou à sombra, ouvindo.

Quem falava era Angoulême.

– É um puta de um lugar encantado esse tal de Toussaint. Todo este vale está sob algum encanto. Especialmente este palácio. Desconfiei de Jaskier, desconfiei do bruxo, mas agora eu própria estou passando mal e sinto uma dor… Pft, me peguei… Eh, nem vou lhes falar nada. Digo a vocês, vamos embora daqui. Vamos embora o mais rápido possível.

– Fale isso para Geralt – Milva afirmou. – Fale isso para ele.

– Sim, converse com ele – Cahir acrescentou, com uma boa dose de sarcasmo. – Num desses curtos instantes em que está disponível. Entre o leito da feiticeira e a caça aos monstros. Entre duas atividades às quais se entregou havia dois meses para esquecer.

– Você próprio – Angoulême bufou – está disponível, principalmente no parque onde joga aros com as senhoritas baronesas. Eh, este Toussaint está todo encantado, não tem outro jeito. Regis desaparece todas as noites, a tiazinha tem o barão de cara de varicela…

– Cale a boca, sua fedelha! E não me chame de tiazinha!

– Eta! – Regis intrometeu-se, num tom reconciliador. – Parem, meninas. Milva, Angoulême. Façam as pazes. A paz faz crescer, a discórdia arruína. Assim fala Sua Ilustríssima duquesa de Jaskier, a senhora deste país, deste palácio, deste pão, desta banha e destes pepinos. Quem quer mais vinho?

Milva suspirou profundamente.

– Estamos parados aqui há muito tempo! Há muito tempo estamos parados aqui sem fazer nada. Por isso estamos ficando cada vez mais idiotas.

– Bem falado – disse Cahir. – Muito bem falado.

Geralt retirou-se com cuidado. Silenciosamente. Como se fosse um morcego.

•

Passou pelos corredores rápida e silenciosamente. Ninguém o vira nem sequer ouvira. Nem os guardas, nem os lacaios, nem sequer os pajens. Nem as chamas das velas tremelicavam quando ele passava pelos candelabros. As ratazanas ouviam, erguiam os focinhos bigodudos, ficavam em pé, verticalmente. Mas não se espantavam. Conheciam-no.

Passava por aí com frequência.

A alcova cheirava a feitiço e encanto, a âmbar, rosas e sonho de mulher. Mas Fringilla estava acordada.

Sentou-se no leito, afastou o edredom, encantando-o com essa visão e dominando-o por completo.

– Afinal veio – disse, espreguiçando-se. – Você me negligencia terrivelmente, bruxo. Dispa-se e venha aqui já. Ande, rápido.

•

Passou pelos corredores rápida e silenciosamente. Ninguém a vira nem sequer ouvira. Nem os guardas que fofocavam preguiçosamente nas guaritas, nem os lacaios que cochilavam, nem sequer os pajens. Nem as chamas das velas tremelicavam quando ela passava pelos candelabros. As ratazanas ouviam, erguiam os focinhos bigodudos, ficavam em pé, verticalmente, seguiam-na com as negras miçangas de olhos. Não se espantavam. Conheciam-na.

Passava por aí com frequência.

•

No palácio Beauclair havia um corredor com um aposento no fundo de cuja existência ninguém tinha o menor conhecimento. Nem a atual senhora do palácio, a duquesa Anarietta, nem a primeira senhora do palácio, sua tetravó, a duquesa Ademarta. Nem o arquiteto responsável pela reforma geral da edificação, o famoso Pedro Faramond, nem os mestres de obras que trabalhavam de acordo com os projetos e as instruções dele. Nem o camareiro-mor Le Goff, considerado uma pessoa que sabia tudo sobre Beauclair, tinha conhecimento da existência do corredor ou do aposento.

Apenas os construtores originais do palácio, os elfos, sabiam da existência do corredor e do aposento, escondidos atrás de uma poderosa ilusão. E depois, quando os elfos já haviam ido embora, e quando Toussaint virou um ducado, o conhecimento ficou restrito a um pequeno grupo de feiticeiros ligados à casa ducal. Entre eles, Artorius Vigo, mestre dos arcanos mágicos, um grande especialista em ilusão. E a sua jovem sobrinha, Fringilla, dona de um talento especial para as ilusões.

Tendo passado rápida e silenciosamente pelos corredores do palácio Beauclair, Fringilla Vigo parou de frente para um fragmento de uma parede localizado entre duas colunas ornadas de folhas de acanto. O feitiço proferido em voz baixa e um gesto rápido fizeram com que a parede, que era uma ilusão, desaparecesse, revelando um corredor que parecia não ter saída. No fundo dele havia, porém, uma porta escondida por meio da ilusão. E atrás dessa porta tinha um aposento escuro.

Lá dentro, Fringilla ligou logo o telecomunicador. O espelho oval embaçou-se e em seguida reluziu, iluminando a câmara, fazendo surgir, na penumbra, antigos, pesados e empoeirados gobelins pendurados nas paredes. No espelho apareceram uma enorme sala imersa num sutil *chiaroscuro*, uma mesa redonda e mulheres sentadas ao redor dela. Eram nove.

– Pois não, senhorita Vigo – Filippa Eilhart falou. – Alguma novidade?

– Infelizmente não – Fringilla respondeu, pigarreando. – Nada. Desde a última telecomunicação, nada. Nem uma tentativa de escaneamento.

– Isso não é nada bom – disse Filippa. – Não vou negar, contávamos com a possibilidade de a senhora descobrir algo. Por favor, ao menos nos fale se… O bruxo já se acalmou? A senhora conseguirá segurá-lo em Toussaint pelo menos até maio?

Fringilla Vigo permaneceu em silêncio por um instante. Não tinha o menor intuito de mencionar à loja que apenas nessa última semana o bruxo a chamou duas vezes pelo nome de Yennefer e fê-lo num momento em que tinha todo o

direito de esperar que ele usasse seu nome. No entanto, a loja tinha o direito de esperar que ela falasse a verdade. Que fosse sincera e que tirasse as conclusões certas.

– Não – falou por fim. – Será difícil segurá-lo até maio. Mas farei todo o possível para mantê-lo aqui pelo máximo tempo possível.

CAPÍTULO QUARTO

> ***Korred****, monstro da numerosa família Strigiformes (cf.), conforme a região conhecido também como korrigan, rutterkin, rumpelstichen, pião ou mesmer. Pode-se dizer apenas uma coisa sobre ele – é terrivelmente maldoso. É um traste e trapaceiro tão diabólico, um joio tão vadio, que não descreveremos aqui nem sua aparência nem sequer seus costumes, pois digo-vos a verdade: não vale a pena gastar palavras com esse filho da puta.*
>
> Physiologus

A sala das colunas do castelo Montecalvo exalava um cheiro que era uma mistura do odor da madeira do piso antigo, das velas que se derretiam e de dez tipos de perfume. Dez misturas de aromas especialmente selecionados e usados por dez mulheres que estavam sentadas ao redor de uma redonda mesa de carvalho em poltronas com os braços esculpidos em forma de cabeças de esfinges.

Fringilla Vigo via na sua frente Triss Merigold, que usava um vestido celeste claro, abotoado até o pescoço. Junto de Triss, escondida na sombra, estava Keira Metz. Seus enormes brincos de citrinos multifacetados resplandeciam de vez em quando com milhares de reflexos, atraíam o olhar.

– Continue, por favor, senhorita Vigo – Filippa Eilhart apressou-a. – Queremos conhecer logo o desfecho da história para tomar as medidas necessárias com urgência.

Filippa – excepcionalmente – não usava nenhum tipo de joias, salvo um grande camafeu de sárdonix, preso a um vestido cinabre. Fringilla já ouvira a fofoca, já sabia quem presenteara o camafeu e cujo perfil expunha.

Sheala de Tancarville, sentada ao lado de Filippa, estava vestida toda de negro, que reluzia apenas levemente com brilhantes. Margarita Laux-Antille usava ouro grosso e sem pedras sobre os cetins cor de vinho, e Sabrina Glevissig em seu colar, seus brincos e anéis usava sua pedra preferida – o ônix –, que combinava com a cor de seus olhos e de sua vestimenta.

As duas elfas – Francesca Findabair e Ida Emean aep Sivney – estavam sentadas mais próximas de Fringilla. A Margarida dos Vales estava, como

sempre, com aspecto de rainha, embora hoje, excepcionalmente, nem seu cabelo nem o vestido carmesim impressionassem com seu luxo. Em seu diadema e colar não rubejavam rubis, mas granadas que, apesar de modestas, eram elegantes. Ida Emean, por sua vez, vestia musselina e tule, mantidos em tons outonais, tão delicados e tão leves que se agitavam e ondulavam feito anêmonas na apenas perceptível corrente produzida pelo movimento do ar aquecido.

Como das últimas vezes, Assire var Anahid impressionava com sua elegância simples, porém singular. No pequeno decote do justo vestido verde-escuro da feiticeira nilfgaardiana uma única esmeralda cabuchão emoldurada em ouro pendia de uma corrente dourada. As unhas bem cuidadas, pintadas de um verde muito escuro, acrescentavam um ar de extravagância à composição.

– Estamos esperando, senhorita Vigo – Sheala de Tancarville relembrou. – O tempo está passando.

Fringilla pigarreou.

– Dezembro chegou – começou a contar. – Chegou Yule, depois o Ano-Novo. O bruxo sossegou de tal maneira que o nome de Ciri não surgia mais com tanta frequência nas conversas. As cíclicas expedições para caçar os monstros pareciam absorvê-lo por completo. Talvez não exatamente por completo…

Suspendeu a voz. Teve a impressão de que notara um relâmpago de ódio nos olhos azul-celeste de Triss Merigold. Mas poderia ter sido apenas um reflexo das chamas vacilantes das velas. Filippa bufou, brincando com o camafeu.

– Por favor, não precisa ser tão modesta, senhora Vigo. Estamos num círculo de pessoas de confiança. No meio de mulheres que sabem para que serve o sexo, além de propiciar prazer. Todas usamos essa ferramenta quando surge a necessidade. Continue, por favor.

– Mesmo que durante o dia mantivesse as aparências de confidencialidade, altivez e orgulho – Fringilla retomou o discurso –, à noite exercia total poder sobre ele. Contava-me tudo. Venerava minha feminilidade e, preciso admitir, de uma forma bastante generosa para sua idade. E depois caía no sono. Em meus braços, com os lábios no meu seio. Procurando um substituto de amor maternal que nunca conhecera.

Dessa vez tinha a certeza de que não era o reflexo da luz das velas. "Tudo bem, podem me invejar", pensou. "Invejem-me. Têm muito para invejar."

– Tinha – repetiu – total poder sobre ele.

•

– Volte para a cama, Geralt. Ainda está escuro, diabos!

– Tenho um encontro marcado. Preciso ir a Pomerol.

– Não quero que vá a Pomerol.

– Marquei um encontro. Prometi. O administrador da vinícola vai me esperar ao portão.

– Essa sua caça aos monstros é estúpida, desprovida de qualquer sentido. O que você quer provar matando mais um espantalho nas cavernas? Sua masculinidade? Conheço outros métodos. Ande, volte para a cama. Você não vai a nenhum Pomerol. Pelo menos não tão cedo. O administrador pode esperar, afinal de contas, quem ele acha que é, esse administrador? Eu quero fazer amor com você.

– Perdoe-me. Não tenho tempo para isso. Dei minha palavra.

– Eu quero fazer amor com você!

– Se você quer me acompanhar na hora do café da manhã, então é melhor que comece a se vestir.

– Acho que você já não me ama, Geralt. Você não me ama mais? Responda!

– Ponha aquele vestido cinza perolado, aquele com aplicações de doninha. Você fica muito bem nele.

•

– Estava encantado comigo, cumpria todos os meus desejos – Fringilla repetiu. – Fazia tudo o que eu exigisse. Foi assim.

– Acreditamos – Sheala de Tancarville falou de uma forma exageradamente seca. – Continue, por favor.

Fringilla tossiu tapando a boca com o punho.

– O problema – retomou – era sua companhia. Esse estranho bando que chamava de companhia. Cahir Mawr Dyffryn aep Ceallach, que me observava e ficava vermelho de fazer tanto esforço para se lembrar de mim. Mas não podia se lembrar porque eu costumava visitar Darn Dyffra, o castelo familiar que pertencia a seus avós, quando ele tinha seis ou sete anos. Milva, uma moça petulante e dura por aparência, que eu peguei duas vezes chorando, escondida no canto da cavalariça. Angoulême, uma criança brincalhona. E Regis Terzieff-Godefroy. Um tipo que não conseguia desmascarar. Eles – esse bando todo – exerciam uma influência sobre Geralt que eu não conseguia suprimir.

“Tudo bem”, pensou, “não levantem as sobrancelhas tão alto, não contorçam a boca. Esperem. Ainda não é o fim da história. Ainda ouvirão sobre meu triunfo.”

– Todas as manhãs – retomou – essa companhia encontrava-se na cozinha no subsolo do palácio Beauclair. Por algum motivo, o chefe de cozinha gostava deles. Sempre lhes preparava comida com tanta abundância e tanto gosto que o café da manhã costumava durar duas, às vezes até três horas. Muitas vezes comia com eles, junto com Geralt. Por isso sei o quão absurdas eram suas conversas.

•

Na cozinha andavam duas galinhas, uma preta e outra sarapintada. Pisavam, titubeando com suas patas de gadanhos. Bicavam as migalhas do chão e lançavam olhares na direção da companhia que tomava o café da manhã.

A companhia, como todas as manhãs, reuniu-se na cozinha do palácio. Por algum motivo o chefe de cozinha gostava deles e sempre lhes preparava algo saboroso. Hoje havia ovos mexidos, sopa de centeio, berinjelas refogadas, patê de coelho, peito de ganso defumado e linguiça branca, acompanhada de um condimento de beterraba e raiz-forte. Havia também um grande pedaço de queijo de cabra. Todos comiam com entusiasmo e em silêncio, salvo Angoulême, que parolava.

– Digo a vocês, vamos abrir um bordel aqui. Quando resolvermos aquilo que precisamos resolver, voltaremos aqui e abriremos um prostíbulo. Já dei uma olhada na cidade. Há de tudo aqui. Contei uns nove barbeiros e oito farmácias. E há apenas um puteiro, nojento. Digo a vocês, parece uma latrina, não um puteiro. Não seria nenhuma concorrência. Nós abriremos um puteiro de luxo. Compraremos um sobrado com um jardim…

– Poupe-nos, Angoulême.

– … exclusivamente para uma clientela especial. Eu serei a cafetina. Digo a vocês, ganharemos uma fortuna e viveremos como fidalgos. Um dia finalmente serei eleita vereadora e não deixarei que nada de mal lhes aconteça, pois, se me elegerem, eu os elegerei e vocês nem se darão conta de que…

– Angoulême, por favor. Pegue aqui um pão com patê.

Por um momento todos ficaram em silêncio.

– O que você vai caçar hoje, Geralt? Serviço duro?

– As testemunhas oculares – o bruxo ergueu a cabeça por cima de seu prato – providenciam descrições contraditórias. Trata-se ou de um *priskirnik*, isto é, de um serviço bastante complicado, ou de um delichon, isto é, de um serviço complicado. Ou de um mutucão, isto é, de um serviço bastante fácil. Pode ser, também, que seja um serviço muito fácil, pois o monstro foi visto pela última vez

antes de Lammas no ano passado. Pode ter saído de Pomerol e ido para muito longe.

– E é o que eu lhe desejo – Fringilla falou, roendo um osso de ganso.

– E como está – o bruxo perguntou, de súbito – Jaskier? Não o vejo há tanto tempo que as informações que tenho sobre ele vêm dos pasquins cantados na cidade.

– Estamos na mesma situação – Regis sorriu com os lábios cerrados. – Sabemos apenas que nosso poeta já se encontra numa relação tão íntima com a duquesa Anarietta que se atreve a usar, mesmo na presença de terceiros, um *cognomen* bastante confidencial. Chama-a de Fuinha.

– Acertou bem! – Angoulême falou com a boca cheia. – Essa duquesa realmente tem um nariz de fuinha. Sem mencionar os dentes.

– Ninguém é perfeito – Fringilla semicerrou os olhos.

– Verdade.

As galinhas, a preta e a sarapintada, ficaram tão ousadas que começaram a bicar os sapatos de Milva. A arqueira espantou-as com um chute enérgico e soltou um palavrão.

Geralt observava-a já há algum tempo. Agora tomou uma decisão.

– Maria – disse com seriedade, ou até rispidez. – Eu sei que nossas conversas não podem ser consideradas sérias, e as piadas sofisticadas. Mas você não precisa fazer uma cara tão azeda. Algo aconteceu?

– Claro que aconteceu – Angoulême falou. Geralt silenciou-a com um olhar penetrante. Mas era demasiado tarde.

– E o que vocês sabem? – Milva levantou-se bruscamente, quase derrubando a cadeira. – O que vocês sabem, hein? Que o diabo os carregue, droga! Podem ir se lascar, todos vocês, todos, entendem?

Pegou a caneca da mesa, bebeu até o fundo e, em seguida, sem pensar, jogou-a no chão com ímpeto. Saiu correndo, batendo a porta.

– O assunto é sério… – Angoulême começou após um momento, mas desta vez o vampiro a silenciou.

– O assunto é muito sério – confirmou. – No entanto, não esperava uma reação tão extrema da parte de nossa arqueira. Esse tipo de reação é comum quando se leva um fora e não quando se dá um fora.

– Sobre o que, diabos, estão falando, hein? – Geralt irritou-se. – Talvez um de vocês finalmente revele do que se trata?

– Do barão Amadis de Trastamara.

– Aquele caçador com cara de varicela?

– Ele mesmo. Pediu Milva em casamento. Há três dias numa caçada. Ele anda convidando-a para caçar há um mês…

– Uma das caçadas – Angoulême lançou um sorriso insolente – durou dois dias. E até pernoitaram num castelete de caça, entendem? Aposto que…

– Cale-se, garota. Diga, Regis.

– Pediu-a em casamento formal e cerimonialmente. Milva recusou, parece que de uma forma bastante ríspida. O barão, embora parecesse sensato, ficou preocupado com a recusa como um moleque, zangou-se e imediatamente saiu de Beauclair. E a partir daquele momento Milva anda murcha.

– Demoramos muito aqui – o bruxo murmurou. – Demasiado.

– Pois é, você que o diga – Cahir falou, calado até então. – Você que o diga.

– Perdoem-me. – O bruxo se levantou. – Falaremos sobre isso quando eu voltar. O administrador da vinícola Pomerol está à minha espera. E a pontualidade é a virtude dos bruxos.

•

Após a saída brusca de Milva e do bruxo, o resto da companhia tomou o café em silêncio. Duas galinhas andavam na cozinha, uma preta e outra sarapintada, titubeando com suas patas de gadanhos.

– Tenho – Angoulême falou por fim, erguendo os olhos para Fringilla de cima do prato que limpava com o pão – um certo problema…

– Entendo – a feiticeira acenou com a cabeça. – Não se preocupe. Quando foi a última vez que você teve a sua regra?

– Está louca? – Angoulême levantou-se bruscamente, espantando as galinhas. – Nada disso! Trata-se de outra coisa!

– Diga, então.

– Geralt quer me deixar aqui quando for seguir o caminho.

– Ah.

– Ele diz – Angoulême bufou – que não pode me expor ao perigo e outras bobagens desse tipo. E eu quero ir com ele…

– Ah.

– Não me interrompa, certo? Quero ir com ele, com Geralt, pois só quando estou com ele é que não fico com medo de o caolho Fulko me pegar de novo, e aqui, em Toussaint…

– Angoulême – Regis a interrompeu. – Você está falando em vão. A senhora Vigo está ouvindo, mas não está escutando. Está revoltada com uma coisa: a partida do bruxo.

– Ah – Fringilla repetiu, virando a cabeça em sua direção e semicerrando os olhos. – Por obséquio, o que acabou de falar, senhor Terzieff-Godefroy? Algo sobre a partida do bruxo? E posso saber quando ele vai partir?

– Talvez nem hoje nem amanhã – o vampiro respondeu com serenidade. – Mas um dia com certeza. Sem ofender ninguém.

– Não me sinto ofendida – Fringilla respondeu com frieza.

– Claro, caso o senhor se tenha referido à minha pessoa. No entanto, voltando a você, Angoulême, garanto que abordarei com Geralt o assunto de sua partida de Toussaint. Garanto-lhe que informarei o bruxo acerca de minha opinião sobre essa questão.

– Claro – Cahir bufou. – Sabia que ia responder assim, dona Fringilla.

A feiticeira fitou-o por um longo momento.

– O bruxo – finalmente falou – não deveria sair de Toussaint. Ninguém que deseja o bem dele deveria obrigá-lo a fazer isso. Em que outro lugar estaria tão bem como aqui? Leva uma vida de luxo. Tem seus monstros para caçar e ganha bem por isso. Seu amigo e comilitão é o favorito da duquesa governante aqui a quem ele também é favorável. Principalmente por causa desse súcubo que assombrava as alcovas. É isso mesmo, senhores. Anarietta, assim como todas as nobres senhoras de Toussaint, está muito contente com o bruxo. Pois o súcubo parou de assombrar de um dia para o outro. E foi por isso que as senhoras de Toussaint fizeram uma arrecadação, juntando recursos para um prêmio especial que logo depositarão na conta do bruxo, no banco dos Cianfanelli, multiplicando a fortuna que ele já acumulara lá.

– É um gesto muito bonito da parte das senhoras. – Regis não abaixou o olhar. – E o prêmio é merecido. Não é fácil fazer com que um súcubo deixe de assombrar. Pode crer no que eu digo, dona Fringilla.

– Acredito. A propósito, um dos guardas palacianos, de acordo com o que afirma, viu o súcubo. À noite, nas ameias da Torre de Caroberta. Acompanhado de outro espectro que parecia ser um vampiro. O guarda jurou ter visto os dois demônios passeando. Pareciam se conhecer. Senhor Regis, por acaso, sabe algo sobre o assunto? Consegue explicá-lo?

– Não. – As pálpebras de Regis nem tremeram. – Não sei. Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia.

– Certamente há coisas assim – Fringilla acenou com a cabecinha negra. – E sabem algo mais a respeito das preparações do bruxo para seguir o caminho? Pois, como veem, não me disse nada a esse propósito, embora tivesse o costume de me contar tudo.

– Claro – Cahir resmungou. Fringilla ignorou-o.

– Senhor Regis?

– Não – o vampiro falou após um momento de silêncio. – Não, dona Fringilla, fique sossegada. O bruxo não nos concede maior afeto ou confidências do que à senhora. Não sussurra em nossos ouvidos nenhum tipo de segredos que pudesse esconder da senhora.

– De onde surgiram – Fringilla estava calma como granito – essas revelações sobre a partida?

– Bem – nem desta vez a pálpebra do vampiro tremeu –, é como nesse ditado cheio de charme juvenil de nossa querida Angoulême: "Chega um dia e uma hora em que é preciso cagar ou desocupar a latrina." Em outras palavras…

– Pode poupar – Fringilla interrompeu bruscamente – as palavras restantes. Essas, cheias de certo charme, já bastam.

O silêncio reinou por um longo momento. As duas galinhas, a preta e a sarapintada, andavam bicando o que aparecia em seu caminho. Angoulême limpava o nariz sujo do condimento de beterraba e raiz-forte. O vampiro, pensativo, brincava com o palito com o qual se amarravam as linguiças.

– Graças a mim – Fringilla finalmente rompeu o silêncio – Geralt conheceu a ascendência de Ciri, o emaranhado e os segredos de sua genealogia restritos a pouquíssimas pessoas. Graças a mim sabe aquilo sobre o que ainda há um ano não tinha a menor ideia. Graças a mim dispõe de informações, e a informação é uma arma. Graças a mim e minha proteção mágica está resguardado do escaneamento inimigo, portanto também dos assassinos. Graças a mim e minha magia seu joelho não dói mais e pode dobrá-lo. Usa, no pescoço, um medalhão feito com meu ofício, talvez não tão bom como o original, de bruxo, mas já é algo. Graças a mim, e só a mim, na primavera ou no verão, informado, protegido, saudável, preparado e armado, poderá confrontar os inimigos. Se alguém dos presentes aqui fez mais para Geralt, ofereceu-lhe mais, que o diga. Eu o honrarei com prazer.

Ninguém falou nada. As galinhas bicavam os sapatos de Cahir, mas o jovem nilfgaardiano não prestava atenção nelas.

– De verdade – disse com ironia – ninguém de nós fez mais para Geralt do que a senhora.

– Sabia que ia falar isso.

– Não é essa a questão, dona Fringilla – o vampiro começou, mas a feiticeira não o deixou falar.

– Qual é a questão, então? – perguntou de forma truculenta. – O fato de se relacionar comigo? O fato de nos amarmos? O fato de eu não querer que ele parta daqui agora? O fato de eu não querer que seja atormentado por um sentimento de culpa? Esse mesmo sentimento de culpa, essa penitência que os empurram para seguir o caminho?

Regis ficou em silêncio. Cahir tampouco falou. Angoulême apenas observava, evidentemente não entendendo quase nada.

– Se o fato de Geralt recuperar Ciri – a feiticeira disse após um instante – está escrito nos livros do destino, então isso se cumprirá. Não importa se o bruxo seguir rumo às montanhas ou ficar em Toussaint. O destino alcança as pessoas. Não é ao contrário. Entendem? O senhor entende isso, Regis Terzieff-Godefroy?

– Melhor do que possa imaginar, senhora Vigo. – O vampiro virou o palito nos dedos. – Perdoe-me, mas para mim o destino não se resume a um livro escrito pelo punho do Grande Demiurgo, nem à vontade dos céus, nem a uma sentença irrevocável de alguma providência, mas é o resultado de muitos fatos, eventos e atuações aparentemente não interligados. Estaria disposto a concordar com a senhora a propósito do fato de que o destino alcança as pessoas… e não somente as pessoas. No entanto, não me convence a opinião de que não possa ser ao contrário. Pois uma opinião como essa é um fatalismo cômodo, é um elogio da indolência e da preguiça, é a penugem de um edredom, o calor sedutor do regaço feminino. Em breves palavras, uma vida sonhada. E a vida, senhora Vigo, talvez seja um sonho, talvez termine num sonho… Mas é um sonho que é preciso sonhar ativamente. Por isso, senhora Vigo, a trilha nos espera.

– O caminho está livre – Fringilla levantou-se com o mesmo ímpeto que Milva há pouco. – Aí está! A nevasca, o frio e o destino esperam por vocês nos passos das montanhas. E a expiação é algo de que realmente precisam. O caminho está livre! Mas o bruxo ficará aqui. Em Toussaint! Comigo!

– Senhora Vigo – o vampiro respondeu com calma –, acho que está enganada. O sonho que o bruxo sonha é, admito e curvo-me diante da senhora, um sonho belo e charmoso. Mas qualquer sonho sonhado por muito tempo transforma-se num pesadelo, do qual nós acordamos gritando.

•

Nove mulheres sentadas a uma enorme mesa redonda no castelo Montecalvo fixavam os olhos em Fringilla Vigo que, de repente, começou a gaguejar.

– Geralt partiu para a vinícola Pomerol no dia oito de janeiro de manhã. E voltou… Parece que no dia oito à noite… Ou no dia nove antes do meio-dia…

Não sei… Não tenho certeza…

– Com mais coerência – Sheala de Tancarville pediu gentilmente. – Solicitamos que fale com mais coerência, senhorita Vigo. E se algum trecho da história a envergonha pedimos que simplesmente o omita.

•

Uma galinha sarapintada andava pela cozinha pisando cuidadosamente nas patas de gadanhos. Sentia-se o cheiro de canja.

A porta abriu-se com estrondo. Geralt entrou bruscamente na cozinha. No rosto avermelhado pelo vento tinha um hematoma e uma casca negra e arroxeada de sangue coagulado.

– Vamos, companhia, façam as malas – avisou sem prestar os devidos esclarecimentos. – Partimos! Daqui a uma hora, nem um minuto depois, quero vê-los no montículo fora da cidade onde há um poste. Com as malas feitas, prontos para seguir um caminho longo e difícil.

Foi o suficiente. Foi como se estivessem esperando por essa notícia havia muito tempo, como se estivessem prontos havia muito tempo.

– Eu já! – Milva gritou ao levantar-se. – Estarei pronta até dentro de meia hora!

– Eu também. – Cahir levantou-se, jogou a colher e olhou atentamente para o bruxo. – Mas queria saber do que se trata. Um capricho? Uma briga de amantes? Ou realmente vamos seguir o caminho?

– Vamos seguir o caminho, de verdade. Angoulême, por que você está fazendo caretas? Geralt, eu…

– Não tenha medo, não a deixarei. Mudei de ideia. Você tem de ser vigiada, fedelha, não se pode tirar a vista de você nem sequer por um segundo. Andem, falei, façam as malas, amarrem as sacas. E vão um por um, para não levantar suspeitas, para fora da cidade, para junto do poste no montículo. Lá nos encontraremos daqui a uma hora.

– Sem falta, Geralt! – Angoulême gritou. – Finalmente, caralho! Num instante, os únicos que ficaram na cozinha foram Geralt e a galinha sarapintada. E o vampiro, que sossegadamente continuava a sorver a canja com macarrão.

– Está esperando por um convite especial? – o bruxo perguntou com frieza. – Por que você ainda está sentado em vez de carregar a mula Draakul? E despedir-se do súcubo?

– Geralt – Regis falou com calma, servindo-se de mais sopa da terrina. – Para me despedir do súcubo, precisaria o mesmo tanto de tempo que você para

se despedir de sua moreninha. Suponho que você, no mínimo, tem planos de se despedir de sua moreninha. E cá entre nós: você pode ter mandado a molecada fazer as malas com gritos, violências e agitação. Eu mereço um pouco mais, até por causa da idade. Peço algumas palavras de esclarecimento.

– Regis…

– Esclarecimento, Geralt. Quanto mais rápido você começar, melhor. Eu o ajudarei. Ontem de manhã, como havia prometido, você se encontrou com o administrador da vinícola Pomerol junto do portão…

•

Alcides Fierabras, o administrador de barba negra da vinícola Pomerol, conhecido no Faisão na véspera de Yule, esperava pelo bruxo com uma mula junto do portão. Ele próprio estava vestido e equipado como se planejassem viajar para muito longe, para os confins do mundo, para depois do Portão Solveiga e o passo Elskerdeg.

– Não é nada perto – retrucou o comentário ácido de Geralt. – O senhor vem do mundo afora, por isso nosso pequeno Toussaint lhe parece o cu do mundo. O senhor deve pensar que aqui a distância entre uma fronteira e outra é a de jogar uma boina. Uma boina seca, aliás. Mas está enganado. Há um bom caminho para percorrer até a vinícola Pomerol, pois é para lá que vamos. Será um sucesso se conseguirmos chegar lá até o meio-dia.

– Então é um erro – o bruxo falou secamente – estarmos partindo tão tarde.

– Talvez seja mesmo um erro. – Alcides Fierabras lançou um olhar para ele e assoprou no bigode. – Mas não sabia que o senhor era desse tipo de gente que tem a capacidade de se levantar ao amanhecer. Pois não é comum entre os fidalgos.

– Não sou um fidalgo. Vamos, senhor administrador, não percamos tempo para conversa fiada.

– Tirou essas palavras de minha boca.

Atravessaram a cidade para cortar o caminho. Inicialmente, Geralt quis protestar, tinha medo de atascar-se nos becos lotados de gente que lhe eram familiares. Mas o administrador Fierabras, pelo que se provou, conhecia melhor a cidade e as horas em que não havia congestionamento nas ruas. Deslocavam-se rapidamente e sem problemas.

Entraram na praça, passaram pelo cadafalso. E a forca com um enforcado.

– É um perigo – o administrador apontou com um gesto da cabeça – fazer rimas e cantar canções. Especialmente em público.

– As sentenças aqui são severas. – Geralt logo se deu conta do que se tratava. – Em outros lugares, por uma sátira condenam no máximo ao pelourinho.

– Depende de quem trata a sátira – Alcides Fierabras avaliou com sobriedade. – E de que rimas tem. Nossa duquesa é boa e querida, mas quando fica zangada…

– Como diz certo conhecido meu: a canção não pode calar.

– A canção não. Mas o cantor, como esse aí, pode, sim. Cortaram a cidade e saíram pelo Portão dos Tanoeiros diretamente para o vale do rio Blessure que se agitava e espumeava nas correntezas. Havia neve nos campos apenas nos sulcos e gretas, mas fazia bastante frio.

Passou um préstito de cavaleiros. Certamente, dirigiam-se para o Passo Cervantes e para a guarita de fronteira Vedette. Tudo se cobriu das cores dos grifos, leões, corações, flores-de-lis, estrelas, cruzes, asnas e outras bugigangas heráldicas pintadas nos escudos e bordadas nas capas e chebraicas. Retumbaram os cascos dos cavalos, as bandeiras agitaram-se, ressoou a imbecil canção cantada com vozes potentes sobre a sorte do cavaleiro e sua amada que, em vez de esperar, casou-se antecipadamente.

Geralt seguiu o préstito com o olhar. Quando viu os cavaleiros errantes, pensou logo em Reynart de Bois-Fresnes que acabara de chegar do serviço e recuperava as forças nos braços de sua burguesa, cujo marido, comerciante, não voltava para casa nem de manhã nem de noite, certamente detido em alguma estrada por rios que transbordavam, florestas cheias de bichos e outras loucuras das forças da natureza. O bruxo nem ponderou a possibilidade de tirar Reynart dos braços da amante, mas lamentava sinceramente que não havia adiado o contrato com a vinícola Pomerol para outra data. Gostava do cavaleiro e sentia falta de sua companhia.

– Vamos, senhor bruxo.

– Vamos, senhor Fierabras.

Foram rio acima pela estrada de terra batida. O Blessure serpeava e meandrava, mas havia muitas pontes, portanto não precisaram alongar o caminho.

Plotka e a mula exalavam vapor pelas narinas.

– Senhor Fierabras, acha que o inverno será longo?

– Em Saovine a temperatura era negativa. E o ditado diz: “Quando a bunda em Saovine congelar, vista uma cueca de flanela.”

– Entendo. E suas videiras? Não serão prejudicadas pelo frio?

– Costumava fazer mais frio.

Andavam em silêncio.

– Veja lá – Fierabras falou, apontando. – Lá na bacia há uma vila chamada Cova da Raposa. E em seus campos crescem, espantosamente, panelas.

– Como?

– Panelas. Nascem dentro da terra, sozinhas, apenas pela arte da natureza, sem nenhuma ajuda dos humanos. Em outros lugares crescem batatas ou nabos, na Cova da Raposa crescem panelas. De todos os tipos e de formas variadas.

– É verdade?

– Juro pela minha saúde. Por isso a Cova da Raposa mantém contatos comerciais com a vila Ribombo em Maecht. Pois lá, de acordo com o que falam, na terra nascem tampas de panelas.

– De todos os tipos e de formas variadas?

– Isso mesmo, senhor bruxo.

Seguiam o caminho. Em silêncio. O Blessure rumorejava e espumava nas pedras.

•

– E olhe para lá, olhe, senhor bruxo, onde estão as ruínas da antiga cidade Dun Tynne que, de acordo com a lenda, foi testemunha de terríveis cenas. Walgerius, chamado de Robusto, matou lá de forma sangrenta e entre cruéis tormentos a infiel esposa, o amante, a mãe, a irmã e o irmão dela. E depois se sentou e chorou não se sabe por quê…

– Ouvi falar disso.

– Então o senhor costumava passar por aqui?

– Não.

– Hã. Isso prova que a divulgação da lenda é grande.

– Isso mesmo, senhor bruxo.

•

– E aquela torre esbelta – o bruxo apontou –, ali, atrás da terrível cidade? O que é aquilo?

– Ali? É um templo.

– De que divindade?

– E quem é que se lembraria dessas coisas?

– Pois é. Quem…

•

Por volta do meio-dia viram vinícolas e encostas de montes que deslizavam suavemente em direção ao rio Blessure, eriçadas com as videiras podadas ordenadamente, agora tortas e lamentavelmente nuas. No cume do monte mais alto erguiam-se torres, a roliça torre de menagem e o barbacã do castelo Pomerol açoitados pelo vento.

Geralt ficou curioso com o fato de que a estrada que levava ao castelo estava gasta, arranhada com cascos e aros de rodas não menos que a estrada principal. Era nitidamente visível que alguém virava com frequência da estrada principal justamente para o castelo Pomerol. Absteve-se de fazer perguntas até o momento em que viu uma dezena de carroças arreadas, cobertas com lona, veículos sólidos e poderosos usados para transporte a longa distância.

– Comerciantes – o administrador esclareceu após ser perguntado. – Comerciantes de vinho.

– Comerciantes? – Geralt estranhou. – Como assim? Pensei que os passos nas montanhas estivessem cobertos de neve, e que Toussaint estivesse isolado do mundo. Então, como foi que os comerciantes chegaram até aqui?

– Para os comerciantes – o administrador Fierabras falou com seriedade – não há más estradas, pelo menos para aqueles que levam seu ofício a sério. Com eles é assim, senhor bruxo: se houver um fim, haverá um modo.

– É mesmo uma regra acertada – Geralt falou devagar – que merece ser seguida. Em qualquer situação.

– Com certeza. Mas, para dizer a verdade, alguns dos comerciantes estão parados aqui desde o outono, sem poder sair. Mas não se entregam, dizem: “Ora, fazer o quê, na primavera seremos os primeiros, estaremos aqui antes que a concorrência apareça.” Eles chamam isso de pensamento positivo.

– Inclusive, é difícil – Geralt acenou com a cabeça – imputar uma falta a essa regra. Uma coisa me deixa curioso, senhor administrador. Por que esses comerciantes ficam aqui, neste terreno despovoado, e não em Beauclair? A duquesa não se apressa para lhes oferecer hospitalidade? Talvez despreze os comerciantes?

– Pelo contrário – Fierabras respondeu. – A duquesa sempre os convida, mas eles recusam gentilmente. E vivem junto das vinícolas.

– Por quê?

– Em Beauclair, dizem, há apenas banquetes, bailes, folganças, bebedeiras e amores. A pessoa se acomoda, emburrece e perde tempo, em vez de pensar no comércio. E é sempre preciso pensar naquilo que é realmente importante. No

propósito que se almeja. Constantemente. Sem distrair os pensamentos com bobagens. Só então é que se alcança o objetivo.

– É verdade, senhor Fierabras – o bruxo falou devagar. – Estou contente com a viagem que fizemos juntos. Aprendi muito com nossas conversas. Muito mesmo.

•

Contra as expectativas do bruxo, não foram ao castelo Pomerol, mas um pouco mais longe, a um promontório localizado depois da bacia sobre o qual se erguia mais um castelito, um pouco menor e muito mais descuidado. O castelo se chamava Zurbarràn. Geralt ficou feliz com a perspectiva de um serviço próximo, pois Zurbarràn, escuro e dentuço com as ameias arruinadas, parecia exatamente como uma ruína enfeitiçada, que certamente estava repleta de encantos, assombros e monstros.

Dentro, no pátio, em vez de assombros e monstros, viu uma dezena de pessoas absortas em desempenhar tarefas tão encantadoras como rolar barris, aplainar tábuas e pregá-las. Cheirava a madeira fresca, cal fresca, gato pouco fresco, vinho azedado e sopa de ervilha-forrageira. A sopa foi servida logo em seguida.

Famintos por causa do caminho percorrido, vento e frio, comiam calados e com pressa. Estavam acompanhados do subordinado do administrador Fierabras, apresentado a Geralt como Simão Gilka. Serviam-lhes duas moças loiras de cabelos longos que chegavam a dois côvados de comprimento. Ambas lançavam olhares tão enfáticos para o bruxo que decidiu proceder ao trabalho o mais rápido possível.

Simão Gilka não havia visto o monstro. Conhecia sua aparência apenas de relatos de segunda mão.

– Era preto como alcatrão, mas quando se arrastava pela parede dava para ver o tijolo através dele. Era feito gelatina, entende, seu bruxo, ou como se fosse, perdoe-me a comparação, uma meleca. Tinha longas e finas patas, um monte delas, umas oito ou até mais. E Yontek ficou assim parado, olhando, até que finalmente se deu conta de algo e gritou em voz alta: “Morra, desapareça!” e ainda acrescentou um exorcismo: “Que morra, seu filho da puta!” E então o monstro deu uns pulos! Sumiu, fugiu de vez. Fugiu para o abismo das cavernas. Foi então que os homens disseram: “Se houver um monstro ali, então deem-nos um aumento por trabalharmos em condições prejudiciais à saúde. Do contrário, então prestaremos queixa ao grêmio.” Aí respondi dizendo que o grêmio podia…

– Quando – Geralt interrompeu – o monstro foi visto pela última vez?

– Parece que há três semanas. Um pouco antes de Yule.

– Vocês haviam dito – o bruxo olhou para o administrador – que antes de Lammas.

Alcides Fierabras rubejou nas partes do rosto não cobertas com a barba. Gilka bufou.

– Pois é, senhor administrador. Quando se quer administrar, é preciso nos visitar com mais frequência em vez de polir o banco com a bunda no escritório em Beauclair. Fico pensando que…

– Não me interessam – Fierabras interrompeu – seus pensamentos. Conte sobre o monstro.

– Mas eu já contei. Tudo o que havia para contar.

– Não houve vítimas? Ninguém foi atacado?

– Ninguém. Mas um ano um lavrador desapareceu sem dar notícias. Alguns falavam que o monstro o levou para o abismo e o matou. Outros diziam que não fora nenhum monstro, mas o próprio lavrador decidiu dar o fora por causa de dívidas e pensão. Pois ele, ouçam bem, era viciado em jogar dados e além disso engravidou a filha do moleiro, e ela o levou diante do tribunal, e o tribunal mandou o lavrador pagar a pensão…

– Ninguém mais – Geralt interrompeu o discurso de forma grosseira – foi atacado pelo monstro? Ninguém mais o viu?

– Não.

Uma das moças que serviam a Geralt mais uma rodada de vinho passou o seio em sua orelha e, em seguida, piscou de forma convidativa.

– Vamos – Geralt falou rapidamente. – Não há por que demorar batendo papo. Levem-me até o calabouço.

•

O amuleto de Fringilla, era triste admiti-lo, não cumpria as expectativas depositadas nele. Geralt não acreditou nem por um momento no fato de que o polido crisoprásio moldado por prata pudesse substituir seu bruxesco medalhão de lobo. Além disso, Fringilla nem prometera que ele cumprisse esse objetivo. Contudo, assegurava – com grande convicção – que depois de se sintonizar com a psique do portador o amuleto seria capaz de fazer várias coisas, até avisar do perigo.

Ou o feitiço de Fringilla não funcionou, ou Geralt e o amuleto divergiam na questão daquilo que era, e não era, considerado perigo. O crisoprásio apenas

levemente tremeu quando se dirigiam ao calabouço e cortaram o caminho de um enorme gato ruivo que desfilava pelo quintal com o rabo levantado. Aliás, o gato deve ter captado algum sinal do amuleto, pois fugiu correndo, miando terrivelmente.

E quando o bruxo desceu até o calabouço o medalhão vibrou de forma irritante. Isso acontecera em um calabouço seco, arrumado e limpo, em que o vinho guardado em enormes barris constituía o único perigo. Simplesmente alguém, que não possuísse autocontrole e ficasse com a boca aberta debaixo do batoque, corria risco de tomar um grande porre. E mais nada.

No entanto, o medalhão nem tremeu quando Geralt deixou para trás a parte do calabouço que estava em uso e desceu por uma sequência de escadas e corredores subterrâneos. O bruxo já havia se dado conta de que debaixo da maioria das vinícolas de Toussaint havia antigas minas. Certamente ocorria de tal maneira que, quando a videira plantada começasse a dar frutos e assegurar maiores lucros, deixava-se de extrair os minerais e abandonavam-se as minas, adaptando parcialmente os corredores e túneis em lojas com vinho e adegas. Os castelos Pomerol e Zurbarràn estavam localizados sobre uma antiga mina de ardósia. Havia aqui galerias e buracos, bastava apenas um momento de imprudência para cair no fundo de um deles e acabar com uma complexa fratura. Alguns dos buracos estavam tapados com tábuas apodrecidas que, cobertas com o pó de ardósia, quase não se distinguiam do solo. Pisar sem cautela por cima de algo assim era perigoso – então o medalhão deveria emitir um aviso. Mas não avisava.

Tampouco avisara quando de uma pilha de ardósia, a uns dez passos diante de Geralt, apareceu um vulto cinza que arranhou com as unhas a camada baixa da rocha, executou um louco bate-pé, uivou terrivelmente, saiu correndo pelo corredor dando risadas e, em seguida, mergulhou em um dos nichos abertos na parede.

O bruxo xingou. O truque mágico reagia aos gatos ruivos, mas não reagia aos gremlins. “Era preciso falar sobre isso com Fringilla”, pensou, aproximando-se do buraco em que o monstrinho desaparecera.

O amuleto tremeu com força.

“Bem na hora certa”, pensou. Mas logo pensou melhor. O medalhão poderia não ser tão estúpido. A tática mais comum e preferida dos gremlins era de fugir e armar uma cilada da qual se atacava o perseguidor com um golpe executado pelas garras afiadas como foice. O gremlin poderia ficar esperando lá, na escuridão, e o medalhão o sinalizava.

Esperou muito, segurando a respiração, aguçando os ouvidos. O amuleto permanecia calmo e inerte em seu peito. Um desagradável odor de mofo emanava do buraco. Mas tudo estava imerso num profundo silêncio. E nenhum gremlin aguentaria ficar tanto tempo quieto.

Sem refletir muito, entrou no buraco de cócoras avançando e arranhando as costas na áspera superfície da rocha. Não avançou muito.

Algo estalou e rumorejou, o solo rachou e o bruxo caiu para baixo com alguns quintais de areia e cascalho. Por sorte, tudo durou pouco tempo, e abaixo dele não havia um abismo sem fundo, mas um simples calabouço. Foi lançado como uma merda de um cano de esgoto e desabou, num estalo, sobre uma pilha de madeira apodrecida. Cuspiu e chacoalhou o cabelo para se livrar da areia, soltou um obsceno palavrão. O amuleto tremia sem parar, agitava-se em seu peito como um pardal enfiado debaixo da camisa. O bruxo segurou-se para não arrancá-lo e mandá-lo para o inferno. Primeiro, Fringilla ficaria furiosa. Segundo, o crisoprásio possuía outras propriedades mágicas. E Geralt esperava que não falhasse nessas outras propriedades.

Tateou uma caveira redonda bem na hora em que tentava se levantar e deu-se conta de que aquilo sobre o que estava deitado não era madeira.

Levantou-se e rapidamente averiguou que era uma ossada. Todos os ossos pertenciam aos humanos. No momento da morte todos estavam agrilhoados e provavelmente nus. Os ossos estavam fragmentados e mordidos. Possivelmente essas pessoas já estavam mortas quando foram mordidas. Mas não havia certeza quanto a isso.

Saiu da galeria por meio de um longo corredor, que levava reto feito uma flecha. A parede de ardósia estava bem lisa, já não tinha aspecto de uma mina.

Repentinamente, entrou numa grande caverna cujo teto estava imerso na escuridão. No meio da caverna havia um enorme buraco negro sem fundo sobre o qual se estendia uma ponte de pedra que parecia perigosamente delicada.

A água escorria das paredes, retumbava com o eco. Um frio e odor emanavam do abismo. O amuleto permanecia calmo. Geralt subiu na ponte, de modo cuidadoso e concentrado, tentando ficar longe dos balaústres deteriorados.

Depois da ponte havia mais um corredor. Nas lisas paredes notou os enferrujados suportes para as tochas. Havia também nichos, alguns com estatuetas de arenito, mas a água que gotejava havia anos as lixiviara e desgastara de tal forma que pareciam desfigurados bonecos de neve. Nas paredes havia lajes com baixos-relevos que, feitos com materiais mais

resistentes, eram mais legíveis. Geralt reconheceu a mulher com chifres da lua, a torre, a andorinha, o javali, o golfinho, o unicórnio.

Ouviu uma voz.

Parou e segurou a respiração. O amuleto tremeu.

Não. Não era um devaneio, não era o rumorejo da ardósia caindo nem o eco da água gotejante. Era uma voz humana. Geralt fechou os olhos, aguçou os ouvidos. Localizava.

A voz, o bruxo apostaria a cabeça, vinha de outro nicho, de trás de outra estatueta, deteriorada, mas não tanto para perder a voluptuosidade de uma silhueta feminina. Dessa vez o medalhão funcionou à altura das circunstâncias. Algo resplandeceu e, de repente, Geralt viu um reflexo metálico na parede. Agarrou a mulher deteriorada com força e torceu vigorosamente. Algo rangeu, todo o nicho girou sobre dobradiças de aço, revelando escadas em espiral.

Novamente, uma voz ressoou da parte superior das escadas. Geralt não demorou para pensar.

Lá em cima achou uma porta que se abriu sem precisar forçá-la e sem emitir nem sequer um ranger. Atrás da porta havia um pequeno compartimento arqueado. Quatro enormes canos de latão com as pontas alargadas como trompetes saíam das paredes. No centro, entre as aberturas dos trompetes, havia uma poltrona e, nela, um esqueleto. Na caveira tinha os restos de um barrete, caído até os dentes, e vestia farrapos de uma vestimenta que já fora rica, no pescoço uma corrente de ouro, nos pés sapatos com bico levantado, feitos de couro lavrado e gravemente danificados pelas ratazanas.

Um espirro ressoou de um dos trompetes, tão alto e inesperado que fez o bruxo dar um pulo. Depois alguém assoou o nariz, e o som reproduzido com grande força pelo cano de latão parecia infernal.

– Saúde – ressoou do cano. – Está todo gosmento, Skellen.

Geralt puxou o esqueleto da poltrona, mas não se esqueceu de tirar e esconder no bolso a corrente de ouro. Depois ele próprio sentou-se no posto de escuta. Na abertura do trompete.

•

A voz de um dos espiados era baixa, profunda e retumbante. Quando falava, o cano de latão chegava a ribombar.

– Está todo gosmento, Skellen. Onde se resfriou tanto? E quando?

– Nem vale a pena falar sobre isso – respondeu o gosmento. – Diabo de doença, me pegou e não quer largar. Toda vez que melhoro, volta outra vez. Nem

a magia adiantou.

– Então talvez seja o caso de trocar o mágico? – outra voz falou, rouca como uma velha e enferrujada dobradiça. – Por enquanto esse Vilgefortz não pode vangloriar-se de muitos êxitos. A meu ver…

– Deixemos esse assunto – intrometeu-se alguém que arrastava as sílabas de uma forma característica. – Não foi por isso que organizamos o encontro aqui, em Toussaint. No fim do mundo.

– No cu do mundo!

– Este fim do mundo – o gosmento falou – é o único país que conheço que não tem seu próprio serviço secreto. O único recanto do Império que não está cheio de agentes de Vattier de Rideaux. Este ducado eternamente alegre e embriagado é considerado uma comédia e ninguém o leva a sério.

– Estes paizinhos – falou aquele que arrastava as sílabas – sempre foram um paraíso para os agentes e seu lugar preferido de encontros. Por isso atraíam também serviços de contraespionagem e espiões, vários observadores e escutadores profissionais.

– Talvez antigamente tenha sido assim. Mas não durante o governo feminino que em Toussaint já dura quase cem anos. Repito, estamos seguros aqui. Aqui ninguém nos rastreará ou escutará. Podemos, mascarados de comerciantes, falar tranquilamente sobre questões importantes, especialmente para Vossas Altezas Sereníssimas. Para vossa fortuna e vossos latifúndios privados.

– Ora, desprezo o interesse próprio! – o rouco exaltou-se. – E não estou aqui por causa do interesse próprio! O que me interessa é só e apenas o bem do Império. E o bem do Império, senhores, é uma dinastia forte! Seria, contudo, prejudicial e um grande mal para o Império se fosse entronizado um fruto podre, vira-lata de um sangue ruim, descendente dos coelhos do norte física e moralmente doentes. Não, senhores! Eu, de Wett dos de Wetts, pelo Sol Grandioso, não ficarei olhando sem tomar uma atitude! Até porque já quase haviam prometido a minha filha…

– Sua filha, de Wett? – bradou o dono da voz grave, retumbante. – E o que eu devo dizer? Eu, que à época apoiei aquele fedelho Emhyr no confronto com o usurpador? Pois foi de minha residência que os cadetes começaram a atacar o palácio! E antes? Pois era em minha residência que ele se escondia! À época, esse pequeno malandro olhava para minha Eilan com gosto, sorria, elogiava, e sei que atrás da cortina até pegava em suas tetinhas. E agora isso… Outra imperatriz? Essa afronta? Esse insulto? O Imperador do Eterno Império que sobrepõe uma vagabunda de Cintra às filhas das antigas famílias? O quê? Senta-

se no trono graças a mim e tem a coragem de insultar minha Eilan? Não, não suportarei esse tipo de coisas!

– Nem eu! – outra voz gritou, alta e exaltada. – Eu também fui insultado! Largou minha mulher para essa vagabunda de Cintra!

– Por sorte – falou aquele que arrastava as sílabas – a vagabunda foi mandada para o além. Pelo que se entende do relato do senhor Skellen.

– Ouvi esse relato com atenção – o rouco falou – e cheguei à conclusão de que nada é certo, exceto que a vagabunda desapareceu. Mas, se desaparecera, então pode aparecer de novo. Desde o verão passado ela desaparecia e reaparecia várias vezes! Ora, senhor Skellen, realmente o senhor nos decepcionou muito. O senhor e esse seu feiticeiro Vilgefortz!

– Não é a hora de falar sobre isso, Joaquim! Não é a hora de se acusar e culpar mutuamente, criar uma rixa em nossa unidade. Precisamos ser fortes na unidade. E firmes. Pois não importa se a cintrense está viva ou não. O imperador, que uma vez impunemente ofendeu as antigas famílias, continuará fazendo a mesma coisa! A cintrense está desaparecida? Então daqui a alguns meses estará prestes a nos apresentar uma imperatriz vinda de Zerricânia ou Zangwebar! Não, pelo Sol Grandioso, não deixaremos que isso aconteça!

– Ora, não deixaremos! Está certíssimo, Ardal! A família dos Emreis decepcionou-nos não cumprindo nossas expectativas, ora, cada instante em que Emhyr permanece no trono prejudica o Império. E há quem entronizar. O jovem Voorhis…

Ressoaram um alto espirro e, logo em seguida, um assoar trombeteante.

– Monarquia constitucional – o assoador falou. – Está na hora de introduzir a monarquia constitucional, o regime progressista. E depois a democracia… O poder do povo…

– Imperador Voorhis – repetiu enfaticamente o dono da voz grave. – Imperador Voorhis, Stefan Skellen. Que esposará minha Eilan ou uma das filhas de Joaquim. E aí eu serei o grão-chanceler, e de Wett o marechal de campo. E o senhor, Stefan, conde e ministro dos assuntos internos. A menos que, defendendo a ralé, peça sua renúncia do título e do cargo. E então?

– Deixemos em paz os processos históricos – o gosmento falou num tom conciliador. – De qualquer forma, nada será capaz de pará-los. Mas para o dia de hoje, Sua Graça grão-chanceler aep Dahy, se tenho algumas restrições quanto à pessoa do príncipe Voorhis, é principalmente porque é um homem de caráter intransigível, orgulhoso e inflexível, difícil de influir.

– Se posso sugerir algo – falou aquele que arrastava as sílabas. – O príncipe Voorhis tem um filho, o pequeno Morvran, que é um candidato muito melhor. Primeiro, seus direitos ao trono são mais fortes, tanto pelo lado paterno como pelo lado materno. Segundo, é uma criança em nome da qual governará o conselho de regência. Isto é, nós.

– Bobagens! Conseguiremos lidar com o pai! Vamos dar um jeito!

– Entregar-lhe-emos – o exaltado propôs – minha mulher!

– Silêncio, conde Broinne. Não é a hora de falar sobre isso. Ora, senhores, convém falarmos sobre outros assuntos. Pois gostaria de observar que Emhyr var Emreis ainda governa.

– Claro – o gosmento concordou, trombeteando num lenço. – Governa e está vivo, bem, tanto de corpo como de mente. Não há como questionar, particularmente o segundo, depois que ele os retirara de Nilfgaard junto com essas tropas que lhes poderiam ter sido fiéis. Como, então, o senhor quer organizar um golpe, ilustre duque Ardal, quando logo terá de comandar o Grupo do Exército "Leste"? E parece que o duque Joaquim também deveria estar junto de sua tropa, o Grupo de Operações Especiais "Verden".

– Stefan Skellen, poupe-nos de seus comentários cheios de sarcasmo. E não faça caras que apenas em sua opinião o fazem parecer com seu novo principal, o feiticeiro Vilgefortz. E saiba também, Coruja, que, se Emhyr suspeita de algo, você e Vilgefortz são os culpados disso. Admita, vocês queriam prender a cintrense e fazer um negócio com ela, comprar a graça de Emhyr? E agora que a moça está morta não há o que negociar, não é? Ora, Emhyr os esquartejará com cavalos. Não erguerão as cabeças, nem você nem o feiticeiro com quem você se uniu contra nossa vontade!

– Nenhum de nós erguerá a cabeça, Joaquim – o dono da voz grave intrometeu-se. – É preciso encarar a verdade. Não estamos numa situação melhor do que Skellen. As circunstâncias fizeram com que estivéssemos no mesmo barco.

– Mas foi Coruja que nos colocou nele! Íamos agir em segredo, e agora? Emhyr sabe de tudo! Os agentes de Vattier de Rideaux rastreiam Coruja por todo o Império! E nós, ora, fomos mandados para a guerra para que se pudessem livrar de nós!

– Eu ficaria particularmente contente – falou aquele que arrastava as sílabas – com isso, aproveitaria esse fato. Asseguro os senhores de que todos já estão fartos dessa guerra que se não acaba. O exército, o povo e, sobretudo, os comerciantes e os empresários. Só o mero fato de a guerra chegar ao fim será

recebido em todo o Império com uma grande alegria, independentemente de como ela acabará. Além disso, os senhores, sendo os comandantes das tropas, têm influência sobre o resultado dela, digamos, isso está a seu alcance. Não há nada mais simples no caso de uma vitória que encerrará um conflito armado que se cobrir de louros. E, no caso de uma derrota, apresentar-se como salvadores, porta-vozes das negociações que porão fim ao derrame de sangue.

– Verdade – o rouco falou após um momento. – É verdade, pelo Sol Grandioso. Tem razão, senhor Leuvaarden.

– Emhyr – disse o dono da voz grave – colocou a corda em seu pescoço mandando-nos para a frente.

– Emhyr – o exaltado falou – ainda está vivo, ilustríssimo duque. Está vivo e passa bem. Não repartamos ainda a pele do urso.

– Não – o dono da voz grave falou. – Antes matemos o urso.

Caiu um longo silêncio.

– Então um golpe. Morte.

– Morte.

– Morte!

– Morte. É a única solução. Enquanto estiver vivo, Emhyr terá partidários. Quando Emhyr morrer, todos nos apoiarão. A aristocracia estará de nosso lado, pois nós somos a aristocracia, e a força da aristocracia é sua solidariedade. Uma grande parte do exército nos apoiará, especialmente aquela do corpo de oficiais que nunca esquecerá as remoções iniciadas por Emhyr após a derrota em Sodden. O povo também estará de nosso lado…

– O povo é ignorante, burro e fácil de manipular – Skellen concluiu, depois de assoar o nariz. – Basta gritar: “Hurra!”, fazer um discurso das escadas do senado, abrir as prisões e abaixar os impostos.

– O senhor tem toda a razão, duque – disse aquele que arrastava as sílabas. – Agora sei por que o senhor clama tanto pela democracia.

– Aviso – rangeu aquele chamado de Joaquim – que não será tão fácil, senhores. Todo nosso plano apoia-se na morte de Emhyr. Mas não podemos nos esquecer de que Emhyr tem vários partidários, tem o corpo do exército interno, tem uma guarda fanática. Não será fácil derrubar a brigada “Impera”, que, não se iludam, lutará até o fim.

– E aqui – Stefan Skellen declarou – Vilgefortz nos oferece sua ajuda. Não precisaremos cercar o palácio ou passar pela “Impera”. Tudo será resolvido por um assassino que terá uma proteção mágica. Da mesma forma que aconteceu em Tretogor, pouco antes da rebelião dos feiticeiros em Thanedd.

– O rei Radowid da Redânia.

– Isso mesmo.

– Vilgefortz tem um assassino assim?

– Tem, sim. Senhores, para dar prova de nossa confiança, dir-lhes-emos quem será o assassino. É a feiticeira Yennefer, mantida por nós em cárcere.

– Encarcerada? Já ouvira falar que Yennefer era cúmplice de Vilgefortz.

– É sua prisioneira. Encantada e hipnotizada, programada como um golem, fará o atentado. E logo em seguida cometerá suicídio.

– Não estou gostando dessa bruxa enfeitiçada – afirmou aquele que arrastava as sílabas, e a relutância fez com que as arrastasse mais ainda. – Um herói, militante ardente, vingador…

– Vingadora – Skellen interrompeu. – Combina perfeitamente, senhor Leuvaarden. Yennefer vingará as injustiças que lhe haviam sido feitas pelo tirano. Emhyr perseguiu e condenou à morte sua protegida, uma criança inocente. Esse cruel ditador, esse perverso, em vez de cuidar do Império e do povo, perseguia e torturava crianças. Por causa disso o alcançou a mão vingativa…

– Para mim – Ardal aep Dahy declarou com sua voz grave – muito bem.

– Para mim também – rangeu Joaquim de Wett.

– Magnífico! – o conde Broinne gritou, exaltado. – A mão vingativa alcançará o tirano e perverso por estuprar as esposas dos outros. Magnífico!

– Uma coisa – Leuvaarden arrastou as sílabas. – Para provar a confiança, senhor conde Skellen, por favor nos revele o local da atual estadia do senhor Vilgefortz.

– Senhores, eu… Não posso…

– Essa será a garantia. A prova da honestidade e dedicação à causa.

– Não tenha medo de traição, Stefan – aep Dahy acrescentou. – Nenhum dos presentes aqui o trairá. É um paradoxo. Talvez em outras circunstâncias houvesse uma pessoa que quisesse comprar a vida traindo os outros. Mas todos nós sabemos muito bem que não compraria nada com a deslealdade. Emhyr var Emreis não perdoa. Não sabe perdoar. Ele tem um pedaço de gelo no lugar do coração. E por isso morrerá.

Stefan Skellen não hesitou mais.

– Tudo bem, então – disse. – Que seja a garantia de honestidade. Vilgefortz esconde-se…

•

O bruxo, que estava sentado na saída das trombetas, cerrou os punhos com força. Aguçou os ouvidos. E a memória.

•

As dúvidas do bruxo a propósito do amuleto de Fringilla eram injustificadas e dissiparam-se num instante. Quando entrou numa grande caverna e se aproximava de uma pequena ponte de pedra sobre um negro abismo, o medalhão se agitou e tremeu no pescoço, já não como um pardal, mas como uma grande e forte ave. Uma gralha, por exemplo.

Geralt petrificou. Acalmou o amuleto. Não fazia o menor movimento para que um rumorejo ou até uma respiração mais perceptível não enganassem seus ouvidos. Esperava. Sabia que do outro lado do abismo, depois da ponte, havia algo que espreitava na escuridão. Tampouco excluía a possibilidade de que algo se escondia atrás de suas costas, e de que a ponte seria uma armadilha. Não tinha a menor intenção de deixar-se prender nela. Esperou. E finalmente aconteceu.

– Bem-vindo, bruxo – ouviu. – Esperávamos por você aqui.

A voz que ressoou na escuridão era estranha. Mas Geralt já ouvira vozes parecidas, já as conhecia. Eram vozes de criaturas não acostumadas a se comunicar pela fala. Embora soubessem usar o aparato dos pulmões, do diafragma, da traqueia e da laringe, não dominavam por completo o uso do aparato de articulação, embora os lábios, o céu da boca e a língua fossem formados de forma muito semelhante à dos humanos. As palavras pronunciadas por essas criaturas, além de serem acentuadas e entoadas de maneira estranha, estavam cheias de sons desagradáveis para o ouvido humano – desde duros e feios ladridos até vocábulos sibilantes e molusculosos.

– Esperávamos aqui por você – a voz repetiu. – Sabíamos que viria, atraído pelas fofocas. Que entraria aqui, debaixo da terra, para rastrear, perseguir, caçar e matar. Já não sairá daqui. Não verá mais o sol que amara tanto.

– Apareça.

Algo se mexeu na escuridão depois da ponte. Como se a penumbra ficasse mais densa em determinado local e tomasse uma forma humanoide. Parecia que o monstro nem por um instante permanecia na mesma posição nem no mesmo local, deslocava-se por meio de movimentos rápidos, nervosos, piscantes. O bruxo já vira criaturas assim.

– É um korred – afirmou com frieza. – Poderia ter esperado alguém como você aqui. É até estranho que eu não tenha topado com você antes.

– Olhe só – a voz do agitado monstro ressoou com sarcasmo. – Reconheceu, apesar da escuridão. E esse aí, você reconhece? E este? E aquele?

Mais três criaturas emergiram da escuridão silenciosamente como fantasmas. Uma delas, que espreitava atrás das costas do korred, pela forma e aparência geral parecia um humanoide, embora fosse menos alta, mais corcunda e mais simiesca. Geralt sabia que era um kilmulis.

Dois outros monstros, de acordo com o que suspeitava, escondiam-se antes da ponte, prontos para cortar seu caminho quando se retirasse e entrasse nela. O primeiro, à esquerda, chiou com as unhas como se fosse uma enorme aranha, e ficou parado, remexendo os numerosos apêndices. Era o priskirnik. Dava a impressão de que o último monstro, que se assemelhava, *grosso modo*, a um candelabro, apareceu diretamente da parede rachada de ardósia. Geralt não conseguia adivinhar que criatura era. Esse monstro não figurava em nenhum dos livros bruxescos.

– Não quero briga – disse, considerando o fato de que os monstros começaram a falar em vez de pular em sua nuca na escuridão. – Não quero brigar com vocês. Mas, se for preciso, me defenderei.

– Calculamos isso – o korred afirmou sibilando. – Por isso somos quatro. Por isso o atraímos aqui. Você envenenou nossa vida, bruxo cafajeste. São os buracos mais belos nesta parte do mundo, um maravilhoso lugar para passar o inverno. E saiba que passamos o inverno aqui praticamente desde os primórdios dos tempos. E agora você veio aqui para caçar, canalha. Perseguir-nos, rastrear-nos, matar por dinheiro. Vamos acabar com isso. E com você também.

– Veja só, korred…

– Seja mais gentil – a criatura rosnou. – Odeio grosseria.

– Então como devo me…

– Senhor Schweitzer.

– Então, senhor Schweitzer – Geralt retomou o discurso, com uma aparente obediência e humildade –, o assunto é o seguinte: não nego que entrei aqui como bruxo, e com uma tarefa de bruxo. Proponho deixar o assunto quieto. No entanto, aconteceu neste calabouço algo que mudou a situação por completo. Soube de algo extremamente importante para mim. Algo que pode mudar minha vida totalmente.

– E qual seria o resultado disso?

– Preciso – Geralt era um exemplo de tranquilidade e paciência – sair imediatamente para a superfície, imediatamente, sem a mínima demora, seguir um longo caminho. Duvido de que ainda volte para estes lados…

– É dessa maneira que você quer comprar sua vida, bruxo? – o senhor Schweitzer sibilou. – Nada disso. Suas súplicas são inúteis. Apanhamo-lo numa armadilha e não vamos soltá-lo. Matemo-lo pensando não apenas em nós mesmos, mas também em nossos irmãos. Pela, digamos, liberdade nossa e deles.

– Não só não voltarei para cá – Geralt retomou com paciência – como também desistirei do ofício de bruxo. Nunca matarei nenhum de vocês…

– Está mentindo! Está mentindo porque está com medo!

– Mas – dessa vez Geralt tampouco deixou que o interrompessem – preciso, como já havia dito, sair daqui imediatamente. Então vocês podem escolher uma das duas alternativas. A primeira, acreditarão em minha sinceridade e eu sairei daqui. A segunda, sairei daqui só depois de matá-los.

– E a terceira – o korred tossiu –, você próprio será morto. O bruxo sacou, com um sibilo, a espada da bainha que carregava nas costas.

– Não serei o único – disse friamente. – Com certeza não serei o único, senhor Schweitzer.

O korred ficou em silêncio por algum tempo. O kilmulis, que estava atrás de suas costas, balançava e tossia. O priskirnik dobrava e esticava os apêndices. O candelabro mudava de forma. Agora parecia um pinheiro torto com dois enormes olhos fosforescentes.

– Dê-me uma prova – o korred finalmente falou – de sua sinceridade e benevolência.

– Qual?

– Sua espada. Você acabou de afirmar que deixará de ser bruxo. O que determina o bruxo é sua espada. Jogue-a no abismo. Ou quebre-a ao meio. Só então é que o deixaremos sair.

Por um momento Geralt ficou imóvel no silêncio em que se ouvia a água gotejar do teto e das paredes. Depois, sem pressa, enfiou a espada vertical e profundamente na fissura da rocha. E quebrou a lâmina com um forte golpe do sapato. A lâmina rompeu-se com um gemido cujo eco ressoou pelas cavernas.

A água gotejava das paredes, escorria delas feito lágrimas.

– Não posso acreditar – o korred falou devagar. – Não consigo acreditar que alguém possa ser tão estúpido.

Todos eles o atacaram num instante, sem gritos, senhas ou ordens. O primeiro a pular pela ponte foi o senhor Schweitzer, mostrando as garras e os caninos, dos quais não se envergonharia um lobo.

Geralt deixou que ele se aproximasse, em seguida girou o tronco e cortou o korred, destroçando sua mandíbula inferior e garganta. Logo depois entrou na

ponte e lacerou o kilmulis com um golpe executado à esquerda. Encolheu e estirou-se no chão, bem na hora certa, pois o candelabro que tentava pular em cima dele sobrevoou-o, mal arranhando seu casaco com as garras. O bruxo desviou do priskirnik, de suas finas patas que giravam como hélices de um cata-vento. Golpeado no flanco da cabeça por uma delas, Geralt dançou, esquivando e defendendo-se com um largo corte. O priskirnik atacou novamente, mas não acertou. Bateu contra o balaústre e destroçou-o, caiu para dentro do abismo com um granizo de pedras. Até então não havia emitido nenhum som, mas agora, enquanto caía para dentro do precipício, soltou um uivo que demorou para silenciar.

Atacaram-no dos dois lados – o candelabro de um e, do outro, o kilmulis ensanguentado que, embora estivesse ferido, conseguiu levantar-se. O bruxo saltou em cima do balaústre da ponte. Sentiu que as pedras, prestes a desmoronar, roçavam-se contra si próprias, fazendo toda a ponte tremer. Foi balançando no balaústre que conseguiu escapar do alcance das patas munidas de garras do candelabro e encontrou-se atrás das costas do kilmulis. O monstro não tinha pescoço, portanto Geralt cortou-o na têmpora.

Mas a cabeça dele parecia ser feita de ferro, precisou repetir o golpe. Perdeu demasiado tempo com isso.

Foi golpeado na cabeça, a dor irrompeu em seu crânio e em seus olhos. Rodopiou, tentando proteger-se, sentindo o sangue correr em abundância debaixo dos cabelos. Tentou entender o que havia acontecido. Esquivou-se milagrosamente da segunda incisão das garras e foi então que entendeu: o candelabro mudava de forma – agora atacava com patas incrivelmente alongadas.

Mas isso possuía um defeito. Na forma de um centro de gravidade e equilíbrio alterados. O bruxo mergulhou debaixo das patas do monstro, diminuindo a distância. O candelabro, vendo o que estava para acontecer, caiu de dorso como um gato, pondo as patas traseiras para fora, igualmente munidas de garras, assim como as dianteiras. Geralt sobrevoou-o, golpeando-o no ar. Sentiu a lâmina cortar o corpo. Encolheu e virou-se, cortou novamente, caindo de joelho. O monstro gritou e bruscamente lançou a cabeça para a frente numa tentativa de dar uma violenta mordidela no peito do bruxo. Seus enormes olhos reluziam na escuridão. Geralt empurrou-o com um forte golpe executado com a empunhadura da espada, cortou de perto, destroçando a metade do crânio. Esse estranho monstro que não figurava em nenhum dos livros bruxescos, mesmo

desprovido da metade do crânio, ainda dava mordidelas durante uns bons segundos. Depois morreu, com um terrível suspiro quase humano.

O korred, deitado numa poça de sangue, tremia espasmodicamente.

O bruxo ficou em pé sobre ele.

– Não consigo acreditar – disse – que alguém pode ser tão estúpido de deixar-se enganar com uma simples ilusão como aquela de quebrar a espada.

Não tinha certeza se o korred estava suficientemente consciente para entender. Mas isso não fazia nenhuma diferença.

– Havia avisado – disse, limpando o sangue que corria em sua bochecha. – Havia avisado que tinha de sair daqui.

O senhor Schweitzer tremeu com força, tossiu, sibilou e rangeu. Em seguida silenciou e ficou imóvel.

A água gotejava do teto e das paredes.

•

– Você está satisfeito, Regis?

– Agora sim.

– Então – o bruxo levantou-se – ande, vá e faça as malas. Força!

– Não vou demorar. *Omnia mea mecum porto*.

– O quê?

– Tenho pouca bagagem.

– Melhor assim. Encontramo-nos daqui a meia hora, fora da cidade.

– Estarei lá.

•

Ele a subestimou. E ela o acuou. E a culpa foi sua. Em vez de se precipitar, poderia ter ido para os fundos do palácio e deixar Plotka na cavalariça grande, naquela para os cavaleiros errantes, funcionários e serviçais na qual sua companhia também mantinha os cavalos. Não o fez por causa da pressa. Como de costume, usou a cavalariça ducal. Mas poderia ter suspeitado de que havia nela alguém que denunciava.

Andava de baia em baia, chutando o feno. Vestia um curto casaco de pele de lince, uma blusa branca de cetim, uma saia negra de equitação e botas de cano alto. Os cavalos relinchavam, sentindo a raiva com a qual ela emanava.

– Olhe só – disse ao vê-lo, dobrando o chicote de equitação. – Está fugindo! Sem se despedir. E a carta que deve ter deixado sobre a mesa não é uma

despedida. Não depois daquilo que nos uniu. Como posso supor, argumentos extremamente relevantes justificam e explicam seu comportamento.

– Explicam e justificam. Desculpe, Fringilla.

– Desculpe, Fringilla – ela repetiu, contorcendo os lábios de raiva. – Que curto, que limitado, que despretensioso, que estilo cuidadoso. Aposto que a carta que você me deixou foi redigida com igual sofisticação. Poupando a tinta ao extremo.

– Preciso ir – gaguejou. – Você deve suspeitar por quê. E por causa de quem. Perdoe-me, por favor. Eu ia fugir despercebido, em segredo, porque… não queria que você tentasse nos seguir.

– Foi um medo inútil – disse enfaticamente, dobrando o chicote em arco. – Não iria com você nem que me tivesse implorado, prostrado aos meus pés. Não, bruxo. Vá sozinho, morra sozinho, congele sozinho nos passos das montanhas. Eu não tenho nenhum tipo de obrigações com Ciri. E com você? Tem ideia de quantos haviam implorado por aquilo que você tinha? E o que agora você larga, abandona, com desdém?

– Nunca a esquecerei.

– Oh – sibilou. – Você nem sabe o quanto eu queria que isso virasse realidade. Se não pela magia, então com a ajuda deste chicote!

– Não faça isso.

– Você tem razão. Não o farei. Não saberia fazê-lo. Eu me comportarei como uma amante desprezada e abandonada. De forma clássica. Eu o deixarei com a cabeça erguida. Com dignidade e orgulho. Engolindo as lágrimas. Depois as derramarei no travesseiro. E depois me entregarei a outro!

No fim quase gritava.

Ele não dizia nada. Ela também se calou.

– Geralt – finalmente falou, já num tom completamente diferente. – Fique comigo.

– Eu acho que o amo – disse, vendo que estava demorando para dar a resposta. – Fique comigo. Por favor. Nunca pedi nada a ninguém nem acho que peça. Mas peço a você.

– Fringilla – respondeu após um momento. – Você é a mulher dos sonhos de qualquer homem. E é minha, apenas minha, desculpe, mas não sou sonhador.

– Você é – disse após um momento, mordendo os lábios – como um anzol de pescador que, quando se encrava uma vez, só pode ser retirado com sangue e carne. Mas eu própria tenho culpa, sabia o que fazia brincando com um

brinquedo perigoso. Felizmente, sei também como lidar com as consequências. Nesse quesito tenho supremacia sobre as outras mulheres.

Não comentou.

– Além disso – acrescentou –, um coração partido, embora doa muito, muito mais que um braço quebrado, recupera-se muito, muito mais rápido.

Tampouco comentou. Fringilla olhou para o hematoma em sua bochecha.

– E o meu amuleto? Deu certo? Funciona bem?

– É simplesmente maravilhoso. Obrigado. Acenou com a cabeça.

– Para onde você vai? – perguntou num tom e timbre completamente diferentes. – Que informações conseguiu? Você conhece o lugar onde Vilgefortz se esconde, não é?

– Conheço. Mas não me peça para que eu lhe diga onde fica.

Não lhe direi.

– Comprarei essa informação. Trata-se de uma troca.

– Ah é?

– Tenho uma notícia – repetiu – valiosa. E para você é simplesmente inestimável. Eu a providenciarei em troca de…

– De uma consciência tranquila – terminou, encarando-a. – Da confiança que depositei em você. Há um instante falávamos de amor. E agora estamos começando a falar de negócios?

Ficou calada por um longo momento. Depois bateu o chicote brusca e violentamente contra o cano da bota.

– Yennefer – recitou com rapidez –, com cujo nome você se dirigiu a mim algumas vezes à noite em momentos de êxtase, nunca o traíra. Tampouco traíra Ciri. Nunca fora cúmplice de Vilgefortz. Para resgatar Ciri enfrentou destemidamente um terrível risco. Sofreu uma derrota, caiu nas mãos de Vilgefortz. Decerto foi forçada, por meio de torturas, às tentativas de escaneamento que ocorreram no outono do ano passado. Não se sabe se está viva. É só o que sei. Juro.

– Obrigado, Fringilla.

– Vá embora.

– Confio em você – disse, sem afastar-se. – E nunca esquecerei o que houve entre nós dois. Confio em você, Fringilla. Não ficarei de seu lado, mas acho que aquilo que nos uniu foi realmente o amor… Eu a amei, do meu jeito. Peço que você guarde, como se fosse o maior segredo, o que ouvirá num instante. O esconderijo de Vilgefortz fica em…

– Espere – interrompeu. – Você me revelará isso depois, me contará tudo depois. Agora, antes de partir, despeça-se de mim. Do jeito que você deveria se despedir. Sem cartas, sem balbuciar desculpas. Despeça-se de mim do jeito que eu quero.

Tirou o casaco de pele de lince, arremessou-o na direção da pilha de feno. Com um brusco movimento rasgou a blusa, não havia nada por baixo dela. Caiu sobre o casaco, puxando Geralt junto, sobre si própria. Geralt segurou-a pela nuca, levantou a saia e repentinamente se deu conta de que não haveria tempo para tirar as luvas. Felizmente, Fringilla não usava luvas. Nem calcinhas. Para uma sorte ainda maior, não usava esporas, pois dali a um instante os saltos de suas botas de equitação voariam exatamente por todo o lado. Se usasse esporas, daria medo até de pensar o que poderia acontecer.

Beijou-a no instante em que ela soltou um grito. Abafou-o.

Os cavalos, sentindo seu frenético desejo, relinchavam, batiam os cascos, chocavam-se contra as baias de tal forma que a poeira e o feno caíam do teto.

•

– A cidadela Rhys-Rhun, em Nazair, às margens do lago Muredach – Fringilla Vigo terminou triunfalmente. – Ali se encontra o esconderijo de Vilgefortz. Consegui tirar essa informação do bruxo antes que partisse. Temos tempo suficiente para antecipá-lo.

Nove mulheres reunidas na sala das colunas do castelo Montecalvo acenaram com a cabeça e regalaram Fringilla com olhares cheios de admiração.

– Rhys-Rhun – Filippa Eilhart repetiu, deixando os dentes à mostra num sorriso predador e brincando com o camafeu de sárdonix preso ao vestido. – Rhys-Rhun em Nazair. Então até breve, senhor Vilgefortz… Até breve!

– Quando o bruxo chegar lá – Keira Metz sibilou –, encontrará escombros que nem exalarão mais o cheiro de queimado.

– Nem federão a cadáver – Sabrina Glevissig sorriu graciosamente.

– Parabéns, senhorita Vigo – Sheala de Tancarville acenou com a cabeça num gesto que Fringilla nunca esperaria da famosa feiticeira. – Ótimo trabalho.

Fringilla abaixou a cabeça.

– Parabéns – Sheala repetiu. – Mais de três meses em Toussaint… Mas acho que valeu a pena.

Fringilla Vigo passou os olhos pelas feiticeiras sentadas ao redor da mesa. Por Sheala, Filippa, Sabrina Glevissig. Por Keira Metz, Margarita Laux-Antille e Triss Merigold. Por Francesca Findabair e Ida Emean, cujos olhos delineados com

uma intensa maquilagem élfica não demonstravam absolutamente nenhum sentimento. Por Assire var Anahid, cujos olhos expunham aflição e preocupação.

– Valeu a pena – admitiu.

Com a absoluta sinceridade.

•

O céu mudava de cor de um azul-marinho para o negro. Um vento gelado soprava por entre as vinícolas. Geralt abotoou o casaco de pele de lobo e envolveu o pescoço com um xale de lã. Sentia-se muito bem. Um amor cumprido, como sempre, o ergueu para o auge de suas forças físicas, psíquicas e morais, apagou o rastro de quaisquer dúvidas e tornou seu pensamento claro e vivo. Ficou com pena de apenas uma coisa: que por um longo tempo seria privado desse maravilhoso remédio.

A voz de Reynart de Bois-Fresnes tirou-o dos pensamentos.

– O tempo vai piorar – o cavaleiro errante falou olhando para o leste, lá de onde vinha o vendaval. – Apressem-se. Se o vendaval trouxer neve, se os apanhar no passo Malheur, cairão numa armadilha. Nessa hora terão de orar pelo degelo a todos os deuses que veneram, conhecem e dos quais ouviram falar.

– Entendemos.

– O Sansretour os guiará durante os primeiros dias, não se afastem dele. Passarão uma feitoria de caçadores e chegarão ao local onde o afluente direito deságua no Sansretour. Não se esqueçam: o direito. Seu percurso indicará o caminho para o passo Malheur. Quando, com a graça divina, passarem por Malheur, não se deem por satisfeitos, pois terão ainda à sua frente os passos Sansmerci e Mortblanc. Depois de passarem os dois, descerão até o vale Sudduth que tem um microclima agradável, quase como Toussaint. Se não fosse pela baixa qualidade da terra, lá também plantariam videiras…

Interrompeu, envergonhado sob os olhares disciplinadores.

– Claro – pigarreou. – Voltando ao assunto. A vila Caravista fica na saída de Sudduth. Meu primo, Guy de Bois-Fresnes, mora lá. Visitem-no e digam que me conhecem. Se acontecer de meu primo ter morrido ou enlouquecido, lembrem-se de que a direção do caminho a seguir é a planície Mag Deira e o vale do rio Sylte. E depois, Geralt, vocês continuarão de acordo com os mapas que você desenhou no cartógrafo local. E, já que estamos falando do cartógrafo, não entendo bem por que você o indagou sobre alguns castelos…

– Esqueça-se disso, Reynart. Nada disso aconteceu. Você não ouviu nem viu nada. Mesmo que o torturem. Entende?

– Entendo.

– Um cavaleiro – Cahir avisou, contendo seu garanhão que começou a cabriolar. – Um cavaleiro vindo do palácio se aproxima a todo galope.

– Se for apenas um – Angoulême lançou um largo sorriso e acariciou o machadinho preso à sela –, então não haverá grandes problemas.

Descobriram que Jaskier era o cavaleiro, galopando a toda velocidade. Pela surpresa, o cavalo era Pégaso, o capão do poeta que não gostava de saltar nem era acostumado a fazê-lo.

– Por fim – o trovador falou, tão ofegante que parecia que ele tinha carregado o capão e não ao contrário. – Finalmente consegui. Fiquei com medo de não alcançá-los.

– Não me diga que você vai conosco.

– Não, Geralt – Jaskier abaixou a cabeça –, não vou. Fico aqui em Toussaint com Fuinha. Isto é, com Anarietta. Mas não podia deixar de me despedir de vocês. E de desejar uma boa viagem.

– Agradeça à duquesa por tudo. E justifique-nos por precisar sair tão bruscamente e sem despedida. Explique-o de alguma forma.

– Vocês fizeram o juramento de cavaleiro, mais nada. Todos em Toussaint, inclusive Fuinha, entenderão isso. E isto aqui… É para vocês. Que esta seja a minha contribuição.

– Jaskier. – Geralt aceitou o pesado saquitel do poeta. – Não estamos passando perrengues. Não precisava…

– Que esta seja a minha contribuição – o trovador repetiu. – O dinheiro sempre será útil. E, além disso, o dinheiro não é meu. Tirei esses ducados do cofre privado de Fuinha. Por que vocês estão olhando assim? As mulheres não precisam de dinheiro. Para que precisariam? Não bebem, não jogam dados, e elas próprias, diabos, são mulheres. Passem bem! Vão embora, senão vou chorar. E, depois de tudo, visitem Toussaint na volta para me contar o que aconteceu. E quero dar um abraço em Ciri. Geralt, você promete?

– Prometo.

– Então passem bem.

– Espere. – Geralt virou o cavalo, aproximou-se de Pégaso e tirou às escondidas uma carta debaixo da camisa. – Faça de tudo para que esta carta chegue a …

– Fringilla Vigo?

– Não. A Dijkstra.

– Está louco, Geralt? Como você quer que eu faça isso?

– Procure alguma maneira. Eu sei que você consegue. E agora passe bem. Dê um abraço, seu velho maluco.

– Dê um abraço, companheiro. Eu o aguardarei.

Ficaram olhando atrás dele, viram-no trotear em direção a Beauclair.

O céu escurecia.

– Reynart! – O bruxo virou-se na sela. – Venha conosco.

– Não, Geralt – Reynart de Bois-Fresnes respondeu após um instante. – Eu sou errante. Mas não sou louco.

•

Uma extraordinária excitação enchia a grande sala das colunas do castelo Montecalvo. O sutil *chiaroscuro* dos candelabros que lá dominava habitualmente foi hoje substituído pela claridade leitosa de uma enorme tela mágica. A imagem reproduzida na tela tremia, piscava, desaparecia, aumentando a excitação e tensão. E a ansiedade.

Hã – Filippa Eilhart falou, sorrindo perigosamente. – Que pena que não posso estar lá. Um pouco de ação me faria bem. E um pouco de adrenalina também.

Sheala de Tancarville olhou para ela pungentemente, mas não disse nada. Francesca Findabair e Ida Emean tentavam estabilizar a imagem por meio de magia, aumentavam-na de tal maneira que ocupava toda a parede. Viam nitidamente os negros picos das montanhas sobre o fundo de um céu azul-marinho, as estrelas refletidas na superfície do lago, o escuro e angular contorno do castelo.

– Ainda não tenho certeza – Sheala falou – se não foi um erro ter delegado a liderança da força-tarefa a Sabrina e a jovem Metz. Keira teve suas costelas quebradas em Thanedd, pode querer se vingar. E Sabrina… Bem, ela gosta demasiadamente de ação e adrenalina. Não é, Filippa?

– Já conversamos sobre isso – Filippa cortou, e o tom de sua voz era tão ácido como marinada de ameixas. – Já acertamos aquilo que era para ser acertado. Ninguém será morto sem necessidade. O grupo de Sabrina e Keira entrará em Rhys-Rhun silenciosamente como ratos, na ponta dos pés, psssss. Prenderão Vilgefortz vivo, sem um arranhão ou hematoma. Já o acertamos. Contudo, eu ainda acho que deveríamos dar uma lição de moral. Para que os poucos que sobrevivam esta noite, lá, no castelo, até o fim da vida acordem aos gritos quando sonharem com ela.

– A vingança – a feiticeira de Kovir falou secamente – é o prazer das mentes medíocres, fracas e mesquinhas.

– Talvez sim – Filippa concordou com um sorriso aparentemente indiferente. – Mas, mesmo assim, não deixa de propiciar prazer.

– Deixemos esse assunto. – Margarita Laux-Antille ergueu a taça de vinho espumante. – Proponho brindar à saúde da senhora Fringilla Vigo. Graças ao seu esforço o esconderijo de Vilgefortz foi revelado. Realmente, senhora Fringilla, foi um trabalho bem-feito, excepcionalmente bem-feito.

Fringilla curvou-se respondendo às saudações. Nos negros olhos de Filippa notou certo deboche, e no olhar celeste de Triss Merigold havia antipatia. Não conseguia decifrar os sorrisos de Francesca e Sheala.

– Estão começando – Assire var Anahid falou, apontando para a visão mágica.

Acomodaram-se nas poltronas. Para enxergar melhor, Filippa apagou as luzes com um encanto.

Viram como negras e velozes formas desprenderam-se das rochas, silenciosas e ágeis como morcegos. Viram-nas cair num voo rasante sobre as ameias e mata-cães do castelo Rhys-Rhun.

– Faz séculos – Filippa murmurou – desde a última vez que tive uma vassoura entre as pernas. Daqui a pouco me esquecerei de como se voa.

Sheala, com os olhos fixados na visão, silenciou-a com um sibilo impaciente.

Um fogo brilhou rapidamente nas janelas do negro complexo do castelo. Uma vez, duas, três. Sabiam o que era. As portas barradas e os ferrolhos, atingidos pelos raios globulares, se desfaziam em farpas.

– Estão dentro – Assire var Anahid falou em voz baixa, a única que não observava a visão na parede, mas fitava a bola de cristal alocada em cima da mesa. – A força-tarefa está dentro. Mas algo está errado. Não é do jeito que deveria ser…

Fringilla sentiu o sangue do coração se deslocar para a região pélvica. Ela já sabia o que estava errado e como deveria ser.

– A senhora Glevissig – Assire relatou novamente – está abrindo o comunicador direto.

Subitamente o espaço entre as colunas da sala resplandeceu e no oval que se materializava viram Sabrina Glevissig num traje masculino, com o cabelo amarrado na testa com uma faixa de gaze e o rosto enegrecido com listras de pintura de camuflagem. Atrás das costas da feiticeira viam-se sujas paredes de pedras, cobertas de farrapos de panos que já foram gobelins.

Sabrina estendeu a mão enluvada na direção delas, da qual pendiam longas tiras de teias de aranha.

– A única coisa – disse, gesticulando violentamente – que se encontra aqui no castelo é isto! Apenas isto! Diabos, que idiotice… Que vergonha…

– Articule melhor, Sabrina!

– Articular o quê? – gritou a feiticeira de Kaedwen. – O que se pode articular aqui? Não estão vendo? Este é o castelo Rhys-Rhun! Está vazio! Vazio e sujo! É uma droga de uma ruína vazia! Não há nada aqui! Nada!

Keira Metz apareceu atrás do ombro de Sabrina. Com a pintura de camuflagem parecia o diabo vindo direto do inferno.

– Neste castelo – confirmou calmamente – não há nem houve ninguém. Faz uns bons cinquenta anos. Há uns cinquenta anos que não passa por aqui uma viva alma, sem contar as aranhas, ratazanas e morcegos. Executamos uma operação de desembarque no lugar completamente errado.

– Verificaram se não se trata de uma ilusão?

– Você acha que somos crianças, Filippa?

– Escutem as duas. – Filippa Eilhart alisou nervosamente o cabelo com os dedos. – Falem às mercenárias e às noviças que se tratava de exercícios. Paguem-lhes e voltem. Voltem imediatamente. E finjam que não está acontecendo nada, ouviram? Finjam bem!

O oval do comunicador apagou. Ficou apenas uma imagem na tela de parede. O castelo Rhys-Rhun sobre o fundo de um negro céu brilhando com estrelas. E o lago no qual as estrelas se refletiam.

Fringilla Vigo olhava para o tampo da mesa. Sentia o sangue pulsar em suas bochechas, prestes a explodir.

– Eu… de verdade – finalmente falou, não conseguindo aguentar o silêncio que encheu a sala das colunas do castelo Montecalvo. – Eu… Realmente não entendo…

– E eu entendo, sim – Triss Merigold falou.

– Esse castelo… – disse Filippa, imersa nos pensamentos, sem prestar a mínima atenção às companheiras. – Esse castelo… Rhys-Rhun… Terá de ser destruído. Derrubado completamente. E quando surgirem lendas e contos sobre esse assunto será preciso censurá-los detalhadamente. As senhoras entendem o que quero dizer com isso?

– Entendemos muito bem – Francesca Findabair, calada até agora, acenou com a cabeça. Ida Emean, também calada, bufou de maneira bastante ambígua.

– Eu… – Fringilla Vigo ainda parecia estar chocada. – Eu realmente não entendo… Como isso pode ter acontecido…

– Eh – Sheala de Tancarville falou após um silêncio muito longo. – Não é nada, senhorita Vigo. Ninguém é perfeito.

Filippa bufou silenciosamente. Assire var Anahid suspirou e ergueu os olhos para o teto.

– No fim das contas – Sheala acrescentou, inflando os lábios –, todas nós já passamos por isso alguma vez na vida. Cada uma de nós, sentadas aqui, já foi enganada, usada e ridicularizada por um homem.

CAPÍTULO QUINTO

“Eu te amo, tua bela figura me atrai,
E, se não quiseres, vou usar de violência!”
“Meu pai, meu pai, ele agora me agarra,
O rei dos Elfos me machucou.”
(tradução literal)

Tudo já havia existido alguma vez, tudo já havia acontecido. E tudo já havia sido descrito.

Vysogota de Corvo

Ao meio-dia a floresta, abafada, ardia de calor. A superfície do lago, ainda há pouco escura como jadeíte, refulgurou em tons de ouro, resplandeceu com reflexos. Ciri teve de cobrir os olhos com a mão, pois o brilho refletido pela água cegava, fazia os olhos e as têmporas doerem.

Passou pela mata ribeirinha, obrigou Kelpie a entrar no lago até a profundidade em que a água cobrisse os joelhos da égua. A água era tão cristalina que na sombra produzida pelo cavalo Ciri conseguia ver, até da altura da sela, o colorido mosaico do fundo, os mexilhões e as plumosas algas ondulantes. Viu uma pequena lagosta-d’água-doce andando majestosamente por entre o cascalho.

Kelpie relinchou. Ciri puxou as rédeas, saiu para o vau, mas não para a própria margem – arenosa e coberta de pedras, que a impedia de andar rapidamente. Guiou a égua pela beira da água para que pudesse pisar no duro cascalho do fundo. E ela, quase instantaneamente, se pôs a trotear. Era ágil na andadura como uma verdadeira trotadora, treinada não para a sela, mas para uma carruagem ou um landau. No entanto, chegou logo à conclusão de que o trote não era suficientemente veloz. Fincou o calcanhar e gritou, obrigando a égua a galopar. Correram por entre a água que respingava para os lados, brilhando como gotas de prata fundida.

Não diminuiu a velocidade, nem sequer quando viu a torre. Corria velozmente, com tanta intensidade que um cavalo normal seria capaz de morrer. Mas na respiração de Kelpie não se ouvia nem um menor arfar, e seu galope continuava a ser ligeiro e natural.

Entrou no pátio a todo galope, os cascos retumbando, freou a égua de uma maneira tão brusca que por um momento as ferraduras deslizaram pelas lajes com um ranger prolongado. Parou bem diante das elfas que esperavam junto da torre. Exatamente diante de seus narizes. Ficou satisfeita, pois duas delas, normalmente indiferentes e insensíveis, agora, involuntariamente, deram um passo para trás.

– Não se assustem – bufou. – Não vou atropelá-las! Só se eu quiser.

As elfas se contiveram rapidamente, a calma voltou às suas faces, os olhos recuperaram a expressão de uma fria indiferença.

Ciri saltou, ou melhor, desmontou da sela num voo. Seu olhar era desafiante.

– Parabéns – falou um elfo de cabelos claros e rosto triangular que surgiu da sombra da arcada. – Uma bela apresentação, Loc'hlaith.

Naquele dia ele a cumprimentara da mesma forma, quando entrou na Torre da Andorinha e se encontrou no meio da primavera em flor. Mas isso acontecera há muito tempo e essas coisas deixaram de impressioná-la.

– Não sou nenhuma Senhora do Lago – esbravejou. – Aqui eu sou prisioneira! E vocês são os guardas! E não há por que fingir que esse assunto não existe! Pegue aqui! – arremessou as rédeas na direção de uma das elfas. – É preciso enxugar o cavalo. Dar de beber quando arrefecer. E tratar dele!

O elfo de cabelos claros sorriu levemente.

– Realmente – disse, olhando para as elfas que levaram a égua em silêncio para a cavalariça. – Você é uma prisioneira maltratada aqui, e elas são guardas severas. Realmente dá para perceber.

– Têm aquilo que merecem! – Apoiou as mãos na cintura, arrebitou o nariz, encarou-o, olhando diretamente em seus meigos olhos azuis, claros como águas-marinhas. – Trato-as do mesmo jeito que elas me tratam! E uma prisão sempre será uma prisão!

– Você me surpreende, Loc'hlaith.

– E você me trata como se fosse burra. Você nem se apresentou.

– Desculpe. Sou Crevan Espane aep Caomhan Macha. Sou, se você sabe o que isto significa, Aen Saevherne.

– Sei – olhou com tanta admiração que não conseguiu disfarçar a tempo. – Um Versado. Um feiticeiro élfico.

– Pode me chamar assim. Para certa comodidade, uso o apelido Avallac'h, e é assim que você pode se dirigir a mim.

– Quem lhe disse – falou zangada – que tenho a mínima intenção de me dirigir a você? Versado ou não, você é um guarda e eu…

– Prisioneira – terminou com sarcasmo. – Você já o havia mencionado. Além disso, é uma prisioneira maltratada. Certamente você é forçada a passear pelas redondezas, foi ordenada a carregar a espada nas costas como uma forma de castigo, assim como usar essa elegante vestimenta ornada com abundância, muito mais bonita e limpa que aquela com a qual chegou aqui. Mas, apesar dessas horríveis condições, você não se entrega. Revida os maus-tratos sofridos com petulância. Com grande coragem e entusiasmo quebra também os espelhos que são obras de arte.

Rubejou. Estava muito zangada consigo mesma.

– Ah – disse às pressas –, você pode quebrar quantos espelhos quiser, afinal de contas, são apenas objetos, apesar de terem sido feitos há setecentos anos. Você gostaria de passear comigo pela beira do lago?

O vento que começou a soprar amenizou um pouco o calor. Além disso, as enormes árvores e a torre propiciavam sombra. As águas da baía eram de uma cor verde turva que, coberta espessamente com as folhas de nenúfares e salpicada de botões de suas flores, parecia quase um prado. As galinhas-d'água cantavam, balançavam os bicos vermelhos e rodavam por entre as folhas.

– Aquele espelho… – Ciri balbuciou, cavando um buraco com o salto no cascalho molhado. – Peço desculpas por tê-lo quebrado. Fiquei com raiva. Só isso.

– Ah.

– Elas me ignoram. Aquelas elfas. Quando falo com elas, fingem que não entendem. E, quando falam comigo, fazem-no de tal maneira que eu não as entenda. Elas me humilham.

– Você fala nossa língua muito bem – explicou com calma. – Contudo, para você é uma língua estrangeira. Além disso, você usa *hen llinge*, e elas usam *ellylon*. As diferenças são pequenas, mas existem.

– Eu o entendo. Cada palavra.

– Quando converso com você, uso *hen llinge*. A língua dos elfos de seu mundo.

– E você? – Virou-se. – De que mundo você é? Não sou criança. Só basta olhar para o céu noturno. Não se vê nenhuma constelação daquelas que eu conheço. Este mundo não é meu. Não é o meu lugar. Entrei aqui por acaso… E quero sair daqui. Partir.

Abaixou-se, levantou uma pedra e fez um gesto como se quisesse jogá-la distraidamente no lago na direção das galinhas-d'água que nadavam nele, mas o olhar do elfo a fez desistir da ideia.

– Antes de eu percorrer a distância de uma légua – disse, sem esconder ressentimento –, estou de volta à beira do lago. E vejo essa torre. Não importa por onde ou aonde, quando me viro, sempre vejo o lago e a torre. Sempre. Não há como se afastar dela. Então é uma prisão. Pior do que um calabouço, uma masmorra, pior até do que uma câmara com uma janela gradeada. Sabe por quê? Porque humilha mais. *Ellylon* ou não, fico furiosa quando alguém debocha de mim e demonstra desprezo. Sim, sim, não me olhe assim. Você também me desprezou, também debocha de mim. E ainda acha estranho quando fico com raiva?

– Acho, sim. – Arregalou os olhos. – Acho muito estranho.

Suspirou e deu de ombros.

– Entrei na torre há mais de uma semana – disse, esforçando-se para manter a calma. – Saí em outro mundo. Você esperava por mim, sentado, tocando a flauta de Pã. Você até estranhou eu ter demorado tanto para vir. Dirigiu-se a mim com meu nome, só depois é que começou essa palhaçada de Senhora do Lago. Depois desapareceu sem dar nenhuma explicação. E me deixou na prisão. Chame isso do que quiser. Eu o chamo de menosprezo e desdém mal-intencionados.

– Zireael, foi uma questão de oito dias.

– Ah – franziu o cenho. – Isso significa que tenho sorte? Pois poderiam ter sido oito semanas? Ou oito meses? Ou oito…

Calou-se.

– Você se afastou muito – disse em voz baixa – de Lara Dorren. Perdeu seu legado, perdeu a ligação com seu sangue. Não é de estranhar que aquelas mulheres não a entenderam e que você tampouco as entendeu. Você não apenas fala, mas *pensa* de maneira diferente. De acordo com categorias diferentes. O que são oito dias ou oito semanas? O tempo não tem importância.

– Tudo bem! – gritou, furiosa. – Tudo bem, não sou uma elfa sábia, sou um humano estúpido. Para mim o tempo tem importância, eu conto os dias, conto até as horas. E contei que muito tempo se passou, muitos dias e muitas horas. Não quero nada de vocês, não preciso de esclarecimentos, não quero saber por que aqui é a primavera, por que há unicórnios e por que à noite no céu as constelações são outras. Não me interessa nem um pouco de onde você conhece meu nome e como soube que eu ia aparecer aqui. Quero apenas uma coisa. Voltar para casa. Para meu mundo. Para os humanos! Que pensam como eu! De acordo com as mesmas categorias!

– Voltará lá. Depois de algum tempo.

– Quero agora! – gritou. – Não depois de algum tempo! Porque aqui esse tempo é uma eternidade! Que direito vocês têm de me prender aqui? Por que não posso sair daqui? Entrei aqui sozinha! Por minha própria vontade! Vocês não têm nenhum direito de fazer isso comigo!

– Entrou aqui sozinha – confirmou com calma. – Mas não por vontade própria. Foi trazida para cá pelo destino, mas com um pouco de nossa ajuda. Pois a espera por você aqui foi longa. Muito longa. Até para nossa contagem do tempo.

– Não entendo nada disso.

– Esperamos muito – não prestou atenção a ela. – Com apenas um receio: se você conseguiria entrar aqui. Mas conseguiu. Confirmou seu sangue, sua linhagem. E isso significa que seu lugar não é entre os Dh'oine, seu lugar é aqui. Você é a filha de Lara Dorren aep Shiadhal.

– Sou filha de Pavetta! Nem sei quem é essa sua Lara!

Irritou-se, embora apenas ligeiramente, quase despercebidamente.

– Neste caso, então – disse –, será melhor eu lhe explicar quem era essa Lara. Porque o tempo corre. Portanto, preferia prestar-lhe esclarecimentos no caminho. Porém, você quase acabou com a égua para fazer essa demonstração pouco sensata…

– Quase acabei com ela? Hã! Você nem sabe quanto essa égua é capaz de aguentar. E aonde devemos ir?

– Se me permitir, também explicarei isso no caminho.

•

Ciri freou Kelpie, que estava ofegante, vendo que o descomedido galope estava desprovido de sentido e não adiantaria nada.

Avallac'h não mentira. Aqui, no terreno aberto, nos prados e urzais, eriçados de menires, atuava a mesma força que ao pé da Torre Zireael. Podia-se tentar correr de forma desenfreada e em qualquer direção, mas depois de aproximadamente uma légua uma invisível força fazia com que se traçasse um círculo.

Ciri deu uns tapinhas no pescoço de Kelpie, que arfava, e ficou olhando para o grupo de elfos que passava tranquilamente. Há um instante, quando Avallac'h, por fim, lhe falou o que queriam dela, lançara-se num desenfreado galope para fugir, deixá-los para trás o mais longe possível, eles e sua inacreditável e insolente prescrição.

Agora já estavam novamente diante dela. Numa distância de aproximadamente uma légua.

Avallac'h não mentia. Não havia nenhuma maneira de fugir. A única vantagem do galope foi que ele esfriou sua cabeça e gelou sua raiva. Estava definitivamente mais calma. Mesmo assim, ainda tremia toda de sanha.

"Em que encrenca eu fui me meter?", pensou. "Por que entrei naquela torre?"

Estremeceu-se toda só de se lembrar, de recordar Bonhart que se aproximava andando por cima do gelo, montado em seu iroso alazão.

Estremeceu-se ainda com mais força. E sossegou-se.

"Estou viva", pensou, olhando ao redor. "Não é o fim da luta. Só a morte encerra a luta, qualquer outra coisa apenas a interrompe. Ensinaram-me isso em Kaer Morhen."

Instigou Kelpie ao passo e, em seguida, vendo a égua erguendo a cabeça com ânimo, ao trote. Passava por uma fileira de menires. A relva e as urzes chegavam à altura dos estribos.

Em pouco tempo conseguiu alcançar Avallac'h e as três elfas. O Versado virou seus olhos cor de água-marinha com uma expressão interrogativa e um leve sorriso no rosto.

– Por favor, Avallac'h – pigarreou. – Fale que não passou de uma piada mal contada.

Algo à semelhança de uma sombra correu em seu rosto.

– Não tenho o costume de brincar dessa maneira – disse. – E já que você o considerou uma piada, permito-me repetir com toda a seriedade: queremos ter sua criança, Andorinha, filha de Lara Dorren. Só depois de você dar à luz é que a deixaremos partir daqui, retornar para seu mundo. A escolha, obviamente, é sua. Aposto que sua louca cavalgada ajudou-a a tomar a decisão. Qual é sua resposta?

– Minha resposta é não – disse com rispidez. – Categórica e absolutamente não. Não concordo. E pronto.

– Que pena – deu de ombros. – Confesso que estou desiludido. Mas não há o que fazer, a decisão é sua.

– E como se pode exigir algo assim? – gritou com uma voz trêmula. – Como você se atreve? Que direito você tem?

Olhou para ela com calma. Ciri sentia também que as elfas a fitavam.

– Parece que – disse – lhe contei a história de sua família com os mínimos detalhes. Você pareceu entender tudo. Portanto, fico abismado com sua pergunta.

Temos o direito e podemos exigir, Andorinha. Seu pai, Cregennan, roubou-nos uma criança. Você a devolverá. Pagará a dívida. Isso me parece lógico e justo.

– Meu pai… Não me lembro de meu pai, mas seu nome era Duny. Não era Cregennan. Já lhe disse isso!

– E eu já lhe respondi que algumas ridículas gerações humanas não nos fazem diferença.

– Mas eu não quero! – Ciri gritou de tal maneira que a égua saltitou debaixo dela. – Eu não quero, entende? Não querooo! Incomoda-me a ideia de que me implantarão alguma droga de parasita, me dá nojo só de pensar que esse parasita vai crescer dentro de mim, que…

Interrompeu, vendo a cara das elfas. Duas estavam abismadas. Na cara da terceira via-se um ódio absoluto. Avallac'h tossiu enfaticamente.

– Sigamos – disse com frieza – um pouco para a frente e conversemos a sós. Suas convicções, Andorinha, são demasiadamente radicais para apresentá-las diante de testemunhas.

Ouviu. Andaram em silêncio por um longo tempo.

– Vou fugir de vocês – Ciri foi a primeira a falar. – Não conseguirão me prender aqui contra minha vontade. Fugi da ilha de Thanedd, fugi de caçadores e de nilfgaardianos, fugi de Bonhart e de Coruja. Conseguirei fugir de vocês também. Acharei uma maneira de quebrar seus feitiços.

– Pensei – falou após um momento – que você se preocupava mais com os amigos. Com Yennefer. Com Geralt.

– Você sabe disso? – suspirou, admirada. – É claro. Verdade. Você é um Versado! Portanto, deveria saber que penso exatamente neles. Lá, em meu mundo, eles estão correndo perigo, neste exato momento. E vocês querem me prender aqui… Por, ao menos, nove meses. Você próprio vê que não tenho escolha. Entendo que para vocês isso é importante, essa criança, o Sangue Antigo, mas eu não posso. Simplesmente não posso.

O elfo ficou em silêncio por um momento. Cavalgava tão próximo que tocava nela com seu joelho.

– Como já disse, a decisão é sua. No entanto, eu deveria avisá-la sobre algo, seria injusto escondê-lo de você. Não há como fugir daqui, Andorinha. Então, se você se recusar a cooperar, ficará aqui para sempre, nunca mais verá seus amigos ou seu mundo.

– É uma repugnante chantagem!

– No entanto, se você – Avallac'h não se intimidou com seu grito – concordar em fazer aquilo que nós pedimos, provaremos que o tempo não faz nenhuma

diferença.

– Não entendo.

– O tempo aqui passa de uma forma diferente de lá. Se você nos prestar um favor, nós o retribuiremos. Faremos com que você recupere o tempo perdido aqui conosco. No meio do Povo dos Amieiros.

Permanecia calada com os olhos fixados na negra crina de Kelpie. “Contemporizar”, pensou. Como dizia Vesemir em Kaer Morhen, “quando estiver prestes a ser enforcada, peça um copo de água. Nunca se sabe o que pode acontecer antes que eles o tragam…”

Repentinamente, uma das elfas gritou e assobiou.

O cavalo de Avallac’h relinchou, remexeu as patas. O elfo dominou-o e gritou algo para as elfas. Ciri viu uma delas tirar o arco do coldre de couro pendurado na sela. Ficou em pé nos estribos, cobriu os olhos com a mão.

– Mantenha a calma – Avallac’h falou com rispidez. Ciri suspirou.

A uma distância de aproximadamente duzentos passos galopavam unicórnios, atravessando o urzal. Uma manada inteira, ao menos trinta exemplares.

Ciri já havia visto unicórnios. Às vezes, especialmente ao alvorecer, aproximavam-se do lago próximo da Torre da Andorinha. Porém, nunca deixavam que ela se acercasse. Desapareciam feito fantasmas.

Um enorme garanhão de uma estranha pelagem rubejante era o líder da manada. De súbito, parou, relinchou profundamente e empinou-se. Dava pequenos passos com as patas traseiras e remexia as dianteiras no ar de uma maneira absolutamente inviável para um cavalo.

Ciri constatou, admirada, que Avallac’h e as três elfas cantarolavam em coro uma monótona e estranha melodia.

Quem é você?

Sacudiu a cabeça.

“Quem é você?”, a pergunta novamente ressoou em sua cabeça, latejou nas têmporas. Subitamente, o canto dos elfos subiu um tom. O ruivo unicórnio rinchou e toda a manada respondeu a mesma voz. A terra tremeu quando saíram às pressas.

O canto de Avallac’h e das elfas interrompeu-se. Ciri viu o Versado enxugar, sorrateiramente, o suor da testa. O elfo olhou para ela de soslaio, entendeu que ela notara.

– Nem tudo é tão belo como parece – disse em tom seco. – Nem tudo.

– Vocês têm medo dos unicórnios? Eles são sábios e amigáveis. Não respondeu.

– Ouvi falar – não desistiu – que elfos e unicórnios amam-se mutuamente.

Virou a cabeça.

– Aceite, então – disse friamente –, que aquilo que você acabou de ver foi uma briga de amantes.

Não indagou mais.

Andava sobrecarregada com suas próprias preocupações.

•

Os cumes dos morros eram ornados com cromeleques e dolmens. Sua aparência lembrava a Ciri a pedra de Ellander, aquela junto da qual Yennefer lhe ensinava o que era a magia. "Quanto tempo se havia passado", pensou. "Fazia séculos…"

Uma das elfas gritou novamente. Ciri olhou na direção apontada por ela. Mas, antes de constatar que a manada liderada pelo ruivo garanhão voltara, a outra das elfas também soltara um grito. Ciri ergueu-se nos estribos.

Do lado oposto surgiu outra manada de trás do morro. O unicórnio que a liderava era um tordilho arroxeado.

Avallac'h proferiu algumas palavras apressadamente. Era a língua *ellylon*, tão difícil para Ciri, mas ela entendeu, até porque as elfas, como se por um comando, tiraram os arcos. Avallac'h virou o rosto para Ciri, e ela sentiu um zumbido encher sua cabeça. Era um rumor bastante parecido com o barulho emitido por uma concha encostada no ouvido. Mas muito mais forte.

Não se oponha – ouviu a voz. – *Não resista. Preciso saltar, preciso levá-la para outro lugar. Você corre perigo de morte*.

Ouviram um assobio e um grito prolongado vindo de certa distância. E após um momento a terra tremeu sob os cascos ferrados.

Cavaleiros surgiram de trás do morro. Uma unidade inteira. Os cavalos usavam chebraicas; os cavaleiros, elmos com cristas e capas que ao galope revoavam sobre os ombros, e cujos tons de cinabre, amarante e carmesim lembravam o fulgor de um céu em chamas resplandecendo com o brilho do pôr do sol.

Um assobio e um grito. Os cavaleiros vinham correndo até eles, todos alinhados. Antes que chegassem a uma distância de meia légua, os unicórnios já haviam desaparecido. Sumiram na estepe, deixando atrás de si uma nuvem de poeira.

•

O líder dos cavaleiros, um elfo de cabelos negros, montava um enorme garanhão zaino que parecia um dragão, ornado, como todos os cavalos da unidade, com uma chebraica bordada em forma de escamas de dragão e usava, na cabeça, um bucrânio com chifres verdadeiramente demoníacos. Como todos os outros elfos, o de cabelos negros usava, sob a capa, uma cota de malha feita de argolas de um diâmetro tão pequeno que se acomodava no corpo com muita elasticidade, como se fosse feito de malha de lã.

– Avallac'h – disse, prestando continência.

– Eredin.

– Você me deve um favor. E o pagará quando eu ordenar.

– Pagarei quando você ordenar.

O de cabelos negros desmontou da sela. Avallac'h também desceu e com um gesto mandou que Ciri fizesse o mesmo. Subiram o morro por entre brancas rochas de bizarras formas cobertas de evônimo e pés de murta anã em flor.

Ciri olhava para eles. Eram da mesma estatura, isto é, ambos eram extraordinariamente altos. Mas o rosto de Avallac'h era meigo, já o do elfo de cabelos negros lembrava uma ave de rapina. "O claro e o escuro", pensou. "O bom e o mau. A luz e as trevas…"

– Permita-me, Zireael, que lhe apresente: Eredin Bréacc Glas.

– Prazer. – O elfo curvou-se e Ciri retribuiu o gesto, embora desajeitadamente.

– Como você sabia – Avallac'h perguntou – que corríamos perigo?

– Não sabia. – O elfo fitava Ciri. – Patrulhamos a planície para espalhar a notícia de que os unicórnios estavam mais agitados e agressivos. Não se sabe por quê. Isto é, agora já se sabe. Obviamente, é por causa dela.

Avallac'h não negou nem confirmou. Ciri, no entanto, rebateu com um olhar arrojado a mirada do elfo de cabelos negros. Por um momento ficaram fitando-se mutuamente e nenhum deles queria ser o primeiro a abaixar o olhar.

– Esse seria então o Sangue Antigo – o elfo constatou. – Aen Hen Ichaer. O legado de Shiadhal e de Lara Dorren? Não acredito muito nisso. É uma simples e pequena Dh'oine. Uma fêmea humana.

Avallac'h não respondeu. Seu rosto estava inerte e indiferente.

– Suponho – o de cabelos negros retomou o discurso – que você não tenha errado. Ora, assumo como algo certo, pois você, de acordo com as fofocas, nunca erra. O gene de Lara está bem escondido nesta criatura. Sim, se você olhar bem, enxergará algumas características que comprovam a linhagem dessa

menina. Realmente tem algo nos olhos que lembra Lara Dorren. Não é, Avallac'h? Quem estará mais apto para avaliar isso que você?

Avallac'h tampouco respondeu. Mas Ciri notou uma sombra de rubor em seu rosto pálido. Estranhou muito. E ficou pensativa.

– Resumindo – o de cabelos negros contorceu os lábios –, há algo de valioso, algo belo, nesta pequena Dh'oine. Eu o vejo. E tenho a impressão de estar diante de uma pepita numa pilha de adubo.

Os olhos de Ciri refulguraram com raiva. Avallac'h virou a cabeça lentamente.

– Você fala – disse devagar – como se fosse um humano, Eredin.

Eredin Bréacc Glas mostrou os dentes num largo sorriso. Ciri já havia visto uma dentição assim, muito branca, muito miúda e muito desumana, dentes retos como se tivessem sido aplainados com uma rasoura, desprovidos dos caninos. Já havia visto dentes assim nos elfos mortos e prostrados no chão, enfileirados no pátio da guarita em Kaedwen. Já havia olhado muito para esse tipo de dentes na boca de Faísca. Mas no sorriso dela esses dentes pareciam bonitos, e no de Eredin eram arrepiantes.

– Essa mocinha – disse –, que está tentando me matar com o olhar, conhece o motivo pelo qual está aqui?

– Claro.

– E está pronta para cooperar?

– Ainda não por completo.

– Não por completo – repetiu. – Hã, isso não é bom. Pois o caráter da cooperação requer que seja por completo. Simplesmente não há como fazer isso de outro jeito que não seja por completo. E pelo fato de meio dia de caminho nos separar de Tir ná Lia valeria a pena saber em que ponto estamos.

– Para que se apressar? – Avallac'h inflou os lábios levemente. – O que podemos ganhar com a pressa?

– A eternidade. – Eredin Bréacc Glas ficou sério, e algo resplandeceu rapidamente em seus olhos verdes. – Mas essa é sua especialidade, Avallac'h. Sua especialidade e responsabilidade.

– Foi você quem disse isso.

– Fui eu mesmo quem o disse. E agora me perdoem, mas as tarefas me chamam. Deixo-lhes a escolta, para sua segurança. Aconselho que pernoitem aqui, neste morro. Se saírem amanhã ao alvorecer, chegarão a Tir ná Lia na hora certa. *Va faill*. Ah, mais uma coisa.

Abaixou-se, quebrou e arrancou um ramo de murta em flor. Aproximou-o de seu rosto e em seguida entregou-o, prestando reverência, a Ciri.

– É um pedido de perdão – disse brevemente. – Por uma palavra impensada. *Va faill, luned*.

Afastou-se rapidamente e, logo em seguida, a terra tremeu debaixo dos cascos quando partia com uma parte da unidade.

– Só não me diga – resmungou Ciri – que seria com ele… Que é ele. Se for ele, não poderei, nunca, jamais.

– Não – Avallac'h negou lentamente. – Não é ele. Fique sossegada.

Ciri cobriu o rosto com a murta para que ele não notasse a excitação e a fascinação que tomaram conta dela.

– Estou sossegada.

•

Os cardos secos e as urzes da estepe cederam lugar a uma verde grama abundante, úmidas samambaias, o terreno alagadiço flavescia com ranúnculos, roxeava com tremoceiros. Em pouco tempo viram um rio que corria preguiçosamente no meio da aleia de choupos. A água no rio, embora cristalina, tinha uma tonalidade fulva. Cheirava a turfa.

Avallac'h tocava diversas melodias vivas em sua flauta de Pã. Ciri, soturna, pensava intensamente.

– Quem – finalmente falou – será o pai dessa criança que é tão importante para vocês? Ou talvez isso não seja relevante?

– É relevante. Devo entender que está decidida?

– Não, não deve. Simplesmente estou esclarecendo certas questões.

– Às ordens. O que quer saber?

– Você sabe bem o quê.

Por um momento, cavalgaram em silêncio. Ciri viu cisnes nadando majestosamente no rio.

– Auberon Muircetach – Avallac'h falou tranquila e objetivamente – será o pai da criança. Auberon Muircetach é nosso… Como vocês o dizem… Supremo comandante?

– O rei? O rei de todos os Aen Seidhe?

– Aen Seidhe, o Povo dos Montes, são os elfos de seu mundo. Nós somos Aen Elle, o Povo dos Amieiros. E Auberon Muircetach é, sim, nosso rei.

– O rei dos Amieiros?

– Pode chamá-lo assim.

Cavalgavam em silêncio. Fazia muito calor.

– Avallac'h.

– Pois não?

– Se eu concordar em fazê-lo, então depois… Depois… Estarei livre?

– Estará livre e poderá partir para onde quiser. Caso não queira ficar. Com a criança.

Bufou com desdém, mas não disse nada.

– Então, você tomou a decisão?

– Vou tomá-la quando chegarmos lá.

– Já chegamos.

Atrás dos galhos de salgueiros suspensos sobre a água feito verdes cortinas, Ciri viu palácios. Nunca havia visto nada igual em toda sua vida. Os palácios, embora feitos de mármore e alabastro, pareciam delicados, efêmeros e etéreos como rendas, como se não fossem edifícios, mas vultos de edifícios. Ciri esperava que a qualquer minuto um vento assoprasse, fazendo com que os palácios se dissipassem junto com a névoa que cobria o rio. Mas, quando o vento soprou, e quando a névoa se dissipou, quando os galhos dos salgueiros tremeram e o rio se enrugou, os palácios não desapareceram nem cogitaram desaparecer. Tornaram-se apenas mais belos.

Ciri olhava, admirada, para os terraços, para as torres que emergiam da água feito flores de nenúfares, para as pontes suspensas sobre o rio como se fossem festões de hera, para as escadas, escadinhas, balaustrezinhos, para as arcadas e os claustros, peristilos, colunas e colunazinhas, cúpulas e cupulazinhas, para os pináculos e torres finos como aspargos.

–Tir ná Lia – Avallac'h disse em voz baixa.

Quanto mais se aproximavam, tanto mais comovia a formosura desse lugar, apertava a garganta, fazia com que os cantos dos olhos se enchessem de lágrimas. Ciri olhava para os chafarizes, mosaicos, terracotas, esculturas e monumentos. Para as construções rendadas, cuja função não entendia. E para aquelas que decerto não possuíam nenhuma função. Além de estética e harmônica.

– Tir ná Lia – Avallac'h repetiu. – Você já havia visto algo semelhante?

– Sim – conseguiu superar o aperto na garganta. – Já havia visto restos de algo parecido. Em Shaerrawedd.

Agora era a vez de o elfo permanecer calado por um longo momento.

•

Passaram para a outra margem do rio por uma arqueada ponte que parecia tão delicada como uma renda. A própria Kelpie estava inquieta e ficou resfolegando por um bom tempo antes que se atrevesse a pisar em cima dela.

Embora ansiosa e tensa, Ciri olhava em volta com atenção para não perder nada de vista, nenhuma paisagem que a maravilhosa cidade de Tir ná Lia propiciava. Primeiro, estava extremamente curiosa. Segundo, não parava de pensar na fuga e procurava, urgentemente, uma ocasião adequada para executá-la.

Nas pontes e nos terraços, nas alamedas e nos peristilos, nas varandas e nos claustros via elfos de longos cabelos vestidos de justos gibões e curtas capas bordadas com fantasiosos desenhos de folhagem. Via elfas com fabulosos penteados e uma forte maquiagem, trajando delicados vestidos ou vestimenta que lembrava a masculina.

Eredin Bréacc Glas os recebeu diante do pórtico de um dos palácios. Bastou uma curta ordem para que surgisse, em sua volta, uma multidão de pequenas elfas vestidas de cinza que rápida e silenciosamente trataram dos cavalos. Ciri observava, um pouco espantada. Avallac'h, Eredin e todos os outros elfos que até então conhecera eram incrivelmente altos e era preciso erguer a cabeça para poder mirar em seus olhos. As elfas de cinza eram muito mais baixas do que ela. "Outra raça", pensou. "Uma raça de serviçais. Até aqui, no mundo das maravilhas, era necessário haver alguém que trabalhasse pelos vagabundos."

Entraram no palácio. Ciri suspirou. Era infante de sangue real, cresceu em palácios. Mas nunca havia visto mármores, malaquitas, estuques, pisos, mosaicos, espelhos e candelabros assim. Esses deslumbrantes interiores faziam com que se sentisse mal, incomodada, fora do lugar, empoeirada, suada e fatigada depois da viagem.

Avallac'h, pelo contrário, não se preocupava nem um pouco. Bateu a luva contra as calças e as gáspeas, ignorando o fato de que a poeira se acomodava no espelho. Em seguida, jogou a luva altivamente para uma elfa curvada diante dele.

– Auberon? – perguntou rapidamente. – Está à espera? Eredin sorriu.

– Está, sim. Está com pressa. Pediu para que a Andorinha viesse imediatamente até ele, sem demora. Mas eu o convenci de que não era uma boa ideia.

Avallac'h ergueu as sobrancelhas.

– Zireael – Eredin esclareceu com muita calma – deveria ir até o rei sem estresse, sem ser pressionada, descansada, tranquila e bem-humorada. Um

banho, um novo traje, penteado e nova maquiagem propiciarão seu bom humor. Suponho que Auberon ainda aguentará um pouco.

Ciri suspirou profundamente e olhou para o elfo. Ficou surpresa com o fato de parecer tão simpático. Eredin sorriu, mostrando sua dentição reta, desprovida de caninos.

– Apenas uma coisa levanta minha objeção – declarou. – Trata-se dos olhos de nossa Andorinha que brilham como os de um falcão. Nossa Andorinha não para de lançar olhadas para a esquerda e direita, como se fosse um arminho que procura um buraco na gaiola. Vejo que a Andorinha está longe de uma capitulação incondicional.

Avallac'h não comentou. Ciri, obviamente, tampouco.

– Não estranho – Eredin continuou. – Não pode ser diferente, pois tem o sangue de Shiadhal e Lara Dorren. Porém, ouça-me com muita atenção, Zireael. Não há como fugir daqui. Não existe a possibilidade de quebrar o *Geas Garadh*, o Encanto da Barreira. O olhar de Ciri demonstrava explicitamente que não acreditaria antes de se certificar.

– E se você conseguir, por algum milagre, forçar a Barreira – Eredin não tirou o olhar dela nem por um átimo – saiba que isso implicará sua perdição. Este mundo só parece belo. Mas traz a morte, especialmente aos inexperientes. As feridas causadas pelo chifre de um unicórnio não podem ser tratadas nem mesmo com a magia.

– Saiba também – retomou, não tendo obtido nenhum comentário – que seu talento selvagem tampouco a ajudará. Não conseguirá executar um salto, não adianta nem tentar. E mesmo que consiga saiba que meus *Dearg Ruadhri*, meus Cavaleiros Vermelhos, apanharão você até no abismo do tempo e do espaço.

Não entendia bem o que queria dizer. Mas ficou curiosa pelo fato de Avallac'h, de repente, ter ficado soturno e franzido o cenho, claramente aborrecido com o discurso de Eredin. Como se Eredin soubesse demasiado.

– Vamos – disse. – Venha, Zireael. Agora a entregaremos nas mãos das senhoras. É necessário aprumá-la. A primeira impressão é a mais importante.

•

Seu coração batia com tanta força que parecia que ia explodir, o sangue pulsava nas têmporas, as mãos tremiam levemente. Conseguiu controlá-las, apertando os punhos. Acalmou-se, respirando lentamente. Soltou os ombros e mexeu a nuca que ficara rígida por causa do nervosismo.

Olhou-se novamente no enorme espelho. A vista era bastante agradável. O cabelo, ainda molhado após o banho, havia sido aparado e penteado para cobrir, ao menos um pouco, a cicatriz. A maquiagem destacava bem seus olhos e lábios, a prateada saia com uma fenda que chegava até a metade da coxa, o negro colete e a finíssima blusa perolada de crepe também ficaram bastante bem. O *foulard* de seda amarrado no pescoço acentuava, de maneira interessante, todo o conjunto.

Ciri ajeitou e alinhou o *foulard* e, logo em seguida, pôs as mãos entre as coxas, também arrumando lá o que era preciso, pois debaixo da saia vestia peças verdadeiramente impressionantes – calcinhas delicadas como uma teia de aranha e meias finas que chegavam quase até as calcinhas e, por mais incrível que parecesse, se mantinham seguras nas coxas sem as ligas.

Hesitante, estendeu a mão na direção da maçaneta, como se não fosse uma maçaneta, mas uma cobra adormecida.

"*Pest*", pensou involuntariamente em élfico, "já me confrontei com homens munidos de espadas. Conseguirei confrontar um com…"

Fechou os olhos, suspirou. E entrou na câmara.

Dentro não tinha ninguém. Na mesa de malaquita havia um livro e um jarro. Nas paredes, estranhos relevos e baixos-relevos, cortinas drapejadas, gobelins floridos. Em um canto havia uma estátua. No outro, uma cama com baldaquim. O coração começou a bater com força novamente. Engoliu a saliva.

Com o canto do olho notou uma agitação. Mas não na câmara. No terraço.

Estava sentado lá, virado para ela de meio perfil.

Embora soubesse que entre os elfos nada parecia da forma como ela imaginava, Ciri ficou um pouco chocada. Sempre que falavam sobre o rei, pensava, sem saber o porquê, em Ervyll de Verden, que por pouco não virou seu sogro. Quando pensava nele, via um homem obeso, imobilizado por camadas de gordura, cheirando a cebola e cerveja, dono de um rúbido nariz e olhos avermelhados que apareciam por cima da barba descuidada, com o cetro e o orbe nas mãos inchadas e salpicadas de manchas de cor castanho.

E junto do balaústre do terraço estava sentado um rei completamente diferente.

Era muito esbelto e, evidentemente, de grande altura. Seus cabelos eram cinzentos, como os dela, entremeados com branquíssimas manchas, e tão longos que caíam sobre os ombros e as costas. Vestia um negro gibão de veludo. Usava típicas botas élficas com várias fivelas ao longo do cano. Suas mãos eram finas, brancas e os dedos longos.

Estava entretido soltando bolhas de sabão. Segurava uma vasilha com sabão e um canudo no qual assoprava de vez em quando fazendo com que as bolhas irisadas voassem, deslizando até o rio.

Pigarreou baixinho.

O rei dos Amieiros virou a cabeça. Ciri não conseguiu controlar o suspiro. Seus olhos eram extraordinários, claros como chumbo fundido, abismais. E cheios de uma profunda tristeza.

– Andorinha – disse. – Zireael. Obrigado por ter vindo.

Engoliu a saliva sem absolutamente saber o que falar. Auberon Muircetach aproximou o canudo da boca e soltou mais uma bolha que voou para o espaço.

Para controlar o tremor das mãos, entrelaçou-as, cruzou os dedos e estalou-os. Depois alisou nervosamente o cabelo com a mão. O elfo apenas aparentava prestar atenção às bolhas.

– Você está nervosa?

– Não – mentiu presunçosamente. – Não estou.

– Está com pressa?

– Estou, sim.

Deve ter falado com demasiada despreocupação, pois sentiu que oscilava à beira da cortesia. No entanto, o elfo não havia notado. Formou uma enorme bolha na ponta do canudo e, balançando-a, fez com que ganhasse a forma de um pepino. Ficou admirando a obra por um longo momento.

– Não queria inquiri-la, mas gostaria de perguntar para onde quer ir com tanta pressa.

– Para casa! – bufou, mas logo se corrigiu, acrescentando com uma voz serena. – Para meu mundo!

– Para onde?

– Para meu mundo!

– Ah. Perdoe-me. Juraria que acabou de dizer “Para meu imundo”. E, de verdade, estranhei bastante. Você fala muito bem a nossa língua, mas precisa trabalhar um pouco ainda o sotaque e a pronúncia.

– A maneira como acentuo as palavras é tão importante? Afinal, você não precisa de mim para conversar.

– Nada deveria atrapalhar quando se está a caminho da perfeição.

Mais uma bolha formou-se na ponta do canudo, desprendeu-se, voou e pouco depois arrebentou, tendo-se chocado contra o galho do salgueiro. Ciri suspirou.

– Então você está com pressa para voltar para seu mundo – o rei Auberon Muircetach falou após um momento. – Seu mundo! Realmente, vocês, humanos,

não têm nem um pouco de humildade.

Mexeu na vasilha com o canudo e, com um sopro aparentemente despreocupado, rodeou-se todo de um enxame de bolhas iridescentes.

– O homem – disse –, seu peludo ancestral por parte de pai, apareceu no mundo muito mais tarde do que a galinha. Mas nunca ouvira falar de uma galinha que quisesse reivindicar seus direitos perante o mundo… Por que você está tão irrequieta, marcando passo como uma macaquinha? Deveria demonstrar interesse por aquilo que digo, já que se trata de história. Ah, deixe eu adivinhar: você não se interessa por ela, pois a deixa entediada.

Uma enorme bolha irisada voou em direção ao rio. Ciri permanecia calada, mordendo os lábios.

– Seu peludo antepassado – o elfo retomou, mexendo com o canudo na vasilha – aprendeu rapidamente a usar o opoente polegar e a sua rudimentar inteligência. Usava-os de diversas maneiras, geralmente tão ridículas quanto assustadoras. Isto é, queria dizer que as coisas feitas por seu antepassado seriam ridículas se não fossem espantosas.

Mais uma bolha, seguida por outra, e mais uma.

– Na verdade, nós, os Aen Elle, pouco nos interessávamos pelas ações tomadas por seu antepassado. Nós, ao contrário de nossos primos Aen Seidhe, deixamos aquele mundo há muito tempo. Optamos por outro universo, muito mais interessante. Pode espantar-se com aquilo que lhe direi, mas naquela época existia a possibilidade de se deslocar de forma bastante livre entre os mundos. Claro, era preciso ter um pouco de talento e experiência. Você certamente entende o que quero dizer.

Ciri morria de curiosidade. No entanto, insistia em permanecer calada, ciente do fato de que o elfo debochava dela levemente. Não queria tornar as coisas mais fáceis para ele.

Auberon Muircetach sorriu. Virou-se. No pescoço usava um colar de ouro, o símbolo do poder chamado *torc'h* na Língua Antiga.

– *Mire, luned.*

Assoprou levemente, agitando o canudo com movimentos cheios de habilidade. Na ponta, em vez de uma enorme bolha de antes, pendia uma série delas.

– Uma bolhinha junto de outra, uma bolhinha junto de outra – entoou. – Ah, assim foi, assim foi… Nós nos convencíamos dizendo que não fazia diferença se ficaríamos um pouco aqui, um pouco acolá. Não importava que os Dh'oine

teimavam em aniquilar seu mundo junto consigo próprios, sempre podíamos ir a outro lugar… A outra bolhinha…

Auberon fixou nela seu intenso olhar. Ciri acenou com a cabeça e passou a língua nos lábios. O elfo sorriu novamente, despencou as bolhas, assoprou de novo, formando, dessa vez, um enorme cacho na extremidade do canudo, uma infinidade de pequenas bolhas interligadas.

– Veio a Conjunção… – O elfo ergueu o canudo ornamentado de bolhas. – Surgiram mais mundos. Mas as portas estão fechadas. Estão fechadas para todos, salvo um pequeno grupo de escolhidos. E o tempo corre. As portas devem ser abertas. Com urgência. É um imperativo. Você entende essa palavra?

– Não sou burra.

– Não, não é. – Virou a cabeça. – Não pode ser, pois você é Aen Hen Ichaer, o Sangue Antigo. Aproxime-se.

Cerrou os dentes involuntariamente quando ele estendeu a mão em sua direção. Mas tocou apenas em seu antebraço, e depois em sua mão. Sentiu um agradável formigamento. Atreveu-se a olhar em seus extraordinários olhos.

– Não acreditava quando diziam – suspirou. – Mas é verdade. Você tem os olhos de Shiadhal. Os olhos de Lara.

Abaixou o olhar. Sentia-se insegura e confusa. O rei dos Amieiros apoiou o cotovelo no balaústre e o queixo sobre a mão. Por um longo momento parecia interessar-se apenas pelos cisnes que nadavam no rio.

– Obrigado por ter vindo – falou, por fim, sem virar a cabeça. – E agora vá embora, deixe-me só.

•

Encontrou Avallac'h no terraço à beira do rio no momento em que entrava a bordo de um barco acompanhado de uma belíssima elfa de cabelo cor de palha. A elfa tinha os lábios pintados com um batom pistache e purpurina dourada nas têmporas e pálpebras.

Ciri ia virar e afastar-se quando Avallac'h parou-a com um gesto. E por meio de outro aceno convidou-a para entrar no barco. Hesitou. Não queria conversar na presença de testemunhas. Avallac'h disse algo rapidamente à elfa e enviou-lhe um beijo com a mão. A elfa deu de ombros e foi embora. Virou-se apenas uma vez para Ciri com o intuito de demonstrar com os olhos o que achava dela.

– Se puder, restrinja-se de fazer quaisquer comentários – disse Avallac'h quando ela se sentou num banco mais próximo da proa. Ele próprio também se sentou, tirou sua flauta de Pã e começou a tocar absolutamente despreocupado

com o barco. Ciri, inquieta, olhou para trás, mas o barco deslizava perfeitamente pelo meio da correnteza, sem desviar-se nem por uma polegada na direção das escadas, pilastras e colunas que adentravam a água. Era um estranho barco. Ciri nunca havia visto um igual, nem em Skellige, onde tivera a possibilidade de deparar-se com tudo o que era capaz de flutuar sobre a água. Tinha uma proa muito alta, esbelta e esculpida em forma de chave, era muito comprido, muito estreito e muito instável. Realmente, só um elfo podia permanecer sentado em algo assim e tocar a flauta em vez de segurar o leme e o remo.

Avallac'h parou de tocar.

– O que a preocupa?

Ouviu, observando-a com um estranho sorriso.

– Você está decepcionada – afirmou, não perguntou. – Decepcionada, desiludida e, sobretudo, indignada.

– Nada disso! Não estou!

– Pois não deveria estar. – O elfo ficou sério. – Auberon recebeu-a com reverência, como uma nata Aen Elle. Não se esqueça de que nós, o Povo dos Amieiros, nunca temos pressa. Temos tempo.

– Disse-me completamente outra coisa.

– Eu sei o que ele lhe disse.

– E você sabe também do que se trata isso tudo?

– Claro.

Já aprendeu muito. Nem um suspiro ou tremor da pálpebra revelou sua impaciência ou raiva quando novamente aproximou a flauta de Pã dos lábios e se pôs a tocar. Uma música melodiosa, saudosa. Longa.

– O barco deslizava pela água, Ciri contava as pontes que passavam sobre suas cabeças.

– Temos – falou logo após passar a quarta ponte – razões mais do que sérias para supor que seu mundo corre perigo de aniquilamento. Um cataclismo climático em grande escala. Sendo uma pessoa erudita, deve ter-se deparado com *Aen Ithlinnespeath*, a Profecia de Itlina. Na profecia fala-se do Frio Branco. De acordo com nossas suspeitas, trata-se de uma forte glaciação. E, pelo fato de que noventa por cento da terra firme de seu mundo está localizada no hemisfério norte, a maioria dos seres vivos pode correr perigo de extinção por causa dela. Morrerão simplesmente por causa do frio. Aqueles que sobreviverem afogar-se-ão em barbaridade, exterminar-se-ão mutuamente em impiedosas lutas por sustento, virarão a presa de predadores enlouquecidos pela fome. Lembre-se do

texto da profecia: O Tempo do Desprezo, O Tempo do Machado, O Tempo da Nevasca Lupina.

Ciri não interrompia com medo de ele começar a tocar.

– A criança em que depositamos tantas esperanças – Avallac'h retomou, brincando com a flauta –, o descendente e portador do gene de Lara Dorren, que foi propositadamente por nós construído, pode salvar os habitantes daquele mundo. Temos motivos para acreditar que o descendente de Lara e, claro, seu terá capacidades mil vezes mais poderosas daquelas que nós, os Versados, possuímos. E que você também possui, em forma residual. Você deve saber do que se trata, não é?

Ciri já aprendera que na Língua Antiga esses tipos de figuras retóricas, embora parecessem perguntas, não só não exigiam, mas até proibiam qualquer resposta.

– Indo diretamente ao ponto – retomou Avallac'h –, trata-se da possibilidade de transladar entre os mundos não apenas a si próprio, sua própria pessoa, que não é necessariamente de grande importância. O essencial é abrir o Ard Gaeth, o grande Portal fixo pelo qual todos poderiam passar. Antes da Conjunção conseguíamos fazer isso, portanto queremos fazê-lo outra vez agora. Evacuaremos do mundo agonizante os Aen Seidhe que ainda vivem lá, nossos irmãos que devemos ajudar. Não poderíamos viver com a consciência de que deixamos de lhes prestar ajuda. Pode crer, não seremos omissos. E salvaremos, evacuaremos daquele mundo todos que correm perigo. Todos, Zireael. Os humanos também.

– É mesmo? – não aguentou. – Dh'oine também?

– Também. Você própria está se conscientizando agora de sua importância e de quanto depende de você. Da importância de manter a paciência. E de ir até Auberon hoje à noite e permanecer lá até a manhã. Acredite, seu comportamento não era uma demonstração de má vontade. Ele sabe que não é nada fácil para você. Tem consciência do fato de que demonstrando uma pressa insistente poderia magoá-la e provocar aversão. Ele sabe muito, Andorinha. Não duvido que você tenha reparado.

– Reparei, sim – bufou. – Reparei também que a correnteza já nos levou para bastante longe de Tir ná Lia. Está na hora de pegarmos nos remos, mas não os vejo por aqui.

– Não estão aqui. – Avallac'h ergueu o braço, girou a mão e estalou os dedos. O barco parou. Permaneceu parado por um momento, mas logo em seguida começou a navegar contra a correnteza.

O elfo acomodou-se, levou a flauta de Pã aos lábios e entregou-se à música.

•

À noite o rei dos Amieiros recebeu-a com o jantar. Entrou, acompanhada pelo farfalhar de sua vestimenta de seda, e com um aceno foi convidada para se sentar à mesa. Não havia criados. Ele próprio lhe atendia.

O jantar era composto de dezenas de variedades de legumes. Havia também cogumelos cozidos, assados e ensopados. Ciri nunca havia comido cogumelos assim. Alguns eram brancos e finos feito folhas, de sabor delicado e suave; outros, marrons e pretos, carnosos e aromáticos.

Auberon também lhe servia vinho rosado à vontade. Aparentemente leve, subia à cabeça, relaxava, soltava a língua. Antes que se desse conta, já lhe havia contado coisas que esperava nunca contar a ninguém.

Ouvia. Com paciência. E, de repente, ela lembrou-se por que estava lá, ficou soturna, calou-se.

– Pelo que entendi – serviu-lhe mais cogumelos, esverdeados e cheirosos como chalota –, você acha que está ligada pelo destino com esse tal de Geralt?

– Isso mesmo. – Ergueu o cálice copiosamente ornamentado com as marcas de seu batom. – Destino. Ele, isto é, Geralt, fora-me predestinado, e eu a ele. Nossos destinos se entrelaçam. Então seria melhor que eu fosse embora daqui. O mais rápido possível. Entende?

– Confesso que não muito.

– Destino! – Tomou um gole. – É uma força que não deve ser contrariada. Por isso penso… Não, não, obrigada, mas não me sirva mais, por favor, estou tão cheia que vou explodir.

– Você mencionou que pensa.

– Penso que foi um erro me ter atraído aqui. E me forçar a… Bom, você sabe o que quero dizer. Preciso ir embora daqui, socorrê-los… Pois meu destino…

– Destino – interrompeu, erguendo o cálice. – Predestinação. Algo que é inevitável. Um mecanismo que faz com que um número praticamente infinito de acontecimentos impossíveis de ser previstos deve levar a determinado resultado. Não é?

– Claro!

– Independentemente das circunstâncias e condições, deve haver um resultado. Aquilo que fora predestinado deve acontecer. Não é?

– Sim!

– Para onde e para que você quer ir? Tome o vinho, aproveite o momento, desfrute a vida. Aquilo que deve vir, virá, é algo inevitável.

– Nada disso. Não é bem assim.

– Então você própria se contraria.

– Mentira.

– Você contraria uma contradição, e isso já é um círculo vicioso.

– Não! – sacudiu a cabeça. – Você não pode ficar de braços cruzados sem fazer nada! Nada acontece assim, do nada!

– Um sofisma.

– Você não deve perder tempo de forma insensata! Você pode perder o momento adequado… O certo, o momento único. O tempo nunca se repete!

– Dê licença. – Levantou-se. – Olhe para isto aqui.

Na parede indicada por ele havia um alto-relevo de uma enorme serpente escamosa. O réptil, enrolado em forma de oito, mordia a própria cauda com os dentes. Ciri já havia visto algo parecido, mas não se lembrava onde.

– Eis aqui – disse o elfo – a primigênia serpente Uroboros que simboliza a infinidade, e ela própria constitui a infinidade. É a eterna partida e o eterno regresso. É algo que não tem nem começo nem fim.

– O tempo é como a primigênia Uroboros. O tempo são os momentos que se esvaem, grãos de areia que passam na ampulheta. O tempo é constituído por momentos e acontecimentos com os quais tentamos medi-lo com tanta insistência. Mas a primigênia Uroboros lembra-nos de que cada momento, cada instante, cada acontecimento guarda em si o passado, o presente e o futuro. Cada instante guarda em si a eternidade. Cada partida é ao mesmo tempo um regresso, cada despedida é uma saudação, cada regresso uma separação. Tudo é simultaneamente um começo e um fim.

– E você também – disse sem lhe dirigir nenhum olhar – é simultaneamente um começo e um fim. E, porque falamos sobre o destino, saiba que é esse exatamente seu destino. Ser o começo e o fim. Entende?

Hesitou por um momento. Mas seu olhar ardente forçou-a a dar uma resposta.

– Entendo.

– Dispa-se.

Proferiu essas palavras com tanta despreocupação, tanta indiferença que ela quase gritou de raiva. Com as mãos trêmulas começou a desabotoar o colete.

Os dedos não queriam lhe obedecer, os colchetes, botões e fitas eram apertados e desajeitados. Embora Ciri estivesse com muita pressa, querendo que

tudo acabasse o mais rápido possível, o ato de se despir foi exageradamente longo. Mas o elfo não parecia alguém que estivesse apressado. Pelo contrário, aparentava ter mesmo toda a eternidade à sua disposição.

Quem sabe, talvez, realmente a tivesse.

Já completamente nua, saltitou, pois o piso frio gelava seus pés. Ele notou isso e, em silêncio, apontou para a cama.

Os lençóis eram feitos de doninha, costurados para formar enormes pedaços de pele, macios, quentes, que davam uma prazerosa sensação de cócegas.

Deitou-se ao seu lado vestido da cabeça aos pés, estava até de botas. Quando a tocou, Ciri espreguiçou-se involuntariamente, um pouco decepcionada consigo mesma, já que estava determinada a se fazer de difícil e indiferente até o fim. Os dentes, obviamente, tremiam de frio. No entanto, seu toque eletrizante a acalmava e seus dedos ensinavam e ordenavam. Guiavam. No momento em que começou a entender bem as orientações, quase antecipando-as, fechou os olhos e imaginou que era Mistle. Mas não funcionou. Era muito diferente dela.

Instruiu-a com a mão sobre o que deveria fazer. Obedeceu.

Inclusive com vontade. Apressadamente.

Ele não estava nem um pouco apressado. Fez com que as carícias a deixassem macia como um lenço de seda. Forçou-a a gemer. A morder o lábio. Provocou um espasmo violento que agitou convulsivamente todo seu corpo.

Mas ela não havia previsto seu comportamento subsequente. Levantou-se e foi embora. Deixou-a excitada, ofegante e trêmula.

Nem sequer olhara para trás.

O sangue subiu ao rosto e às têmporas de Ciri. Encolheu-se sobre as peles de doninha. E caiu num soluço. Soluçava de raiva, vergonha e humilhação.

•

De manhã encontrou Avallac'h no peristilo atrás do palácio, por entre a fileira de estátuas que – espantosamente – apresentavam crianças élficas em diversas poses, sobretudo lúdicas. Aquela, junto da qual estava o elfo, era especialmente interessante – apresentava um menino com a cara contorcida de raiva, com os punhos fechados, sustentando-se sobre apenas uma perna.

Ciri não conseguia parar de olhar para ela, sentia uma torpe dor no abdômen. Só depois de ser pressionada por Avallac'h é que contou tudo. Mas com rodeios e gaguejando.

– Ele – Avallac'h falou com seriedade quando Ciri terminou – viu as fumaças de Saovine mais de seiscentas e cinquenta vezes. Acredite, Andorinha, é muito,

até para o Povo dos Amieiros.

– E o que eu tenho a ver com isso? – rosnou. – Fiz um acordo! Vocês não aprenderam com os anões, seus parentes, o que é um contrato? Estou cumprindo-o! Entrego-me! Pouco me interessa o fato de ele não poder ou não querer! Pouco me interessa se se trata de uma impotência de idoso ou falta de atração! Talvez tenha nojo dos Dh'oine? Talvez, à semelhança de Eredin, enxergue apenas uma pepita de ouro no meio do esterco?

– Espero. – O rosto de Avallac'h, incrivelmente, mudou e contraiu-se. – Espero que você não lhe tenha falado nada disso.

– Não falei, mas tive vontade de fazê-lo.

– Tenha cuidado. Você não sabe o que está arriscando.

– Tanto faz. Eu fiz um acordo. Ou vai ou racha! Ou vocês vão cumprir o acordo ou vamos anulá-lo e estarei livre.

– Tenha cuidado, Zireael – repetiu, apontando para a estátua do menino travesso. – Não seja como este aqui. Tenha cuidado com tudo o que você diz. Procure entender. E, caso não entenda algo, sob nenhuma condição permita-se agir impulsivamente. Seja paciente. Lembre-se de que o tempo não tem importância.

– Tem, sim!

– Eu lhe pedi que não se comportasse como uma criança teimosa. Repito mais uma vez: tenha paciência com Auberon. É sua única chance de recuperar a liberdade.

– É mesmo? – quase gritou. – Estou começando a duvidar! Estou começando a suspeitar de que você me enganou! Que todos vocês me enganaram…

– Eu lhe prometi – o rosto de Avallac'h estava tão morto como a pedra das estátuas – que voltaria para seu mundo. Dei minha palavra. Duvidar da palavra dada é uma ofensa muito séria para os Aen Elle. Para preveni-la, proponho terminar esta conversa.

Queria afastar-se, mas ela barrou seu caminho. Seus olhos cor de água-marinha semicerraram-se e Ciri entendeu que lidava com um elfo muito, mas muito perigoso. Mas já era demasiado tarde para voltar atrás.

– Isto parece muito élfico – sibilou feito víbora. Ofender os outros e depois não permitir desforra.

– Tenha cuidado, Andorinha.

– Escute. – Ergueu a cabeça presunçosamente. – Seu rei dos Amieiros não cumprirá a tarefa, isso está mais do que claro. Não importa se o problema é ele ou eu. Não faz nenhuma diferença nem tem importância. Mas eu quero cumprir

o acordo e acabar com isso tudo. Então que outro alguém faça em mim essa criança que é tão importante para vocês.

– Você nem sabe do que está falando.

– E, se o problema sou eu – não alterou o tom nem a expressão no rosto –, significará que você errou, Avallac'h, atraindo a este mundo a pessoa equivocada.

– Você não sabe do que está falando, Zireael.

– E se vocês todos – gritou – têm nojo de mim então usem o método dos criadores de bardotos! Só não me diga que não o conhece! Mostra-se uma égua a um garanhão. Logo em seguida vedam-se seus olhos e coloca-se uma jumenta em seu lugar!

Não fez questão nem de responder. Passou por ela rudemente e afastou-se passando pela fileira de estátuas.

– E que tal você? – gritou. – Se quiser, eu me entrego a você! O quê? Não vai se sacrificar? Pelo que vocês dizem, tenho os olhos de Lara!

Alcançou-a em dois pulos. Suas mãos, feito cobras, estenderam-se em direção ao seu pescoço e apertaram-no como uma tenaz de aço. Ciri entendeu que, se ele quisesse, a enforcaria como um pintinho.

Soltou-a. Inclinou-se e mirou de perto em seus olhos.

– Quem você é – perguntou com uma calma impressionante – para se atrever a profanar seu nome dessa maneira? Quem você é para se atrever a me insultar com uma esmola tão miserável? Oh! Eu sei, eu vejo quem você é. Não é a filha de Lara. Você é a filha de Cregennan, uma Dh'oine insensata, arrogante e egoísta, uma representante exemplar da raça que não entende nada, mas precisa arruinar e destruir tudo, corromper apenas por meio do toque, depreciar e desvirtuar apenas com o pensamento. Seu ancestral roubou meu amor, tirou-a de mim, de forma egoísta e arrogante apropriou-se de Lara. Mas não deixarei que você, sua digna filha, tire de mim a memória dela.

Virou-se. Ciri engoliu o choro.

– Avallac'h.

Um olhar.

– Perdoe-me. Comportei-me de maneira insensata e abjeta. Perdoe-me. E, se puder, esqueça.

Aproximou-se dela e abraçou-a.

– Já esqueci – falou carinhosamente. – Não voltemos mais a esse assunto.

•

À noite, quando entrou nos aposentos reais perfumada e penteada depois de tomar banho, Auberon Muircetach estava sentado à mesa, debruçado sobre o tabuleiro de xadrez. Sem proferir nem sequer uma palavra, mandou que se sentasse na frente dele.

Ganhou em nove movimentos.

Da segunda vez ela jogava com as peças brancas e ele ganhou em onze movimentos.

Foi só então que ele levantou o olhar, seus incríveis olhos claros.

– Dispa-se, por favor.

Era preciso reconhecer uma coisa: era delicado e não tinha pressa.

Quando – como da outra vez – se levantou da cama e afastou-se sem dizer nada, Ciri o aceitou com uma tranquila resignação. Mas não conseguiu dormir até o amanhecer.

E quando as janelas se iluminaram com a luz da alvorada, e ela finalmente adormecera, teve um sonho muito estranho.

•

Vysogota, debruçado, está enxaguando a armadilha para os ratos-almiscarados para retirar a lemna. Os caniços rumorejam movidos pelo vento.

Sinto-me culpado, Andorinha. Fui eu quem lhe deu a ideia dessa louca escapada. Apontei o caminho para essa maldita torre.

– Não tenha remorsos, Corvo Velho. Se não fosse pela torre, teria sido pega por Bonhart. Pelo menos aqui estou segura.

Você não está segura aí.

Vysogota endireita-se.

Atrás de suas costas Ciri vê uma colina, escalvada e oval, que aparece por entre a grama como o dorso de um monstro espreitando numa armadilha. Na colina há uma gigantesca rocha e ao lado dela duas figuras – de uma mulher e de uma moça. O vento sacode e embaraça o negro cabelo da mulher.

O horizonte resplandece com os relâmpagos.

O Caos estende as mãos em sua direção, filhinha. Ó Criança do Sangue Antigo, moça emaranhada no Movimento e na Renovação, na Aniquilação e no Renascimento. Destinada e aquela que é o destino. O Caos estende as garras em sua direção de trás da porta fechada, mas ainda não sabe se você virará a ferramenta ou o obstáculo em seus planos. Não sabe se lhe caberá o papel de um grão de areia na engrenagem do Relógio da Fortuna. O Caos tem medo de você,

Criança do Destino. Mas quer fazer com que você sinta medo. E é por isso que lhe envia sonhos.

Vysogota curva-se, limpando a armadilha para os ratos-almiscarados. “Ele está morto”, Ciri pensa friamente. “Será que isso significa que lá, no além, os mortos precisam limpar as armadilhas para os ratos-almiscarados?”

Vysogota endireita-se. Atrás de suas costas o céu resplandece com incêndios. Milhares de cavaleiros galopam pela planície. São cavaleiros de capas vermelhas.

Dearg Ruadhri.

Ouça-me bem, Andorinha. O Sangue Antigo que flui em suas veias lhe dá um grande poder. Você é a Senhora do Tempo e Espaço. Você tem um grande Poder. Não deixe que eles o tirem de você nem que os criminosos e malfeitores o usem para fins ignóbeis. Defenda-se! Fuja do alcance de suas ímpias mãos!

– É fácil falar! Cercaram-me aqui com uma barreira ou amarra mágica…

Você é a Senhora do Tempo e Espaço. Ninguém pode prendê-la.

Vysogota endireita-se. Atrás de suas costas há um planalto, uma planície rochosa e sobre ela as carcaças de barcos naufragados. Dezenas deles. E um negro castelo a distância, ameaçador, com as dentuças ameias, erguendo-se sobre um lago serrano.

Eles morrerão sem sua ajuda, Andorinha. Só você pode salvá-los.

Os lábios de Yennefer, cortados e machucados, mexem-se silenciosamente, o sangue jorra. Os olhos violeta brilham, ardem no magro rosto encolhido, enegrecido pelo sofrimento e encoberto por uma negra cabeleira suja e desgrenhada. Na cavidade do piso há uma poça fétida, ratazanas correm em sua volta. As paredes de pedra exalam um tremendo frio. As algemas geladas nos pulsos e tornozelos…

As mãos e os dedos de Yennefer são uma massa de sangue coagulado.

– Mamãe! O que eles lhe fizeram?

Escadas de mármore que levam para baixo. Há três lances de escadas.

Va’esse deireadh aep eigean… Algo termina… O quê?

Escadas. Embaixo um fogo flamejando em cestos de ferro. Gobelins em chamas.

“Vamos”, diz Geralt. “Pela escada abaixo. Precisamos. Tem de ser por aí. Não existe outro caminho. Apenas essa escada. Quero ver o céu.”

Seus lábios não se mexem. Estão roxos e ensanguentados. Sangue, sangue por toda parte… A escada cheia de sangue…

Não existe outro caminho. Não existe, Olhos de Estrela.

– Como? – gritou. – Como posso ajudá-los? Estou em outro mundo! Estou presa! E impotente!

Ninguém pode prendê-la.

“Tudo já havia sido escrito”, diz Vysogota. “Inclusive isso. Olhe para baixo.”

Ciri vê, horrorizada, que está no meio de um mar de ossos. Por entre caveiras, tíbias e costelas.

Só você pode prevenir isso, Olhos de Estrela.

Vysogota endireita-se. Atrás de suas costas – o inverno, neve, nevasca. O vento sopra às lufadas, silva.

Na sua frente, no meio da nevasca, a cavalo, Geralt. Ciri o reconhece embora tenha um gorro de pele na cabeça e o rosto envolto num cachecol de lã. Atrás de suas costas aparecem os vultos de outros cavaleiros, suas silhuetas estão embaçadas, cobertas com tanta roupa que é impossível descobrir sua identidade.

Geralt olha diretamente para ela. Mas não a vê. A neve cai em seus olhos.

– Geralt! Sou eu! Aqui!

Não a vê. Não a ouve por entre o sibilar da nevasca.

– Geraaaaaalt!

– É um muflão – diz Geralt. – É apenas um muflão. Regressemos.

Os cavaleiros desaparecem, diluem-se por entre a nevasca.

– Geraaaalt! Nãoooo!

•

Acordou.

•

De manhã foi diretamente para a cavalariça, sem tomar o café da manhã. Não queria encontrar Avallac’h nem conversar com ele. Preferia evitar os impertinentes, curiosos, interrogativos e pegajosos olhares dos outros elfos e das elfas. Em todas as outras ocasiões eram ostentativamente indiferentes. No entanto, sobre a questão da alcova real, os elfos não sabiam esconder sua curiosidade e Ciri tinha a certeza de que as paredes do palácio ouviam tudo.

Encontrou Kelpie na baia, achou a sela e o arreio. Antes que conseguisse selar a égua, as serviçais já estavam junto dela, aquelas pequenas elfas cinzentas, mais baixas que os habituais Aen Elle pela altura de uma cabeça. Puseram-se a tratar da égua, curvando-se e sorrindo com amabilidade.

– Obrigada – disse. – Conseguiria fazer tudo isso sozinha, mas agradeço. São muito amáveis.

A elfa que estava mais próxima dela lançou um largo sorriso e Ciri estremeceu.

A moça tinha caninos na dentição.

Saltou até ela com tanta rapidez que a moça quase se sentou de susto. Afastou o cabelo que cobria as orelhas. Não eram pontiagudas.

– Você é um ser humano!

A moça – e todas as outras – ajoelhou-se no chão varrido. Abaixou a cabeça, esperando um castigo.

– Eu… – Ciri começou, amassando as rédeas. – Eu…

Não sabia o que dizer. As moças permaneciam ajoelhadas. Os cavalos nas baias relinchavam agitados e batiam os cascos.

Lá fora, já montada, troteando, ainda não conseguia raciocinar direito. Jovens humanas. Eram serviçais, mas isso não importava. O importante é que neste mundo existiam Dh'oine…

"Humanos", corrigiu-se. "Já penso como eles."

Um forte relincho e um salto de Kelpie tiraram-na de seus pensamentos. Ergueu a cabeça e viu Eredin.

Estava montado em seu garanhão zaino, agora desprovido de seu demoníaco bucrânio e da maioria da restante parafernália de guerra. No entanto, ele próprio usava uma cota de malha debaixo da capa que reluzia em vários tons de vermelho.

O garanhão cumprimentou-as relinchando roucamente, sacudiu a cabeça e exibiu sua dentição amarela diante de Kelpie. Ela, fiel ao princípio de acordo com o qual se deveria tratar dos assuntos com o senhor, e não com os serviçais, aproximou a dentadura da coxa do elfo. Ciri puxou as rédeas com força.

– Tenha cuidado – disse. – Mantenha distância. Minha égua não gosta de estranhos. E é capaz de morder.

– Nessas que mordem – mirou-a de cima para baixo com um olhar hostil – põe-se uma embocadura de ferro. Para que o sangue escorra. É um excelente método para corrigir vícios. Também no que se refere aos cavalos.

Puxou as rédeas do garanhão com tanta força que o cavalo roncou, deu alguns passos para trás e a espuma escorreu de sua boca.

– Para que precisa dessa cota de malha? – Dessa vez Ciri mirou o elfo de cima para baixo. – Está preparando-se para a guerra?

– Pelo contrário. Desejo a paz. Sua égua, além de ser rebelde, tem algumas virtudes?

– Por exemplo?

– Aposta uma corrida comigo?

– Já que você quer, por que não? – Levantou-se nos estribos. – Vamos para lá, na direção daqueles cromeleques…

– Não – interrompeu. – Ali não.

– Por quê?

– É terreno proibido.

– Para todos, claro.

– Não é para todos, obviamente. Sua companhia é demasiado valiosa, Andorinha, para que arrisquemos a possibilidade de sermos privados dela por você própria ou por outrem.

– Outrem? Você não estará pensando nos unicórnios?

– Não quero entediá-la com aquilo que penso. Nem frustrá-la com o fato de não entender meus pensamentos.

– Não entendo.

– Sei que você não entende. A evolução não lhe proporcionou um cérebro com a quantidade de dobras suficiente para que pudesse entender. Olhe, se você quiser apostar uma corrida, que tal corrermos ao longo do rio? Por ali. Até a Ponte de Pórfiro, a terceira no caminho. Depois passaremos à outra margem pela ponte, a seguir andaremos pela beira, rio abaixo, até a meta junto do riacho que converge para o rio. Está pronta?

– Sempre.

– Instigou o garanhão aos gritos e o cavalo disparou feito furacão. Antes que Kelpie arrancasse, deixou-a longe para trás. Corria, fazendo a terra tremer, mas não podia se igualar a Kelpie. Alcançou-o rapidamente, mesmo antes da Ponte de Pórfiro. A ponte era estreita. Eredin gritou e o garanhão, por incrível que parecesse, acelerou. Num instante, Ciri percebeu do que se tratava. Não havia como os dois cavalos caberem na ponte. Um tinha de desacelerar.

Ciri não tinha a menor intenção de frear. Encostou-se na crina da égua e Kelpie lançou-se para a frente feito uma flecha. Passou de raspão no estribo do elfo e entrou, com ímpeto, na ponte. Eredin berrou, o garanhão empinou-se, atirou o flanco contra a estátua de alabastro, derrubou-a do pedestal, partindo-a em fanicos.

Ciri atravessou a ponte a galope cacarejando risadas demoníacas. Sem olhar para trás.

Desmontou só depois de chegar ao riacho e ficou aguardando.

Eredin veio após um momento, a passo calmo. Sorridente e tranquilo.

– Parabéns – falou brevemente ao descer do cavalo. – Tanto para a égua como para a amazona.

Bufou com indiferença, embora estivesse cheia de orgulho, feito um pavão.

– Hã! Então você já desistiu da ideia de nos infligir com uma cruenta embocadura?

– Só se permitirem – sorriu Eredin de forma ambígua. – Há éguas que gostam de carícias intensas.

– Ainda há pouco – olhou para ele presunçosamente – você me igualou ao esterco. E agora já estamos falando sobre carícias?

Aproximou-se de Kelpie, acariciou e tateou seu pescoço, balançando a cabeça ao averiguar que estava seca. Kelpie puxou a cabeça e relinchou prolongadamente. "Se ele me tapear", pensou, "vai se arrepender."

– Acompanhe-me.

Ao longo do riacho que adentrava o rio e descia de uma íngreme encosta densamente arborizada havia uma escada ascendente feita de bloques de arenito coberto de musgo. As escadas eram antigas, rachadas, gretadas pelas raízes das árvores. Ascendiam serpenteando, de vez em quando cortando o riacho com uma ponte. Em volta havia uma floresta, uma selva, cheia de velhos freixos e carpinos, teixos, bordos e carvalhos, eriçada na parte inferior com uma mata abundante em aveleiras, tamarizes e groselheiras. Cheirava a absinto, sálvia, urtiga, pedras molhadas, primavera e mofo.

Ciri andava em silêncio, sem pressa, controlando a respiração. Controlava também a ansiedade. Não tinha a menor ideia do que Eredin queria dela, mas não estava com bons pressentimentos.

Junto de mais uma cascata que caía estrondosamente de uma fresta na parede rochosa havia um terraço de pedra e sobre ele, à sombra de um pé de sabugueiro, um gazebo coberto de hera e coração-roxo. Embaixo, avistavam-se as copas das árvores, a cinta do rio, os telhados, peristilos e terraços de Tir ná Lia.

Por um instante ficaram olhando, calados.

– Ninguém me disse – Ciri foi a primeira a interromper o silêncio – o nome desse rio.

– Easnadh.

– Suspiro? Um belo nome. E esse riacho?

– Tuathe.

– Sussurro. Também bonito. Por que ninguém me disse que neste mundo habitavam seres humanos?

– É uma informação irrelevante e completamente insignificante para você. Entremos no gazebo.

– Para quê?

– Entremos.

A primeira coisa que ela notou ao entrar foi uma camilha de madeira. Ciri sentiu suas têmporas pulsarem. "Claro", pensou, "isso já era de esperar. Não foi por acaso que li no templo aquele romance escrito por Anna Tiller sobre um jovem rei, uma jovem rainha e um príncipe pretendente faminto de poder. Eredin é impiedoso, ambicioso e decidido. Sabe que o verdadeiro rei, o verdadeiro soberano, é aquele que está em posse da rainha. É o verdadeiro homem. Quem se apossar da rainha se apossará do reinado. Aqui, nesta camilha, começará um golpe de Estado…"

O elfo sentou-se à mesa de mármore e apontou outra cadeira para Ciri. A vista da janela parecia mais interessante que ela, nem sequer olhava para a camilha.

– Ficará aqui para sempre – surpreendeu-a –, minha amazona ligeira como uma borboleta. Até o fim de sua vida de borboleta.

Permanecia calada, mirando-o diretamente em seus olhos.

Nesses olhos não havia nada.

– Não a deixarão ir embora daqui – repetiu. – Não aceitarão o fato de que, ao contrário do que apontam as adivinhações e os mitos, você é ninguém, um nada, um ser insignificante. Não acreditarão nisso nem a deixarão ir embora. Iludiram-na com uma promessa para assegurar sua deliberação, mas nunca tiveram a intenção de cumpri-la. Nunca.

– Avallac'h – falou em voz rouca – me deu sua palavra. Dizem que duvidar da palavra de um elfo é uma ofensa.

– Avallac'h é um sábio. Os sábios têm seu próprio código de honra em que a cada duas frases afirma-se que os fins justificam os meios.

– Não entendo por que você está me contando tudo isso. Só se… Você quer algo de mim em troca. Só se eu tenho algo que você deseja. E talvez queira barganhar. E aí, Eredin? Minha liberdade em troca de… De quê?

Olhou para ela por um longo momento. Ela tentou, em vão, procurar em seus olhos alguma dica, algum indício, algum sinal. Qualquer coisa.

– Você certamente – começou devagar – deve ter conhecido Auberon um pouco. Deve ter notado, claro, que é incrivelmente ambicioso. Há coisas que ele

não aceitará nunca, que ele nunca admitirá. Antes morrer a fazê-lo.

Ciri permanecia calada, mordendo os lábios e lançando olhadelas para a camilha.

– Auberon Muircetach – o elfo retomou – nunca faria uso da magia ou de outros meios para mudar a atual situação. Apesar de esses meios existirem. Meios bons, fortes e seguros. Muito mais eficazes que os atraentes acrescentados pelas criadas de Avallac'h aos seus cosméticos.

Passou a mão rapidamente sobre o tampo com veios escuros. Quando a retirou, no tampo havia um frasquinho de nefrite cinza-esverdeado.

– Não – falou Ciri em voz rouca. – Absolutamente não. Não concordo com isso.

– Você não me deixou terminar.

– Não me trate como se fosse burra. Não lhe administrarei aquilo que está nesse frasco. Você não me usará para fazer uma coisa dessas.

– Você está tirando conclusões muito precipitadas – falou devagar, mirando em seus olhos. – Está tentando ultrapassar a si própria nessa corrida. E algo assim sempre termina em queda. Uma queda muito dolorosa.

– Disse "não".

– Pense bem. Independentemente do conteúdo desse recipiente, você ganhará sempre. Você sempre ganhará, Andorinha.

– Não!

Com um movimento igualmente ágil, verdadeiramente digno de um mágico, o elfo escamoteou o frasquinho da mesa. Depois ficou em silêncio por um longo momento, olhando para o rio Easnadh que reluzia por entre as árvores.

– Você morrerá aqui, borboleta – disse enfim. – Não a deixarão ir embora daqui. Mas a escolha é sua.

– Eu fiz um acordo. Minha liberdade em troca de…

– Liberdade – bufou. – Você vive falando dessa liberdade. E o que faria se a recuperasse? Aonde você iria? Entenda, por fim, que não é apenas o espaço que a separa desse seu mundo, é o tempo também. O tempo flui aqui de uma maneira diferente de lá. As pessoas que você conhecia como crianças agora são velhos caducos, e aquelas que tinham sua idade morreram há muito tempo.

– Não acredito.

– Lembre-se de suas lendas. Lendas sobre as pessoas que desapareciam misteriosamente e voltavam após anos só para ver as campas cobertas de grama. Você acha que eram fantasias, histórias inventadas? Está equivocada. Durante séculos inteiros os humanos eram sequestrados, levados por cavaleiros no que

vocês chamam de Caçada Selvagem. Eram raptados, abusados e depois descartados como a casca de um ovo consumido. Mas você nem passará por isso, Zireael. Você morrerá aqui, nem terá a chance de ver os túmulos de seus amigos.

– Não acredito no que você diz.

– Suas crenças são um assunto particular seu. Mas foi você própria que escolheu seu destino. Voltemos. Tenho um pedido, Andorinha. Quer tomar uma leve refeição comigo em Tir ná Lia?

Por alguns batimentos do coração, a fome e uma louca fascinação lutavam em Ciri contra a raiva, o medo de ser envenenada e uma antipatia geral.

– Com prazer. – Abaixou o olhar. – Obrigada pelo convite.

– Eu é que agradeço. Vamos.

Saindo do gazebo, lançou uma olhada para a camilha. E pensou que Anna Tiller era, contudo, uma ignorante e exaltada grafomaníaca.

Lentamente, em silêncio, envoltos pelo cheiro de hortelã, sálvia e urtiga, desciam até o rio Suspiro. Escada abaixo. Pela margem do riacho chamado Sussurro.

•

Quando à noite, perfumada e com os cabelos ainda molhados depois de um banho aromático, adentrou os aposentos reais, encontrou Auberon no sofá, debruçado sobre um livro. Silenciosamente, apenas com um gesto, ordenou que se sentasse junto dele.

O livro era ricamente iluminado. Na verdade não havia nele nada além de ilustrações. Ciri, embora tentasse entrar no papel de uma dama cosmopolita, corou. Na biblioteca do templo em Ellander havia visto umas obras semelhantes. Mas aqueles livros não podiam disputar com o livro do rei dos Amieiros, nem quanto à riqueza e variedade de posições nem à habilidade artística de sua representação.

– Dispa-se, por favor.

Dessa vez ele também se despiu. Seu corpo era esbelto e pueril, magro até, como o de Giselher, Kayleigh ou Reef vistos por ela com frequência quando se banhavam nos riachos e lagos serranos. Mas Giselher e os Ratos irradiavam vitalidade, expiravam vigor, uma ardente vontade de viver por entre as prateadas gotas da água que respingava de seus corpos.

E ele, o rei dos Amieiros, exalava a frieza da imortalidade.

Era paciente. Algumas vezes parecia que quase ia conseguir. No entanto, não dera certo. Ciri estava zangada consigo mesma, convencida de que a culpa era sua, por falta de conhecimento e experiência que a paralisava. Ele percebeu isso e acalmou-a. Como sempre, com efeito. E ela dormira. Em seus braços.

Mas de manhã ele não estava ao seu lado.

•

Na noite seguinte, pela primeira vez, o rei dos Amieiros demonstrou impaciência.

Encontrou-o debruçado sobre a mesa em que havia um espelho emoldurado em âmbar. O espelho estava coberto com um pó branco.

"Está começando", pensou.

Auberon juntou o fisstech com uma pequena faca e distribuiu-o em forma de duas tiras. Pegou da mesa um canudo de prata e inspirou o narcótico pelo nariz, primeiro pela narina esquerda, depois pela direita. Seus olhos, normalmente brilhosos, pareciam ter apagado e embaçado um pouco, lacrimejaram. Ciri logo percebeu que essa não fora a primeira dose.

Formou mais duas tiras no espelho e convidou-a com um gesto entregando-lhe o canudo. "Não tenho nada a perder", pensou. "Facilitará as coisas."

O narcótico era extremamente forte.

Dentro de um instante os dois estavam sentados na cama, abraçados, e olhavam para a lua com os olhos lacrimejando.

Ciri espirrou.

– É uma noite exortadora – disse, esfregando o nariz com a manga da blusa de seda.

– Encantadora – ele corrigiu, esfregando o olho. – É *ensh'eass*, não *en'leass*. Precisa melhorar a pronúncia.

– Melhorarei.

– Dispa-se.

No início parecia que daria certo, que o narcótico tivera sobre ele o mesmo efeito estimulante. Quanto a ela, o narcótico fez com que ficasse ativa e tomasse a iniciativa. Até sussurrara em seu ouvido um par de palavras altamente indecentes, em seu entender. Parecia ter funcionado um pouco, pois o efeito era, hum, tangível, e em certo momento Ciri tinha a certeza de que ele já estava quase prestes. Mas não estava. Pelo menos não por completo.

E foi então que ele ficou impaciente. Levantou-se e cobriu os magros ombros com um casaco de pele de marta. Ficou assim, virado de costas, olhando

fixamente para a janela e a lua. Ciri sentou-se abraçando os joelhos. Estava decepcionada e zangada, e ao mesmo tempo sentia uma estranha melancolia. Decerto era o efeito do poderoso fisstech.

– Isso tudo é minha culpa – balbuciou. – Eu sei que esta cicatriz me enfeia. Eu sei o que você vê quando me olha. Sobrou muito pouco de elfa em mim. Uma pepita de ouro numa pilha de esterco…

Virou-se bruscamente.

– Você é extremamente humilde – falou devagar. – Eu diria antes: uma pérola no meio de uma pocilga. Um brilhante no dedo de um cadáver putrefato. Pode inventar outras comparações para treinar a língua. Amanhã verificarei seu conhecimento, pequena Dh'oine, um ser humano em que não sobrou nada, absolutamente nada de uma elfa.

Foi até a mesa, pegou o canudo, debruçou-se sobre o espelho. Sentada, Ciri parecia petrificada. Sentiu-se como se alguém tivesse cuspido nela.

–Não venho até você por amor! – esbravejou enraivecida. – Estou presa, submetida a chantagens, você sabe bem disso! Mas eu concordei, estou fazendo-o para…

– Para quem? – interrompeu impetuosamente, de uma maneira estranha para um elfo. – Para mim? Para os Aen Seidhe presos em seu mundo? Ó garota burra! Você está fazendo isso para você mesma, vem aqui por você mesma, e em vão tenta entregar-se a mim já que essa é sua única esperança, a última salvação. E eu lhe digo mais: reze, reze intensamente a seus ídolos humanos, divindades ou totens, pois serei eu ou Avallac'h com seu laboratório. Acredite, você não gostaria de ser forçada a ir para seu laboratório e conhecer a alternativa.

– Tanto faz – disse surdamente, encolhendo-se na cama. – Concordo em fazer qualquer coisa só para recuperar a liberdade. Para finalmente poder me livrar de vocês. Ir embora daqui. Voltar para meu mundo. Para meus amigos.

– Seus amigos! – debochou. – Aqui estão seus amigos!

Virou-se subitamente e arremessou em sua direção o espelho polvilhado com o fisstech.

– Aqui estão seus amigos – repetiu. – Pode olhar. Saiu, agitando as abas do casaco de pele.

Inicialmente via apenas seu próprio reflexo embaçado no espelho sujo. Mas quase instantaneamente o espelho clareou, adquirira um aspecto leitoso, encheu-se de fumaça. E depois surgiu a imagem.

Yennefer suspensa num abismo, estirada, com os braços erguidos. As mangas de seu vestido parecem asas abertas de um pássaro. Seus cabelos ondeiam, pequenos peixes passam por meio deles. Cardumes inteiros de peixinhos cintilantes e vivazes. Alguns já mordiscam as bochechas e os olhos da feiticeira. Nos pés de Yennefer há uma corda atada que desce até o fundo do lago, e na ponta da corda, entranhada no lodo e na elódea, há uma cesta cheia de pedras. Em cima, no alto, brilha e reluz a superfície das águas.

O vestido de Yennefer ondeia no mesmo ritmo que as algas.

Uma fumaça cobre a superfície do espelho, suja com o fisstech.

Geralt, pálido, translúcido, com os olhos fechados, está sentado debaixo de longas estalactites de gelo que pendem de uma rocha, imóvel, congelado, e a neve acumulada pela nevasca o cobre rapidamente. Seus cabelos brancos já são vagens brancas de gelo, uma geada branca cobre suas sobrancelhas, seus cílios, seus lábios. Não para de nevar, aumenta o amontoado de neve que cobre as pernas de Geralt, crescem as macias carapuças sobre seus ombros. A nevasca uiva e silva…

Ciri levantou-se da cama num pulo, arremessando o espelho contra a parede com ímpeto. A moldura de âmbar arrebentou e o vidro partiu-se em milhões de cacos.

Reconhecia, havia experimentado esse tipo de visões. Lembrava-se delas. Dos seus sonhos antigos.

– Tudo isso é mentira! – gritou. – Você está ouvindo, Auberon? Eu não acredito nisso! Não é verdade! É apenas sua raiva, tão impotente como você próprio! É apenas sua raiva…

Sentou-se no chão. E caiu em prantos.

•

Suspeitava de que as paredes do palácio ouviam. No dia seguinte não conseguia se livrar de olhares ambíguos, sentia que riam dela por trás de suas costas, captava sussurros.

Avallac'h não estava por lá. "Sabe", pensou, "o que aconteceu e está evitando-me. Havia saído para longe com sua elfa dourada, por terra ou de barco, antes de me levantar. Não quer falar comigo, não quer admitir que todo seu plano foi por água abaixo."

Eredin tampouco estava. Mas isso era relativamente normal, ele saía com frequência com seus *Dearg Ruadhri*, os Cavaleiros Vermelhos.

Ciri retirou Kelpie da cavalariça e foi para a outra margem do rio. Não parava de pensar, não notava nada em seu redor.

“Fugir daqui. Não importa se todas essas visões eram mentirosas ou verdadeiras. Uma coisa está certa – Yennefer e Geralt estão lá, em meu mundo, e meu lugar é lá mesmo, junto deles. Preciso fugir daqui, sem demora! Deve haver alguma maneira de fazê-lo. Entrei aqui sozinha, deveria saber sair sozinha. Eredin disse que eu tinha um talento singelo, Vysogota suspeitava do mesmo. De Tor Zireael, que penetrei minuciosamente, não havia saída. Mas talvez aqui, algures, haja outra torre…”

Olhou para a distância, para o longínquo morro, para a visível silhueta de um cromeleque. “Terreno proibido”, pensou. “Hã, vejo que fica demasiado longe. Provavelmente a barreira não me deixará entrar lá. Não vale a pena. Vou antes rio acima. Ainda não andei por lá…”

Kelpie relinchou, sacudiu a cabeça, saracoteou violentamente. Não se deixou virar e, em vez disso, trotou na direção do morro. Ciri ficou tão pasma que por um momento não conseguia reagir, deixou a égua correr. Só após um momento é que gritou e puxou as rédeas. O efeito foi tal que Kelpie se empinou, deu um coice, rabeou e galopou. Ainda na mesma direção.

Ciri não a parava, não tentava controlá-la. Estava absolutamente espantada. Mas conhecia Kelpie muito bem. A égua tinha seus vícios, mas não eram tão sérios. Esse tipo de comportamento tinha de ter algum motivo.

Kelpie desacelerou, passou ao trote. Corria diretamente na direção do morro encimado pelo cromeleque.

“Mais ou menos uma légua”, pensou Ciri. “Daqui a pouco funcionará a Barreira.”

A égua adentrou o círculo de pedras por entre tortos monólitos cobertos de musgo, alocados densamente, que surgiam por entre as espinhosas amoreiras, e parou, petrificada. Mexia apenas as orelhas, que permaneciam arrebitadas.

Ciri tentou virá-la. E depois instigar a proceder. Mas sem efeito. Se não fosse pelas veias que pulsavam no quente pescoço, juraria que montava uma estátua, e não um cavalo. Subitamente, algo tocou em suas costas. Algo afiado, algo que perfurou a vestimenta picando-a e causando dor. Não conseguiu virar a tempo. De trás das pedras apareceu, silenciosamente, um unicórnio de pelagem ruiva que com um movimento firme enfiou o chifre debaixo de sua axila. Com força. Sentiu um fio de sangue escorrer pelo seu flanco.

Do outro lado surgiu mais um unicórnio. Esse era completamente branco, desde a ponta das orelhas até a ponta da cauda. Apenas suas narinas eram cor-

de-rosa e seus olhos negros.

O unicórnio branco aproximou-se. E devagar, devagarzinho, encostou a cabeça em seu regaço. O tesão era tão forte que Ciri soltou um gemido.

Cresci, ressoou em sua cabeça. *Cresci, Olhos de Estrela. Naquela vez, no deserto, não sabia como me comportar. Agora já sei.*

– Cavalinho? – gemeu, ainda quase suspensa sobre dois chifres que a espetavam.

Meu nome é Ihuarraquax. Você se lembra de mim, Olhos de Estrela? Você se lembra como tratou de mim? Como me salvou?

Recuou, virou-se. Viu a marca da cicatriz em sua perna. Reconheceu. Lembrou-se.

– Cavalinho! É você! Mas sua pelagem era diferente…

Cresci.

Na cabeça, uma repentina confusão, sussurros, vozes, gritos, rincho. Os chifres recuaram. Viu que o segundo unicórnio, aquele de trás de suas costas, era um tordilho arroxeado.

Os mais velhos estão conhecendo-a. Estão conhecendo-a por meu intermédio. Em questão de instantes poderão conversar por si sós. Eles próprios lhe dirão o que querem de você.

A cacofonia na cabeça de Ciri explodiu numa algazarra selvagem. E quase imediatamente se acalmou, fluiu num fio de pensamentos claros e compreensíveis.

Queremos ajudá-la em sua fuga, Olhos de Estrela.

Permanecia em silêncio, embora seu coração batesse com força no peito.

Onde está a louca alegria? Onde estão os agradecimentos?

– E como, de repente – perguntou de forma truculenta –, surgiu essa vontade tão grande para me ajudar? Vocês me amam tanto assim?

Nós não a amamos nem um pouco. Mas este não é seu mundo. Não é um lugar para você. Não pode ficar aqui. Não queremos que fique aqui.

Cerrou os dentes. Embora estivesse ansiosa pela ideia, acenou com a cabeça num gesto de negação. O cavalinho – Ihuarraquax arrebitou as orelhas, ciscou a terra com o casco e grelou-a com seus olhos negros. O unicórnio ruivo bateu o casco com tanta força que a terra tremeu, girou o chifre num gesto ameaçador. Resfolegou com raiva, e Ciri entendeu.

Você não confia em nós.

– Não confio – admitiu com frieza. – Todos aqui estão jogando seu jogo, e eu, inconsciente, acabo sendo usada. Por que devo confiar logo em vocês?

Obviamente não existe amizade entre vocês e os elfos, vi com meus próprios olhos lá, na estepe, que quase chegaram a um embate. Posso simplesmente supor que querem me usar para mexer com os elfos. Eu também não simpatizo muito com eles, pois me prenderam aqui e me forçam a fazer algo que não quero. Mas não deixarei que ninguém se aproveite de mim.

O ruivo sacudiu a cabeça, seu chifre novamente executou o gesto ameaçador. O roxo relinchou. O crânio de Ciri foi tomado por um estrondo e o pensamento que captou não era nada agradável.

– Hã! – gritou. – Vocês são como eles! Ou submissão e obediência, ou morte? Não tenho medo! E não deixarei ninguém se aproveitar de mim!

Outra vez sentiu confusão e caos na cabeça. Durou um pouco até um pensamento claro surgir do caos.

É bom, Olhos de Estrela, que não goste de ser abusada. É disso que se trata. Queremos garantir-lhe exatamente isso. E a nós mesmos também. E a todo o mundo. A todos os mundos.

– Não entendo isso.

Você é um expediente perigoso, uma arma fatal. Não podemos deixar que esta arma caia nas mãos do rei dos Amieiros, da Raposa e do Gavião.

– Quem? – gaguejou. – Ah…

"A raposa, *crevan*. Avallac'h. E sei muito bem quem é o Gavião."

O rei dos Amieiros é muito velho. Mas a Raposa, junto com o Gavião, não pode tomar o poder sobre Ard Gaeth, o Portal dos Mundos. Já conseguiram uma vez. Já o perderam uma vez. Agora não podem fazer mais nada, apenas errar, vaguear com pequenos passos por entre os mundos, sozinhos, feito vultos, impotentemente. A Raposa – para Tir ná Béa Arainne, já o Gavião e seus cavaleiros – pela Espiral. Não conseguem chegar mais longe do que isso, não têm forças. Por isso sonham com Ard Gaeth e o poder. Nós lhes mostraremos como uma vez já haviam feito uso desse poder. Nós lhes mostraremos isso, Olhos de Estrela, quando você estiver saindo daqui.

– Não consigo sair daqui. Lançaram um encanto sobre mim.. Uma barreira. Geas Garadh…

Ninguém pode prendê-la. Você é a Senhora dos Mundos.

– Até parece. Não tenho nenhum talento singelo, não tenho poder sobre nada. E renunciei à Força lá no deserto há um ano. O cavalinho foi testemunha disso.

O que você renunciou no deserto foi o ilusionismo. Não há como renunciar a força que se tem no sangue. Você ainda a tem. Nós a ensinaremos a usá-la.

– Mas será que não é assim – gritou – que vocês querem se apoderar dessa força, desse domínio sobre os mundos que eu supostamente possuo?

Não é assim. Nós não precisamos conquistá-la, pois a temos desde sempre. Confie em mim, Ihuarraquax pediu.

Confie, Olhos de Estrela.

– Sob uma condição.

Os unicórnios ergueram bruscamente a cabeça, abriram as narinas, e seus olhos pareciam prestes a soltar faíscas. “Não gostam”, Ciri pensou, “quando se lhes põem condições, não gostam nem do som dessa palavra. *Pest*, não sei se estou agindo certo… Tomara que isso tudo não acabe de forma trágica…”

Estamos ouvindo. Qual é a condição?

– Ihuarraquax ficará comigo.

•

No findar da tarde o tempo fechou, ficou abafado, e uma espessa e pegajosa neblina pairou sobre o rio. E quando a escuridão cobriu Tir ná Lia uma tempestade rugiu surdamente a distância, resplandecendo de modo incessante o horizonte com o fulgor dos relâmpagos.

Ciri estava pronta havia muito tempo. Vestida de preto, com a espada nas costas, nervosa e tensa, esperava ansiosamente pelo anoitecer.

Passou silenciosamente pelo vestíbulo vazio, deslizou-se ao longo da colunata e saiu para o terraço. O rio Easnadh reluzia na escuridão feito alcatrão, os salgueiros rumorejavam.

Um trovão distante rolou a distância.

Ciri guiou Kelpie para fora da cavalariça. A égua sabia o que fazer. Troteou obedientemente até a Ponte de Pórfiro. Por um instante Ciri seguiu-a com o olhar e, em seguida, virou-se para o terraço junto do qual os barcos estavam atracados.

“Não posso”, pensou. “Vou vê-lo mais uma vez. Talvez dessa maneira eu consiga atrasar a perseguição. É arriscado, mas não posso agir de outra forma.”

A princípio, pensou que ele não estava lá, que não havia ninguém nos aposentos reais, pois estavam imersos num silêncio mórbido.

Avistou-o só após um momento. Estava sentado no canto, na poltrona, vestia uma camisa branca escancarada no magro peito. Era feita de um tecido tão fino que grudava no corpo como se estivesse molhada.

O rosto e as mãos do rei dos Amieiros estavam quase tão lívidos quanto a camisa.

Ergueu o olhar, mirou para ela, mas havia um vazio em seus olhos.

– Shiadhal? – sussurrou. – É bom que você esteja aqui. Sabe, disseram que havia morrido.

Abriu a mão, algo caiu em cima da alcatifa. Era o frasco feito de nefrite cinza-esverdeado.

– Lara – O rei dos Amieiros agitou a cabeça, tocou no pescoço como se o dourado *torc'h* real o asfixiasse. – *Caemm a me, luned*. Venha aqui, filha. *Caemm a me, elaine*.

Em seu hálito Ciri sentiu a morte.

– *Elaine blath, feainne wedd*… – entoou. – *Mire, luned*, sua fita desamarrou-se… Deixe que eu…

Queria levantar a mão, mas não conseguiu. Suspirou fundo, ergueu a cabeça subitamente, mirou em seus olhos. Dessa vez conscientemente.

– Zireael – disse. – Loc'hlaith. De fato, você é o destino, Senhora do Lago. Pelo visto, o meu destino também.

– *Va'esse deireadh aep eigean*… – disse após um instante, e Ciri constatou, apavorada, que sua fala e seus movimentos começavam a se tornar horrivelmente lentos.

– Mas – terminou com um suspiro – é bom que algo novo se inicie também.

Um demorado estrondo ressoou lá fora. A tempestade ainda estava longe. No entanto, aproximava-se rapidamente.

– Apesar de tudo – disse –, não tenho a mínima vontade de morrer, Zireael. E fico muito desolado com esse fato. Quem diria. Pensei que não lamentaria. Vivi muito, experimentei tudo. Enjoei-me de tudo… Mesmo assim, agora sinto lástima. E sabe o que mais? Chegue mais perto. Eu lhe sussurrarei no ouvido. Que seja o nosso segredo.

Inclinou-se.

– Estou com medo – sussurrou.

– Eu sei.

– Você está comigo?

– Estou.

– *Va faill, luned*.

– Adeus, rei dos Amieiros.

Permaneceu sentada ao seu lado, segurando sua mão, até que silenciasse por completo e se apagasse sua delicada respiração. Não enxugou as lágrimas. Deixou que corressem em seu rosto.

A tempestade se aproximava. O horizonte fulgurava, iluminado pelos relâmpagos.

•

Desceu correndo pelas escadas de mármore para o terraço com a colunata, junto do qual balançavam os barcos atracados. Desamarrou um, o da ponta, que havia escolhido ainda ao entardecer. Afastou-se do terraço com a ajuda de uma longa vara de mogno que desmontou precavidamente do cortinado, pois duvidava de que o barco fosse lhe obedecer da mesma forma que a Avallac'h.

O barco deslizava silenciosamente pela correnteza. Tir ná Lia estava taciturna e escura. Apenas as estátuas nos terraços despediam-se, acompanhando-a com seu olhar morto. Ciri contava as pontes.

O céu sobre a floresta iluminou-se com o clarão de um relâmpago. Após algum tempo o trovão rugiu demoradamente.

A terceira ponte.

Algo deslizou por lá, silenciosa e agilmente como uma enorme ratazana negra. O barco balançou quando saltou sobre a proa. Ciri soltou a vara e sacou a espada.

– Você insiste mesmo em querer nos privar de sua companhia? – Eredin Bréacc Glas silvou.

Também sacou a espada. No curto clarão do relâmpago ela conseguiu ver a arma. A lâmina era de um único gume, levemente recurvada, com o fio reluzente e infalivelmente afiado, o punho longo e o guarda-mão em forma de uma redonda placa crivada. À primeira vista era claro que o elfo sabia manejar essa espada.

Balançou o barco inesperadamente, pressionando a perna com força contra o bordo. Ciri balanceou agilmente e equilibrou o barco inclinando-se com força. Logo em seguida tentou executar o mesmo truque pulando sobre o bordo com as duas pernas. Eredin vacilou, mas manteve o equilíbrio. E lançou-se contra ela com a espada. Ela rebateu o golpe, cobrindo-se instintivamente, pois não via quase nada. Revidou com um rápido corte executado de baixo. Eredin aparou e golpeou, mas Ciri rebateu. Uma chuva de faíscas caía das espadas como se fossem pederneiras.

Balançou o barco mais uma vez, com força, quase fazendo com que ele virasse. Ciri dançou, balanceando com os braços estendidos. Recuou para a proa, abaixou a espada.

– Onde você aprendeu isso, Andorinha?

– Ficará surpreso.

– Duvido. Você própria descobriu que conseguiria ultrapassar a Barreira navegando pelo rio, ou alguém lhe revelou isso?

– Não importa.

– Importa, sim. E determinaremos isso. Existem métodos para fazê-lo. E agora largue a espada. Regressaremos.

– Até parece que vou lhe obedecer.

– Regressaremos, Zireael. Auberon está à sua espera. Hoje à noite, garanto, estará repleto de energia e vigor.

– Até parece – repetiu. – Exagerou na dose do remédio revigorante. Aquele que você lhe deu. Ou será que não era um revigorante?

– Do que você está falando?

– Ele morreu.

Recuperou-se rapidamente do espanto e, de repente, procedeu ao ataque, balançando o barco. Enquanto se equilibravam, trocaram alguns cortes raivosos, cujo sonoro estridor se propagava pela água.

Um relâmpago iluminou a noite. Uma ponte passou sobre suas cabeças. Uma das últimas pontes de Tir ná Lia. A última, talvez.

– Você certamente entende, Andorinha – disse em voz rouca –, que apenas procura adiar o inevitável. Eu não posso deixar que parta daqui.

– Por quê? Auberon morreu. E eu sou um ninguém, não tenho nenhuma importância. Você próprio disse isso.

– Porque essa é a verdade – ergueu a espada. – Você não tem nenhuma importância. Ora, é apenas uma pequena traça que pode ser esmagada entre os dedos e reduzida a um pó cintilante. Mas, se deixar, pode também fazer um furo num tecido valioso. Ora, é um minúsculo grão de pimenta. Mas, se mastigado por descuido, pode estragar a iguaria mais fina, forçará a cuspi-la em vez de saboreá-la. É o que você é. Um nada. Um nada irritante.

Um relâmpago. No clarão que ocasionou, Ciri viu aquilo que queria ver. O elfo ergueu a espada e lançou um ataque ao saltar em cima do banco do barco. Sua vantagem era a altura. Não havia como não ganhar o próximo embate.

– Não deveria ter levantado sua arma contra mim, Zireael. Mas agora já é tarde demais. Não lhe perdoarei isso. Não a matarei, não. Mas algumas semanas na cama, toda bandada, certamente lhe farão bem.

– Espere. Primeiro quero lhe dizer algo. Revelar um segredo.

– E o que você pode me dizer? – bufou. – Que segredo que eu não saiba você pode me revelar? Que verdade é que você pode me desvelar?

– O fato de que você não caberá debaixo da ponte.

Não teve tempo de reagir, bateu com o occipício contra a ponte, caiu para a frente desequilibrando-se por completo. Ciri podia simplesmente empurrá-lo

para fora do barco, mas tinha medo de não ser o suficiente, de não desistir da perseguição. Além disso, foi ele, de forma premeditada ou não, quem matou o rei dos Amieiros. E por isso merecia sentir dor.

Executou um rápido corte na coxa, logo embaixo da cota de malha. Nem sequer gritou. Caiu para fora do barco e mergulhou na água que num instante o engoliu.

Virou-se, permaneceu olhando. Demorou muito para subir para a superfície e arrastar-se para as escadas de mármore que desciam até o rio. Ficou prostrado, imóvel, com a água e o sangue escorrendo pelo corpo.

– Vão lhe fazer bem – murmurou – algumas semanas na cama, bandado.

Pegou sua vara, impeliu com força. O rio Easnadh estava cada vez mais impetuoso, o barco deslizava cada vez mais rápido. Em pouco tempo deixara para trás as últimas edificações de Tir ná Lia.

Não voltou seu olhar.

Primeiro, tudo ficou muito escuro, pois o barco adentrou uma floresta antiga, navegava por entre árvores cujos galhos se enlaçavam por cima da correnteza do rio, formando uma abóbada. Depois clareou, a floresta acabou, e em ambas as margens havia mata ciliar composta de amieiros, caniçais e bunhos. No rio, até então limpo, surgiam moitas, algas flutuantes e troncos de árvores. Quando o céu resplandecia com os relâmpagos, via círculos na superfície da água; quando estrondeava um trovão, ouvia o chapinhar dos peixes assustados. Algo agitava e respingava a água constantemente, estalava a língua e balbuciava. Algumas vezes, não muito longe do barco, viu grandes olhos fosforescentes, outras vezes o barco estremecia, tendo-se chocado contra algo enorme e vivo. "Nem tudo aqui era agradável, para os inexperientes esse mundo significava a morte", repetia no pensamento as palavras de Eredin.

A correnteza alargou-se significativamente, transbordando em toda sua extensão. Apareceram ilhas e braços do rio. Deixava o barco navegar à sorte, por onde a correnteza a carregasse. Mas começou a ficar com medo. O que aconteceria se errasse e navegasse pelo braço errado?

Mal pensou e, do junco na margem, ouviu o rinchar de Kelpie e um forte sinal mental do unicórnio.

– Você está aqui, Cavalinho!

Apressemo-nos, Olhos de Estrela. Siga-me.

– Para meu mundo?

Primeiro preciso mostrar-lhe algo. Assim me ordenaram os Antigos.

Seguiram, primeiro por uma floresta, depois pela estepe, cortada densamente por barrancos e voçorocas. Reluziam os relâmpagos, retumbavam os trovões. A tempestade estava cada vez mais perto, o vento se agitava.

O unicórnio guiou Ciri para uma das voçorocas.

É aqui.

– O que há aqui?

Desmonte e veja.

Obedeceu. O solo era irregular, tropeçou. Algo trincou e desabou sob seus pés. Um relâmpago resplandeceu e Ciri soltou um grito surdo.

Estava no meio de um mar de ossos.

A arenosa encosta da voçoroca desabara, provavelmente erosada pelos aguaceiros. E deixou descoberto aquilo que escondia. Um cemitério. Um necrotério. Um enorme amontoado de ossos. Tíbias, quadris, costelas, fêmures. Caveiras.

Ergueu uma.

Um relâmpago resplandeceu e Ciri gritou. Entendeu de quem eram os restos mortais que ali jaziam.

A caveira que exibia os rastros de um golpe de lâmina tinha caninos na dentição.

Agora você entende, ressoou em sua cabeça. Agora você sabe. É a obra dos Aen Elle. Do rei dos Amieiros. Da Raposa. Do Gavião. Este mundo não lhes pertencia. Apenas virou seu mundo. Quando o conquistaram. Quando abriram Ard Gaeth, depois de nos enganar e usar da mesma maneira que tentaram enganar e usá-la agora.

Ciri arremessou a caveira contra o chão.

– Canalhas! – gritou na noite. – Assassinos!

Um trovão rolou pelo céu produzindo um estrondo. Ihuarraquax relinchou intensamente, em tom de alerta. Entendeu. Montou Kelpie num salto e aos gritos instigou-a ao galope.

Uma perseguição seguia seus rastros.

•

"Isso já havia acontecido uma vez", pensou, engolindo o vento ao galope. "Isso já havia acontecido. Esta corrida, selvagem, na escuridão, no meio da noite cheia de espantalhos, fantasmas e espectros."

– Ande, Kelpie!

Um galope alucinado, os olhos lacrimejam por causa da velocidade. Um relâmpago corta o céu ao meio, no resplandecer Ciri vê amieiros dos dois lados do caminho. Por todas as partes as retorcidas árvores estendem seus longos braços nodosos dos galhos, abrem as negras bocarras dos ocos, proferem ameaças e xingamentos contra ela. O rincho de Kelpie torna-se cada vez mais intenso, corre com tanta rapidez que seus cascos parecem apenas acariciar o solo. Ciri encosta no pescoço da égua. Não só para diminuir a resistência do ar, mas também para fugir dos galhos dos amieiros que querem derrubá-la ou tirá-la da sela. Os galhos fustigam, açoitam, zurzem, tentam se prender na roupa e no cabelo. Os troncos retorcidos agitam-se, as bocarras dos ocos abrem-se, minazes, estrilando…

Kelpie relincha desatinadamente. O unicórnio responde com um rincho. É uma mancha alva na escuridão, indica o caminho.

Corra, Olhos de Estrela! Corra com todas as forças!

Há cada vez mais amieiros, é cada vez mais difícil evitar seus galhos. Dentro de pouco, barrarão todo o caminho…

Atrás, um grito. O som da perseguição.

Ihuarraquax relincha. Ciri recebe seu sinal. Entende o significado. Encosta com força no pescoço de Kelpie. Não precisa apressá-la. A égua, perseguida pelo medo, corre num galope suicida.

Outro sinal do unicórnio, ainda mais nítido, penetra o cérebro. É um comando, aliás, uma ordem.

Salte, Olhos de Estrela. Precisa saltar. Para outro tempo, outro espaço.

Ciri não entende, mas procura entender. Esforça-se para entender, concentra-se, concentra-se com tanta força que o sangue rumoreja e pulsa em seus ouvidos…

Um relâmpago. Em seguida, uma súbita escuridão, uma escuridão macia e negra, negra em seu negrume que nada consegue iluminar.

Um rumor nos ouvidos.

•

O vento na cara. Um vento fresco. Gotas de chuva. O cheiro de pinheiro nas narinas.

Kelpie agita-se, resfolega, bate os cascos. Seu pescoço está molhado e quente.

Um relâmpago. Logo após, um trovão. Na luz Ciri vê Ihuarraquax sacudindo a cabeça e o chifre, ciscando intensamente o chão com o casco.

– Cavalinho?

Estou aqui, Olhos de Estrela.

O céu está estrelado. Cheio de constelações. O Dragão. A Dama do Inverno. Sete Cabras, o Jarro.

E quase no alto do horizonte – o Olho.

– Conseguimos – suspirou. – Conseguimos, Cavalinho. Este é meu mundo!

Seu sinal é tão claro que Ciri entende tudo.

Não, Olhos de Estrela. Fugimos daquele. Mas este não é ainda o lugar nem o tempo certo. Ainda temos muito à nossa frente.

– Não me deixe só.

Não a deixarei. Tenho uma dívida com você. Preciso pagá-la. Até o fim.

•

O céu escurece no oeste enquanto o vento começa a soprar com fortes rajadas. As ondas de nuvens apagam sucessivamente as constelações. Apaga-se o Dragão, apagam-se a Dama do Inverno, Sete Cabras, o Jarro. Apaga-se o Olho, que brilha com mais intensidade e por mais tempo.

O céu resplandeceu ao longo do horizonte com um breve clarão de um relâmpago. Um trovão rolou rugindo surdamente. De súbito, o vendaval agravou-se, lançando poeira e folhas secas nos olhos.

O unicórnio relinchou, enviou um sinal mental.

Não temos tempo a perder. Nossa única esperança é uma fuga rápida. Para o lugar e tempo certos. Apressemo-nos, Olhos de Estrela.

“Sou a Rainha dos Mundos. Sou o Sangue Antigo.

Represento o sangue de Lara Dorren, a filha de Shiadhal.”

Ihuarraquax relinchou, apressou. Kelpie acompanhou-o resfolegando demoradamente. Ciri calçou as luvas.

– Estou pronta – disse.

Um rumor nos ouvidos. Um resplandecer e a claridade. E depois a escuridão.

CAPÍTULO SEXTO

A maioria dos historiadores costuma atribuir o processo, a sentença e a execução de Joaquim de Wett à natureza violenta, cruel e tirana do imperador Emhyr. No entanto, não faltam – especialmente no caso de autores com inclinações à beletrística – hipóteses alusivas à vingança ou à retaliação por motivos inteiramente particulares. Esta é a hora mais do que certa de afirmar a verdade, a qual está mais do que evidente para qualquer pesquisador atento. O duque de Wett comandava o grupo operacional "Verden" de um modo para o qual o termo "inepto" seria excepcionalmente delicado. Tendo contra si forças duas vezes mais fracas, demorou com a ofensiva para o norte e direcionou toda a atividade para combater os guerrilheiros de Verden. O grupo "Verden" cometeu crimes sem precedentes contra a população civil. As consequências eram previsíveis e inevitáveis: se no inverno as forças dos insurgentes eram estimadas em torno de quinhentas pessoas, na primavera quase todo o país fora tomado pela insurreição. O rei Ervyll, favorável ao Império, foi assassinado; e seu filho, o príncipe Kistrin, que simpatizava com os nortelungos, encabeçou a insurreição. Tendo no flanco operações de desembarque dos piratas de Skellige, à frente uma ofensiva dos nortelungos de Cidaris e uma rebelião na retaguarda, de Wett envolveu-se em caóticas lutas, sofrendo sucessivas derrotas. Assim, atrasava a ofensiva do Grupo do Exército "Meio". Em vez de, como havia sido acordado, conter o flanco dos nortelungos, o grupo "Verden" continha Menno Coehoorn. Os nortelungos imediatamente se aproveitaram da situação e passaram ao contra-ataque, rompendo o cerco em volta de Mayena e Maribor e extinguindo as chances de uma nova e rápida conquista dessas fortalezas importantes.

A ineptidão e a estupidez de de Wett tiveram, também, um valor psicológico. Dissipou-se o mito do invencível de Nilfgaard. Centenas de voluntários juntaram-se às tropas dos nortelungos...

Restif de Montholon

Guerras do norte, mitos, mentiras e meias-verdades

É preciso falar, sem fazer rodeios, que Jarre estava muito decepcionado. A criação no templo e seu próprio caráter extrovertido faziam com que acreditasse nas pessoas, em sua bondade, gentileza e seu altruísmo. No entanto, dessa fé sobrou quase nada.

Passara já duas noites do lado de fora, sobre os restos das medas, e agora tudo indicava que passaria a terceira noite da mesma forma. Em todas as vilas, em que havia pedido um pernoite ou um pouco de pão, as únicas respostas eram um profundo silêncio ou xingamentos e ameaças proferidos de trás dos portões trancados a sete chaves. Não adiantava nada explicar quem era, para onde e com que fim ia.

Ficou muito, muito decepcionado com as pessoas.

Escurecia rapidamente. O garoto caminhava ágil e destemidamente por uma vereda no meio de campos abertos. Procurava uma meda, resignado e abatido com a perspectiva de mais uma noite passada ao relento. O mês de março daquele ano era, contudo, excepcionalmente ameno, mas à noite esfriava muito. E tudo se tornava verdadeiramente aterrador.

Jarre olhava para o céu, em que todas as noites, havia uma semana, se via a aurorrubra abelha de um cometa atravessando o céu do oeste para o leste, arrastando atrás de si a tremeluzente trança de fogo. Começou a refletir o que esse estranho fenômeno mencionado em diversas profecias realmente poderia pressagiar.

Retomou a caminhada. Escurecia cada vez mais. A vereda descia para dentro de uma fileira de espessos arbustos que na escuridão tomavam formas horripilantes. Uma frigidez emanava do lugar embaixo, onde estava ainda mais escuro, vinha de lá um desagradável cheiro de plantas putrefatas e de algo mais. De algo muito ruim.

Jarre parou. Tentava convencer-se de que era o frio, e não o medo, rastejando por seu dorso e seus braços. Mas sem efeito.

Uma baixa ponte unia as margens do canal coberto de vimeiros e tortos salgueiros, negro e reluzente como um alcatrão recém-espargido. Nos lugares onde as vigas apodreceram ou desabaram, a ponte revelava abissais aberturas longitudinais, o balaústre estava quebrado, suas treliças submergidas na água. Depois da ponte, os salgueiros eram mais densos. Embora ainda faltasse muito para a verdadeira noite, embora os longínquos prados atrás do canal ainda reluzissem com a teia do nevoeiro suspenso na ponta da grama, os salgueiros estavam imersos na escuridão. Na penumbra Jarre via, embaçadas, as ruínas de

alguma edificação – certamente um moinho, uma eclusa ou um pesqueiro de enguias.

"Preciso atravessar essa ponte", o garoto pensou. "Será difícil, mas não há o que fazer! Embora eu sinta à flor da pele que lá, nessa negridão, espreita algo ruim, preciso atravessar esse canal. Preciso atravessar esse canal, assim como aquele mítico comandante ou herói sobre o qual li nos desgastados manuscritos no templo de Melitele. Atravessarei o canal e aí… Como será? As cartas serão distribuídas? Não, os dados rolarão. Atrás de mim ficará meu passado, diante de mim meu futuro estender-se-á…"

Entrou na ponte e logo percebeu que sua intuição não o havia enganado. Antes que os visse. E ouvisse.

– E aí? – pigarreou um daqueles que barraram seu caminho. – Não falei? Falei para esperar um pouco que alguém apareceria.

– Falou bem, Okultich. – O segundo dos tipos munidos de grossos bastões ceceava levemente. – Deveria ser adivinho ou mago. E aí, caro andarilho, que caminha sozinho! Entregará aquilo que tem, de boa vontade, ou precisaremos fazer um arrastãozinho?

– Mas eu não tenho nada! – Jarre gritou com toda a força de seus pulmões, embora nutrisse poucas esperanças de que alguém o ouvisse e viesse prestar ajuda. – Sou um pobre andarilho! Não tenho nem um centavo comigo! O que vocês querem de mim? Este cajado? A vestimenta?

– Também – disse aquele que ceceava, e em sua voz havia algo que fez com que Jarre se estremecesse todo. – Pois deve saber, pobre andarilho, que na verdade nós, levados por uma urgente necessidade, estávamos atrás de uma moça. Mas a noite está chegando, ninguém mais aparecerá, por isso quando não há peixes caranguejo peixe é! Peguem-no, rapazes!

– Tenho uma faca! – Jarre gritou. – Estou avisando!

Realmente tinha uma faca. Furtou-a da cozinha do templo na véspera da fuga e escondeu na trouxa. Mas não a tirava. Paralisava-o – e apavorava – a consciência de que esse gesto era desprovido de qualquer sentido e não o ajudaria em nada.

– Tenho uma faca!

– Olhe só – aquele que ceceava debochou, aproximando-se dele. – Tem uma faca. Quem diria.

Jarre não podia fugir. O pavor fez com que suas pernas se transformassem em dois postes encravados no solo. A adrenalina prendeu sua garganta como o nó de um laço.

– Eita! – de repente, o terceiro gritou, com uma voz jovem e surpreendentemente conhecida. – Eu acho que o conheço! É mesmo, eu o conheço! Deixem-no, falei, é um conhecido! Jarre? Você me reconhece? Sou Melfi! Ei, Jarre? Você está me reconhecendo?

– Es… tou… – Jarre lutava contra um horrível e sufocante sentimento que até então desconhecia. Só quando sentiu a dor no quadril, com o qual bateu contra as tábuas da ponte, entendeu que sentimento era aquele.

O de perder a consciência.

•

– Eita, que surpresa – Melfi falava. – Eita sorte! Sorte de encontrar um camarada! Um camarada de Ellander! Um companheiro! E aí, Jarre?

Jarre engoliu um duro e dúctil pedaço de salo, seguido por um nabo assado, oferecidos por sua estranha companhia. Não respondeu, apenas acenou com a cabeça em direção de todos os seis rapazes sentados em volta da fogueira.

– E para onde você vai, Jarre?

– Para Wyzim.

– Hã! Nós também vamos para lá! Eita sorte! E aí, Milton? Você se lembra de Milton, Jarre?

Jarre não se lembrava. Nem sequer sabia se já o havia visto. Além disso, Melfi exagerava um pouco quando dizia que era seu companheiro. Era o filho do tanoeiro de Ellander. Quando juntos frequentavam a primeira classe no templo, Melfi costumava bater nele com regularidade e sanha e chamá-lo de um bastardo sem mãe nem pai concebido no meio de urtigas. Isso durou cerca de um ano, depois do qual o tanoeiro o tirou da escola, pois confirmou-se que seu filho prestava apenas para os barris. Foi assim que Melfi, em vez de iniciar-se com o suor de seu rosto nos arcanos da leitura e escrita, com o suor de seu rosto aplainava as aduelas na oficina do pai. Já Jarre, depois de terminar os estudos e pela recomendação do santuário, virou auxiliar do escriba no tribunal de justiça de primeira instância, e o tanoeiro – seguindo o exemplo do pai – prestava-lhe reverências curvando-se acentuadamente, dava-lhe presentes e declarava sua amizade.

– … vamos para Wyzim – Melfi continuava a história. – Juntar-nos ao exército. Todos nós aqui, todinhos, vamos nos alistar. Estes aqui, ó, Milton e Ograbek, filhos de vilões, escolhidos pelo alistamento de jeira, você sabe…

– Sei – Jarre lançou um olhar para os filhos de vilões. Tinham cabelos claros e eram tão parecidos como se fossem irmãos. Mastigavam uma comida assada

na brasa, impossível de ser identificada. – Foram escolhidos, um de cada dez jeiras. Um contingente de jeira. E você, Melfi?

– Comigo, ó – o tanoeiro suspirou –, foi assim: da primeira vez, quando os grêmios iam convocar um recruta, meu pai me salvou de sortear a bolinha. Mas veio a desgraça, foi preciso sortear outra vez, pois assim havia sido determinado pela cidade… Você deve saber…

– Sei – Jarre concordou novamente. – Com o edito promulgado no dia dezesseis de janeiro o conselho da cidade de Ellander decretou o sorteio para complementar o contingente. Foi necessário fazê-lo perante a ameaça nilfgaardiana…

– Escute só, Lúcio, como ele fala – intrometeu-se, falando em voz rouca, o tipo atarracado de cabeça raspada chamado Okultich que há pouco fora o primeiro a implicar com ele na ponte. – Mauricinho! Sabichão!

– Sabe-tudo! – acompanhou-o prolongadamente outro camponês, enorme, com um sorriso tolo sempre colado ao rosto redondo. – Sabichoso!

– Cale a boca, Klaproth – ceceou demoradamente aquele chamado de Lúcio, o mais velho da companhia, alto, com um bigode caído e a nuca raspada. – Já que é um sabichão, devemos ouvi-lo quando fala. Pode surgir uma polêmica. Um ensinamento. E uma lição nunca fez mal a ninguém. Bom, quase nunca. E quase a ninguém.

– Pura verdade – Melfi declarou. – Realmente ele, isto é, Jarre, não é nada burro. Sabe ler e escrever… É letrado! Lá em Ellander é escriba no tribunal e cuida de toda a coleção de livros no santuário de Melitele…

– Só por curiosidade… O que, então – Lúcio interrompeu, fitando Jarre através da fumaça e das faíscas –, um livreiro de merda de tribunal ou santuário faz na estrada que leva para Wyzim?

– Assim como vocês – disse o garoto – vou me alistar no exército.

– E o que – os olhos de Lúcio reluziam, refletiam o brilho como os olhos de um verdadeiro peixe à luz das tochas que flamejam na proa de um barco – um estudioso de tribunal ou santuário procura na tropa? Não deve tratar-se de um recruta, hein? Qualquer tolo sabe que os santuários estão isentos do contingente, do dever de providenciar recrutas. E qualquer tolo sabe que qualquer tribunal conseguiria liberar do serviço e reivindicar seu escrevinhador. Do que se trata, então, senhor funcionário?

– Vou alistar-me como voluntário – Jarre declarou. – Alisto-me sozinho, por minha própria vontade, não por causa do contingente. Em parte por motivação pessoal, mas principalmente pelo sentimento de um dever patriótico.

A companhia caiu numa estrondosa gargalhada retumbante e uníssona.

– Vejam só, bandoleiros – Lúcio finalmente falou –, que contradições às vezes habitam nas pessoas. Duas naturezas. Ora, pelas aparências, trata-se de um jovem instruído e experiente. Além disso, indubitavelmente esperto desde a nascença. Deveria saber o que acontece na guerra, quem bate em quem e, logo, quem vence o combate. E ele, como vocês próprios ouviram, sem ser forçado, voluntariamente, por um dever paterótico, quer se juntar aos combatidos.

Ninguém comentou. Jarre tampouco.

– Ora, tal dever paterótico – Lúcio disse por fim –, normalmente próprio a apenas doentes mentais, talvez até convenha aos instruídos em santuários ou tribunais. Mas foram mencionados aqui alguns motivos pessoais. Estou tomado por uma feroz curiosidade de que motivos se tratam?

– São tão pessoais – Jarre cortou – que não falarei sobre eles. Até porque o senhor não faz questão de falar sobre seus próprios motivos.

– Ora, veja bem – Lúcio falou após um momento de silêncio – que, se um tolo se dirigisse a mim desse modo, levaria um soco de primeira. Mas no caso de um culto escrevinhador… Esse aí eu poupo… desta única vez. E respondo: eu também vou para a tropa. E também como voluntário.

– Para juntar-se aos perdedores, como um doente mental? – o próprio Jarre estranhou de onde, subitamente, ganhara tanta coragem. – No caminho saqueando viajantes nas pontes?

– Ele – Melfi cacarejou, antecipando Lúcio – continua zangado conosco por causa da emboscada na ponte. Perdoe-nos, Jarre, foi apenas uma brincadeira! Uma zombaria inocente! Não é verdade, Lúcio?

– É. – Lúcio bocejou, bateu os dentes com tanta força que o eco ressoou. – Uma gozação inocente. A vida é triste e deprimente como um bezerro quando o levam para o matadouro. Daí, apenas com uma zombaria ou brincadeira é que se pode alegrá-la. Não acha, escrevinhador?

– Acho. A princípio.

– Melhor assim. – Lúcio continuava fitando-o com seus olhos brilhantes. – Caso contrário, seria um fraco companheiro de viagem e seria melhor continuar sozinho até Wyzim. Até mesmo agora.

Jarre permaneceu calado. Lúcio espreguiçou-se.

– Falei o que era preciso falar. Ora, rapazes, brincamos, traquinamos, alegramo-nos e agora está na hora de descansar. Se é para chegarmos a Wyzim à noitinha, então precisamos partir ao amanhecer.

•

A noite era muito fria e Jarre, embora estivesse muito cansado, não conseguia dormir, encolhido debaixo da capa, com os joelhos quase tocando em seu queixo. Quando finalmente conseguiu cair no sono, dormiu mal, atormentado constantemente por sonhos. Não se lembrava da maioria. Salvo dois. No primeiro sonho um bruxo que conhecia, Geralt de Rívia, estava sentado debaixo de longas estalactites de gelo, imóvel, gelado, sepultado rapidamente pela nevasca. No segundo sonho Ciri montava um cavalo negro, agarrada à sua crina, galopava pela fileira de retorcidos amieiros que tentavam alcançá-la com seus ramos enviesados.

Ah! E pouco antes do amanhecer sonhou com Triss Merigold. Depois de sua estada no templo no ano anterior sonhara com a feiticeira algumas vezes e esses sonhos obrigavam Jarre a fazer coisas das quais posteriormente se envergonhava.

Agora, é lógico, não aconteceu nada vergonhoso. Simplesmente fazia demasiado frio.

•

De manhã, todos os sete seguiram o caminho logo após o amanhecer. Milton e Ograbek, filhos de vilões do contingente de jeira, animavam-se com uma canção militar.

Vai um guerreiro, vai, retinindo a armadura
Fuja, mocinha, fuja de sua ternura!
Que me beije, um beijo seu não posso proibir
Já que ele com seu peito a pátria vai cobrir!

Lúcio, Okultich, Klaproth e o tanoeiro Melfi, colado a eles de tão junto que estava, contavam piadas e anedotas, segundo eles, incrivelmente engraçadas.

– … e pergunta ao nilfgaardiano: "O que fede tanto aqui?" E o elfo responde: "Merda." Ah! Ah! Ah!

– Eh! Eh! Eh! Eh!

– Ah! Ah! Ah! Ah! E esta, conhecem? Vão um nilfgaardiano, um elfo e um anão. Olham e veem um rato correndo…

Quanto mais avançava o dia, encontravam cada vez mais viajantes, carruagens de camponeses, diligências e unidades de tropas em marcha. Algumas das carruagens estavam carregadas de bens, e o bando de Lúcio andava atrás delas com os narizes quase arranhando o chão, feito pointers, recolhendo aquilo que havia caído – uma cenoura, uma batata, um nabo e, às vezes, até uma cebola. Guardavam, por precaução, uma parte do saque para os

tempos difíceis, outra parte devoravam vorazmente, mas continuando a contar as piadas.

– … e o nilfgaardiano: brum! E cagou-se até o pescoço! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

– Ah! Ah! Ah! Ó deuses, não vou aguentar… Cagou-se… Ah! Ah! Ah!

– Eh! Eh! Eh!

Jarre esperava por uma oportunidade e procurava uma desculpa para se separar. Não gostava de Lúcio nem de Okultich. Não gostava dos olhares que Lúcio e Okultich lançavam em direção às carruagens dos comerciantes, às carroças dos camponeses e às mulheres e moças sentadas em cima delas. Não gostava do tom de deboche de Lúcio, quando ocasionalmente questionava o objetivo de alistar-se como voluntário no momento em que a derrota e a destruição total eram certas e óbvias.

Cheirava a terra arada. A fumaça. No vale, por entre o tabuleiro regular de campos, bosques e viveiros de peixes reluzentes como espelhos, viam os telhados das edificações. Ouviam, de vez em quando, um latido distante, o berro de um boi, o cantar de um galo.

– Pelo visto, são vilas abastadas – Lúcio ceceou, passando a língua nos lábios. – Pequenas, mas finas.

– Aqui, no vale – Okultich recorreu a dar esclarecimentos –, quem administra e providencia os alimentos são os metadílios. Tudo o que produzem é bonito e fino. São um povo de bons administradores.

– Malditos monstros – Klaproth roncou. – Koboldos! Eles é que aqui administram, e os verdadeiros humanos vivem pobres e em desgraça. Nem a guerra os prejudica.

– Por enquanto. – Lúcio abriu a boca num sorriso repugnante. – Gravem, bandeirantes, essa vila na ponta, que fica por entre as bétulas, junto da floresta. Gravem-na bem. Se um dia eu quiser fazer uma visita lá, não queria me perder no caminho.

Jarre virou a cabeça. Fingia que não ouvia, que olhava apenas para a estrada à sua frente.

Marchavam. Milton e Ograbek, filhos de vilões do alistamento de jeira, entoaram uma nova canção. Uma menos guerreira. Talvez um pouco mais pessimista, que depois das alusões anteriormente expressas por Lúcio poderia ser considerada um mau agouro.

Ouçam todos

Para conhecer da morte cruéis modos,

Seja novo ou anciano
Não fugirá de seu dano;
A todos a morte esganará
Qualquer um a ela se entregará…

•

– Esse aí – Okultich avaliou tenebrosamente – deve ter grana. Que me capem se não tiver grana.

O indivíduo para o qual Okultich arriscaria tanto era um comerciante ambulante, alcançado por eles, que caminhava junto de uma carroça de duas rodas puxada por um jumento.

– O que ele tem não é apenas a grana – Lúcio ceceou –, o jumento também deve valer algo. Apressem o passo, bandoleiros.

– Melfi. – Jarre agarrou o tanoeiro pela manga. – Abra os olhos. Você não está vendo o que está para acontecer aqui?

– É apenas uma brincadeira, Jarre. – Melfi soltou-se. – Apenas uma brincadeira…

A carroça do comerciante – de perto dava para ver muito bem – era também uma barraca, podia transformar-se numa barraca e ser montada em poucos instantes. A construção toda, puxada pelo jumento, estava coberta de pitorescos e veementes letreiros de cores vivas de acordo com os quais a oferta do comerciante incluía bálsamos, escabiosas medicinais, talismãs, amuletos de proteção, elixires, filtros e cataplasmas mágicos, produtos de limpeza, além de detectores de metais, minérios e trufas, assim como iscas infalíveis para peixes, patos e moças.

O comerciante, um indivíduo magro e bastante encurvado sob o peso da idade, virou-se, viu-os, xingou e apressou o jumento. Mas o jumento, por ser um jumento, nem pensou em acelerar o passo.

– Que formidável vestimenta ele está usando – Okultich avaliou em voz baixa. – Certamente acharemos algo nessa carrocinha…

– Ei, bandoleiros – Lúcio comentou. – Andemos, já! Tratemos do assunto antes que apareçam mais testemunhas na estrada.

Jarre, ainda admirado com sua própria valentia, deu alguns passos rápidos para anteceder a companhia, virou-se e ficou entre eles e o comerciante.

– Não – disse, articulando com dificuldade por causa da garganta presa. – Não vou deixar…

Lúcio abriu o capote devagar mostrando uma longa faca presa na cintura, claramente afiada como uma navalha.

– Saia da frente, escrevinhador – ceceou de forma ameaçadora. – Caso preze seu pescoço. Pensei que fosse útil em nossa companhia, mas não. Vejo que seu santuário deixou-o excessivamente pedante, fedendo demasiadamente a incenso devoto. Saia fora de meu caminho, senão…

– O que está acontecendo aqui, hein?

Duas figuras bizarras apareceram de trás dos roliços salgueiros assanhados, o elemento mais comum da paisagem do vale do Ismena.

Ambos os homens usavam bigodes encerados com a ponta modelada, uma colorida calça bufante presa abaixo do joelho, acolchoados cafetãs ornados de fitas, e enormes, macias boinas de veludo com penachos. Além de cutelos e adagas presos nos largos cintos, ambos os homens carregavam nas costas montantes longas de quase dois metros, com o punho de comprimento de uma vara e de grandes guarda-mãos recurvados.

Os lansquenês terminavam de abotoar as calças aos saltos. Não fizeram nenhum gesto que indicasse o intuito de pegar em suas espadas aterradoras, mas Lúcio e Okultich aplacaram-se momentaneamente, e o enorme Klaproth encolheu-se feito bexiga de boi da qual se esvaziara todo o ar.

– Nós não fizemos… Nada… – Lúcio ceceou. – Nada de errado…

– Estamos apenas brincando! – Melfi gruniu.

– Ninguém sofreu nenhum dano – falou, inesperadamente, o comerciante corcunda. – Ninguém!

– Nós – Jarre intrometeu-se às pressas – vamos a Wyzim alistar-nos no exército. Talvez os senhores estejam seguindo o mesmo caminho?

– Estamos, sim. – O lansquenê bufou, dando-se conta imediatamente do que se tratava. – Nós também vamos até Wyzim. Quem quiser, pode seguir conosco. Será mais seguro.

– Definitivamente mais seguro – o segundo acrescentou de forma significativa, medindo Lúcio de alto a baixo com um olhar demorado. – Preciso avisar que há pouco vimos uma patrulha equestre aqui nas redondezas do meirinhado de Wyzim. Estão com muita disposição para enforcar. Miserável será o destino do salteador que apanharão no ato.

– E muito bem. – Lúcio recuperou o bom humor, abriu a boca num largo sorriso banguela. – Muito bem, senhores, que existem a lei e o castigo para os patifes, assim deve ser. Sigamos, então, o caminho para Wyzim, para o exército, pois o dever paterótico nos chama.

O lansquenê ficou olhando para ele com desdém por um longo momento, em seguida deu de ombros, ajeitou a espadona nas costas e marchou pela estrada. Seu companheiro, Jarre, assim como o comerciante com seu jumento e sua carroça seguiram logo atrás dele, na retaguarda. O bando de Lúcio arrastava-se atrás, mantendo certa distância.

– Obrigados, senhores – o comerciante falou após um tempo, instigando o jumento com uma vergasta. – E obrigado a você também, jovem.

– Nada – o lansquenê acenou com a mão. – Já nos acostumamos.

– Alistam-se todos os tipos de pessoas. – Seu companheiro olhou pelo ombro. – Às vezes, quando numa vila ou cidadezinha surge a necessidade de escolher os recrutas, um de cada dez jeiras aproveita para, desse modo, se livrar para sempre dos piores canalhas. E depois as estradas ficam cheias desse tipo de vagabundos. No entanto, uma vez na tropa os cabos lhes inculcarão a disciplina com porrada de vara. Aprenderão, larápios, a obediência, depois de passar, uma ocasião ou outra, pelo corredor da morte, por entre duas fileiras de fustigas…

– Eu – Jarre apressou-se a prestar esclarecimentos – vou me alistar como voluntário, não por obrigação.

– O que é de elogiar. – O lansquenê olhou para ele e torceu a ponta encerada do bigode. – Pois vejo que você não é da mesma laia. Por que anda com eles?

– O destino nos juntou.

– Eu já havia visto – a voz do soldado era séria – esse tipo de encontros e fraternizações promovidos pelo destino que levaram, enfim, os confraternizados para a mesma forca. Tire as conclusões certas, rapaz.

– Tirarei, sim.

•

Chegaram à estrada de terra batida antes que o sol coberto pelas nuvens atingisse o zênite. Lá os esperava a parada obrigatória durante a viagem. À semelhança de um grande grupo de viajantes que chegaram antes deles, Jarre e sua companhia tiveram de parar, já que a estrada estava lotada de tropas em marcha.

– Para o sul – um dos lansquenês comentou enfaticamente o rumo da marcha. – Para a frente. Para Maribor e Mayena.

– Olhe para os distintivos – o outro apontou com a cabeça.

– São redânios – Jarre falou. – Águias prateadas sobre um campo carmesim.

– Acertou. – O lansquenê deu-lhe um tapa no ombro. – Você é um jovem esperto. É o exército redânio que a rainha Hedwig mandou para nos auxiliar.

Estamos, agora, fortes, pois unidos – Temeria, Redânia, Aedirn, Kaedwen. Somos, agora, todos aliados, aderimos à mesma causa.

– Bem na hora certa – Lúcio falou atrás de suas costas com um nítido sarcasmo. O lansquenê virou-se, mas não disse nada.

– Então, sentemo-nos – Melfi propôs – para descansar as pernas. Parece que esse exército não acaba, muito tempo passará antes que a estrada se esvazie.

– Sentemo-nos – o comerciante falou – ali, no montículo. Dali se vê melhor.

Passou a cavalaria redânia e atrás dela, levantando a poeira, marchavam os besteiros e os infantes carregando paveses. Atrás deles já se via a coluna da cavalaria pesada que andava a passo calmo.

– E aqueles – Melfi apontou para os pesados – exibem outro distintivo. Seu estandarte é negro com estampa branca.

– Ora, burros provincianos – o lansquenê olhou para ele com desdém. – Não reconhecem o brasão de seu próprio rei. São flores-de-lis prata, cabeça de cuia…

– Campo negro salpicado de flores-de-lis prata – disse Jarre, e logo quis provar que, embora os outros pudessem ser chamados de burros provincianos, esse termo não se referia a ele.

– No antigo brasão do reinado de Temeria – começou – havia um leão passante. Mas os príncipes da coroa temeriana usavam outro brasão, isto é, acrescentavam ao escudo um novo campo em que havia três flores-de-lis, já que na simbologia heráldica essa planta representa o sucessor ao trono, o filho real, o herdeiro do trono e do cetro…

– Sabichão de merda – Klaproth gritou.

– Deixe-o em paz e cale a boca, cabeça de bagre – o lansquenê disse em tom de ameaça. – E você, rapaz, continue contando. O que diz é interessante.

– E quando o príncipe Goidemar, filho do velho rei Gardik, batalhava contra os insurgentes da diabólica Falka o exército temeriano lutava precisamente sob seu signo, sob o brasão da flor-de-lis, ganhando decisivas vantagens. E quando Goidemar herdou o trono do pai instituiu as três flores-de-lis prata sobre o campo negro como sendo o brasão do reinado pela lembrança dessas vitórias e da milagrosa salvação de sua esposa e de seus filhos das mãos inimigas. E depois o rei Cedric mudou o brasão do Estado com um decreto especial de tal maneira que o campo negro adquiriu as flores-de-lis prata. E esse é o brasão de Temeria até hoje. O que vocês todos podem comprovar como testemunhas oculares, pois neste momento os lanceiros estão desfilando pela estrada.

– Meu jovem – o comerciante falou –, você nos contou tudo isso com muita elegância.

– Não fui eu. – Jarre suspirou. – Foi Jan de Attre, um estudioso de heráldica.

– Mas, pelo visto, você é igualmente sábio.

– Nem mais nem menos – Lúcio acrescentou em voz baixa – para ser recruta. Para deixar se trucidar sob esse emblema das flores-de-lis prata, pelo rei e por Temeria.

Ouviram um canto feroz, guerreiro, estrondoso como uma onda durante uma tempestade no mar, como o rumor de um temporal que se aproxima. Atrás dos temerianos seguia outro exército, marchando em formação cerrada e alinhada. Uma cavalaria cinza, quase sem cor, sobre a qual não esvoaçava nenhuma bandeira ou flâmula. Diante dos comandantes que encabeçavam a coluna, carregava-se uma vara ornada de colas de cavalos com uma haste horizontal à qual estavam presas três caveiras humanas.

– A Companhia Livre – o lansquenê apontou para os cavaleiros cinza. – Condotieros. Mercenários.

– Dá para ver logo – Melfi suspirou – que são valentes. Homem atrás de homem! Marcham uniformemente, como se estivessem desfilando…

– A Companhia Livre – o lansquenê repetiu. – Olhem bem, matutos e pivetes, para um verdadeiro soldado. Eles já estão voltando do combate, foram precisamente eles, os condotieros, as bandeiras de Adam Pangratt, Molla, Frontino e Abatemarco, que pesaram em Mayena. Graças a elas rompeu-se o cerco dos nilfgaardianos. É justamente a eles que devemos agradecer pela libertação da fortaleza.

– Acredito que são um povo valente e bravo, esses tais de condotieros, implacáveis em batalha como uma rocha – o outro acrescentou –, não obstante a Companhia Livre sirva por dinheiro, como se pode deduzir de sua canção.

A unidade aproximava-se a passo calmo, seu canto ressoava num tom forte e estrondoso, embora estranhamente sombrio, agourento.

Nenhum cetro ou sólio nos subornará
Aos reis nunca nos aliaremos
Às ordens do dobrão que a luz tal qual o sol perpetuará
Sempre viveremos
Seus juramentos não têm nenhum valor
Nem seus pendões nem mãos beijamos
Ao áureo dobrão tal qual o sol
Sermos fiéis juramos!

– Eh, quem me dera servir a gente assim – Melfi suspirou novamente. – Combater a seu lado… Ganharia fama e troféus…

– Estou delirando ou o quê? – Okultich franziu o cenho. – Quem está comandando o segundo batalhão é… Uma mulher? Então esses mercenários guerreiam sob o comando de uma mulher?

– É uma mulher, sim – o lansquenê confirmou. – Mas não uma mulher qualquer. É Julia Abatemarco, alcunhada de Doce Pateta. Guerreira que só! Os condotieros, sob seu comando, destroçaram uma incursão dos Negros e elfos nas redondezas de Mayena, embora em duas ocasiões cinco centenas tivessem atacado três mil homens.

– Ouvi também – Lúcio falou num tom estranho, repulsivamente servil e ao mesmo tempo malicioso – que essa vitória não prestou para nada, que os dobrões gastos com os mercenários foram desperdiçados. Nilfgaard conseguiu recuperar as forças e outra vez infligiu severamente os nossos. E conseguiu cercar Mayena de volta. Talvez até tenha conquistado a fortaleza. Talvez já esteja vindo para cá. Talvez seja apenas uma questão de dias. Talvez esses condotieros corruptos já tenham sido subornados com o ouro nilfgaardiano? Talvez…

– Talvez – interrompeu o soldado enraivecido – você queira levar um soco na cara, cretino? Cuidado, pois o castigo por ladrar calúnias contra nosso exército é a forca! Cale a boca, então, antes que eu perca a paciência!

– Óóó! – o fortão Klaproth escancarou a boca e apaziguou o ambiente. – Vejam, óóó! Vêm uns nanicos engraçados!

Uma formação de infantaria munida de alabardas, bisarmas, bardiches, manguais e porretes com pregos marchava pela estrada ao ritmo da surda batida dos tímpanos, do feroz trombetear das gaitas e do louco silvo dos pífaros. Os soldados, que usavam capotes de pele, cotas de malha e pontudos morriões, eram todos realmente muito baixos.

– Os anões das montanhas – o lansquenê explicou. – Um dos regimentos da Unidade Voluntária de Mahakam.

– E eu pensei – disse Okultich – que os anões não estavam de nosso lado, que estavam contra nós e nos haviam traído, repugnantes nanicos, e que estavam tramando um complô junto com os Negros…

– E só por curiosidade… – O lansquenê olhou para ele com lástima. – Você pensou com quê? Se você, coitado, engolisse uma barata na sopa, teria mais juízo nas tripas que na cabeça. Esses que lá marcham formam um dos regimentos da infantaria anã que Brouver Hoog, o administrador de Mahakam, nos mandou em auxílio. Eles já também, em grande maioria, batalharam, sofreram grandes

prejuízos, por isso tiveram de recuar para as redondezas de Wyzim para reagrupar-se.

– São um povo valente, esses anões – Melfi confirmou. – Uma vez, em Ellander, em Saovine, numa taberna um deles me deu um tapa na orelha. Depois disso zunia no meu ouvido até Yule.

– O regimento dos anões é o último na coluna – o lansquenê cobriu os olhos com a mão. – É o fim do desfile, logo a estrada estará livre. Vamos seguir o caminho, já é quase meio-dia.

•

– Há tantas tropas marchando para o sul – disse o vendedor de amuletos e escabiosas – que certamente haverá guerra. O povo passará por enormes desgraças! E as tropas sofrerão grandes derrotas! O povo morrerá aos milhares, pela espada e pelo fogo. Reparem bem, senhores, que esse cometa visível no céu todas as noites arrasta atrás de si uma vermelha cauda incandescente. Quando um cometa possui uma cauda roxa ou pálida, anuncia doenças frias, febres, pleuras, mucos e catarros, assim como desgraças relativas à água como enchentes, chuvas torrenciais ou garoas. No entanto, a cor vermelha indica que é o cometa da febre, do sangue e fogo, portanto do ferro que nasce do fogo. O povo passará por horríveis, tremendas desgraças! Haverá grandes pogrons e chacinas. Como foi previsto por aquela profecia: haverá cadáveres empilhados até a altura de doze varas, na terra deserta uivarão os lobos, e um humano beijará o rastro dos passos de outro humano… Ai de nós!

– Por que nós? – o lansquenê interrompeu friamente. – O cometa passa lá no alto, também pode ser visto das terras pertencentes a Nilfgaard, sem mencionar o vale do Ina, de onde, segundo dizem, vem Menno Coehoorn. Os Negros também olham para o céu e veem o cometa. Por que, então, não supor que não é a nós que augura a derrota, mas a eles? E que precisamente seus cadáveres serão empilhados?

– Isso mesmo! – o segundo lansquenê rosnou. – Ai deles, os Negros!

– Muito bem pensado, senhores.

– Sem dúvida.

•

Passaram pelas florestas nas redondezas de Wyzim, entraram nos prados e pastos onde pasciam manadas inteiras de cavalos de diversos tipos – de sela, de

trabalho e pesados percherons de tração. Como sempre, em março, havia pouquíssima grama nos prados, mas estavam lá carroças cheias de feno e paióis.

– Estão vendo? – Okultich lambeu os lábios. – Eh, cavalinhos! E ninguém os vigia! É só pegar, escolher…

– Cale a boca – Lúcio sibilou e lançou um sorriso amarelo, servil e desdentado. – Ele, senhores, sonha em servir na cavalaria, por isso olha para esses corcéis com tanta avidez.

– Na cavalaria! – o lansquenê bufou. – O que é que se passa na cabeça de um parvo! Poderia ser, no máximo, um cavalariço, tirar o esterco com um forcado de debaixo dos cavalos e retirá-lo com um carrinho!

– É isso mesmo, senhores.

Continuaram andando e logo chegaram a um dique que passava por entre lagoas e fossos. E subitamente, acima das copas dos amieiros, viram as rubras telhas das torres do castelo de Wyzim que dominava sobre o lago.

– Bem, estamos quase chegando ao destino – disse o comerciante. – Estão sentindo?

– U-uurgh! – Melfi fez uma careta. – Que fedor! O que é aquilo?

– Provavelmente os soldados que morreram de fome com o soldo dado pelo rei – Lúcio murmurou atrás de suas costas, de forma que os lansquenês não o ouvissem.

– Por pouco esse fedor arranca o nariz, hein? – um deles riu. – Pois é, o exército, contado em milhares, invernou aqui. As tropas precisam comer e, depois de comer, cagar. Foi assim que a natureza determinou e não há nada que possa ser feito a esse respeito! E o que é cagado é trazido para cá, jogado nesses fossos, mesmo sem enterrar. No inverno, quando o frio congelava a merda, dava para aguentar, mas quando começa a primavera… Pft!

E chega gente nova e caga por cima da merda velha – o segundo lansquenê cuspiu também. – Estão ouvindo esse forte zumbido? São as moscas. Há nuvens delas, algo nunca antes visto aqui no início da primavera! Cubram o rosto com aquilo que tiverem disponível. Caso contrário, elas se enfiarão em seus olhos e em suas bocas, malditas. Vamos, quanto mais rápido passarmos por aqui, melhor.

•

Deixaram os fossos para trás, mas não conseguiram se livrar do fedor. Pelo contrário, Jarre juraria que, quanto mais se aproximavam da cidade, pior era a fedentina. Só um pouco mais diversificada, mais rica em intensidade e matizes. Fediam o acantonamento e as barracas militares que cercavam as fortificações.

Fedia o enorme leprosário. Fediam as tumultuadas e amontoadas adjacências das fortificações, fedia a muralha, fedia o portão, fediam as cercanias das muralhas, fediam as praças e ruas, fediam as muralhas do castelo que dominava sobre a cidade. Felizmente, as narinas se acostumavam rapidamente e logo não fazia nenhuma diferença se era o esterco, a carniça, urina de gato ou mais uma casa de pasto.

As moscas estavam em toda parte. Zumbiam insistentemente, enfiavam-se nos olhos, ouvidos e narizes. Não deixavam se espantar. Era mais fácil esmagá-las no rosto. Ou dilacerar com os dentes.

Mal saíram da penumbra do portão, toparam com uma enorme pintura na parede com um cavaleiro apontando o dedo em sua direção. O letreiro embaixo da imagem perguntava em maiúsculas: E VOCÊ? JÁ SE ALISTOU?

– Já, já – o lansquenê murmurou. – Infelizmente.

Havia mais pinturas desse tipo. Poder-se-ia dizer: a cada parede, uma pintura. Dominava o tal cavaleiro com o dedo, com frequência apareciam também a patética Pátria Mãe com os brancos cabelos esvoaçados e, ao fundo, vilas em chamas e bebês atravessados com piques nilfgaardianos. Havia, esporadicamente, imagens de elfos com facas ensanguentadas nos dentes.

De repente, Jarre olhou para trás e se deu conta de que estavam sozinhos, ele, os lansquenês e o comerciante. Não havia nenhum vestígio de Lúcio, Okultich, os vilões recrutas ou Melfi.

– É isso mesmo – o lansquenê confirmou suas suspeitas examinando-o com o olhar. – Seus companheiros sumiram na primeira oportunidade, varreram o chão com o rabo atrás da primeira quina. E você sabe, rapaz, o que eu vou lhe dizer? É bom que seus caminhos se tenham separado. Não insista para que eles voltem a se cruzar novamente.

– Só fico com pena de Melfi – Jarre murmurou. – Afinal de contas, é um bom rapaz.

– Todos escolhem seu próprio destino. Agora venha conosco. Nós lhe mostraremos onde fica o posto de recrutamento.

Entraram numa pequena praça no meio da qual havia um pelourinho em cima de um pedestal de pedra. Em volta dele juntaram-se os cidadãos e os soldados. O condenado, preso, que acabara de ser atingido no rosto por um bolo de lama, cuspia e chorava. A multidão dava gargalhadas.

– Eta! – o lansquenê gritou. – Vejam só quem foi preso! Fuson! Estou curioso para saber o que foi que ele aprontou.

– Plantou – um gordo cidadão vestido de pele de lobo e gorro de feltro correu para explicar.

– O quê?

– Plantou – o gordo repetiu com ênfase. – Foi preso porque semeava!

– Ah! Agora me desculpe, você foi longe demais, pôs um boi no silo – o lansquenê riu. – Eu conheço Fuson. É sapateiro, filho e neto de sapateiro. Ele nunca lavrou, semeou, nem sequer pegou na enxada na vida. Você está exagerando com essa história de semear. Muito mesmo.

– São as palavras do próprio meirinho! – o cidadão zangou-se. – Por ter semeado, ficará no pelourinho até a madrugada! Semeava, esse malfeitor, incitado pelos nilfgaardianos e suas moedas de prata… É verdade, semeava uns grãos estranhos, dizem que ultramarinos… Deixe-me lembrar o nome… Ahã! Semeava derrotismo!

– É isso mesmo! – gritou o vendedor de amuletos. – Ouvi falar disso! Os espiões nilfgaardianos e os elfos propagam epidemias, intoxicam poços, nascentes e riachos com diversos venenos, entre eles: datura, cicuta, lepra e derrotismo.

– Pois é – o cidadão vestido de pele de lobo acenou com a cabeça. – Ontem enforcaram dois elfos. Certamente por envenenamento.

•

– Atrás da esquina desta rua – o lansquenê apontou – há uma taberna que atende à comissão de recrutamento. Há uma grande lona estendida ornada com as flores-de-lis temerianas que você, rapaz, conhece, portanto chegará lá sem problemas. Passe bem. Que os deuses permitam nos encontrar em tempos melhores. Senhor comerciante, passe bem também.

O comerciante pigarreou em voz alta.

– Estimados senhores – disse, remexendo os baús e os cofres –, permitam-me que eu agradeça por sua ajuda… Em agradecimento…

– Não se afobe, bom homem – o lansquenê disse com um sorriso no rosto. – Ajudamos e pronto, não há mais nada para ser falado…

– Talvez possa lhes oferecer uma pomada contra as feridas de bala? – O comerciante achou algo no fundo do cofre. – Talvez o remédio universal e sempre eficaz contra bronquite, gota, paralisia, caspa ou garrotilho? Ou um bálsamo de resina para aliviar as picadas de abelhas, víboras ou vampiros? E que tal um talismã para proteger dos efeitos do mau olhado?

– E será que – o segundo lansquenê perguntou com seriedade – o senhor tem algo para proteger dos efeitos de comida ruim?

– Tenho! – o comerciante gritou com alegria. – Eis aqui uma escabiosa muito eficaz, feita à base de raízes mágicas e condimentada com ervas aromáticas. Três gotas após a refeição serão suficientes. Tomem, por favor, estimados senhores.

– Obrigado. Passe bem, então, senhor. E passe bem, rapaz. Boa sorte!

– Justos, bem-educados e gentis – o comerciante avaliou quando os soldados desapareceram por entre a multidão. – Não é com frequência que se encontram pessoas assim. Mas tive sorte de encontrá-lo também, meu jovem. O que posso lhe oferecer? Um amuleto para-raios? Um bezoar? Uma pedra-tartaruga eficaz contra os feitiços das bruxas? Hã, tenho também um dente de um morto para fumigar, tenho ainda um pedaço de excrementos secos do diabo, é bom carregar algo assim no sapato direito…

Jarre desviou o olhar das pessoas que lavavam afincadamente o letreiro "ABAIXO A MALDITA GUERRA" da parede de uma casa.

– Deixe estar – disse. – Está na hora de eu ir…

– Hã! – o comerciante gritou e tirou de um cofre um medalhão de latão em forma de coração. – Isto aqui, jovem, deve lhe servir bem, pois é algo adequado para os jovens. É uma grande raridade, tenho apenas um exemplar. É um amuleto mágico. Faz com que a amada de quem o usa não se esqueça dele, mesmo que o tempo e a distância os separem. Veja só, abre-se aqui e dentro há uma folhinha de papiro fino. Basta apenas escrever nela o nome da amada com a mágica tinta vermelha que tenho comigo, e ela não se esquecerá, não se inquietará seu coração, não o trairá nem o deixará. E aí?

– Hmmm… – Jarre corou levemente. – Sei não…

– Qual nome – o comerciante imergiu o pauzinho na tinta mágica – devo gravar?

– Ciri. Isto é, Cirilla.

– Pronto. Tome.

– Jarre! Diabos, mas o que você está fazendo aqui?

Jarre virou-se bruscamente. "Esperava", pensou maquinalmente, "que deixaria todo meu passado para trás e que a partir de agora tudo seria novo. No entanto, topo constantemente com antigos colegas."

– Senhor Dennis Cranmer…

O anão, vestido de um pesado abrigo de pele, couraça, braçais de ferro e um pontudo gorro de pele de raposa com cauda, lançou um olhar esperto para o

rapaz, o comerciante, e novamente para o rapaz.

– O que – perguntou severamente, eriçando as sobrancelhas, a barba e o bigode – você está fazendo aqui, Jarre?

Por um momento o rapaz ponderou a possibilidade de mentir e meter o gentil comerciante na história forjada só para deixar o relato verossímil. Mas quase imediatamente desistiu da ideia. Dennis Cranmer, que há anos servira na guarda do príncipe de Ellander, tinha a reputação de ser um anão difícil de ser enganado. Portanto, não valia a pena arriscar.

– Quero me alistar no exército. S

abia qual era a seguinte pergunta.

– Nenneke lhe permitiu?

Não precisava responder.

– Você fugiu – Dennis Cranmer acenou com o queixo. – Simplesmente fugiu do templo. E Nenneke e as sacerdotisas estão morrendo de preocupação…

– Deixei uma carta – Jarre balbuciou. – Senhor Cranmer, eu não podia… Eu precisava… Não podia ficar inerte enquanto o inimigo cruzava a fronteira… Num momento perigoso para a pátria… Além disso, ela… Ciri… Mãe Nenneke não queria deixar, de forma alguma, embora tivesse mandado três quartos das meninas do templo para a tropa. No entanto, a mim não deixava… E eu não podia…

– Então você fugiu – o anão franziu as sobrancelhas com severidade. – Por mil demônios, deveria amarrá-lo a um pau e mandar de volta para Ellander pelo estafeta! Mandar trancá-lo na caverna debaixo do castelo até que as sacerdotisas fossem recolhê-lo. Deveria…

Bufou com raiva.

– Quando foi a última vez que você comeu, Jarre? Quando foi a última vez que você colocou uma comida quente na boca?

– Realmente quente? Há três… Não, há quatro dias.

– Venha.

•

– Coma mais devagar, filhinho – Zoltan Chivay, um dos companheiros de Dennis Cranmer, chamou sua atenção. – Não é saudável comer às pressas, sem mastigar devidamente. Por que tanta pressa? Acredite, ninguém vai lhe roubar essa comida.

Jarre não tinha tanta certeza disso. Na sala principal da taberna Urso Peludo estava decorrendo uma disputa de socos. Dois anões corpulentos e largos como

estufas disputavam entre si dando socos de modo que todo o lugar retumbava por entre os gritos dos camaradas da Unidade Voluntária e o aplauso das prostitutas locais. O chão estalava, os móveis e a louça caíam, e as gotas de sangue que respingavam dos narizes quebrados caíam em volta feito chuva. Jarre apenas esperava um dos guerreiros desabar em cima de sua mesa de oficiais, derrubando o prato de madeira com os joelhos de porco, a vasilha com a ervilha-forrageira e as canecas de barro. Engoliu rapidamente o pedaço de toucinho que havia mordido, tendo chegado à conclusão de que todo o engolido já era seu.

– Não entendi bem, Dennis. – Outro anão, chamado Sheldon Skaggs, nem virou a cabeça, embora um dos lutadores quase houvesse esbarrado nele enquanto executava um soco. – Já que esse rapaz é um sacerdote, então como pode se alistar? Os sacerdotes não podem derramar o sangue.

– Ele é um aluno do templo, não é sacerdote.

– Nunca, droga, consegui entender essas confusas superstições dos humanos. Mas não se deve debochar das crenças alheias… No entanto, pode-se concluir que este jovem, embora criado no templo, não tem nada contra o derramamento de sangue. Especialmente o sangue nilfgaardiano. E aí, jovem?

– Deixe-o comer em paz, Skaggs.

– Responderei com vontade… – Jarre engoliu um pedaço do joelho de porco e enfiou na boca um punhado de ervilha-forrageira. – É o seguinte: pode-se derramar sangue numa guerra justa. Em defesa de causas superiores. Foi por isso que eu me alistei… A Pátria Mãe chama…

– Vocês próprios estão vendo – Sheldon Skaggs correu os olhos pelos companheiros – o quanto é verdadeira a afirmação de que os humanos são uma raça próxima da nossa e com a qual temos afinidade. Descendemos da mesma raiz, nós e eles. A melhor prova disso está aqui diante de nós, mastigando a ervilha-forrageira. Em outras palavras: vocês também encontrarão uma multidão desse mesmo tipo de tolos entusiastas entre os jovens anões.

– Especialmente depois da difícil situação em Mayena – Zoltan Chivay observou com frieza. – Depois de uma batalha vitoriosa sempre aumenta o alistamento voluntário. O incentivo cessará quando se espalharem as notícias sobre o exército de Menno Coehoorn que se dirige para a montante do rio Ina, deixando terra e água para trás.

– Tomara que então o incentivo não tome o rumo contrário – Cranmer murmurou. – Não sei por quê, mas não confio nos voluntários. O curioso é que, de quase cada dois desertores, um é voluntário.

– Como podem… – Jarre quase engasgou. – Como o senhor pode sugerir algo assim, senhor… Eu vou por motivos ideológicos… Para uma guerra justa e legítima… A Pátria Mãe…

Um dos lutadores anões desabou sob um soco, que ao garoto pareceu ter estremecido as fundações do edifício, já que a poeira acumulada nas frestas do piso levantou-se à altura de uma vara. Dessa vez derrubado mesmo, ao invés de erguer-se às pressas e devolver o soco ao adversário, permanecia prostrado no chão agitando os membros desajeitada e desordenadamente, lembrando um enorme besouro virado de pernas para o ar.

Dennis Cranmer levantou-se.

– O assunto está resolvido! – anunciou ostentosamente, olhando em volta da taberna. – O cargo de comandante da companhia com vaga a preencher após a morte heroica de Elkan Foster, sucumbido no campo de honra nas redondezas de Mayena, será ocupado por… Como você se chama, filho? Pois esqueci…

– Blasco Grant! – O vencedor da disputa de socos cuspiu um dente para o chão.

– … será ocupado por Blasco Grant. Há mais alguma questão que desperta controvérsias quanto às promoções? Não? Muito bem, então. Taberneiro! Cerveja!

– Sobre o que nós estávamos falando?

– Sobre a guerra justa – Zoltan Chivay começou a enumerar com os dedos. – Sobre os voluntários. Sobre os desertores…

– Pois é – Dennis interrompeu. – Sabia que queria me referir a algo e o assunto em questão eram os desertores e os voluntários traidores. Lembrem-se do ex-corpo militar cintrense de Vissegerd. Filhos da puta, parece que nem trocaram o estandarte. Quem me informou foi a Companhia Livre da bandeira de Julia "Doce Pateta". A bandeira de Julia entrou num embate com os cintrenses nos arredores de Mayena. Eles iam na dianteira da incursão nilfgaardiana, sob o mesmo estandarte com os leões…

– Chamou-os a Pátria Mãe – Skaggs intrometeu-se, soturno. – E a imperatriz Ciri.

– Mais baixo – Dennis sibilou.

– Verdade – falou o quarto anão, Yarpen Zigrin, até então calado. – Mais baixo, mais baixo que o próprio silêncio! E não é pelo medo dos espiões, mas pelo fato de que não se deve falar sobre coisas das quais não se tem a menor ideia.

– Já você, Zigrin – Skaggs empinou a barba –, tem essa noção, não é?

– Tenho, sim. E digo uma coisa: ninguém, não importa se fosse Emhyr var Emreis, os feiticeiros rebeldes da ilha de Thanedd, ou até o próprio diabo, eles não conseguiriam forçar essa menina a fazer nada. Não conseguiriam derrubá-la. Eu sei disso porque a conheço. Esse tal de casamento com Emhyr é uma mistificação. Uma mistificação com a qual muita gente tola se deixou enganar… Digo-lhes que o destino dessa menina é outro. Completamente diferente.

– Zigrin, você fala – Skaggs murmurou – como se realmente a conhecesse.

– Deixe estar – Zoltan Chivay rosnou inesperadamente. – Ele tem razão com esse tal do destino. Eu acredito nisso. Tenho meus motivos.

– Ora – Sheldon Skaggs acenou com a mão. – Para que gastar a língua? Cirilla, Emhyr, o destino… São questões distantes. Senhores, temos um assunto mais urgente – Menno Coehoorn e o Grupo do Exército "Meio".

– Pois é – Zoltan Chivay suspirou. – Parece-me que não conseguiremos evitar uma grande batalha. Talvez a maior que a história já conheceu.

– Muitas coisas – Dennis Cranmer murmurou. – Realmente, muitas coisas serão resolvidas…

– E ainda mais coisas terão seu fim.

– Tudo… – Jarre arrotou, cobrindo, de acordo com o costume, a boca com a mão. – Tudo terminará.

Os anões ficaram fitando-o por um momento em silêncio.

– Não entendi bem – por fim, Zoltan Chivay falou – o que quis dizer, jovem. Você não gostaria de explicar o que quis dizer?

– No conselho do ducado… – Jarre gaguejou. – Isto é, em Ellander, diziam que a vitória nessa grande guerra era tão importante porque… Seria a grande guerra que poria fim a todas as guerras.

Sheldon Skaggs bufou e cuspiu a cerveja sobre a barba. Zoltan Chivay caiu na gargalhada.

– Não acham isso, senhores?

Agora era a vez de Dennis Cranmer de bufar. Yarpen Zigrin manteve a seriedade, olhava para o rapaz atentamente, um pouco preocupado.

– Filho – falou, por fim, com muita seriedade. – Veja só. Quem está ali, ao balcão, é Evangelina Parr. E é preciso admitir que é de um tamanho respeitável. Ora, é enorme. Mas apesar de seu tamanho, acima de qualquer dúvida, não é uma puta capaz de pôr fim a todas as putas.

•

Dennis Cranmer parou depois de virar e entrar num beco deserto e estreito.

– Preciso elogiá-lo, Jarre – disse. – Sabe por quê?

– Não.

– Não finja. Não precisa fingir diante de mim. Preciso elogiá-lo por não ter nem sequer piscado quando falaram sobre essa Cirilla. E é mais louvável ainda que naquela hora você nem abriu a boca… Ora, não faça caretas. Eu sabia de muitas coisas que aconteciam lá na Nenneke atrás do muro do templo, pode crer, que de muitas coisas mesmo. E, se isso for pouco, saiba que ouvi o nome que o comerciante gravou no medalhão. Continue assim. – O anão fingiu discretamente que não havia notado o rapaz rubejar. – Continue assim, Jarre. E não apenas no que se refere à Ciri… Para o que você está olhando?

Na parede do silo visível na saída da rua havia um torto letreiro escrito com cal, que dizia: FAÇA AMOR, NÃO FAÇA GUERRA. E logo embaixo alguém rabiscou com letras muito menores: FAÇA COCÔ TODAS AS MANHÃS.

– Olhe para o outro lado, seu bobo! – Dennis Cranmer gritou. – Você pode cair em desgraça só de olhar para esse tipo de letreiros, é capaz de dizer algo na hora errada, aí o levarão para o pelourinho e o sujeitarão a um látego sanguinário, esfolando a pele em suas costas. Aqui a justiça é apressada! Muito apressada!

– Eu vi – Jarre murmurou – um sapateiro acorrentado. Supostamente por disseminar o derrotismo.

– Sua disseminação – o anão afirmou com seriedade, puxando o rapaz pela manga – provavelmente se baseou em chorar, em vez de clamar patrioticamente, na hora de se despedir do filho recruta. Aqui o castigo por uma disseminação mais séria é diferente. Venha, vou lhe mostrar.

Entraram numa pequena praça. Jarre recuou cobrindo a boca e o nariz com a manga. Numa grande forca feita de pedra pendiam dezenas de cadáveres. Alguns – o cheiro e a aparência o revelavam – pendiam havia muito tempo.

– Este aqui – Dennis apontou, espantando simultaneamente as moscas – escrevia letreiros estúpidos nas muralhas e cercas. Aquele afirmava que a guerra era um assunto dos senhores e que os vilões recrutas nilfgaardianos não eram seus inimigos. O outro, embriagado, contava a seguinte anedota: “O que é uma lança? É a arma dos poderosos, um pau que tem um pobre em cada ponta.” E ali, no fundo, está vendo aquela mulher? É a cafetina do bordel militar ambulante que o enfeitou com o seguinte letreiro: “Guerreiro, fornique hoje! Aproveite, na guerra a vida foge.”

– Só por isso…

– Fora disso, uma das moças tinha, o que se soube, gonorreia. E isso se encaixava no parágrafo sobre a sabotagem e o enfraquecimento das capacidades de combate.

– Entendi, senhor Cranmer. – Jarre estirou-se na posição que considerava ser a de soldado. – Mas não se preocupe comigo. Eu não sou nenhum derrotista…

– Você não entendeu merda nenhuma e não me interrompa porque não terminei ainda. A culpa desse último enforcado, esse que já fede bastante, era reagir à conversa-fiada de um espião provocador com um grito: "É justo o que diz, tem razão, senhor. Não pode ser diferente. Assim como dois mais dois é quatro!" Agora diga que você entendeu.

– Entendi. – Jarre olhou em volta sorrateiramente. – Terei cuidado. Mas… Senhor Cranmer… Como realmente está a situação…

O anão também olhou em volta.

– Realmente – disse em voz baixa – o Grupo do Exército "Meio" do marechal Menno Coehoorn está avançando para o norte com uma força de aproximadamente cem mil homens. Realmente, se não fosse pelo levante em Verden, já estariam aqui. Realmente, seria bom se houvesse negociações. Realmente, Temeria e Redânia não têm a força suficiente para parar Coehoorn. Realmente, não antes da linha estratégica de Pontar.

– O rio Pontar – Jarre suspirou – fica ao norte de onde nós estamos.

– Foi isso o que quis dizer. Mas lembre-se: mantenha a boca calada acerca disso.

– Terei todo o cuidado. Quando eu já estiver na unidade, também precisarei fazer a mesma coisa? Lá também posso topar com um espião?

– Numa unidade de combate? Perto da linha da frente? É menos provável. Os espiões são tão assíduos atrás da frente porque temem ser levados para a frente. Além disso, se enforcassem todos os soldados que reclamassem, se queixassem ou difamassem, não haveria gente para lutar. Mas é melhor, Jarre, que sempre mantenha a boca fechada como no caso do assunto dessa Ciri. Preste atenção ao que eu vou dizer: em boca fechada não entra mutuca. Agora venha comigo, eu o levarei até a comissão.

– Lá o senhor intercederá por mim? – Jarre olhou para o anão com esperança. – Por favor, senhor Cranmer.

– Não seja tolo, escrevinhador. Aqui é a tropa! Interceder por você e o proteger seria como bordar "otário" com fio de ouro em suas costas! Não o deixariam em paz em sua unidade, garoto.

– E se eu for com o senhor… – Jarre piscou. – Para sua unidade…

– Nem pense nisso.

– Pois em sua unidade há vagas apenas para os anões, não é? Para mim não haveria, pois não?

– Não.

"Para você não", Dennis Cranmer pensou. "Para você não. Eu ainda tenho dívidas para pagar com Nenneke. Por isso queria que você voltasse vivo dessa guerra. E a Unidade Voluntária de Mahakam composta por anões, por indivíduos de uma raça estranha e inferior, terá sempre as piores tarefas para cumprir, nos piores setores da frente. Lá, de onde não há volta. Lá, para onde não se enviariam humanos."

– Como fazer, então – Jarre retomou, triste –, para ser designado a uma boa unidade?

– E qual delas você considera suficientemente boa para ser digna do esforço feito para ser delegado a ela?

Jarre virou-se, pois ouviu um canto que crescia como as ondas da marulhada, aumentava como as trovoadas de uma tempestade que se aproxima depressa. Um canto alto, arrogante, forte, duro como aço. Já ouvira um canto assim.

Pela rua que levava até o castelo deslocava-se a passo calmo, alinhada em três, a Companhia dos Condotieros. O comandante encabeçava o desfile, posicionado abaixo de uma vara ornada de caveiras humanas, montado num garanhão lobuno claro. Tinha um nariz romano e o cabelo grisalho arranjado numa trança que caía sobre a armadura.

– Adam "Adieu" Pangratt – Dennis Cranmer murmurou.

O canto dos condotieros troava, ressoava, ribombava. Contraponteado pelo tinir das ferraduras sobre os paralelepípedos, enchia a ruela até os cimos das casas, erguia-se sobre elas, para o céu anil lá no alto, sobre a cidade.

Esposas e amantes lágrimas não derramarão
Quando for a hora de abraçar a sangrenta terra
Pelo rubro tal qual o sol dobrão
Com fervor lutaremos nesta guerra!

– O senhor pergunta em que unidade… – disse Jarre, não conseguindo tirar os olhos dos cavaleiros. – Quem me dera numa como esta aqui! Teria vontade de…

– Cada um cantará sua própria canção – o anão interrompeu em voz baixa. – E cada um de seu modo abraçará a terra sangrenta. Do jeito que for. E pode ser que derramem lágrimas pela perda, ou não. Na guerra, escrevinhador, só se canta e marcha ritmicamente, alinha-se apropriadamente. E depois, no combate, cada um segue sua própria sorte. Não importa se for na Companhia Livre de

“Adieu” Pangratt, na infantaria ou nos vagões… Usando uma armadura reluzente e com um formoso penacho, ou de alpargatas de cortiça e uma samarra piolhenta… Montando um ginete veloz ou carregando um pavês… A cada um algo distinto. O que lhe couber! E aí está a comissão, você está vendo o letreiro sobre a porta da entrada? Seu caminho leva até lá, já que decidiu ser soldado. Vá, Jarre. Passe bem. Nós nos veremos quando tudo tiver terminado.

O anão seguiu o rapaz com o olhar até o momento em que desapareceu atrás da porta da taberna ocupada pela comissão de recrutamento.

– Ou não nos veremos – acrescentou em voz baixa. – Não se sabe qual é o destino de cada um. Ou qual será nossa sorte.

•

– Anda a cavalo? Sabe manusear o arco ou a besta?

– Não, senhor comissário. Mas sei escrever e fazer caligrafia, inclusive as Antigas Runas… Conheço a Língua Antiga…

– Sabe manusear a espada? E manejar uma lança?

– … eu li a *História das guerras*. As obras do marechal Pelligram… E de Roderick de Novembre…

– Você sabe, ao menos, cozinhar?

– Não, não sei… Mas sou bom em cálculos…

O comissário franziu o cenho e acenou com a mão.

– Um erudito sabichão! Quantos já passaram por aqui hoje? Delegue-o para a pê-efe-i. Você, jovem, vai servir na pê-efe-i. Vá logo com esse certificado para o confim sul da cidade, e depois passe pelo Portão de Maribor. De lá precisará se guiar em direção do lago.

– Mas…

– Chegará lá sem problemas. Próximo!

•

– Eita, Jarre! Espere, hein?

– Melfi?

– Sou eu mesmo! – O tanoeiro cambaleou e apoiou-se no muro. – Eu, caralho, eh, eh!

– O que é que você tem?

– Eu, hein? Eh, eh! Nada! Bebemos um pouco! Bebemos à derrota de Nilfgaard! Eita, Jarre, estou feliz de vê-lo, pois já pensei que o tivesse perdido…

Meu camarada…

Jarre recuou, como se alguém lhe tivesse dado um soco. O tanoeiro cheirava não apenas a cerveja asquerosa, mas também a vodca ainda mais nojenta, assim como a cebola, alho e o diabo sabe a que mais. Era horrível.

– E onde está – perguntou com sarcasmo – sua maravilhosa companhia?

– Está falando de Lúcio? – Melfi franziu o cenho. – Então eu lhe digo: que se dane! Sabe, Jarre, acho que não era um bom homem.

– Parabéns. Você demorou para se tocar, hein.

– Pois é! – Melfi enfunou-se, sem perceber o deboche. – Ele até que tinha bastante cuidado, mas maldito seja quem me enganar! Eu já sei o que ele planejara! E por que veio até aqui, para Wyzim! Você, Jarre, deve pensar que ele e essa sua corja queriam se alistar como nós? Hã, você está enganado! Sabe o que ele planejou? Não vai acreditar!

– Vou, sim.

– Ele – Melfi terminou triunfalmente – precisava de cavalos e uniformes, queria roubá-los aqui ou algures, pois planejou fazer bandoleirismo disfarçado de soldado!

– Que o carrasco o tenha.

– Quanto mais rápido, melhor! – O tanoeiro cambaleou levemente, ficou ao pé do muro e desabotoou a calça. – Só fico com pena de Ograbek e Milton. Burros toscos, deixaram-se levar, foram atrás de Lúcio e daí cairão, também, nas mãos do carrasco. Mas, tudo bem, que se danem esses jecas! E você, como está, Jarre?

– Em relação a quê?

– Já foi delegado pelos comissários? – Melfi soltou uma mijada sobre o muro caiado. – Pergunto porque eu já me alistei. Preciso sair da cidade, pelo Portão de Maribor, e dirigir-me para o confim sul. E você vai para onde?

– Também para o sul.

– Hã! – O tanoeiro deu uma série de saltos, chacoalhou e abotoou a calça. – Então talvez nós guerreemos juntos?

– Não acho – Jarre olhou para ele com soberba. – Eu fui designado de acordo com minhas qualificações. Para a pê-efe-i.

– Mas é claro. – Melfi soluçou e bafejou com sua horrível mistura. – Você é estudioso! Devem delegar sabichões como você a assuntos importantes. Não é qualquer um que tem essa sorte. Mas, fazer o quê? Por enquanto ainda caminharemos juntos um pouco já que ambos vamos para o confim sul da cidade.

– Parece que sim.

– Vamos, então.

– Vamos.

•

– Acho que este não é o lugar certo – Jarre avaliou, olhando para o arraial cercado de barracas em que uma companhia de maltrapilhos com longas varas sobre os ombros levantava poeira. Cada maltrapilho, como o rapaz observou, tinha um feixe de feno preso à perna direita e um fardo de palha preso à perna esquerda.

– Acho que erramos de caminho, Melfi.

– Palha! Feno! – ouviam-se os gritos do cabo. – Palha! Feno!

Alinhados, caralho!

– O estandarte tremula sobre as barracas – disse Melfi. – Veja só, Jarre. As mesmas flores-de-lis sobre as quais você falou no caminho. Há um estandarte? Há. Há tropa? Há. Isso quer dizer que é o lugar certo. Chegamos bem.

– Talvez você. Eu certamente não.

– Ali, ó, junto da cerca há um oficial de patente. Vamos perguntar.

Depois tudo passou muito rápido.

– São novos? – o sargento berrou. – Do recrutamento? – Deem-me os papéis! Por que, caralho, estão parados os dois? Marquem passo! Não fiquem parados, caralho! Virem à esquerda! Voltem, caralho, para a direita! Andem! Correndo! Voltem, caralho! Escutar e decorar! Primeiro, caralho, vão até o quartel-mestre! Solicitar a armadura! A cota de malha, a couraça, a pique, caralho, o elmo e um scramasax! E depois para o treinamento! Estejam prontos para o toque de reunir ao entardecer, caralho! Marcheeem!

– Com licença – Jarre olhou em volta timidamente. – Eu acho que fui designado a outra companhia…

– Cooooooooomo?!?

– Peço desculpas, senhor oficial. – Jarre rubejou. – Só queria evitar um eventual erro… Pois o senhor comissário disse explicitamente… Que iria ser delegado à pê-efe-i, então eu…

– Você está em casa, rapaz – o sargento bufou, desarmado pelo “senhor oficial”. – Esta é exatamente a sua companhia. Bem-vindo à Pobre Fodida Infantaria.

•

– Qual motivo – Rocco Hildebrandt repetiu – ou costume requer que paguemos o tributo aos estimados senhores? Nós já pagamos tudo o que era preciso pagar.

– Vejam só, porra! Um metadílio sabichão! – Lúcio, montado espaçosamente na sela do cavalo roubado, lançou um sorriso de ponta a ponta, mostrando os dentes aos camaradas. – Já pagou! E acha que tudo! Exatamente como aquele pavão… Lembrem-se de que o pavão de hoje é o espanador de amanhã!

Okultich, Klaproth, Milton e Ograbek soltaram uma gargalhada em uníssono. A piada era de primeira. E a diversão prometia.

Rocco notou os asquerosos olhares pegajosos dos bandoleiros e virou-se. Na soleira da porta estava Incarvilia Hildebrandt, sua esposa, junto de Aloë e Yasmin, suas duas filhas.

Lúcio e sua companhia olhavam para as mulheres hobbits, sorrindo repugnantemente. Sim, sem dúvida a diversão prometia.

Do outro lado da estrada de terra batida a sobrinha de Hildebrandt, Impatientia Vanderbeck, chamada carinhosamente de Impi, aproximou-se da cerca viva. Era realmente uma bela menina. Os sorrisos dos bandidos tornaram-se ainda mais asquerosos e mais nojentos.

– E aí, anãozinho – Lúcio o apressou. – Dê uma moeda ao exército real, dê comida, cavalos, retire as vacas do estábulo. Não vamos ficar parados aqui até o pôr do sol. Precisamos ainda visitar algumas aldeias.

– Por que devemos pagar e dar? – a voz de Rocco Hildebrandt tremia levemente, mas ainda ressoavam nela persistência e obstinação. – Dizem que é para o exército, para nossa defesa. E eu pergunto: quem nos defenderá da fome? Nós já pagamos pelo acantonamento, pagamos a contribuição para o mantimento do exército, a capitação, o imposto sobre a propriedade territorial rural, o imposto sobre o patrimônio, a gratificação para os tocadores de gado, o imposto em grãos, e só o diabo sabe o que mais! Além disso, quatro homens deste povoado, inclusive meu próprio filho, guiam os carros da tropa! Ninguém mais que meu cunhado, Milo Vanderbeck, alcunhado de Ruivo, é cirurgião de campanha, uma pessoa importante no exército. Isto é, nós cumprimos em dobro a obrigação de enviar nosso contingente de jeira… Como, então, é possível que precisemos pagar mais? Pelo quê e para quê? E por quê?

Lúcio lançou uma longa olhada para Incarvilia Hildebrandt, cujo nome de solteira era Biberveldt, a mulher do metadílio, e para suas filhas bochechudas, Aloë e Yasmin. E para Impi Vanderbeck, que parecia uma linda boneca trajando seu vestido verde. Para Sam Hofmeier e seu avô, o velhinho Holofernes. Para a

avó Petúnia, que cavava a horta com obstinação. Para os restantes metadílios do povoado, principalmente mulheres e adolescentes, olhando temerosamente de dentro das casas ou de trás das cercas.

– Você pergunta por quê? – sibilou, inclinando-se na sela e mirando nos apavorados olhos do metadílio. – Eu lhe direi por quê. Porque você é um metadílio sarnento, estranho, vadio, e quem o desapropria, seu monstro repugnante, faz os deuses se regozijarem. Quem o perseguir, ó criatura, fará uma caridade e cumprirá um ato paterótico. E também porque estou morrendo de vontade de queimar esse seu ninho abominável. E estou morrendo de vontade de comer essas suas anãs. E porque nós somos cinco rijos bandoleiros e vocês são um punhado de anões cagões. Agora você já sabe o porquê?

– Agora já sei – Rocco Hildebrandt falou devagar. – Vão embora daqui, Grandes Homens. Fora daqui, capetas. Não lhes daremos nada.

Lúcio endireitou-se, estendeu a mão para pegar o scramasax preso à sela.

– Batam neles! Matem-nos!

Com um movimento tão veloz que imperceptível pelo olho, Rocco Hildebrandt inclinou-se na direção dos carrinhos de mão, tirou a besta escondida debaixo da esteira, apoiou-a sobre a bochecha e disparou uma seta diretamente na boca de Lúcio, escancarada num grito. Incarvilia Hildebrandt, cujo nome de solteira era Biberveldt, executou um revés com a mão e uma foice deslizou pelo ar, acertando com ímpeto a garganta de Milton. O filho de um vilão vomitou sangue e caiu dando cambalhotas pela garupa do cavalo, agitando as pernas grotescamente. Ograbek desabou berrando, caiu debaixo dos cascos do cavalo, acertado pela podadeira do avô Holofernes, enfiada em sua barriga até os cabos de madeira. O fortão Klaproth levantou a mão em que segurava um porrete contra o ancião, mas caiu da sela, gemendo horrivelmente, acertado bem no olho com um espeto para plantio arremessado por Impi Vanderbeck. Okultich virou o cavalo e quis fugir, mas a avó Petúnia saltou até ele e encravou os dentes da enxada em sua coxa. Okultich berrou, caiu, a perna ficou presa no estribo, e o cavalo assustado arrastou-o pelas cercas e afiadas estacas. O bandido arrastado berrava e ululava, e atrás dele, feito duas lobas, corriam a avó Petúnia com a enxada, e Impi com uma torta faca para enxertar árvores.

O avô Holofernes assoou o nariz com força.

Todo o ocorrido – desde o grito de Lúcio até o assoar do nariz do avô Holofernes – durou mais ou menos o mesmo tanto que proferir a seguinte frase: “Os metadílios são incrivelmente rápidos e arremessam infalivelmente qualquer tipo de armas.”

Rocco sentou-se nas escadas do casebre. Incarvilia Hildebrandt, cujo nome de solteira era Biberveldt, sentou-se a seu lado. Suas filhas, Aloë e Yasmin, foram ajudar Sam Hofmeier a acabar com os feridos e despojar os mortos.

Voltou Impi, trajando seu vestido verde com as mangas manchadas de sangue até os cotovelos. A avó Petúnia também estava voltando. Ia devagar, arfando, gemendo, apoiada em sua enxada ensanguentada e segurando o sacro. "Nossa vozinha está envelhecendo", Hildebrandt pensou.

– Onde enterrar os bandidos, senhor Rocco? – Sam Hofmeier perguntou.

Rocco Hildebrandt abraçou a mulher pelas costas e olhou para o céu.

– No bosque de bétulas – disse. – Junto dos outros.

CAPÍTULO SÉTIMO

A sensacional aventura do senhor Malcolm Guthrie de Braemore fez sucesso nas páginas de vários jornais. Até o Daily Mail *londrino dedicou-lhe algumas pautas no caderno "Bizarre". No entanto, nem todos nossos leitores costumam ler a imprensa publicada ao sul de Tweed, e, caso realmente o façam, optam por jornais mais sérios do que* Daily Mail*, portanto trataremos de lembrar esses acontecimentos. No dia 10 de março deste ano o senhor Malcolm Guthrie foi pescar no Loch Glascarnoch. Lá, o senhor Guthrie deparou com uma jovem com uma detestável cicatriz no rosto (sic!) que emergia da bruma e do abismo (sic!), montada numa negra égua (sic!) acompanhada de um branco unicórnio (sic!). A moça abordou o espantado senhor Guthrie numa língua que o senhor Guthrie descreveu gentilmente como: "francês ou algum outro dialeto do continente". Já que o senhor Guthrie não fala francês, nem sequer um dialeto do continente, não conseguiu estabelecer uma conversa. A moça e os animais que a acompanhavam desapareceram, de acordo com o senhor Guthrie: "como um sonho de ouro".*

Nosso comentário: o sonho do senhor Guthrie era, sem dúvida, tão dourado em sua tonalidade quanto o uísque puro malte que o senhor Guthrie costumava, segundo os relatos, tomar com frequência, o que explicaria a visão dos brancos unicórnios e alvos ratos, assim como monstros dos lagos. Contudo, a questão que queremos levantar aqui é: o que é que o senhor Guthrie fazia pescando no Loch Glascarnoch quatro dias antes do fim do período de defeso?

Inverness Weekly*, edição de 18 de março de 1906*

O céu escurecia no oeste, junto com o vento que começava a soprar. As nuvens vinham em ondas e aos poucos apagavam as constelações. Apagou-se o Dragão, a Dama do Inverno, apagaram-se as Sete Cabras. Apagou-se o Olho, cujo brilho era mais forte e mais resistente.

O céu ao longo do horizonte resplandecia com um breve clarão dos relâmpagos. O trovão rolou com um surdo estrondo. A ventania surgiu repentinamente, soprando a poeira e as folhas secas nos olhos.

O unicórnio relinchou e enviou um sinal mental. Ciri entendeu imediatamente o que queria dizer.

Não temos tempo a perder. Nossa única esperança é fugir o mais rápido possível. Para o lugar certo, e o tempo certo. Apressemo-nos, Olhos de Estrela.

Sou a Senhora dos Mundos, lembrou-se. Sou o Sangue Antigo, tenho o poder sobre o tempo e o espaço.

Sou do sangue de Lara Dorren.

Ihuarraquax relinchou, apressando-a, acompanhado por Kelpie, que resfolegou demoradamente. Ciri calçou as luvas.

– Estou pronta – disse.

Um zumbido nos ouvidos. Um relâmpago e um clarão. E logo após – a escuridão.

•

A água do lago e o silêncio vespertino propagavam as maldições do Rei Pescador que puxava e agitava a linha na tentativa de soltar a isca enganchada no fundo. O remo caiu na água produzindo um surdo estrondo.

Nimue pigarreou com impaciência. Condwiramurs, que estava à janela, virou-se e debruçou-se novamente sobre as águas-fortes. Um dos cartazes era particularmente chamativo. Uma moça com os cabelos esvoaçados, montada numa negra égua empinada. Junto dela um unicórnio, igualmente empinado, sua crina esvoaçada à semelhança dos cabelos da moça.

– Parece que esse fragmento da lenda foi o único perante o qual os historiadores nunca expressaram pretensões – a adepta comentou –, tendo-o considerado uma invenção e um adorno fabular, no máximo uma metáfora delirante. E os pintores e gravadores, para o desgosto dos estudiosos, desenvolveram um apreço por esse episódio. Aqui está: Ciri e o unicórnio em todos os desenhos. E o que temos aqui? Ciri e o unicórnio num precipício sobre uma praia. E aqui: Ciri e o unicórnio numa paisagem retirada de um transe narcótico, à noite, sob duas luas.

Nimue permanecia calada.

– Quer dizer – Condwiramurs colocou as gravuras de volta sobre a mesa –, é Ciri e o unicórnio por todos os lados. Ciri e o unicórnio no labirinto dos mundos, Ciri e o unicórnio no abismo dos tempos…

– Ciri e o unicórnio – Nimue interrompeu, olhando pela janela, para o lago, para o barco e nele – o Rei Pescador atrapalhado. – Ciri e o unicórnio emergem do abismo feito fantasmas, pairam sobre a superfície das águas de um dos

lagos… Ou talvez do mesmo lago, do lago que liga os tempos e os espaços como uma fivela, sempre diferente, embora idêntico?

– Como?

– Fantasmas. – Nimue não olhava para ela. – Visitantes de outras dimensões, de outros níveis, outros lugares, outros tempos. Espectros que mudam a vida de alguém. Mudam, também, sua própria vida, seu destino… Sem saber disso. Para eles é simplesmente… mais um lugar. Não é o lugar certo, não é o tempo certo… Novamente, mais uma vez seguida, não é o tempo certo…

– Nimue – Condwiramurs interrompeu com um sorriso forçado. – Só quero lhe lembrar que a oniromante aqui sou eu. A pessoa responsável pelos sonhos e pela oniromancia. E você, do nada, começou a profetizar. Como se aquilo sobre o que você está falando fosse uma visão… surgida em seus sonhos.

Concluindo pela repentina intensificação de palavrões e pelo tom da voz, o Rei Pescador não conseguiu soltar a isca e a linha rompeu-se. Nimue permanecia calada, olhando para a gravura. Para Ciri e para o unicórnio.

– Eu verdadeiramente vi no sonho – disse, por fim, com muita calma – aquilo o que lhe havia contado. Eu o vi em meus sonhos várias vezes. E uma vez na realidade.

•

A viagem de Człuchów a Malbork podia demorar, em determinadas circunstâncias, até cinco dias. No entanto, as cartas do comendador de Człuchów para Winrych von Kniprode, o Grão-Mestre da Ordem, precisavam ser entregues ao destinatário, indispensavelmente, o mais tardar no dia de Pentecostes. Por isso, o cavaleiro Heinrich von Schwelborn não delongou e partiu no dia seguinte após o domingo *Exaudi Domine* para poder viajar com calma e sem correr o risco de qualquer atraso. *Langsam*, *aber sicher*. Quem gostou dessa atitude do cavaleiro foi sua escolta, composta por seis caçadores a cavalo, comandados por Hasso Planck, filho de um padeiro de Colônia. Os besteiros e Planck estavam mais acostumados àquele tipo de cavaleiros que xingavam, gritavam, apressavam e mandavam galopar desenfreadamente para depois, quando, apesar de todas essas medidas, não chegavam na hora certa, culpar os coitados dos lansquenês por tudo, mentindo de maneira indigna de um cavaleiro, sobretudo de um cavaleiro de uma ordem militar.

Fazia calor, embora o céu estivesse nublado. De vez em quando chuviscava, os barrancos estavam cobertos de bruma. As colinas arborizadas com abundância lembravam ao cavaleiro Heinrich Turíngia, sua terra natal, sua mãe

e o fato de que não convivia com uma mulher havia mais de um mês. Os besteiros que seguiam atrás cantavam sonolentamente a balada de Walther von der Volgelweide. Hasso Planck cochilava na sela.

Wer guter Fraue Liebe hat

Der schämt sich aller Missetat…

A viagem decorria calmamente e, quem sabe, talvez tivesse continuado assim até o fim, se não fosse pelo fato de o cavaleiro Heinrich avistar, ao pé da estrada de terra batida, o talvegue de um lago. Já que o dia seguinte era uma sexta-feira, convinha providenciar a alimentação apropriada para observar a penitência e abstinência da carne. Por isso, o cavaleiro ordenou que se dirigissem para a água e procurassem algum povoado de pescadores.

O lago era enorme, havia, inclusive, uma ilha no meio dele. Ninguém conhecia seu nome, mas certamente se chamava Sagrado. Nesse país pagão – ironicamente – cada um em dois lagos se chamava Sagrado.

Os cascos esmagavam as conchas espalhadas pela margem. Uma neblina pairava sobre o lago. Mesmo assim, era visível que o lugar era deserto, não havia nenhum vestígio nem de barcos, nem de redes, nem sequer de uma alma viva. "Era preciso procurar em outro lugar", Heinrich von Schwelborn pensou. "E, se não, não faz mal. Comeremos o que levamos nos sacos, mesmo que seja carne defumada. Depois, em Malbork, nos confessaremos, o sacerdote assinará uma penitência e o pecado será absolvido."

Já ia dar a ordem quando ouviu um zunido na cabeça debaixo do elmo e Hasso Planck gritou terrivelmente. Von Schwelborn olhou e ficou pasmo. E fez o sinal da cruz.

Viu dois cavalos – um branco e um negro. E após um momento avistou que o cavalo branco possuía um chifre torcido em espiral em sua testa arqueada. Viu, também, uma moça de cabelos cinzentos penteados de tal maneira que cobrissem a bochecha, montada no cavalo negro. O grupo de espectros parecia não tocar nem na terra, nem na água – como se estivessem pairando sobre a bruma que deslizava pela superfície do lago.

O cavalo negro relinchou.

– Uuups… – a moça de cabelos cinzentos falou de maneira bastante clara. – *Ire lokke, ire tedd! Squaess'me*.

– Santa Úrsula, minha padroeira… – Hasso balbuciou, pálido como a morte. Os besteiros ficaram pasmos e boquiabertos, fazendo o sinal da cruz.

Von Schwelborn também fez o sinal da cruz, e logo em seguida desembainhou a espada presa debaixo da aba.

– *Heilige Maria, Mutter Gottes*! – bradou. – *Steh mir bei*!

Nesse dia o cavaleiro Heinrich não causou vergonha a seus valentes antepassados, os Von Schwelborn, inclusive a Dietrich von Schwelborn que batalhou corajosamente nas redondezas de Damietta e foi um dos poucos que não fugiram quando os sarracenos evocaram e soltaram um negro demônio contra os cruzados. Depois de instigar o cavalo com as esporas e invocar o destemido antepassado, Heinrich von Schwelborn lançou-se contra o espectro por entre os mexilhões-pato que saltavam de debaixo dos cascos.

– Pela Ordem e por São Jorge!

O branco unicórnio empinou-se como uma verdadeira figura heráldica, a negra égua dançou e a moça assustou-se, o que pôde ser percebido imediatamente. Heinrich von Schwelborn atacava. Quem sabe como isso tudo acabaria se não fosse pela bruma que repentinamente assoprou desde o lago. A imagem do estranho grupo rompeu-se, desfez-se em fragmentos multicolores como se fosse um vitral atingido por uma pedra. E tudo desapareceu. Tudo. O unicórnio, o cavalo negro, a estranha moça…

O corcel de Heinrich von Schwelborn adentrou o lago agitando a água, parou, puxou a cabeça, rinchou, rangeu os dentes na embocadura.

Hasso Planck dominou, com dificuldade, o cavalo agitado e aproximou-se do cavaleiro. Von Schwelborn arfava e arquejava, respirava ruidosamente e seus olhos estavam esbugalhados como um peixe em dia de jejum.

– Pelos ossos de Santa Úrsula, Santa Cordula e todas as onze mil virgens mártires de Colônia… – Hasso Planck escarrou. – O que foi isso, *edler Herr Ritter*? Um milagre? Uma aparição?

– *Teufelswerk!* – Von Schwelborn gemeu, só agora empalidecendo terrivelmente e rangendo os dentes. – *Schwarze Magie! Zauberey!* Maldita coisa pagã, coisa do demônio…

– Melhor irmos embora daqui, senhor. O mais rápido possível… Pelplin fica por perto, o importante é entrar ao toque dos sinos da igreja…

Foi no outeiro ao pé da floresta que o cavaleiro Heinrich olhou para trás pela última vez. O vento dissipou a bruma e nos lugares não protegidos pela parede da floresta o espelho-d’água tornou-se opaco e enrugado.

Uma enorme águia-pesqueira sobrevoava as águas dando voltas.

– Um país sem Deus, pagão – Heinrich von Schwelborn balbuciou. – Muito trabalho duro, muito esforço e muita luta nos esperam antes que a Ordem Teutônica finalmente espante o diabo daqui.

•

– Cavalinho – disse Ciri, simultaneamente com reprovação e ironia. – Não queria insistir, mas estou com um pouco de pressa para chegar a meu mundo. Meus próximos precisam de mim, você sabe disso. E nós, primeiro, topamos com um lago e um jeca ridículo de roupa quadriculada, depois com um bando de peludos imundos e berrões com porretes, para finalmente nos depararmos com um louco com uma negra cruz na capa. Não são os tempos nem os lugares certos! Por favor, peço que você se esforce mais. Eu lhe peço muito.

Ihuarraquax relinchou, acenou com o chifre e lhe enviou algo, algum pensamento. Mas Ciri não chegou a entendê-lo por completo. Não teve tempo de ficar pensando nisso, pois outra vez uma fria claridade encheu sua cabeça, ouviu um zumbido nos ouvidos e sua nuca ficou dormente.

E outra vez mergulhou num negro e macio nada.

•

Nimue, rindo alegremente, puxou o homem pela mão e ambos desceram correndo na direção do lago, dando voltas por entre as rasteiras bétulas e amieiros, tocos e troncos caídos. Quando Nimue entrou na praia arenosa, tirou as sandálias, levantou o vestido e agitou a água na margem com os pés descalços. O homem também tirou os sapatos, mas não se apressava para adentrar na água. Tirou a capa e estendeu-a na areia.

Nimue aproximou-se correndo, abraçou-o pela nuca e ficou na ponta dos pés, mas mesmo assim foi necessário que o homem se abaixasse muito para beijá-la. Não era por acaso que o apelido de Nimue era Polegarzinho – mas agora, aos dezoito anos e sendo noviça em artes mágicas, o privilégio de chamá-la dessa maneira era reservado apenas a amigos mais próximos. E a alguns homens.

O homem, sem tirar os lábios da boca de Nimue, pôs a mão por baixo do decote.

Depois, tudo aconteceu rapidamente. Os dois deitaram em cima da capa estendida na areia, o vestido de Nimue levantou-se acima da cintura, suas coxas envolveram com força o quadril do homem e suas mãos encravaram-se em suas costas. Quando a possuía, como sempre com demasiada impaciência, cerrou os dentes, mas logo alcançou seu grau de tesão, igualou-o, manteve o passo. Tinha experiência.

O homem emitia ruídos engraçados. Acima de seu ombro Nimue observava os cúmulos de fantásticas formas que deslizavam lentamente pelo céu.

Algo tiniu, do jeito que um sino afundado soa no fundo do oceano. Um repentino zunido encheu os ouvidos de Nimue. “Magia”, pensou, virando a

cabeça, livrando-se por debaixo da bochecha e do braço do homem deitado em cima dela.

Na margem do lago – até pairando sobre sua superfície – havia um unicórnio branco. E junto dele um cavalo negro. E montada na sela do cavalo negro estava…

"Mas eu conheço essa lenda", Nimue pensou. "Conheço essa fábula! Era criança, uma pequena criança quando ouvi essa lenda contada pelo vô Pogwizd, o andarilho contador de histórias… A bruxa Ciri… Com uma cicatriz na bochecha… A negra égua Kelpie… Os unicórnios… A terra dos elfos…"

Os movimentos do homem, que nem sequer notara o fenômeno, viraram cada vez mais violentos, e os ruídos emitidos por ele – cada vez mais engraçados.

– Uuups – disse a moça que montava a égua. – Outro erro! Não são nem o lugar nem o tempo certos. Além disso, pelo visto, chegamos na hora errada. Peço desculpas.

A imagem ficou borrada e estilhaçada como vidro pintado em pedaços. De repente se desfez, dissipou-se transformando-se em uma cintilação iridescente de brilhos, fulgores, resplendores. E depois tudo desapareceu.

– Não! – Nimue gritou. – Não! Não desapareça! Não quero!

Esticou os joelhos e queria soltar-se do peso do homem, mas não conseguia – era muito mais forte e pesado que ela. O homem gemeu e arquejou.

– Óóóóó, Nimue… Óóóó!

Nimue gritou e encravou os dentes em seu ombro.

Permaneceram deitados em cima da samarra, quentes e trêmulos. Nimue olhava para a margem do lago, para a espuma batida pelas ondas. Para os caniços aplainados pelo vento. Para o vazio incolor, lamentável, o vazio deixado pela lenda que se apagava.

Uma lágrima correu pelo nariz da noviça.

– Nimue… Aconteceu algo?

– Aconteceu, sim. – Abraçou-o, mas continuava olhando para o lago. – Não diga nada. Abrace-me e não diga nada.

O homem sorriu altivamente.

– Eu sei o que aconteceu – disse presunçosamente. – A terra tremeu?

Nimue sorriu com tristeza nos olhos.

– Não só – respondeu após um momento de silêncio. – Não só.

•

Clarão. Escuridão. Outro lugar.

•

O lugar seguinte era escuro, agourento e repugnante.

Ciri encurvou-se na sela instintivamente, abalada – no sentido literal, e metafórico, da palavra. As ferraduras de Kelpie bateram com ímpeto e dolorosamente contra algo duro, plano e rijo como uma rocha. Depois de um longo tempo planando num suave nada, a impressão da rijeza era tão surpreendente e penosa que a égua relinchou e lançou-se para o lado, tamborilando no solo um *staccato* que fez os dentes castanholarem.

O outro abalo – o metafórico – foi providenciado pelo olfato. Ciri gemeu e cobriu a boca e o nariz com a manga. Sentiu seus olhos se encherem instantaneamente de lágrimas.

Em volta, pairava no ar um cheiro ácido, corrosivo, denso e pegajoso, um fedor sufocante, repugnante e indescritível que não lembrava nenhum outro cheiro que Ciri tivesse sentido antes. Era, no entanto – disso tinha certeza –, o fedor de putrefação, o miasma cadavérico da derradeira degradação e degeneração, o odor de decomposição e destruição. Contudo, dava a impressão de que aquilo que apodrecia não cheirava nem um pouco melhor do que enquanto estava vivo. Inclusive no ápice de sua vida.

Abaixou-se tomada por uma ânsia de vômito que não conseguia controlar. Kelpie resfolegava e sacudia a cabeça, retraindo as narinas. O unicórnio, que se materializou junto delas, assentou-se sobre as nádegas, saltou e deu um pinote. O solo duro respondeu com um tremor e um eco retumbante.

Era noite, uma noite escura e suja, envolta num pegajoso e fedorento trapo da escuridão.

Ciri olhou para cima à procura das estrelas, mas não havia nada lá, apenas um abismo, iluminado em certos pontos por um clarão rubro, como se fosse um distante incêndio.

Uuups – falou e contorceu-se, sentindo o ácido e podre vapor pregar-se nos seus lábios. – Bue-eee-eh! Não são o tempo nem o lugar certos! Nem um pouco!

O unicórnio resfolegou e acenou com a cabeça, seu chifre desenhou uma curta e impetuosa curva no ar.

O solo que rangia debaixo dos cascos de Kelpie era uma rocha estranha que parecia artificialmente aplainada e fedia a queimado e cinzas sujas. Ciri demorou um pouco para perceber que aquilo diante de seus olhos era uma estrada. Estava farta da dureza desagradável e irritante. Guiou a égua para o acostamento marcado por algo que antigamente deviam ser árvores e agora

eram esqueletos repugnantes e nus, cadáveres em que pendiam trapos que pareciam os restos de sudários apodrecidos.

O unicórnio avisou-a com um relincho e um sinal mental. Mas já estava demasiado tarde.

Logo atrás da estranha estrada e das árvores secas começavam uma coluvião e mais adiante, abaixo dela, uma descida íngreme, quase um precipício. Ciri gritou, fincou as esporas nos flancos da égua que deslizava para baixo. Kelpie sacudiu-se esmagando com os cascos aquilo que formava a coluvião. Era detrito composto, em sua grande maioria, por estranhos recipientes que não quebravam debaixo das ferraduras, não estalavam, mas arrebentavam – eram moles, asquerosos e pegajosos como se fossem enormes bexigas de peixes. Algo borbulhou e gorgolejou, a fetidez exalada quase derrubou Ciri da sela. Kelpie, relinchando ferozmente, esmagava o lixão, lançando-se para cima, na direção da estrada. Ciri, engasgando por causa do fedor, agarrou o pescoço da égua.

Conseguiram. Saudaram a desagradável rijeza da estranha estrada com alegria e alívio.

Ciri, tremendo-se toda, olhou para baixo, para a coluvião que terminava na negra superfície do lago que ocupava a caldeira. O espelho-d'água estava morto e brilhoso, como se não fosse água, mas alcatrão endurecido. Atrás do lago, do lixão, dos montes de cinzas e pilhas de escória, o céu rubejava com os distantes clarões. Colunas de fumaça marcavam a vermelhidão.

O unicórnio resfolegou. Ciri queria enxugar os olhos lacrimejantes com a manga, mas, de repente, percebeu que estava inteiramente coberta de poeira. O pó cobria tanto suas coxas quanto o cepilho da sela, a crina e o pescoço de Kelpie.

O fedor sufocava.

– Que nojo – balbuciou. – Que asco… Parece que estou toda pegajosa. Vamos embora daqui… Vamos embora daqui agora, Cavalhinho.

O unicórnio mexeu as orelhas arrebitadas, resfolegou.

Só você é que pode realizá-lo. Aja.

– Eu? Sozinha? Sem sua ajuda?

O unicórnio acenou com o chifre.

Ciri coçou a cabeça, suspirou, fechou os olhos. Concentrou-se.

No início havia apenas incredulidade, resignação, medo. Mas logo uma luz fria desceu sobre ela, a luz da sabedoria e da força. Não sabia de onde vinham essa sabedoria e essa força, onde possuía suas raízes e sua fonte. Mas sabia que poderia. Que conseguiria, se quisesse.

Mais uma vez passou o olhar pelo lago morto e coalhado, um monte de detrito esfumaçado, os esqueletos das árvores. O céu iluminado pelo distante clarão.

–Que bom – inclinou-se e cuspiu – que não é meu mundo. Muito bem!

O unicórnio relinchou enfaticamente. Ela entendeu o que ele quis dizer.

– E mesmo que fosse meu – limpou os olhos, os lábios e o nariz com um lenço – tampouco o seria, pois está distante no tempo. Está certamente afastado no tempo. Deve ser o passado ou…

Cortou.

– Passado – repetiu surdamente. – Acredito profundamente que é o passado.

•

Aceitaram como uma verdadeira bênção a chuva torrencial, um verdadeiro aguaceiro no meio do qual caíram no local seguinte. A chuva era morna e aromática, cheirava a verão, a mato, a lama e esterco. A chuva lavava-os limpando toda a sujeira, purificava, proporcionava uma verdadeira catarse.

E, como qualquer catarse, esta também, a longo prazo, se tornou monótona, exagerada e insuportável. A água que os lavava, depois de algum tempo, começou a encharcá-los importunamente, escorrer pelo pescoço e resfriá-los de forma maliciosa. Retiraram-se, então, desse lugar chuvoso.

Porque tampouco era o lugar, ou o tempo certo.

•

O local seguinte era muito quente, fazia um intenso calor, por isso Ciri, Kelpie e o unicórnio secavam e exalavam vapores como se fossem três chaleiras. Estavam no meio de um urzal queimado pelo sol localizado à beira de uma floresta. Dava logo para ver que era enorme, simplesmente uma selva, um denso e inacessível matagal selvagem. No coração de Ciri surgiu uma esperança – podia ser a floresta de Brokilon, ou seja, finalmente um lugar conhecido e certo.

Foram andando devagar pelo limiar da floresta. Ciri procurava com a vista algo que poderia servir de pista. O unicórnio resfolegava, erguia a cabeça e o chifre para o alto, olhava em volta. Estava agitado.

– Você acha, Cavalinho – perguntou –, que podem estar nos perseguindo?

A resposta foi um resfôlego, claro e explícito, até sem precisar recorrer à telepatia.

– Ainda não conseguimos fugir para uma distância suficientemente grande?

Não entendeu a resposta que lhe transmitiu no pensamento. “Não existiam distâncias grandes ou pequenas? Tratava-se de uma espiral? Que espiral?”

Não entendia o que ele queria dizer. Contudo, ficou igualmente ansiosa.

Os quentes urzais tampouco eram o lugar e o tempo certos.

Entenderam-no ao cair da noite quando o calor diminuiu e no céu, em vez de uma lua, surgiram duas. Uma grande e a outra pequena.

•

O local seguinte ficava à beira do mar e de um íngreme precipício de onde observavam ondas de bizarras formas que se chocavam contra as rochas. Sentia-se o cheiro da brisa, grasnavam as andorinhas-do-mar, os guinchos-comuns e petréis que cobriam as saliências do precipício em forma de uma branca camada móvel.

O mar chegava até o horizonte carregado de sombrias nuvens.

Embaixo, na praia pedregosa, Ciri avistou, repentinamente, o esqueleto de um gigantesco peixe com uma cabeça de monstruoso tamanho parcialmente enterrado no cascalho. As alvejantes mandíbulas estavam eriçadas com dentões que tinham, pelo menos, três palmos de comprimento, dando a impressão de que se podia entrar tranquilamente a cavalo em sua bocarra e desfilar sob os portais das costelas sem esbarrar a cabeça na coluna.

Ciri não estava certa se em seu mundo e em seu tempo existiam peixes assim.

Foram andando pela beira do precipício, e as gaivotas e os albatrozes não se espantavam, cediam caminho vagarosamente, tentando bicar e beliscar as quartelas de Kelpie e Ihuarraquax. Ciri entendeu logo que essas aves nunca haviam visto um ser humano, um cavalo. Nem sequer um unicórnio.

Ihuarraquax resfolegava, sacudia a cabeça e o chifre, estava visivelmente ansioso. E com razão.

Algo crepitou, como uma tela rasgada. As andorinhas-do-mar levantaram voo aos gritos, agitando as asas, por um momento cobrindo tudo com uma nuvem branca. Subitamente, o ar sobre o precipício estremeceu, ficando borrado como um vidro espirrado por água. E arrebentou como se fosse vidro. E da rachadura verteu-se a escuridão, e da escuridão emergiram cavaleiros. Em volta de seus ombros esvoaçavam capas, cuja coloração cinabre, amarante e carmesim lembrava o clarão de um incêndio num céu iluminado pelo fulgor de um sol poente.

Dearg Ruadhri. Os Cavaleiros Vermelhos.

Antes que o grasnar dos pássaros e o relincho alarmante do unicórnio silenciassem, Ciri já virava a égua e a instigava ao galope. Mas o ar arrebentava, e do lado oposto da fenda surgiam mais cavaleiros com as capas esvoaçadas feito asas. O meio círculo da perseguição fechava-se, empurrando-os para o precipício. Ciri gritou ao arrancar Andorinha da bainha.

O unicórnio chamou-a com um forte sinal que perfurou seu cérebro feito agulha. Dessa vez entendeu imediatamente. Apontava o caminho. Um buraco no anel. Ele próprio empinou-se, relinchou agudamente e lançou-se contra os elfos com o chifre inclinado perigosamente.

– Cavalinho!

Salve-se, Olhos de Estrela! Não deixe que eles a capturem!

Ela agarrou-se à crina.

Dois elfos barraram seu caminho. Estavam munidos de laços atados a longas varas. Tentaram lançá-los no pescoço de Kelpie. A égua conseguiu escapar agilmente com a cabeça sem diminuir o galope nem por um segundo. Ciri cortou o outro laço com apenas um golpe da espada. Com gritos instigou Kelpie a correr mais rápido. A égua lançou-se num galope desenfreado.

Mas os outros já estavam por perto, ela ouvia seus gritos, os cascos retumbando, o tremor das capas esvoaçando. "Onde está Cavalinho?", pensou, "o que fizeram com ele?"

Não havia tempo para meditar. O unicórnio estava certo, não podia deixar que a capturassem novamente. Precisava mergulhar no espaço, esconder-se, perder-se no labirinto do tempo e do espaço. Concentrou-se, sentindo com pavor que tinha apenas um vazio na cabeça e uma estranha confusão que zumbia e aumentava rapidamente.

"Estão lançando feitiços contra mim", pensou. "Querem me desorientar com encantos. Não conseguirão! Os encantos têm determinado alcance. Não deixarei que eles se aproximem de mim."

– Corra, Kelpie!

A negra égua estendeu o pescoço e correu feito vento. Ciri encostou-se em seu pescoço para diminuir ao máximo a resistência do ar.

Os gritos atrás de suas costas, há um instante ainda altos e perigosamente próximos, silenciaram, abafados pelos gritos dos pássaros espantados. E depois emudeceram de vez. Ficaram para trás.

Kelpie corria desenfreadamente, de tal maneira que o vento que soprava do mar sibilava nos ouvidos.

Nos distantes gritos da perseguição, ouviram-se notas de raiva. Entenderam que não conseguiriam. Que não alcançariam a negra égua que corria sem demonstrar nem um indício de cansaço, ligeira e suavemente ágil como um guepardo.

Ciri não olhava para trás. Mas sabia que eles continuavam a persegui-la. Até o momento em que seus próprios cavalos começaram a arfar e rouquejar, cambalear e abaixar quase até o chão com as bocas abertas e cheias de espuma. Foi só então que desistiram, lançando, atrás dela, apenas maldições e ameaças impotentes.

Kelpie corria como o vento.

•

O lugar para o qual fugiu era seco e ventoso. Um vento forte, ululante, secou rapidamente as lágrimas em suas bochechas.

Estava sozinha. Novamente sozinha. Completamente sozinha.

Como um andarilho, um eterno errante, um navegador perdido nos infinitos mares por entre o arquipélago do tempo e do espaço.

Um navegador prestes a perder a esperança.

O vento ululava e sibilava, arrastando pelo chão rachado bolas de joio ressecado.

O vento enxugava as lágrimas.

•

Dentro de sua cabeça – uma luz fria, um zunido nos ouvidos, um ruído constante, como vindo de dentro do interior circular de uma concha. Formigamento na nuca. Um nada negro e macio.

Um novo local. Outro lugar.

Um arquipélago de espaços.

•

– Hoje – Nimue falou, envolvendo-se com o casaco de pele – será uma boa noite. Estou pressentindo.

Condwiramurs não comentou, embora já tivesse ouvido esse tipo de afirmação muitas vezes. Pois não era a primeira vez que se sentavam no terraço com o lago resplandecendo no pôr do sol à sua frente, e o espelho e o gobelim mágicos atrás de si.

Os xingamentos proferidos pelo Rei Pescador chegavam a seus ouvidos perpetuados pelo eco sobre o espelho-d'água. O Rei Pescador tinha o costume de enfatizar com uma palavra mais ríspida o descontentamento causado pelos insucessos na pesca – fisgadas, puxadas, arrastões e outros tipos de enganchamentos falhos. Essa noite, deduzindo da força e do repertório de xingamentos, as coisas estavam indo excepcionalmente mal.

– O tempo – Nimue falou – não tem começo nem fim. O tempo é como a serpente Uroboros que abocanhou a própria cauda. A eternidade oculta-se em cada instante. E a eternidade é constituída pelos momentos que a formam. A eternidade é um arquipélago de instantes. É possível navegar por entre esse arquipélago, embora a navegação seja muito difícil. No entanto, é perigoso perder o caminho. É bom ter um farol com cuja luz possa se guiar. É bom ouvir alguém chamando por entre a bruma…

Calou-se por um instante.

– Como termina a lenda que nos interessa? Parece que conhecemos, você e eu, seu desfecho. Mas a serpente Uroboros segura sua própria cauda com os dentes. O desfecho da lenda dá-se agora mesmo. Neste instante. O desfecho da lenda dependerá da capacidade do navegador perdido no arquipélago dos instantes de enxergar a luz emitida pelo farol. Isto é, caso consiga fazê-lo e quando o fizer. Se ouvir o chamado.

Um xingamento, chapinhar e chapada vindos do lago e produzidos pelos remos nas forquetas chegaram a seus ouvidos.

– Hoje será uma boa noite. A última antes do solstício de verão. A lua está minguando. O sol está passando da Terceira para a Quarta Casa, para o signo do Mar-cabra. É a melhor época para as adivinhações… O melhor tempo… Concentre-se, Condwiramurs.

Condwiramurs, como havia acontecido muitas vezes, concentrou-se obedientemente, entrando, devagar, num estado próximo a autotranse.

– Procure por ela – disse Nimue. – Ela está em algum lugar entre as estrelas, por entre o luar. Por entre os lugares. Ela está lá. Sozinha. À espera de ajuda. Ajudemo-la, Condwiramurs.

•

Concentração, os punhos junto das têmporas. Um zunido nos ouvidos, como se vindo de dentro de uma concha. Um clarão. E subitamente um nada macio e negro.

•

Houve um lugar onde Ciri viu fogueiras em chamas. As mulheres presas com correntes às estacas ululavam de maneira feroz e horripilante clamando por misericórdia, e a multidão concentrada em volta berrava, ria e dançava. Houve um lugar onde as chamas destruíam uma enorme cidade, o fogo estalava e as labaredas subiam nos telhados que desabavam, e a negra fumaça cobria todo o céu. Houve um lugar onde lutavam enormes lagartos de duas patas, grudados, e um sangue brilhante jorrava de debaixo dos caninos e das garras.

Houve um lugar onde centenas de idênticos moinhos de vento brancos moíam o céu com suas hélices finas. Houve um lugar onde centenas de serpentes sibilavam e produziam um som de rascar e esgarçar as escamas retorcendo-se nas pedras.

Houve um lugar imerso completamente na escuridão em que se ouviam vozes, sussurros e terror.

Houve, também, outros lugares. Mas nenhum deles era o lugar certo.

•

A transferência de um lugar para o outro já se havia tornado tão fácil que Ciri começou a experimentar. Um dos poucos lugares que não despertavam seu medo eram aqueles quentes urzais no confim da floresta selvagem, sobre os quais surgiam duas luas. Trazendo à memória a imagem dessas luas e repetindo no pensamento aquilo que desejava, Ciri concentrou-se, aguçou os sentidos e mergulhou no nada.

Conseguiu já na segunda tentativa.

Encorajada, decidiu fazer uma experiência ainda mais ousada. Era claro que, além dos lugares, visitava também os tempos. Vysogota e os elfos haviam falado sobre isso, até os unicórnios o haviam mencionado. Já conseguia fazer isso, embora inconscientemente, antes! Quando fora ferida no rosto, fugiu dos perseguidores deslocando-se no tempo, saltou quatro dias para a frente, depois Vysogota não conseguia calculá-los, não acertava as contas…

Então talvez essa seja sua chance? Um salto no tempo?

Decidiu tentar. A cidade em chamas, por exemplo, não queimaria eternamente. E se conseguir chegar lá antes do incêndio? Ou depois dele?

Caiu quase no meio do incêndio, tisnou as sobrancelhas e os cílios e despertou um tremendo pânico entre as vítimas da conflagração em fuga.

Fugiu para os acolhedores urzais. “Talvez não valesse a pena arriscar tanto”, pensou, “só o diabo sabia como isso podia terminar.” Acertava mais com os lugares, então era preciso focar-se nos lugares. Tentar chegar aos lugares. Aos lugares conhecidos, aqueles dos quais se lembrava bem. E aqueles que despertavam associações positivas.

Começou com o templo de Melitele, imaginando o portão, o edifício, o parque, os ateliês, o dormitório das noviças, a câmara onde morava com Yennefer. Concentrava-se com os punhos nas têmporas, lembrando-se do rosto de Nenneke, Eurneid, Katje, Iola Segunda.

Não deu certo. Topou com um pantanal nebuloso e cheio de mosquitos, que ressoava com o silvo das tartarugas e um forte coaxar dos sapos.

Tentou em seguida Kaer Morhen, as ilhas de Skellige, o banco em Gors Velen onde trabalhava Fabio Sachs. No entanto, o resultado sempre era o mesmo. Não se atreveu a deslocar-se a Cintra, pois sabia que a cidade estava ocupada pelos nilfgaardianos. Em vez disso, tentou Wyzim, a cidade onde uma vez ela e Yennefer fizeram compras.

•

Aarhenius Krantz, um sábio, alquimista, astrônomo e astrólogo, remexia-se no duro banco com o olho preso ao ocular de um telescópio. O cometa de primeira grandeza e magnitude que podia ser observado no céu havia cerca de uma semana merecia ser observado e examinado. Aarhenius Krantz sabia que um cometa assim, com uma cauda de uma coloração rubra incandescente, costumava pressagiar grandes guerras, incêndios ou chacinas. Mas agora, para dizer a verdade, o cometa atrasou-se com a profecia, pois a guerra contra Nilfgaard estava no auge e os incêndios e chacinas poderiam ser previstos às cegas e acertados sem o mínimo erro, já que não havia um único dia em que não acontecessem. No entanto, Aarhenius Krantz, que possuía um bom conhecimento dos movimentos das esferas celestes, esperava calcular quando, em quantos anos ou séculos, o cometa voltaria a aparecer, pressagiando outra guerra para a qual, quem sabe, poderia se preparar melhor do que para a atual.

O astrônomo levantou-se, massageou a bunda e foi aliviar a bexiga. Do terraço, pelo balaústre. Sempre mijava do terraço diretamente para um pé de peônia, não se incomodando com as reprimendas da dona da casa. Simplesmente, a latrina ficava demasiado longe e perder tempo para deslocar-se a grandes distâncias não convinha com a seriedade de um estudioso. Abandonar o trabalho para correr atrás das necessidades fisiológicas implicava o risco de

perder valiosas reflexões, e nenhum estudioso podia permitir-se esse tipo de coisas.

Ficou junto do balaústre e desabotoou a calça olhando para as luzes de Wyzim refletidas nas águas do lago. Suspirou aliviado e ergueu o olhar para as estrelas.

"Estrelas", pensou, "e constelações. A Dama do Inverno, as Sete Cabras, a Jarra. De acordo com algumas teorias, não eram luzes tremeluzentes. Eram mundos. Outros mundos. Mundos separados de nós pelo tempo e pelo cosmos… Acredito profundamente", pensou, "que um dia haverá a possibilidade de viajar para esses lugares, para esses tempos e esse cosmos. Sim, certamente um dia isso será possível. Haverá um jeito de fazê-lo. Mas isso requererá uma maneira de pensar completamente nova, de uma ideia nova e fresca que arrebentará o rijo espartilho que a constringe, chamado de conhecimento racional…

Ah", pensou, saltitando, "se isso fosse possível… Alcançar a iluminação, achar as pistas! Se uma única oportunidade…"

Algo resplandeceu lá embaixo do terraço, a escuridão da noite arrebentou, cintilando, e um cavalo emergiu do clarão. Com um cavaleiro no dorso. O cavaleiro era uma moça.

– Boa noite – cumprimentou gentilmente. – Peço desculpas se cheguei na hora errada. Posso saber em que lugar estou? E em que tempo?

Aarhenius Krantz engoliu a saliva, abriu a boca e balbuciou.

– O lugar – a moça repetiu paciente e claramente. – O tempo.

– Errr… Iiii… Ummm..

O cavalo resfolegou. A moça suspirou.

– Poxa, devo ter errado de lugar novamente. O lugar e o tempo errados! Mas me responda, homem! Pelo menos com uma palavra entendível. Não pode ser que eu tenha aparecido num mundo em que as pessoas se esqueceram como articular as palavras!

– Errr…

– Uma palavra.

– Ummm…

– Vá pro inferno, seu imbecil – a moça falou.

E desapareceu. Junto com o cavalo.

Aarhenius Krantz fechou a boca. Permaneceu por um momento junto do balaústre, mirando o céu noturno, o lago e as distantes luzes de Wyzim refletidas nele. Depois abotoou as calças e retornou a seu telescópio.

O cometa percorria o céu rapidamente. Era preciso observá-lo, não perder do campo de vista do vidro e do olho. Segui-lo, até que desapareça no abismo do

cosmo. Era uma oportunidade e um estudioso não podia perder oportunidades.

•

"Talvez seja o caso de tentar de outra maneira", pensou, mirando as duas luas sobre o urzal, agora visíveis em forma de duas foices, uma pequena, e a outra grande e menos falcata. "Talvez seja o caso de não imaginar lugares ou rostos", pensou, "mas desejar intensamente… Desejar com muita força, muita força mesmo, diretamente das entranhas…

O que custa tentar?

Geralt. Quero ir até Geralt. Quero ir muito ao encontro de Geralt."

•

–Poxa, não! – gritou. – Que maldito lugar é esse!

Kelpie confirmou com um relincho que compartilhava sua opinião, resfolegando, exalando vapor das narinas e fazendo pequenos passos com os cascos imersos na neve.

O vendaval silvava e ululava, cegava, agudas partículas de neve cortavam as bochechas e mãos. O frio atravessava o corpo, mordiscava as articulações feito um lobo. Ciri tremia-se toda, encolhendo os ombros e escondendo a nuca atrás de uma ligeira e mísera cobertura em forma de gola levantada.

À esquerda e à direita, erguiam-se os majestosos e ameaçadores cumes das montanhas, cinzentos monumentos rochosos cujos picos desapareciam em algum lugar no alto, na neblina e no vendaval. Um rio rápido e cheio cortava o fundo do vale repleto de frazil e blocos de gelo. Tudo em volta estava branco. E fazia frio.

"É nisso que dão meus talentos", Ciri pensou, sentindo seu nariz congelar. "É nisso que dá minha força. Que lamentável Senhora dos Mundos que eu sou! Queria ir até Geralt e acabei no meio de um maldito ermo, do inverno e de uma nevasca."

– Eita, Kelpie, mexa-se, senão congelará! – pegou as rédeas com os dedos inertes por causa do frio. – Vamos, força, negrinha! Eu sei que não é o lugar certo, já nos tirarei daqui, logo voltaremos para nosso quente urzal. Mas preciso me concentrar e isso pode demorar um pouco. Por isso, mexa-se! Ande logo!

Kelpie resfolegou soltando o vapor das narinas.

O vento soprava às lufadas, a neve grudava no rosto, derretia-se nos cílios. A nevasca gelada uivava e silvava.

•

– Vejam! – Angoulême gritou por cima do vendaval. – Olhem para lá! Ali há rastros! Alguém passou por lá!

– O que você está falando? – Geralt desamarrou o xale com o qual havia amarrado sua cabeça, protegendo as orelhas do frio. – O que você está falando, Angoulême?

– Rastros de cascos! Rastros de cascos de um cavalo!

– E de onde teria surgido um cavalo por aqui? – Cahir também precisava gritar, pois o vendaval piorava, e parecia que o rio Sansretour rumorejava e reboava cada vez mais alto. – De onde surgiria um cavalo aqui?

– Vejam só!

– Realmente – avaliou o vampiro que era o único da companhia que não apresentava sintomas de arrefecimento total, obviamente devido a pouca sensibilidade tanto a temperaturas baixas como altas. – São rastros de cascos. Mas será que de um cavalo?

– É impossível que seja um cavalo. – Cahir massageou intensamente as bochechas e o nariz. – Não aqui, neste lugar ermo. Deve ter sido um animal selvagem que deixou esses rastros. Provavelmente um muflão.

– Você é que é um muflão! – Angoulême gritou. – Se digo que foi um cavalo, então foi mesmo um cavalo!

Milva, como de costume, preferiu a prática à teoria. Desmontou da sela e abaixou-se, afastando para trás o gorro de pele de raposa.

– A fedelha tem razão – anunciou após um momento. – Foi um cavalo. Talvez até com ferraduras, mas é difícil de determinar, pois o vento cobriu os rastros. Foi para lá, na direção daquele barranco.

– Rá! – Angoulême bateu as palmas com ímpeto. – Sabia! Alguém mora aqui nas redondezas! Sigamos esse rastro, quem sabe topamos com alguma choupana quente? Talvez deixem nos aquecermos? E, quem sabe, talvez até nos acolham?

– Nem pensar – Cahir disse com ironia. – Só se for com uma seta lançada de uma besta.

– O mais razoável seria seguir o plano e o rio – Regis anunciou em seu tom onissapiente. – Não correremos o perigo de nos perdermos. E a jusante do rio deve haver uma feitoria de caçadores. É mais provável que sejamos acolhidos lá mesmo.

– Geralt? O que você tem para dizer?

O bruxo permanecia calado, fitando os flocos de neve redemoinhando na nevasca.

– Seguiremos os rastros – decidiu, por fim.

– Realmente… – o vampiro começou, mas Geralt logo o interrompeu.

– Atrás dos rastros dos cascos! Andem, vamos embora!

Fustigaram os corcéis, mas não conseguiram chegar longe.

Adentraram o barranco por menos de um quarto de milha.

– Acabou-se – Angoulême afirmou, olhando para a lisa neve virgem. – Já era. Como num circo élfico.

– E agora, bruxo? – Cahir virou-se na sela. – Os rastros acabaram. O vento os cobriu.

– Não os cobriu, não – Milva negou. – A nevasca não chega aqui, ao barranco.

– Então o que aconteceu com esse cavalo?

A arqueira deu de ombros e encolheu-se na sela enfiando a cabeça entre os ombros.

– Para onde foi esse cavalo? – Cahir não desistia. – Desapareceu? Voou? Ou será que foi tudo uma ilusão? Geralt? O que você tem para dizer sobre isso?

A ventania uivou sobre o barranco, varrendo e assoprando a neve.

– Por que – o vampiro perguntou, fitando o bruxo com atenção – você nos fez seguir esse rastro, Geralt?

– Não sei – admitiu após um momento. – Senti… Senti algo. Tive um pressentimento. Não importa o que foi. Você tinha razão, Regis. Voltemos para o Sansretour e sigamos o rio, sem excursões e desvios que podem ter um fim trágico. De acordo com aquilo que Reynart nos disse, o verdadeiro inverno e mau tempo nos esperam só no passo Malheur. Precisamos manter todas as forças para quando chegarmos lá. Não fiquem plantados assim, retomemos.

– Sem verificar o que aconteceu com esse estranho cavalo?

– E o que há para ser verificado? – o bruxo indagou com amargura. – Os rastros foram varridos, só isso. Além disso, quem sabe, talvez tenha sido mesmo um muflão?

Milva olhou para ele com estranheza, mas se conteve de fazer qualquer comentário.

Quando voltaram ao rio, os misteriosos rastros já haviam desaparecido de lá também, tinham sido encobertos e ocultos por uma camada de neve molhada. Na correnteza cinza-estanho do Sansretour, deslizavam grandes quantidades de gelo frazil, redemoinhavam e giravam grandes placas de gelo.

– Vou lhes dizer algo – Angoulême falou. – Mas prometam que não vão rir.

Viraram-se. A moça, que usava uma touca de lã com um pompom que cobria as orelhas e uma samarra deformada, e tinha as bochechas e o nariz

rubros por causa do frio, apresentava um aspecto engraçado, parecendo literalmente com um pequeno e rechonchudo koboldo.

– Eu vou lhes dizer algo a propósito desses rastros. Quando estava na hansa do Rouxinol, diziam que no inverno o Rei das Montanhas, o senhor dos demônios do gelo, passeava pelos passos num lobuno claro. Dar de cara com ele é morte segura. O que você tem para dizer sobre isso, Geralt? Será que é possível que…

– Tudo – interrompeu-a. – Tudo é possível. Andemos, companhia. O passo Malheur nos espera.

A neve cortava e açoitava, o vento soprava às lufadas, os demônios do gelo silvavam e uivavam por entre a nevasca.

•

Ciri percebeu imediatamente que o urzal com o qual topara não era aquele que conhecia. Nem precisava esperar pelo anoitecer, estava certa de que ali não veria as duas luas.

Seguiu pela margem da floresta que era igualmente selvagem e inacessível como aquela que conhecia, mas as diferenças eram nítidas. Aqui, por exemplo, havia muito mais bétulas e menos faias. Lá não se viam ou ouviam pássaros, aqui havia uma multidão deles. Lá, por entre as urzes, havia apenas areia e musgo, aqui havia extensos tapetes de um pé-de-lobo verdejante. Aqui até os gafanhotos que pipocavam diante dos cascos de Kelpie eram estranhamente diferentes. Mais familiares. E depois…

Seu coração bateu com mais força. Viu uma vereda, descuidada e coberta de mato, que levava para dentro da floresta.

Ciri olhou em volta com cuidado e assegurou-se de que o estranho caminho não seguia adiante, que terminava ali mesmo. Que não levava para dentro da floresta, mas saía dela ou a atravessava. Sem deliberar muito, cutucou o flanco da égua com o salto e entrou no meio das árvores. "Seguirei até meio-dia", pensou, "e se até então não topar com nada retornarei e seguirei na direção oposta, para além dos urzais."

Ia a passo calmo debaixo do baldaquim formado pelos galhos das árvores, olhando para os lados, tentando não perder de vista nada que pudesse ser importante. Assim notou o ancião que espreitava atrás do tronco de um carvalho.

O ancião, baixinho, embora não fosse corcunda, usava uma camisa de linho e calças do mesmo tecido. Calçava enormes e engraçadas alpargatas de líber. Em uma mão segurava um nodoso cajado e uma cesta de vime na outra. Ciri não conseguia enxergar bem seu rosto, pois estava escondido atrás da aba

esfarrapada e pendente de um chapéu de palha sob o qual apareciam um nariz bronzeado e uma emaranhada barba branca.

– Sem medo – disse. – Não lhe farei nenhum mal.

O barba branca pisou alternadamente em cada pé calçado de alpargata e tirou o chapéu. Seu rosto era redondo, salpicado de manchas de idade, mas com um aspecto saudável e poucas rugas. Suas sobrancelhas eram ralas e o queixo era pequeno e muito retraído. Os longos cabelos brancos estavam atados em forma de uma trança, enquanto a abóbada craniana era completamente calva, brilhosa e amarela como uma abóbora.

Ciri percebeu que olhava para sua espada, precisamente para o punho que aparecia sobre seu ombro.

– Não tenha medo – repetiu.

– Oh, oh! – disse, balbuciando levemente. – Oh, oh, minha senhorita. O Vovô da Floresta não teme nada. Não é um ser temeroso, não.

Sorriu. Seus dentes eram grandes, muito avantajados por causa da má dentição e o maxilar retraído. Era por isso que balbuciava.

– O Vovô da Floresta não tem medo dos transeuntes – repetiu. – Nem dos salteadores. O Vovô da Floresta é pobre, coitadinho. O Vovô da Floresta é tranquilo, não incomoda ninguém. Eita!

Sorriu novamente. Quando sorria parecia estar composto apenas dos dentes dianteiros.

– E você, minha senhorita, não tem medo do Vovô da Floresta?

Ciri bufou.

– Imagine que não. Tampouco sou temerosa.

– Eita, eita, eita! Que coisa!

Deu um passo em sua direção, apoiando-se no cajado. Kelpie resfolegou. Ciri puxou as rédeas.

– Não gosta de estranhos – avisou. – E pode morder.

– Eita, eita! O Vovô da Floresta sabe. Ô eguazinha malcomportada, desobediente! E, por curiosidade, de onde a senhorita está vindo? E para onde, digamos, vai?

– É uma longa história. Para onde leva este caminho?

– Eita, eita! A senhorita não sabe?

– Por obséquio, não responda a perguntas com perguntas. Aonde chegarei seguindo por este caminho? Além disso, que lugar é este? E que… tempo é este?

O ancião novamente deixou os dentes à mostra e mexeu-os feito um caxingui.

– Eita, eita – balbuciou. – Que coisa. A senhorita quer saber que tempo? Eita, vejo que veio de longe, muito longe, até o Vovô da Floresta!

– De longe, sim – acenou indiferentemente com a cabeça. – De outro…

– Tempo e espaço – terminou. – O vovô sabe. O vovô suspeitou.

– Suspeitou do quê? – perguntou, excitada. – De que você suspeitou? O que você sabe?

– O Vovô da Floresta sabe muito.

– Diga!

– A senhorita deve estar com fome – mostrou os dentes. – Está com sede? Cansada? Se quiser, o Vovô da Floresta a levará para casa, dará comida e bebida. Hospedará.

Havia muito tempo que Ciri não conseguia pensar em descansar ou comer. E nesse momento as palavras do estranho ancião fizeram seu estômago se encolher, os intestinos retorcer e sua língua fugir para dentro da boca. O ancião a observava de debaixo da aba do chapéu.

– O Vovô da Floresta – balbuciou – tem comida em casa. Tem água da nascente. Tem inclusive feno para a eguazinha, a má eguazinha que queria morder o vovô gentil. Eita! Há de tudo na casa do Vovô da Floresta. E haverá a possibilidade de conversar sobre os lugares e os tempos… Não fica muito longe, não. A senhorita aceitará o convite? Coitadinha, não negará a hospitalidade do pobre e mísero Vovô da Floresta?

Ciri engoliu a saliva.

– Guie.

O Vovô da Floresta virou-se e foi andando por entre o mato pela vereda quase imperceptível, medindo o caminho com enérgicos lances do cajado. Ciri seguia atrás dele, abaixando a cabeça sob os galhos e segurando Kelpie com as rédeas, que insistia em morder o velho ou, pelo menos, comer seu chapéu.

Ao contrário do que ele afirmou, a casa não ficava nada perto. Quando chegaram ao local, a uma clareira, o sol já estava quase em seu zênite.

A casinha do ancião era uma pitoresca choça sobre palafitas com um telhado que era, pelo visto, consertado com muita frequência e com materiais disponíveis no momento. As paredes do casebre eram revestidas de peles que pareciam ser de porco. À frente da casa havia uma construção de madeira com o formato de uma forca, uma mesa baixa e um toco com um machado cravado nele. Atrás, via-se um fogareiro de pedras e barro sobre o qual havia enormes panelas esfumaçadas.

– Eis a casa do Vovô da Floresta – o ancião apontou orgulhosamente com o cajado. – Aqui mora o Vovô da Floresta. Aqui dorme. Aqui prepara as refeições. Quando tem o que preparar. É difícil, extremamente difícil conseguir comida na floresta. A senhorita gosta de cevada perolada?

– Gosto. – Ciri engoliu a saliva novamente. – Gosto de tudo.

– Com carne? Com toucinho? Com torresmo?

– Hum.

– Mas não parece – o velho fitou-a de cima a baixo – que a senhorita ultimamente tenha degustado carne ou torresmo com muita frequência. A senhorita está magra, magrinha. Só pele e ossos! Eita, eita! E o que é aquilo? Atrás de suas costas?

Ciri virou-se, deixando se enganar com o truque mais antigo e mais primitivo do mundo.

O nodoso cajado acertou-a com um horrendo golpe infligido diretamente na têmpora. Seu reflexo bastou apenas para levantar o braço. A mão amorteceu parcialmente o golpe capaz de quebrar o crânio como a casca de um ovo. Contudo, Ciri caiu no chão, ensurdecida, atordoada e completamente desorientada.

O velho sorriu, lançou-se em sua direção e golpeou-a novamente com o cajado. Ciri conseguiu proteger a cabeça com as mãos outra vez, mas em consequência ambas caíram, inertes. A esquerda estava certamente contundida, os ossos do metacarpo provavelmente estavam quebrados.

O velho saltou e apanhou-a pelo outro lado, executando um golpe em sua barriga. Gritou, encolhendo-se. Foi então que se lançou sobre ela feito um açor, derrubou-a de cara para o chão, esmagou-a com os joelhos. Ciri estirou-se, deu um forte coice para trás, mas errou. Executou um impetuoso golpe com o cotovelo e acertou. O velho rugiu raivosamente e deu-lhe um soco no occipício com tanta força que seu rosto se encravou na areia. Segurou seus cabelos na nuca e empurrou seu nariz e boca contra o chão. Sentiu que estava asfixiando-a. O velho pôs-se de joelhos sobre ela, ainda empurrando a cabeça contra o chão, arrancou a espada de suas costas e lançou-a para o lado. Em seguida começou a remexer as calças, achou a fivela, abriu-a. Ciri uivou, engasgando e cuspindo areia. Enforcou-a com mais força e a imobilizou enrolando o cabelo no punho. Arrancou suas calças puxando-as com força.

– Eita, eita – balbuciou, arfando roucamente. – Que sorte de achar uma bundinha tão gostosa. Hu, huuu, faz muito, muito tempo, que o vovô não comeu uma tão gostosinha.

Ciri gritou com a boca cheia de areia e de agulhas de pinheiros ao sentir o toque repugnante de sua mão seca e grifanha.

– Fique quieta, moça – ouviu-o salivar enquanto apalpava suas nádegas. – O vovô já não é tão jovem, tem de ir devagar, sem pressa… Mas não tenha medo, o vovô fará aquilo que é preciso fazer. Eita, eita! E depois o vovô vai comer, eita, comer! Comer bem…

Ele silenciou, rugiu e guinchou.

Ciri, depois de sentir que ele não a segurava com tanta força, deu-lhe um chute, soltou-se e saltou feito uma mola. E viu o que havia acontecido.

Kelpie, que se esgueirou sorrateiramente, prendeu a trança do Vovô da Floresta entre os dentes e quase o ergueu para o alto. O velho clamava e guinchava, sacudia-se, chutava e lançava as pernas para todos os lados, finalmente conseguindo se soltar, deixando uma longa mecha branca na boca da égua. Queria pegar o cajado, mas Ciri, dando um pontapé, o tirou do alcance de suas mãos. Com outro chute queria acertar determinada parte do corpo do velho, mas sua calça abaixada até a metade da coxa dificultava os movimentos. O traste aproveitou bem o tempo que ela levou para levantar a calça. Num pulo alcançou o toco, arrancou o machado e com um golpe no ar espantou a persistente Kelpie. Rugiu, deixou seus horripilantes dentes à mostra e atacou Ciri, erguendo a arma para executar o golpe.

– O vovô vai carcá-la, senhorita! – uivou ferozmente. – Mesmo que seja preciso dilacerá-la primeiro! Tanto faz para o vovô se estiver inteira ou em pedaços!

Achava que seria fácil acabar com ele. Afinal de contas, era um velho vetusto e caduco. Estava muito errada.

Apesar das monstruosas alpargatas, rodopiava feito um pião, saltava como um coelho e manejava o machado de cabo retorcido com a habilidade de um açougueiro. Quando algumas vezes o escuro e afiado gume passou de raspão, Ciri percebeu que a sua única salvação era a fuga.

Mas foi salva por uma coincidência. Recuando, esbarrou com o pé em sua espada. Levantou-a imediatamente.

– Largue o machado – arfou, desembainhando a Andorinha com um silvo. – Largue o machado no chão, seu velho nojento. Aí, quem sabe, talvez o deixe sair daqui vivo. Sem esquartejá-lo.

Parou. Estava rouco e ofegante, com a barba babada repugnantemente. Contudo, não largou a arma. Viu-o passar os dedos no machado. Viu uma raiva descontrolada em seus olhos.

– Ande! – redemoinhou a espada, que silvou no ar. – Faça meu dia valer a pena!

Por um momento ficou olhando para ela como se não estivesse entendendo, depois abriu a boca deixando os dentes à mostra, esbugalhou os olhos, rugiu e partiu para o ataque. Ciri estava farta de brincadeiras. Esquivou-se com uma rápida meia-volta e cortou seus dois braços, que estavam erguidos acima dos cotovelos. O velho soltou o machado das mãos que jorravam sangue, mas imediatamente se lançou sobre ela, atingindo seus olhos com os dedos estendidos. Ela deu um salto para trás e executou um curto corte na nuca. Mais por piedade do que por necessidade, já que com as duas artérias braquiais abertas ele rapidamente sangraria até a morte.

Estava prostrado no chão, despedindo-se da vida com muita dificuldade, e apesar das vértebras dilaceradas ainda se revolvia como um verme. Ciri ficou em pé em cima dele. Os restos da areia ainda rangiam em sua boca. Cuspiu-os diretamente em cima de suas costas. E, antes que terminasse de cuspir, o velho morreu.

•

A estranha construção que lembrava uma forca, posicionada diante da choupana, estava munida de ganchos de ferro e de uma roldana. A mesa e o toco estavam polidos de tão desgastados, grudentos e cheios de gordura e exalavam uma horrenda fetidez.

Fediam a matadouro.

Na cozinha, Ciri achou uma panela com os restos da encomiada cevada perolada, com uma abundância de toucinho, cheia de pedaços de carne e cogumelos. Estava com muita fome, mas algo lhe disse para não comer aquilo. Bebeu apenas água de um tonel e mordiscou uma pequena e enrugada maçã.

Atrás da choupana achou um sótão com um par de escadas, fundo e frio. No sótão havia panelas com banha. Do teto pendia carne. O resto de uma meia-carcaça.

Saiu correndo do calabouço, topando na escada como se estivesse sendo perseguida pelos demônios. Caiu nas urtigas, ergueu-se aos saltos e, cambaleando, alcançou a choupana e segurou com as duas mãos uma das palafitas que a sustentavam. Embora não tivesse quase nada no estômago, vomitou violenta e demoradamente.

O resto da meia-carcaça suspensa no sótão pertencia a uma criança.

•

Levada pelo mau cheiro, encontrou na floresta um fosso cheio de água no qual o precautório Vovô da Floresta jogava os restos e aquilo que não podia ser comido. Olhando para as caveiras, costelas e quadris que apareciam no meio do lodo, Ciri percebeu, horrorizada, que estava viva apenas graças à luxúria do velhaco abominoso, somente pelo fato de ele querer fornicar. Se a fome fosse mais forte do que a repugnante lascívia, ele a teria golpeado com um machado em vez do cajado. Suspensa pelas pernas na forca de madeira, teria sido esviscerada, esfolada, cortada e dividida sobre a mesa, talhada em cima do toco de madeira…

Embora vacilasse por causa das tonturas, e sua inchada mão esquerda palpitasse de dor, arrastou o cadáver para o fosso na floresta e o empurrou para o fétido lodo, por entre os ossos das vítimas. Voltou, encheu a entrada do sótão de galhos e folhagem e espalhou a lenha por entre as palafitas e por toda a propriedade do velho. Em seguida, pôs fogo em tudo partindo dos quatro cantos.

Partiu quando o fogo já havia arrebentado bem, espalhando-se e queimando intensamente. Quando já tinha a certeza de que nenhuma chuva passageira atrapalharia no ato de apagar todos os vestígios desse lugar.

•

A mão não estava tão mal. Inchou, obviamente, doía também, mas parecia que nenhum osso havia sido quebrado.

Quando a noite caiu, realmente apenas uma lua surgiu no céu. Mas Ciri, estranhamente, não queria considerar esse mundo como seu.

Nem ficar nele mais do que fosse necessário.

•

– Hoje – Nimue murmurou – será uma boa noite. Estou pressentindo.

Condwiramurs suspirou.

O horizonte queimava em tons de rubro e dourado. Uma faixa de igual tonalidade estendia-se na água do lago, desde o horizonte até a ilha.

Estavam sentadas no terraço, nas poltronas, com o espelho emoldurado em ébano e o gobelim em que se via a fortaleza encravada na parede rochosa refletida na água de um lago serrano atrás de suas costas.

"Havia quantas noites", Condwiramurs pensou, "havia quantas noites permanecíamos sentadas assim, até o anoitecer e depois, na escuridão? Sem

nenhum efeito? Apenas conversando?”

Esfriava. A feiticeira e a noviça agasalharam-se com casacos de pele. Ouviam, vindo do lago, o ranger das forquetas do barco do Rei Pescador, mas não o viam – estava escondido no deslumbrante fulgor do pôr do sol.

– Com frequência sonho – Condwiramurs voltou à conversa interrompida – que estou num deserto de gelo em que não há nada, apenas a brancura da neve e montes de gelo que brilham no sol. Em volta, até o horizonte, não há nada, apenas neve e gelo. E tudo está imerso num silêncio absoluto. Um silêncio desnatural. Um silêncio mortal.

Nimue acenou com a cabeça como se estivesse afirmando que sabia do que se tratava. Mas não comentou.

– Subitamente – a noviça retomou – tenho impressão de ouvir algo, de sentir o gelo tremer debaixo de meus pés. Ajoelho-me, afasto a neve para os lados. O gelo é transparente como vidro, como em alguns dos limpos lagos serranos onde é possível ver as pedras no fundo e peixes nadando por uma camada de gelo de quatro varas de espessura. Eu, em meu sonho, também vejo tudo, embora a camada de gelo tenha dezenas, até centenas de varas de espessura. Isso não me impede de ver… Ou de ouvir… pessoas pedindo socorro. Lá embaixo, bem fundo, debaixo do gelo… há um mundo congelado.

Nimue, dessa vez, tampouco comentou.

– Obviamente – a noviça retomou –, sei qual é a fonte desse sonho. É a profecia de Itlina, o famoso Frio Branco, a Época de Gelo e da Selvageria Lupina. Um mundo que morre por entre a neve e o gelo para, de acordo com a profecia, renascer após séculos. Purgado e melhor.

– Acredito profundamente – Nimue falou em voz baixa – que o mundo renascerá. Mas não acredito muito que seja melhor.

– Como?

– Você me ouviu.

– E será que ouvi bem? Nimue, o Frio Branco havia sido profetizado mil vezes. Quanto mais frio fazia no inverno, tanto mais se dizia que ele havia chegado. Hoje em dia nem as crianças acreditam que qualquer inverno possa constituir uma ameaça para o mundo.

– Que coisa. As crianças não acreditam. Mas imagine que eu acredito.

– Baseando-se em algum argumento racional? – Condwiramurs perguntou com uma leve ironia. – Ou apenas na crença mística nas infalíveis profecias élficas?

Nimue permaneceu em silêncio por um longo momento, beliscando o casaco de pele que a agasalhava.

– A Terra – começou a falar, enfim, num tom de mentora – tem a forma esférica e gira em torno do Sol. Você concorda com isso? Ou será que você pertence a uma das seitas em voga que procuram provar algo completamente contrário?

– Não. Não pertenço. Aceito o heliocentrismo e concordo com a teoria sobre o formato esférico da Terra.

– Ótimo. Então você concordará, certamente, com o fato de que o eixo vertical do globo terrestre está inclinado para um lado e de que o caminho percorrido pela Terra em volta do Sol não tem o formato de um círculo regular, mas é elíptico?

– Eu estudei sobre isso. Mas não sou astrônoma, então…

– Não precisa ser astrônoma, basta apenas pensar de forma lógica. A Terra gira em torno do Sol sobre uma órbita elíptica, portanto, durante seu trajeto, aproxima-se ou se afasta. Quanto mais a Terra estiver afastada do Sol, tanto mais frio fará, é algo lógico. E, quanto menos o eixo do planeta se afastar do perpendicular, menos luz chegará ao hemisfério norte.

– O que também parece lógico.

– Ambos os fatores, ou seja, a elipticidade da órbita e o grau de inclinação do eixo planetário, estão sujeitos a mudanças. Considera-se que são cíclicos. Uma elipse pode ser mais ou menos elíptica, isto é, estirada ou alongada, e o eixo planetário pode estar inclinado em maior ou menor grau. A ocorrência simultânea de ambos os fenômenos – o alongamento máximo da elipse e apenas uma leve inclinação do eixo – provoca o surgimento de condições extremas no âmbito do clima. A Terra que gira em torno do Sol recebe pouquíssima luz e calor em *aphelium*, e além disso, as regiões polares são prejudicadas pela maléfica inclinação do eixo.

– Claro.

– Menos luz no hemisfério norte significa que a neve permanecerá por mais tempo. A neve branca e brilhosa reflete a luz solar e a temperatura cai ainda mais. Graças a isso a neve fica por ainda mais tempo e em áreas cada vez maiores, não derrete nem um pouco ou derrete por um curto período. Quanto mais neve sem derreter, tanto maior a branca e brilhosa superfície que reflete…

– Entendi.

– A neve cai, cai, cai e sua camada aumenta cada vez mais. Veja só, com as correntes marítimas deslocam-se do sul massas de ar quente que se condensam

sobre o frio continente no norte. O ar quente condensa-se e cai em forma de neve. Quanto maior a diferença de temperatura, tanto maior a precipitação. Quanto maior a precipitação, mais neve branca que demora a derreter. E maior é o frio. Quanto maior a diferença de temperatura e mais abundante a condensação de massas de ar…

– Entendi.

– A camada de neve torna-se tão pesada que se transforma em gelo prensado. Num glaciar. Sobre o qual, como já sabemos, a neve continua caindo, comprimindo-o ainda mais. O glaciar cresce, e não é apenas mais grosso, mas também começa a crescer horizontalmente, cobrindo uma área cada vez maior. Uma área branca…

– Que reflete os raios solares – Condwiramurs acenou com a cabeça. – Frio, frio e cada vez mais frio. O Frio Branco profetizado por Itlina. Mas será que pode haver um cataclismo? Será que existe o perigo de o gelo, que desde sempre permanece no norte, deslizar, repentinamente, para o sul e destruir, comprimir e cobrir tudo? Com que velocidade cresce a capa de gelo no polo? Seria uma questão de algumas polegadas por ano?

– Como você deve saber – disse Nimue, fitando o lago –, o único porto que não congela na baía de Prakseda é Pont Vanis.

– Eu sei disso.

– Alargue seus conhecimentos: há cem anos nenhum dos portos da baía congelava. Há cem anos, há muitos relatos a propósito disso, pepinos e abóboras cresciam em Talgar. Girassóis e tremoceiro cultivavam-se em Caingorn. Hoje em dia não se cultivam mais porque a vegetação das mencionadas plantas já não é possível, simplesmente lá faz demasiado frio. E sabe que em Kaedwen havia vinícolas? Os vinhos daquelas videiras não eram necessariamente os melhores, pois dos documentos conservados resulta que eram muito baratos. Mesmo assim, eram louvados pelos poetas locais. Hoje em dia as videiras não crescem mais em Kaedwen. Isso porque os invernos atuais, ao contrário dos antigos, trazem um intenso frio que as mata. Não só detém seu crescimento, mas simplesmente mata. Destrói.

– Entendo.

– Sim – Nimue refletiu. – O que se poderia acrescentar aqui? Talvez o fato de que a neve cai na metade de novembro e desloca-se para o sul na velocidade acima de cinquenta milhas por dia? De que entre dezembro e janeiro há nevascas na região do Alba, onde ainda há cem anos a neve era algo estranho? E de que qualquer criança sabe que a neve derrete, e os lagos degelam aqui em

abril! E de que todas as crianças estranham o nome desse mês. Você não estranhava?

– Não muito – Condwiramurs confessou. – Além disso, lá em minha terra, em Vicovaro, não se chamava de abril, mas tiraflores. Ou em élfico: *Birke*. Mas entendo o que você sugere. O nome do mês tem suas origens em tempos remotos, quando realmente tudo brotava em abril…

– Esses tempos remotos constituem no máximo cem, cento e vinte anos. Isso foi quase ontem, menina. Itlina estava absolutamente certa. Sua profecia se cumprirá. O mundo será destruído debaixo de uma capa de gelo. A civilização morrerá pela culpa da Destruidora, que podia, tinha a possibilidade de abrir o caminho de resgate. Mas, como sabemos pela lenda, não o fez.

– Por motivos que a lenda não explica. Ou explica por meio de uma moralidade pouco clara e ingênua.

– É verdade. Mas o fato sempre será um fato. O Frio Branco é um fato. A civilização do hemisfério norte está condenada à destruição. Desaparecerá debaixo do gelo do glaciar que cresce, sob o pergelissolo e a neve. Mas não há motivos para entrar em pânico, porque vai demorar antes que isso aconteça.

O sol se pôs por completo, o brilho ofuscante desapareceu da superfície do lago. Agora uma faixa de luz mais suave, delicada, estendeu-se sobre a água. A lua nasceu sobre a torre de Inis Vitre, clara como um táler cortado ao meio.

– Quanto tempo? – Condwiramurs perguntou. – Quanto tempo você acha que isto vai durar? Isto é, quanto tempo temos?

– Bastante.

– Quanto, Nimue?

– Uns três mil anos.

No lago, sobre o barco, o Rei Pescador bateu o remo e soltou um palavrão. Condwiramurs suspirou em voz alta.

– Você me acalmou um pouco – disse após um momento. – Mas só um pouco.

•

O lugar seguinte era um dos mais horripilantes que Ciri já havia visitado, certamente estava entre os dez piores, ocupando o topo da lista.

Era um porto, um canal portuário, via barcos e galés junto dos cais e dos cabeços de amarração, via uma floresta de mastros, velas, que pendiam pesadamente no ar imóvel. Fumaça rastejava e subia em volta, havia nuvens de fumaça fétida.

A fumaça subia também de trás das tortas barracas localizadas ao longo do canal. Vinha de lá um choro alto e estrídulo.

Kelpie resfolegou, sacudindo a cabeça com força, e recuou, batendo os cascos contra o chão. Ciri olhou para baixo e viu ratazanas mortas. Estavam em todos os lugares. Roedores mortos com pálidas patinhas rosa, retorcidos em agonia.

"Algo está errado aqui", pensou, sentindo o pavor tomando conta dela. "Algo está errado aqui. É preciso fugir. Fugir o mais rápido possível!"

Ao pé de um poste em que pendiam redes e cordas havia um homem sentado com a camisa aberta e a cabeça caída sobre o ombro. Alguns passos adiante havia mais um. Não pareciam adormecidos. Nem se mexeram quando as ferraduras de Kelpie bateram contra as pedras junto deles. Ciri abaixou a cabeça passando por debaixo dos trapos estendidos nas cordas que exalavam um azedo cheiro de sujeira.

Na porta de um dos barracões havia uma cruz pintada com cal ou tinta branca. Atrás do telhado subia uma coluna de fumaça negra. A criança continuava a chorar, alguém a distância gritava, e nas imediações alguém tossia e estertorava. Um cachorro uivava.

Ciri sentiu sua mão coçar. Olhou para ela.

A mão estava toda salpicada com negras pontas de pulgas que pareciam sementes de cominho.

Gritou de horror. Tremendo toda de pavor e nojo, começou a bater a roupa e ajeitá-la, acenando violentamente com as mãos. Kelpie, assustada, lançou-se num galope, quase derrubando Ciri da sela. Apertando os flancos da égua com as coxas, passava as mãos nos cabelos, de cima para baixo, e emaranhava-os, batia o casaco e a blusa. Kelpie entrou galopando numa ruela esfumaçada. Ciri soltou um grito de pavor.

Cavalgava pelas trevas, pelo inferno, pelo mais horripilante dos pesadelos. Por entre casas marcadas com cruzes brancas. Por entre pilhas de trapos queimando em brasas. Por entre os mortos que jaziam sozinhos e aqueles que jaziam amontoados uns sobre os outros. E por entre os vivos, esfarrapados, espectros seminus com as bochechas caídas de dor, rastejando em esterco, gritando numa língua que não entendia, estendendo seus braços magros, cobertos de horríveis pústulas sangrentas…

"Fuja! Fuja daqui!"

Até no abismo negro, no nada do arquipélago dos lugares, Ciri demorou a sentir nas narinas aquela fumaça e aquele fedor.

•

O lugar seguinte também era um porto. Também havia um cais, um canal com cabeços de amarração e, nele, cocas, escaleres, chatas e navios. Sobre eles, uma floresta de mastros. Mas nesse lugar as gaivotas gritavam alegremente sobre os mastros, e o cheiro era comum e familiar: fedia a madeira molhada, alcatrão, água salgada, assim como a peixes em todas as suas três variantes básicas: peixe fresco, podre e frito.

Ao bordo de uma coca próxima, dois homens discutiam, gritando alto. Entendia o que diziam. Tratava-se dos preços dos arenques.

Por perto havia uma taverna e de suas portas escancaradas emanava um odor de mofo e cerveja, ouviam-se vozes, ruídos e risadas. Alguém cantava aos berros uma obscena canção repetindo constantemente a mesma estrofe.

Luned, v'ard t'elaine arse,

Aen a meath ail aen sparse!

Sabia onde estava. Antes que lesse na popa o nome de uma das galeaças: "Evall Muire". E o porto de origem: Baccalá. Sabia onde estava.

Em Nilfgaard.

Fugiu antes que chamasse a atenção de alguém.

Antes mesmo que conseguisse mergulhar no nada, uma pulga, a última daquelas que se alastraram em cima dela no lugar anterior, que conseguiu sobreviver à viagem no tempo e espaço escondida na dobra de seu casaco, deu um longo salto para o cais do porto.

Ainda na mesma noite, a pulga afincou-se no pelo sarnento de uma ratazana, de um macho velho, veterano de muitas brigas de ratazanas, cuja prova era a orelha arrancada como consequência de uma mordida dada junto do próprio crânio. Ainda na mesma noite a pulga e a ratazana subiram a bordo de um barco. E na manhã seguinte navegavam em alto-mar numa urca velha, descuidada e muito suja.

A urca se chamava "Catriona". Esse nome passaria à história. Mas naquela altura ninguém nem sequer o imaginara.

•

O lugar seguinte – embora fosse muito difícil acreditar nisso – surpreendeu-a com uma imagem verdadeiramente idílica. À margem de um rio tranquilo e sereno que passava por meio de salgueiros inclinados sobre a água, amieiros e carvalhos, junto de uma ponte que ligava as duas margens com um esbelto arco

de pedras, por entre malvas, havia uma taverna com um telhado de palha, coberto de vinha virgem, hera e ervilha-de-cheiro. Um letreiro balançava sobre o alpendre. Nele havia letras douradas que Ciri desconhecia por completo, assim como um desenho de um gato bastante bem-feito. Supôs, portanto, que a taverna se chamava "O Gato Negro".

O cheiro da comida que vinha da taverna simplesmente era de tirar o fôlego. Ciri não demorou a pensar. Ajeitou a espada nas costas e entrou.

Dentro, a taverna estava vazia, havia apenas três homens que pareciam camponeses, sentados a uma das mesas. Nem sequer olharam para ela. Ciri sentou-se num canto, de costas para a parede.

A taberneira, uma mulher rechonchuda de jaleco limpo e coifa angular, aproximou-se e perguntou por algo. Sua voz tinia, mas era melodiosa. Ciri apontou com o dedo para a boca aberta, tapeou a barriga, e logo em seguida cortou um dos botões de prata do casaco e colocou-o em cima da mesa. Deparando-se com um estranho olhar, já estava prestes a cortar o segundo botão, mas a mulher a conteve com um gesto e uma palavra sibilante, que soara, contudo, de forma agradável.

O valor do botão era uma tigela de uma espessa sopa de legumes, uma panela de barro cheia de feijão e carne de porco defumada, pão e uma jarra de vinho aguado. Na primeira colherada, Ciri pensou que fosse chorar. Mas se controlou. Comia devagar, deleitando-se.

A taberneira aproximou-se, zuniu interrogativamente, apoiou a bochecha sobre as mãos unidas. "Pernoitará?"

– Não sei – Ciri respondeu. – Talvez. De qualquer maneira, agradeço a proposta.

A mulher sorriu e afastou-se para a cozinha.

Ciri tirou o cinto, encostou-se na parede. Pensou no que fazer em seguida. O lugar – especialmente em comparação com os últimos – era agradável, incentivava a ficar mais tempo. No entanto, sabia que a excessiva confiança poderia ser perigosa, e a falta de vigilância poderia levar à perdição.

Um gato negro, exatamente igual àquele do letreiro da taberna, apareceu do nada, esfregou-se em sua canela, esticando o dorso. Acariciou-o, e o gato cutucou sua mão levemente com a cabeça, sentou-se e começou a lamber o pelo em seu peito. Ciri ficou observando.

Via Jarre sentado junto da fogueira rodeado por alguns tipos estranhos. Todos mordiam algo que parecia pedaços de carvão vegetal.

– Jarre?

– É preciso fazer assim – disse o rapaz, olhando para as chamas da fogueira. – Li sobre isso n'*A História das guerras*, obra da autoria do marechal Pelligram. É preciso fazer assim quando a pátria corre perigo.

– O que é preciso fazer? Morder carvão?

– Isso mesmo. Exatamente assim. A Pátria Mãe chama. E parcialmente por motivos pessoais.

– Ciri, não durma na sela – diz Yennefer. – Estamos chegando.

Nas casas da cidade onde estão chegando, em todas as portas e portões há enormes cruzes pintadas com tinta branca ou cal. Há nuvens de uma espessa e fétida fumaça, vinda das fogueiras em que se queimam cadáveres. Yennefer parece não notar isso.

– Preciso ficar bonita.

Diante de seu rosto, sobre as orelhas do cavalo pende um espelho. O pente dança no ar, penteia os cachos negros. Yennefer usa apenas a magia, não usa as mãos, pois…

Suas mãos são uma massa de sangue coagulado.

– Mamãe! O que eles fizeram com você?

– Levante-se, moça – diz Coën. – Controle a dor, levante-se e suba no pente! Senão, ficará com medo. Você quer ficar morrendo de medo até o fim de sua vida?

Seus olhos amarelos brilham com agouro. Boceja. Seus olhos pontiagudos refulguram com a brancura. Não é Coën. É um gato. O gato preto…

Marcha uma coluna de exército que se estende por muitas milhas. Sobre ela vacila e ondeia uma floresta de lanças e bandeiras. Jarre marcha também, tem um elmo redondo na cabeça, um pique tão comprido sobre o ombro que precisa segurá-lo agarrado com ambas as mãos, senão pesaria mais que ele e o desequilibraria. Retumbam os tambores, ressoa e troa o canto dos guerreiros. As gralhas grasnam sobre a coluna. Muitas gralhas…

À margem de um lago, espuma batida na praia, caniços putrefatos largados pelas ondas. Uma ilha no lago. Uma torre de menagem de ameias dentuças e mata-cães nodosos. Sobre a torre um céu noturno azul-marinho, a lua brilhando, clara como se fosse um táler cortado ao meio. No terraço – duas mulheres sentadas em poltronas e envoltas em casacos de pele. Um homem num barco…

Um espelho e um gobelim.

Ciri ergue a cabeça. Na frente dela, a uma mesa, está Eredin Bréacc Glas.

– Você deve saber – diz, mostrando seus dentes retos num largo sorriso – que está apenas tentando atrasar o inevitável. Você nos pertence e nós a

apanharemos.

– Você é que acha!

– Voltará para nós. Vagueará um pouco pelos tempos e espaços, depois cairá na Espiral e lá nós a apanharemos. Nunca mais retornará para seu mundo e tempo. De qualquer maneira, já está demasiado tarde. Não há para quem voltar. As pessoas que você conhecia morreram há muito tempo. Seus túmulos cobriram-se de grama e desabaram. Seus nomes foram esquecidos. Seu nome também.

– Está mentindo! Não acredito nisso!

– Suas crenças são um assunto particular seu. Repito, logo cairá na Espiral e eu ficarei aguardando lá. É o que você deseja secretamente, *me elaine luned*.

– Balelas!

– Nós, Aen Elle, sentimos esse tipo de coisas. Estava fascinada por mim, me desejava e temia esse desejo. Você me desejava e ainda me deseja, Zireael. Você me deseja, minhas mãos, minhas carícias…

Tocada, ergueu-se com ímpeto derrubando a caneca que por sorte estava vazia. Pegou a espada, mas acalmou-se imediatamente. Estava na taberna "O Gato Negro", devia ter dormido, cochilado debruçada sobre a mesa. A mão que tocou em seu cabelo pertencia à corpulenta taberneira. Ciri não gostava muito desse tipo de intimidades, mas a mulher irradiava com amabilidade e bondade que não deveriam ser retribuídas com grosseria. Deixou que acariciasse sua cabeça, e ouviu a fala melodiosa e tininte com um sorriso. Estava cansada.

– Preciso ir – falou, por fim.

A mulher sorriu, tiniu melodiosamente. "Como é possível", Ciri pensou, "como explicar o fato de que em todos os mundos, lugares e tempos, em todas as línguas e dialetos essa única palavra soava sempre de uma maneira compreensível? E sempre parecida?"

– Sim, preciso ir até a minha mãe. Minha mãe espera por mim.

A taberneira saiu com ela até o pátio. Antes que Ciri subisse na sela, subitamente a abraçou com força, apertou-a ao seu abundante peito.

– Adeus. Obrigada pela hospitalidade. Ande, Kelpie.

Foi diretamente para a arqueada ponte sobre o sereno rio. Quando as ferraduras da égua tiniram sobre as pedras, olhou para trás. A mulher ainda estava diante da taberna.

Concentração, punhos nas têmporas. Zunido nos ouvidos, como se estivesse vindo de dentro de uma concha. Um clarão e, de repente, um nada negro e macio.

– *Bonne chance, ma fille*! – gritou atrás dela Teresa Lapin, a dona da taberna "O Gato Negro" em Pont-sur-Yonne, junto da estrada entre Melun e Auxerre. – Boa sorte em seu caminho!

•

Concentração, punhos nas têmporas. Zunido nos ouvidos, como se estivesse vindo de dentro de uma concha. Um clarão e, de repente, um nada negro e macio.

Um lugar. Um lago. Uma ilha. Uma torre. A lua como um táler cortado ao meio, sua claridade estendendo-se pela água numa faixa luminosa. No meio da faixa há um barco, nele – um homem com uma vara de pescar…

No terraço da torre… Duas mulheres?

•

Condwiramurs não aguentou, gritou de emoção e imediatamente cobriu a boca com a mão. O Rei Pescador deixou a âncora cair agitando a água, balbuciou um palavrão, depois abriu a boca e ficou parado assim. Nimue nem tremeu.

O espelho-d'água cortado pela faixa do luar estremeceu e enrugou como se tivesse sido atingido por um vendaval. O ar noturno sobre a superfície da água arrebentou do jeito que um vitral estoura partido em pedaços. Um cavalo negro surgiu de dentro do arrebento. Montado por um cavaleiro.

Nimue estendeu as mãos com calma e proferiu o encanto. Repentinamente, o gobelim, pendurado num suporte, resplandeceu com multicoloridas luzes cintilantes que dançaram, refletidas no oval do espelho, turbilhonaram no cristal como um policromado enxame de abelhas e subitamente vazaram em forma de um espectro irisado, numa faixa que se alargava iluminando tudo como se fosse de dia.

A negra égua empinou-se, soltou um relincho alucinado. Nimue estendeu as mãos violentamente, gritou a fórmula. Condwiramurs, vendo a imagem que se criava e crescia no ar, concentrou-se intensamente. A imagem logo depois ficou mais nítida. Virou um portal. Um portão atrás do qual se via…

Um planalto cheio de carcaças de navios. Um castelo cravado em amoladas rochas de um precipício que dominava o negro espelho de um lago serrano…

– Por aqui! – Nimue soltou um grito penetrante. – Eis o caminho que você deve seguir! Ciri, filha de Pavetta! Entre no portal, siga o caminho que a levará

ao encontro do destino! Que se feche a roda do tempo! Que a serpente Uroboros encrave os dentes em sua própria cauda!

– Não demore! Apresse-se, corra para prestar ajuda aos seus próximos! Este é o caminho certo, bruxa!

A égua relinchou novamente, outra vez agitou o ar com os cascos. A moça montada na sela acenava com a cabeça olhando consecutivamente para elas e para a imagem produzida pelo gobelim e pelo espelho. Afastou o cabelo e Condwiramurs viu uma feia cicatriz em sua bochecha.

– Confie em mim, Ciri! – Nimue gritou. – Você me conhece! Você já havia me visto antes!

– Eu me lembro. – Ouviram. – Confio. Obrigada.

Viram a égua que, instigada, num passo ligeiro e dançante, entrou no clarão do portal. Antes que a imagem borrasse e se desmanchasse, viram a moça de cabelos cinzentos virar para elas na sela e acenar com a mão.

E em seguida tudo desapareceu. A superfície do lago acalmava-se aos poucos, a faixa do luar alisava-se de volta.

Tudo estava tão sereno que dava a impressão de ouvirem a respiração arfante do Rei Pescador.

Condwiramurs abraçou Nimue com força, segurando as lágrimas que enchiam seus olhos. Sentia a pequena feiticeira tremer. Permaneceram assim, abraçadas, por algum tempo. Sem proferir nem sequer uma palavra. Depois ambas viraram para o lugar onde desapareceu o Portal dos Mundos.

– Boa sorte, bruxa! – gritaram em uníssono. – Boa sorte em seu caminho!

Esta obra foi publicada originalmente em polonês com o título PANI JEZIORA por Supernowa, Varsóvia.

Esta publicação foi subsidiada pelo ©POLAND Translation Program.

1ª. edição digital *2017*

Tradução
OLGA BAGINSKA-SHINZATO

Preparação de texto
Yris Alves Rosa
Acompanhamento editorial
Cecília Bassarani
Revisões gráficas&
Ana Paula Luccisano Marisa Rosa Teixeira
Edição de arte
Erik Plácido
Produção e-book
Booknando Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sapkowski, Andrzej

A senhora do lago [livro eletrônico] / Andrzej Sapkowski ; tradução Olga Bagińska-Shinzato. -- São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2017.

800 Kb ; e-PUB

Título original: Pani Jeziora

ISBN 978-85-469-0157-9

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título..

17-04513 CDD: CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325-030 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293-8150 Fax (11) 3101-1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

JO NESBØ



DOUTOR PROKTOR

O Pó de Soltar Pum



Doutor Proktor - O Pó de Soltar Pum

Nesbø, Jo

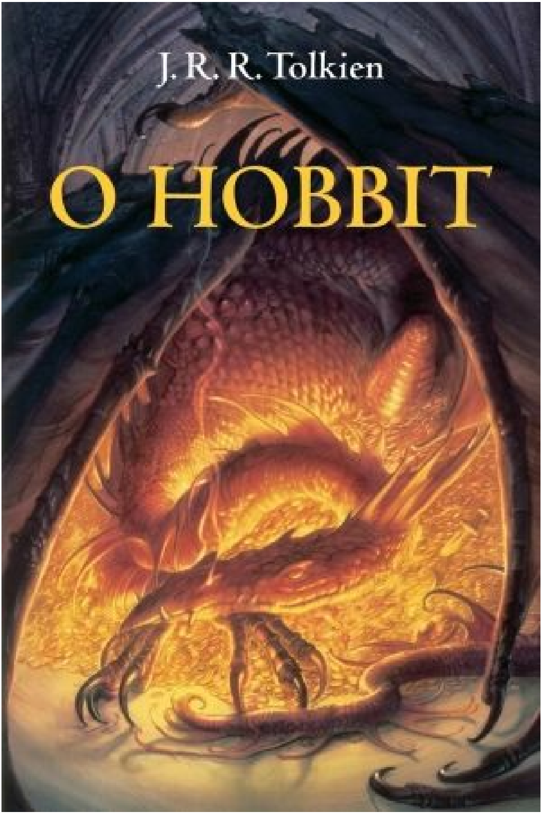
9788578279318

109 páginas

Compre agora e leia

'Doutor Proktor - O Pó de Soltar Pum', primeiro livro infantil de Jo Nesbo, surgiu de uma história que o autor inventou para sua filha durante o jantar. Em um dia ensolarado, Lise vê um caminhão de mudança chegar à casa vizinha. Bumbão, um menino fora do comum, se muda para lá. Quando ele e Lise encontram um vizinho ainda mais fora de comum, um certo doutor Proktor, começa uma história maluca sobre amor perdido, sucuris cruéis, calabouços sombrios, vilões sinistros e, principalmente, sobre o póde soltar pum mais forte do mundo. Depois deste primeiro volume, outras histórias surgiram envolvendo os três personagens centrais. A série tornou-se o maior sucesso da literatura infantil norueguesa, com mais de 150 mil exemplares vendidos no país e livros traduzidos em mais de 20 idiomas.

Compre agora e leia


J. R. R. Tolkien
O HOBBIT

O Hobbit

Tolkien, J.R.R.

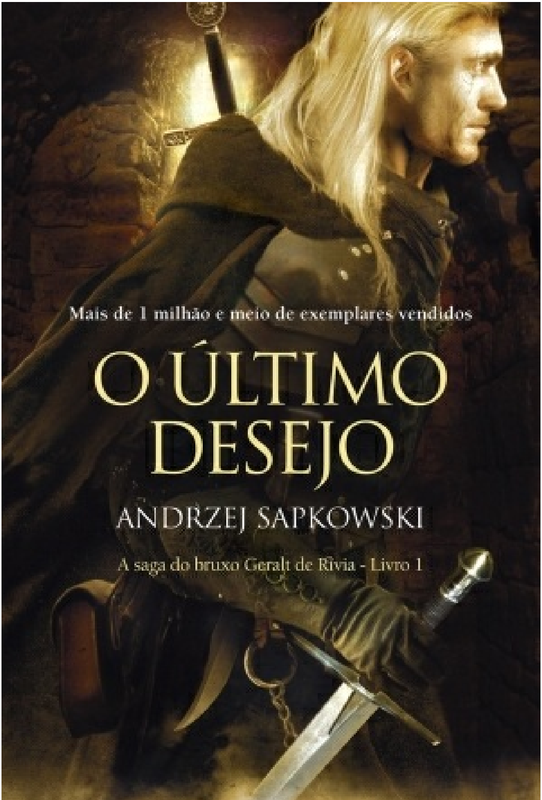
9788578274085

249 páginas

Compre agora e leia

Bilbo Bolseiro é um hobbit que leva uma vida confortável e sem ambições. Mas seu contentamento é perturbado quando Gandalf, o mago, e uma companhia de anões batem à sua porta e levam-no para uma expedição. Eles têm um plano para roubar o tesouro guardado por Smaug, o Magnífico, um grande e perigoso dragão. Bilbo reluta muito em participar da aventura, mas acaba surpreendendo até a si mesmo com sua esperteza e sua habilidade como ladrão!

Compre agora e leia


Mais de 1 milhão e meio de exemplares vendidos
O ÚLTIMO DESEJO
ANDRZEJ SAPKOWSKI
A saga do bruxo Geralt de Rívia - Livro 1

O último desejo
Sapkowski, Andrzej
9788578276379
249 páginas

[Compre agora e leia]

Geralt de Rívia é um bruxo sagaz e habilidoso. Um feiticeiro cheio de astúcia. Um matador impiedoso. Um assassino de sangue-frio treinado, desde a infância, para caçar e eliminar monstros. Seu único objetivo: destruir as criaturas do mal que assolam o mundo. Um mundo fantástico criado por Sapkowski com claras influências da mitologia eslava. Um mundo em que nem todos os que parecem monstros são maus nem todos os que parecem anjos são bons...

O último desejo é o primeiro livro da saga do bruxo Geralt de Rívia, seguido por A espada do destino, também publicado pela Editora WMF Martins Fontes.

[Compre agora e leia]


Mais de 1 milhão e meio de exemplares vendidos
TEMPO DO DESPREZO
ANDRZEJ SAPKOWSKI
THE WITCHER: A saga do bruxo Geralt de Rívia – Livro 4

Tempo do desprezo

Sapkowski, Andrzej

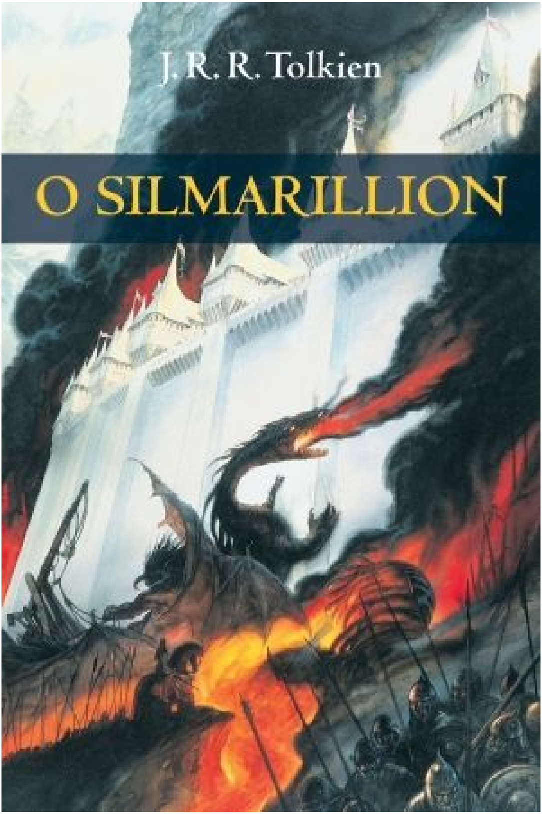
9788578279073

275 páginas

Compre agora e leia

Tempo do desprezo é o quarto livro da saga do bruxo Geralt de Rívia. Geralt lutou contra monstros e demônios por todo o país, mas até ele pode não estar preparado para o que está acontecendo com seu mundo. Há intrigas, divergências e rebeliões por todo lado. Os Elfos e outros seres não humanos vivem sob repressão há décadas. Os Magos brigam uns com os outros, alguns a soldo dos reis, outros simpatizantes dos elfos. E, nesse cenário de medo e desprezo, Geralt e sua amante Yennefer precisam proteger Ciri, herdeira órfã e procurada por todos os lados. Ela tem o poder de salvar o mundo ou, talvez, acabar com ele.

Compre agora e leia


J. R. R. Tolkien
O SILMARILLION